

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC - SP

Clodoaldo Gonçalves Leme

**O Futebol Como Estratégia de Ascensão na Sociedade de Risco:
O Atleta “Sem Clube” e Sua Identidade**

Doutorado em Psicologia Social

São Paulo

2011

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC - SP

Clodoaldo Gonçalves Leme

**O Futebol Como Estratégia de Ascensão na Sociedade de Risco:
O Atleta “Sem Clube” e Sua Identidade**

Doutorado em Psicologia Social

São Paulo

2011

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC - SP

Clodoaldo Gonçalves Leme

**O Futebol Como Estratégia de Ascensão na Sociedade de Risco:
O Atleta “Sem Clube” e Sua Identidade**

Doutorado em Psicologia Social

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutor em Psicologia Social, sob orientação do Prof. Dr. Antonio da Costa Ciampa.

São Paulo

2011

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Antonio da Costa Ciampa

Prof. Dr. Afonso Antonio Machado

Prof. Dr. Juracy Armando Mariano de Almeida

Prof. Dr. Odair Sass

Prof. Dr. Odair furtado

*A liberdade custa muito caro e temos ou
de nos resignarmos a viver sem ela ou
de nos decidirmos a pagar o seu preço.*

José Martí

Dedicado a

*Todos os Seres que passaram, vão passar e
que estão passando pelo meu caminho. Sem
vocês as possibilidades de as metamorfoses
ocorrerem seriam remotas.*

Agradecimentos – Jogadores acima da média

1 – Luciene. Companheira com muita paciência e grande incentivadora. Contar com seu carinho neste período foi um bálsamo.

2 – Família (Alceu – *in memoriam* –, Walkiria, Douglas e outros parentes). Sem o amparo de vocês a trajetória seria mais complicada. Valeu o esforço.

3 – Orientador. O convívio com o professor Antonio da Costa Ciampa possibilitou não apenas o desenvolvimento na esfera acadêmica. No período de construção da tese suas interferências me levaram a um inquestionável amadurecimento pessoal. É uma grande pessoa.

4 – Professores. Não há preço que pague um bate-papo com eles nos corredores da universidade. Entre muitos, destacam-se o professor Odair Sass e a professora Maria do Carmo Guedes, sempre acessíveis.

5 – Funcionários. Dos que exercem as funções menos prestigiadas aos que comandam a universidade: todos são importantes para o bom andamento da instituição.

6 – Amigos. Há sempre aqueles que são mais próximos e aqueles mais distantes, mas todos são fundamentais para que exista um ambiente harmonioso. Salve, os amigos do NEPIM: Renato (atleticano doente... uma pessoa especial e um grande parceiro), Aluísio (grande pesquisador... suas colocações são sempre pertinentes), Marcelo (um camarada da melhor qualidade), Émerson (um guerreiro), Mariana (muito boa gente), Shirley (solidária demais), Ricardo (o cartunista da turma), Alessandro (o capoeirista da turma), Paulo (um bom companheiro), Ana (sempre perspicaz), Alessandra (uma grande alma), Andréia (sempre agradável), Edileuza (uma lutadora), entre muitos outros; Salve, os amigos que sempre me apoiaram: Gilberto, Isabel, Rafael, Cris, Claudinei, Bruno... Peço a compreensão dos amigos que, por descuido, esqueci de inserir na lista. Fica minha gratidão.

7 – Juracy. Desempenhou muito bem o papel de co-orientador e contribuiu de forma efetiva com a construção da tese. Tem uma percepção apurada dos fatos.

8 – Marlene. Não há como deixá-la fora do “time”. Uma pessoa muito especial: sempre disposta a atender e ajudar os alunos do Programa.

9 – CNPq. Sem o financiamento a pesquisa não seria concluída. Uma política pública significativa.

10 – Afonso. Além de ser um amigo, é um motivador desde os tempos da graduação. Suas dicas me inspiram.

11 – Rodrigo. Um amigo especial, por quem tenho grande respeito e admiração. Conheço-o da época do mestrado e é um indivíduo muito ético, como pouco se presencia na sociedade.

Resumo

LEME, Clodoaldo Gonçalves. **O futebol como estratégia de ascensão na sociedade de risco: o atleta “sem clube” e sua identidade.** Tese de Doutorado. PUC / SP, 2011.

A proposta central da tese consiste em compreender a identidade de atletas profissionais de futebol que buscaram essa carreira como estratégia de ascensão social e que, no decorrer de suas vidas, foram excluídos da atividade e estão desempregados. Neste estudo, procura-se desenvolver fundamentos para a ampliação da proposta teórica sobre a questão da identidade como metamorfose em busca de emancipação, além de trazer reflexões acerca da profissão e da formação desse atleta, em especial daqueles que lutaram, porém, em dado momento, se perceberam à margem do espetáculo, não concretizando o sonho de ser um atleta profissional. Tendo como pano de fundo a Psicologia Social Crítica, a pesquisa parte de uma contextualização do funcionamento do futebol em diversas facetas sociais, em conexão com teorias e abordagens que oferecem fundamentações que possibilitam uma leitura crítica do “esporte das multidões”. Em seguida, valorizando as histórias de vida dos indivíduos, examinam-se algumas situações que perpassam a vida dos atletas de futebol cujo sonho de ascender socialmente por essa via muitas vezes não se realiza. Segue-se com um cenário construído para evidenciar a importância de o estudo ser realizado na área da Psicologia Social, ao explorar o conceito Identidade e o método da análise de histórias de vida como uma forma de produzir conhecimento. Na sequência, apresenta-se um panorama a partir de extratos das histórias de vida trazidas no decorrer da tese, acrescidos de outros elementos analíticos que apontam as principais situações que os atletas de futebol vislumbram quando são excluídos do mercado do futebol. Este estudo possibilita, assim, acompanhar os processos de formação, socialização e individuação desses sujeitos, e identificar como as questões estruturais, as orientações ideológicas, sociais e institucionais estão vinculadas às personalidades dos atletas de futebol – bem-sucedidos, comuns e “sem clube”.

Palavras-chave: Psicologia Social, Teoria Crítica, Identidade, Atleta de Futebol, Formação e Carreira.

Abstract

LEME, Clodoaldo Gonçalves. **Soccer as a social improvement strategy in risk society: unemployed athletes and its identity.** Doctoral Thesis. PUC / SP, 2011.

The main purpose of this thesis is to understand the professional identity of a group of Brazilian soccer players - persons who choosed this career as a way to social progress, were excluded from professional sport and now are unemployed. The study attempts to establish fundaments to extend theoretical proposal on the issue of identity as a metamorphosis in seeking emancipation. The study also brings ideas on profession and training of this group of soccer players – individuals that literally “got out of the game”, failing in his goals. Having as background the Critical Social Psychology, the research tries to look soccer in its social aspects, in connection with theories and approaches that provide foundations that enable a critical reading of the world’s most popular sport. Valuing life stories, we examine some situations that pervade the lives of our group of soccer players. The study follows up describing a scenario constructed to highlight the importance of Social Psychology approach, exploring the concept of identity and life stories analysis as a way of producing knowledge. Further, it presents a panorama from life stories brought, as well as other analytical elements that link the main situations that soccer players face when they are excluded from the soccer market. This study provides, therefore, a vision of training, socialization and individuation of our target-group; It identifies how structural issues, ideological orientations, and social institutions are bound by the personalities of soccer players – “soccer stars”, “normal ones”, and “losers”.

Keywords: Social Psychology, Critical Theory, Identity, Soccer Athletes (Training and Career).

Sommaire

LEME, Clodoaldo Gonçalves. **Le football, une stratégie visant à progresser dans la société du risque: l'athlète "sans club" et son identité.** Thèse de doctorat. PUC / SP, 2011.

La proposition centrale de la thèse est de comprendre l'identité des joueurs de football professionnel qui a demandé cette carrière comme stratégie de développement social et que, dans le cours de leurs vies, ont été exclus de l'activité et sont sans emploi. Cette étude vise à élaborer des bases pour l'extension de la proposition théorique sur la question de l'identité comme métamorphose en la recherche de l'émancipation, et apporter des idées sur la profession et la formation des athlètes, en particulier ceux qui ont combattu, mais à un moment, est réalisé sur la marge du salon, pas de réaliser le rêve d'être un athlète professionnel. Ayant comme base la Psychologie de la Critique Sociale, la recherche commence par une contextualisation de l'opération de football dans les différents aspects sociaux en relation avec les théories et les approches qui fournissent des fondations qui permettent une lecture critique de la pratique du "sport des foules". Ensuite, en valorisant les histoires de vie des personnes, on examine certains cas qui envahissent la vie des joueurs de football dont le rêve de s'élever socialement de cette manière ne réalisent souvent pas. Suivante avec un scénario construit pour mettre en évidence l'importance de l'étude effectuée dans le domaine de la Psychologie Sociale, d'explorer le concept d'identité et de la méthode de analyse des histoires de vie comme moyen de produire savoir. Après, nous présentons entrevoir de extraits de histoire de vie apporté au cours de la thèse, plus d'autres éléments analytiques qui relient les principales situations que les joueurs de soccer imaginer quand ils sont exclus du marché. Ctte étude fournit, par conséquent, suivre les procédures de formation, de socialisation et individuation des sujets, et d'identifier comment les questions structurelles, les orientations idéologiques, sociales et institutionnelles sont liés par la personnalité des joueurs de football - avec succès, ordinaires et "sans club".

Mots-clés: Psychologie Sociale, Théorie Critique, Identité, l'athlète de football, Formation et Carrière.

Sumário

INTRODUÇÃO	16
• Andanças funestas no futebol: do bate bola no campinho improvisado no quintal à pretensão de figurar no Maracanã	16
• Em torno da tese	19
 PRIMEIRO CAPÍTULO	
1 – Preparando o Gramado	43
1.1 - Considerações preliminares	43
1.2 - O mundo encantado do futebol não é tão encantado como parece	44
1.2.1 – Velhos clubes, velhos problemas	48
1.2.2 - Se está na tela, é verdade, é bom: quero isso para mim e para os meus!	52
1.3 – Futebol: um esporte, um trabalho, uma atividade de alto risco	58
1.3.1 – De risco em risco, o atleta (às vezes) enche o papo	60
1.3.2 – A complexidade do esporte mais popular do planeta	68
1.4 – Por uma Psicologia Social Crítica do Futebol	72
1.4.1 – Delineando a Psicologia do Esporte	74
1.4.2 - Para uma formação que transcenda o ensino do “chute”	80
1.4.3 – E agora, para que lado eu corro?	88
1.4.3.1 – Nível Pré-Concencional	91
1.4.3.2 – Nível Convencional	95
1.4.3.3 – Nível Pós-Convencional	100
1.4.3.4 – Algumas considerações sobre a teoria social crítica de Habermas e os níveis de desenvolvimento	106
1.5 – Conclusões ao capítulo	109

SEGUNDO CAPÍTULO

2 – A Carreira Profissional de Atleta De Futebol	111
2.1 – Considerações preliminares	111
2.2 - Sobre o projeto de vida	112
2.2.1 - Construção da carreira	112
2.2.2 – Vem bater bola com o papai	115
2.3 - Meu sonho é ser jogador de futebol	121
2.3.1 - Gramado com muita lama	121
2.3.2 - É tudo muito difícil	124
2.3.2.1 - Atleta 1 – “Andar com fé eu vou”	130
2.3.2.2 – Atleta 2 – A vida é uma possibilidade.....	131
2.3.2.3 - Atleta 3 – Aprendendo com a história	132
2.3.2.4 – Atleta 4 – Difícil chegar, difícil manter... fácil se perder	133
2.3.2.5 – Atleta 5 – O mundo da bola é uma grande ilusão	134
2.3.2.6 – Atleta 6 – Na vida é importantíssimo ter um Plano B	136
2.4 - Não pensei que passaria por tudo isso	137
2.4.1 - Estou sem clube, mas o futebol é minha vida	137
2.4.2 - Na busca de um apoio para sobreviver	144
2.4.3 – Um sonho... e uma possibilidade a mais de ser enganado	149
2.4.4 – Do começo ao fim, mais frustrações que alegrias	155
2.5 - Conclusões ao capítulo	162

TERCEIRO CAPÍTULO

3 – História De Vida: Possibilidades de Interpretações e Análises	164
3.1 – Considerações preliminares	164
3.2 – Psicologia Social Crítica e Identidade Humana	164
3.2.1 – O sintagma Identidade-Metamorfose-Emancipação	169
3.2.1.2 – Demonstrando como o Ser Humano se caracteriza	177
3.3 - As experiências do Mundo da Vida na constituição dos sujeitos	179
3.3.1 – Para Eduardo foi difícil chegar, difícil manter... fácil se perder	184
3.3.2 - Para Felipe na vida é importantíssimo ter um Plano B	199
3.4 – Conclusões ao capítulo	213

QUARTO CAPÍTULO

4 – Síntese dos Resultados	216
4.1 – Considerações preliminares	216
4.2 – Alternativas de vida pós-futebol	216
4.2.1 – “Se hoje eu sou estrela amanhã já se apagou”	221
4.2.2 – “Se hoje eu te odeio amanhã lhe tenho amor”	224
4.2.3 – Pontos de convergências e pontos de divergências	226
4.2.4 – Perspectivas de um horizonte possível	228
4.3 – Conclusões ao capítulo	230

QUINTO CAPÍTULO

5 – Afinal, o que se pode ponderar?	231
5.1 – Considerações preliminares	231
5.2 – Capítulo 1	231
5.3 – Capítulo 2	232
5.4 – Capítulo 3	233
5.5 – Capítulo 4	234
5.6 – Conclusões ao capítulo	236

CONCLUSÃO

“Só fica escravo aquele que tem medo de morrer”	237
---	-----

BIBLIOGRAFIA

Artigos em jornais	243
Artigos de periódicos	244
Artigos em revistas	245
Artigos em sites	245
Artigos não publicados	248
Compact Disc	248
Filmes	248

Livros	249
Teses e Dissertações	256

INTRODUÇÃO

“Vai começar o futebol, pois é. Com muita garra e emoção. São onze de cá, onze de lá. E o bate-bola do meu coração. É a bola é a bola é a bola. É a bola e o gol. Numa jogada emocionante. O nosso time venceu por um a zero e a torcida vibrou.” (“1x0”, Rosa Emília – Pixinguinha / Benedito Lacerda / Nelson Ângelo)

Andanças funestas no futebol: do bate bola no campinho improvisado no quintal à pretensão de figurar no Maracanã

Compreender a identidade de atletas de futebol profissionais que buscaram esta carreira como estratégia de ascensão social e que, no decorrer de suas vidas, foram excluídos da atividade e estão desempregados constitui a proposta central desta tese. Para tanto, a ideia não é fazer uma análise restrita do futebol percebido apenas como uma atividade profissional, mas sim compreender esta modalidade esportiva como uma ação complexa e contraditória no que diz respeito à sua configuração na sociedade brasileira, independentemente de o adepto ser um atleta em formação, empregado, “sem clube” ou, ainda, um torcedor ou admirador.

Muitos podem considerar o tema futebol “banal”, até mesmo ultrapassado, tendo em vista a quantidade de informações disponíveis sobre o assunto (dos botecos às mesas-redondas acadêmicas). No entanto, cabem muito bem algumas reflexões que buscam lançar luz sobre a importância social e política de apresentar o futebol de uma maneira crítica, algo percebido de modo extremamente acanhado na sociedade em que estamos inseridos, em que se evidenciam apenas as situações referentes à vida dos bem-sucedidos, relegando a segundo plano a grande maioria do povo.

Antes disso, é claro, pede-se permissão para mostrar, de forma singela, como “o jogo de bola” foi ganhando espaço na vida deste pesquisador. Nessa trajetória, desde a minha apresentação ao futebol, que ocorreu por intermédio de meu pai (corintiano fanático) e por três tios (dois deles palmeirenses e mais um corintiano, fanáticos também), entre outros familiares e pessoas próximas – todos “iniciados” na modalidade –, o jogo vai ganhando força e respeito. Sem dúvidas, não apenas para este pesquisador, é lógico, mas para a maioria da população brasileira, o futebol é bem representativo – desde o nascimento até

a morte (salve, os Edsons, Ronaldos e Romários que constantemente são homenageados por meio dos nomes que são dados a um recém-nascido;¹ os caixões cobertos com a bandeira do clube de coração e os que já são fabricados com o símbolo do clube).

No final da década de setenta e começo dos anos oitenta, um senhor de uns 70 anos postava-se, diariamente, em frente da casa onde eu morava, na rua em que aconteciam as “peladas”. Ele dava seus palpites quanto à melhor maneira de bater na bola, como driblar, como defender, entre outros detalhes técnicos, sempre com a garotada sentada ao seu lado, olhos e ouvidos atentos às dicas de seu João, que dizia ter sido um bom jogador, mas que teve poucas oportunidades, e invariavelmente concluía a conversa ressaltando que “nós poderíamos” ser jogadores de sucesso. Recordações da época são também as idas à escola e a volta, feliz, pois não haveria aula, por conta das greves. Aliás, eu adorava quando havia “essas greves”, pois sobrava mais tempo para bater bola na rua. Recordo-me que quando chutávamos a bola em uma porta de garagem, com pichações alertando “Greve Geral Amanhã”, o barbeiro da esquina, Seu Ricardo, dizia que se ganhasse na loteria construiria um campo maior que o Maracanã em um espaço próximo à linha do trem (quando ele disse isso, voltei para casa muito feliz, pois poderia deixar de perder a “tampa do dedão” com chutes que erravam a bola e acertavam o chão).

Outros recortes sociais dessa época surgem na memória em meio a uma partida de futebol: ver em uma fotografia que o bolo de meu primeiro aniversário foi decorado como um campo de futebol (os bonequinhos simulavam um duelo entre Palmeiras e Corinthians); perguntar ao meu pai se podia comprar uma bola de “capotão”; ganhar em meu aniversário um chapéu de pescador e uma camisa com o símbolo do Corinthians de meu pai e, umas duas horas depois, longe dele, ter que queimar o presente, ao receber de meu tio um uniforme completo do Palmeiras (time que carrego no peito até hoje); escutar músicas de Jorge Ben Jor com tema futebol em um toca-fitas; implorar para minha mãe comprar um tênis Kichute para jogar no quintal, na rua e nos campinhos de terra; ganhar o primeiro par de chuteiras da marca *Doval*; ganhar

¹ O meu nome foi uma homenagem que meu pai (corintiano) fez ao santista Clodoaldo Tavares Santana, que, além de atuar no Santos, junto com Pelé, jogou e foi campeão pela Seleção Brasileira de 1970.

o primeiro par de chuteiras da marca *Adidas*; receber o apelido de Corró por meu nome ser Clodoaldo, como o do campeão de 70, que tinha esse cognome; ser elogiado por marcar dois gols em um jogo muito difícil; ser xingado e sacado do time por perder um pênalti; quebrar a costela de minha avó materna com um chute; não entender o motivo de os atletas do Corinthians entrarem em alguns de seus jogos com uma faixa em que estava escrito “Democracia” ou “Diretas já”; não perder nenhum capítulo da novela Vereda Tropical (o futebol tinha um papel de destaque na narrativa); ficar sem dormir algumas noites porque meu tio tinha pedido para eu ficar quieto e não chegar perto da televisão, ou então o Paulo Rossi poderia marcar mais um gol pela Itália, contra o Brasil, na Copa do Mundo da Espanha, em 1982 (eu cheguei perto da televisão e o “Carrasco do Brasil” marcou o gol... e me senti culpado pela derrota brasileira por um bom tempo); acabar de jogar uma partida e ouvir de um técnico, com minha “experiência” de 14 anos, sentenciar: *“se nessa idade vocês não estão em um time grande, dificilmente vocês serão alguém na vida. O Pelé com 18 anos foi campeão do mundo!”*; bater bola sozinho na parede; sonhar em um dia ser jogador de futebol profissional; ver meu time de coração ser campeão apenas quando eu tinha 18 anos, sendo que todos os meus amigos já haviam gritado “é campeão” e eu nunca tinha feito isso (o Palmeira ficou de 1976 a 1993 sem ganhar nada); escutar futebol no radinho, assim como ver na televisão tudo que passava sobre o esporte; rezar para meu time ganhar e para o adversário perder (algo que com o tempo consegui me “libertar”); colecionar figurinhas com os símbolos dos clubes e o perfil dos atletas; deixar de estudar para jogar futebol (situação que fazia com que minha mãe ficasse muito irritada); contagiado pelo apelo midiático, além das “essências” do futebol que já haviam sido internalizadas, torcer muito para a Seleção brasileira ir bem na Copa do Mundo de 1986, em vão, é claro; quebrar o braço jogando futebol e não poder ir para a escola; brigar por não saber se a bola tinha passado ou não pela linha imaginária do gol, sendo que as traves eram demarcadas com pedras, no campinho da rua; ter a bola furada por uma vizinha que odiava a brincadeira que a gente mais amava.

Essas recordações de garoto (do *mundo da vida* à *ordem sistêmica*)² fundem-se com a realização do curso de graduação em Educação Física, com a especialização em Treinamento Esportivo, com o mestrado em Ciências da Religião e, neste momento, com o doutorado: como fonte de inspiração para meus estudos estava sempre o futebol. Por tudo isso, para mim, o tema é profundamente significativo no mundo em que vivemos, pois o futebol tem um forte apelo social e se configura como um elemento emblemático no imaginário popular. Em especial quanto à realização da tese de doutorado, pode-se considerá-la de grande importância, pois mostra o outro lado do futebol: o lado do desespero, do problema social; problemas que saem do convencional discutido.

Em torno da tese

Pondera-se que para chegar até o tema em questão trilharam-se alguns caminhos que nem sempre foram lineares. Aliás, na ocasião em que participei do processo seletivo para o ingresso no doutorado (2º semestre de 2006), o objetivo era elaborar uma tese que abordasse a questão do desempregado no Brasil, mais especificamente da região metropolitana de São Paulo, com o intuito de compreender as repercussões do impacto do desemprego e suas consequências sobre a identidade dos indivíduos e suas relações sociais. Da mesma forma, também era intenção saber que alternativas as pessoas focadas no projeto de pesquisa (os indivíduos descritos como mais e menos qualificados e colocados profissionalmente) encontrariam para a resolução de seus problemas.

Com intuito de concretizar esse projeto inicial, procurou-se preencher as lacunas existentes. Ao longo dos semestres, a proposta inicial passou por algumas metamorfoses, ocasionadas por fatores inerentes ao próprio desenvolvimento da pesquisa. Os fatores que foram importantes nessas metamorfoses podem ser descritos de forma sintética como: acumulação teórico-metodológica por conta das bibliografias consultadas (principalmente no que se refere ao conhecimento mais aprofundado do tema inicial), aquisição de conhecimentos específicos para a construção da pesquisa (nas disciplinas

² Conceitos que são explorados no decorrer da tese.

cursadas), participação nos debates e em exposições com colegas de núcleo, do programa e orientações e a imersão no mundo, na realidade a ser estudada, em meios acadêmicos, comunitários ou midiáticos.

Em outras palavras, ou de forma esquemática, as metamorfoses sofridas no projeto inicial foram resultado de algumas leituras realizadas como, por exemplo, *Globalização e Desemprego: Diagnóstico e Alternativas*, de Paul Singer (1998),³ *Crise de Legitimação no Capitalismo Tardio e A nova intransparência*, de Jürgen Habermas (2002 e 1987). Também as discussões realizadas nas disciplinas cursadas foram responsáveis pelas transformações do projeto inicial; por exemplo, na disciplina *Perspectiva Histórica na Pesquisa em Psicologia*, ministrada pela professora Maria do Carmo Guedes, ficou clara a necessidade de contemplar uma perspectiva histórica nos projetos a serem desenvolvidos; já na disciplina *Identidade*, ministrada pelo professor Antonio da Costa Ciampa, foi possível perceber a importância de enfatizar o dinamismo da Identidade e sua relação com a tensão entre a autonomia e heteronomia, em uma sociedade cada vez mais administrada pela lógica sistêmica, por meio das obras de Peter Berger, Thomas Luckmann, Antonio C. Ciampa, Irvin Goffman, Jürgen Habermas, George H. Mead, Boaventura de S. Santos, entre outros; as apresentações e os debates do *Núcleo de Pesquisa da Identidade Humana* (NEPIM) permitiram um envolvimento e contato mais apurado com as pesquisas dos colegas, o que nos levou a adotar uma postura mais crítica acerca dos recursos, métodos e teorias possíveis de serem utilizados na elaboração do trabalho. Finalmente, em virtude dos eventos a que fui convidado a participar – principalmente de um debate no programa de televisão *Canal de Imprensa*, realizado no dia 17/04/07, com o tema *Mídia Esportiva, Futebol e Religião no Brasil*, ocorrido na *Universidade Adventista de São Paulo* (UNASP) –, identificamos elementos importantes que serviram para delimitar o objeto de estudo.⁴

³ Um dos aspectos importantes que a leitura desta obra propiciou foi a percepção de que, em uma situação de desemprego ou esvaziamento econômico, perdem mais os setores que mais têm a perder; tal constatação permite identificar o indivíduo mais qualificado profissionalmente e melhor colocado socialmente como mais propenso a sofrer infortúnios em sua vida de desempregado, geralmente, pelo fato de suas relações sociais, estarem comprometidas.

⁴ Foram relatadas neste parágrafo algumas atividades realizadas no primeiro semestre de 2007. No segundo semestre desse mesmo ano, continuei realizando leituras com o objetivo de aprofundar os assuntos referentes à tese, assim como no 1º e 2º semestres de 2008, 2009 e 2010. As exposições e discussões nas disciplinas cursadas (*Filosofia da Ciência e Seminário*

O foco continuou sendo o desempregado, mas optou-se por escolher o atleta de futebol desempregado como sujeito da pesquisa. Assim, ao lado da situação nada cômoda dos atletas “sem clubes”, que são milhares no país – e dos quais o *Departamento de Registro e Transferência* de atletas da *Confederação Brasileira de Futebol* (CBF) ainda não tem levantamento numérico –, pôde-se dar sequência ao estudo realizado no mestrado, cursado no *Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*, defendido em 2005, e que teve por título: *É Gol! Deus é 10: A Religiosidade no Futebol Profissional Paulista e a Sociedade de Risco*.

Nele, salientou-se o aspecto de que o futebol profissional no Brasil apresenta duas camadas qualitativas, duas realidades que não são exclusivamente típicas da nossa cultura: a primeira, de alcance muito reduzido, é a dos atletas bem-sucedidos, bem remunerados; a segunda é a dos atletas “comuns”, da grande massa que não tem muito “mercado” e que se limita a atuar em times “pequenos” ou, então, a completar o elenco das grandes equipes. Se, na dissertação, o interesse esteve relacionado às questões referentes às manifestações de religiosidade de atletas de clubes grandes – que, popularmente, os torcedores e a crônica desportiva veneram –, na tese de doutorado inverteu-se o foco: a preocupação está voltada para os atletas de futebol que deixaram de fazer parte do espetáculo. A manifestação de religiosidade do atleta também não é o ponto central, pois o objetivo é evidenciar todos os aspectos significativos que constituem a identidade do atleta desempregado.

A essa altura, não é demais chamar a atenção para o fato de que os clubes abastados, que são poucos – a maioria agoniza há um bom tempo, por problemas de gestão, dívidas trabalhistas e tributárias –, estão revendo seus investimentos e reavaliando suas contas; e isso afeta diretamente a vida dos

de Tese, da professora Maria do Carmo Guedes; *Psicologia Social e Formação*, do professor Odair Sass e *Pesquisa em Identidade*, do professor Antonio da Costa Ciampa), assim como as apresentações e os debates no *Núcleo de Pesquisa sobre Identidade*, coordenado também pelo professor Antonio da Costa Ciampa, e finalmente a participação no *XIV Encontro Nacional da Abrapso*, realizado no Rio de Janeiro e *XV Encontro Nacional da Abrapso*, realizado em Maceió (onde apresentei trabalhos e tive resumos e trabalhos completos publicados), entre muitos outros ventos, permitiram dar continuidade ao processo de reflexão sobre o tema, bem como possibilitaram a apropriação de ferramentas das mais diversas para a construção da tese.

atletas. Não apenas daqueles que já atuam no futebol profissional, mas também daqueles iniciantes que, atraídos pelo sonho de virar craque e, conseqüentemente, pelo desejo de conseguir uma “boa grana” que garanta a sua vida e a de sua família, se submetem, em entidades precárias, a uma vida de gado.

Aliás, mesmo diante das mazelas da área, vale destacar a profissão de jogador de futebol, que é cobiçada pela maioria, mas o “ganha-pão” da minoria, não deixará de ser procurada, entretanto, a porta está ficando cada vez mais estreita e, como no mercado geral de trabalho, a situação é igual: os demitidos (“sem clubes”) começam a sentir o peso das contas vencendo, sem ter salários para pagá-las. Deixam as prestações, os empréstimos e uma porção de coisas de lado. As dívidas se tornam mais difíceis de ser quitadas. Enfim, no “mundo da bola”, as condições, que já não eram nada boas, tendem a piorar (e a possibilidade de haver melhorias é muito remota).

A título de exemplo, em um país onde os clubes devem, os salários constantemente atrasam, onde os créditos para os “falidos” são negados e os estádios se desmancham; em um país que, há um bom tempo, percebe seus atletas buscarem alternativa em outras nações desde muito cedo, que não respeita os direitos, que não permite muitas vezes um ambiente esportivo digno, a possibilidade de fracasso é bem maior. Evidencia-se que os danos imediatos são especialmente problemáticos. A venda de jogadores para o exterior, solução mágica dos clubes para fechar os balanços a cada temporada, diminuiu e deve cair ainda mais. O valor do passe dos atletas está baixando e são poucos os investidores que arriscam milhões de reais/dólares/euros em uma promessa. Os valores dos patrocínios também diminuem (a não ser que seja disponibilizado para um “fenômeno”). Nas renovações de contrato há negociação com a finalidade de diminuir os encargos. Há perigo, inclusive, na preparação do Brasil para a Copa do Mundo de 2014. Com estádios a construir e obras bilionárias de infraestrutura em pauta, um mercado em recessão e com crédito parado só pode ser mau sinal (a não ser que haja – como sempre – as conhecidas ações de “marketing” político... *quem viver verá*).

Para completar o quadro, deve-se mencionar aqui a situação dos atletas desempregados, ou como eles mesmos se denominam, “sem clube”. No “país

do futebol”, os meninos são incentivados pelos pais, familiares, amigos – e, indubitavelmente, pela mídia – a se tornarem futuros candidatos a estrela. Apenas lembrando: projeto tão sonhado que quase sempre se transforma em um verdadeiro pesadelo. Identificou-se na dissertação de mestrado que, por ser o Brasil um país de muitas carências sociais e distribuição de renda desigual, o futebol acabou se transformando um meio de ascensão social. Muitos sonham com o profissionalismo, mas é um caminho difícil, a que poucos têm acesso, precisando passar por diversas provações até chegar ao objetivo final. Os garotos, normalmente, passam por um processo seletivo denominado “peneira”, que acontece todos os dias no território nacional com o objetivo de revelar novas “feras”. Dos selecionados, nem todos chegam a atuar por um clube profissional. Quem chega lá é porque se dedicou ao máximo e contou com o indispensável fator sorte, ou tem um “padrinho” forte.

Acerca disso, menciona-se que mesmo os que alcançam o profissionalismo não têm vida fácil. No futebol, acontece “um desafio por segundo”. Se um desafio não é superado, pouca oportunidade há de se recuperar. Os que se recuperam continuam – na linguagem dos boleiros – tendo que “matar um leão” por jogo. Os que não se recuperam, vão ser sempre perseguidos ou então terão de voltar para a “sociedade comum”, desprovidos de outras experiências, pois se limitaram ao futebol – ainda que nem sempre por vontade própria, mas por circunstâncias que o meio impõe. Tal despreparo para o mundo aumenta suas situações de risco, principalmente por negligenciarem, na maioria das vezes, fontes primordiais para uma vida economicamente estável, tais como a conclusão da escolaridade básica ou a obtenção de uma formação profissionalizante. É este “despreparado” que está sob o foco desta tese, no entanto, aborda-se a situação de alguns atletas que estudaram e se formaram profissionalmente, pois servem como referência à questão de como a manutenção dessas ferramentas pode colaborar em sua vida pós-futebol.

Interessante salientar que é problemático o fato de a mídia mostrar constantemente o sucesso alcançado por um pequeno grupo de atletas de futebol. O intuito de tal esforço é convencer que essa carreira profissional é justa e que permite o acesso igualitário – a quem tiver talento e disposição. O fetiche do futebol, esse “canto da sereia”, carrega a ilusão de que é possível

um lugar ao sol para todos. Entretanto, na realidade cotidiana o que se percebe é que o prestígio nessa profissão é o sonho de muitos e realidade de poucos, chegando a se tornar um verdadeiro pesadelo em alguns casos. A título de exemplo, o preparador físico José Roberto Portella, em uma parceria entre o Sindicato de Atletas de São Paulo (SAPESP) e a Associação Paulista dos Preparadores Físicos de Futebol Profissional (APPFFP), desenvolvia em 2007 um trabalho de atividades para preservar e melhorar a forma física de atletas desempregados. O objetivo era facilitar a recolocação deles no mercado.

Entre diversos casos incríveis relatados por Portella, pode-se citar a história de um jogador que viajou mais de cem horas para chegar a São Paulo. Ele estava treinando com dificuldades, pois passava o dia na rua e dormia em uma garagem; também chegou sem documentos e “estava se virando” para ganhar um pequeno sustento como camelô. No projeto, que contava com centenas de inscritos, participavam dos treinamentos atletas de todas as idades e que passaram por clubes grandes; havia solteiros, casados, com problemas de saúde e dramas financeiros, entre outras complicações, mas que ainda não haviam perdido esperança de se destacar no mundo do futebol, onde o ambiente, não diferente da sociedade em que vivemos, é competitivo e excludente.

As situações descritas são um indício importante; poderiam ocorrer, sem dúvida, em outros contextos, com pessoas de outros segmentos profissionais. Existem diversas discussões, livros, pesquisas, que mostram como o fantasma do desemprego assombra a todos. No futebol, porém, parece denotar algo diferente: primeiro, porque o futebol é sinônimo de entretenimento e fonte de alegria para o povo brasileiro. É difícil, em outro país, falar do Brasil e não associá-lo ao futebol. Ele é algo determinante em nossa sociedade. Por outro lado, inserido em um país que sofre diversas carências sociais e distribuição de renda desigual, o futebol acabou se transformando um meio de ascensão social. Muitos almejam o profissionalismo, mas é um caminho difícil, a que poucos têm acesso, precisando passar por diversas provas até chegar ao objetivo final.

Nessa trajetória, por conta de todas as dificuldades, há, muitas vezes, situações insustentáveis, que fazem com que o projeto de vida do atleta não se concretize. Vale destacar que há jogadores que optam por continuar correndo

atrás da bola tentando driblar suas próprias limitações, sejam elas física, técnica, tática, ou emocional; que há garotos tentando fugir da pobreza fazendo “diabruras” em campo; e que há também indivíduos que assumem o risco de ser grandes no futebol, entretanto, não conseguem escapar da violenta “marcação” da sociedade brasileira. Essas são apenas algumas situações emblemáticas que são evidenciadas no sentido de mostrar o risco extremo assumido por uma categoria profissional cujos integrantes se assemelham, simbolicamente, aos gladiadores romanos.

Desse modo, o estudo ganha um interesse particular por abranger um assunto que, por mais que seja considerado importante pelos intelectuais e acadêmicos, é pouco explorado no Brasil: o desemprego ligado ao futebol. O país, vale observar, já conta com muitos estudos sobre futebol, tais como *Democracia Corintiana: a utopia em jogo*, de Sócrates e Ricardo Gozzi (2004), em que os autores descrevem a origem, em 1982 (após dezoito anos de ditadura e décadas de mandonismo no futebol profissional), de um movimento que durou pouco, mas que respirou ares de liberdade; *Futebol e Violência*, de Heloísa Helena Baldy dos Reis (2006), no qual a autora afirma não ser fenômeno atual a violência nos grandes centros urbanos sair das ruas para invadir, também, os estádios de futebol, buscando apresentar possíveis soluções para o problema. Há também dissertações de mestrado, como: *A Identidade do Adolescente do Projeto Esporte Talento: Ilusão ou Emancipação?*, de José Aníbal Azevedo Marques (2002), em que o autor investiga como se dá o processo de construção da identidade do adolescente do *Projeto Esporte Talento* (PET), considerando-o como uma alternativa diferente para objetivação de projetos de vida, já que o trabalho desenvolvido pelo PET busca oferecer oportunidades para que esses jovens vivenciem, por meio da prática esportiva, o exercício do protagonismo e da autonomia, visando contribuir para a construção de uma identidade tendente à emancipação; *O atleta Profissional de Futebol no Brasil – Evolução Histórica e Legislativa – Jornada de Trabalho: Lacunas*, de Deoclécio Barreiro Machado (2002), em que o autor submete ao mundo da ciência do direito reflexões sobre a legislação do atleta profissional de futebol, sendo o contrato e a jornada de trabalho temas abordados para demonstrar a incompletude do direito desportivo brasileiro. Pouco foi dito, porém, a respeito da questão do

desemprego no futebol.⁵ Vale dizer que o que existe são relatos de atletas e pessoas envolvidas com este esporte sobre a situação vigente no “mercado da bola”. Assim, ciente da fecundidade do sintagma identidade-metamorfose-emancipação,⁶ surgiu o interesse em propor o estudo sobre a identidade de atletas de futebol desempregado.

O esporte – à luz de seus amantes – é distinto de muitas outras formas de atividade humana, em função do tremendo potencial de emotividade e passionalidade que desencadeia e também por expor seus praticantes a riscos de lesões físicas, psicológicas e financeiras. Por isso, não se pode deixar de considerar a importância do trabalho do psicólogo do esporte no futebol e sua evidência hoje em dia. Esses profissionais têm como objetivo analisar as bases e os efeitos psíquicos das ações esportivas e do contexto, considerando, por um lado, a análise de processos psíquicos básicos (cognição, motivação, emoção) e, por outro, a realização de tarefas práticas do diagnóstico e da intervenção. Entretanto, por mais importante que seja o trabalho do psicólogo do esporte no futebol, ele não tem um alcance absoluto, pois não chega, ou chega de forma ainda tímida, no círculo dos “sem clubes” e dos aspirantes a craques que, à semelhança dos atletas que compõem grandes equipes, necessitam deste suporte.

Conhecer as dificuldades encontradas por atletas de futebol desempregados no que se refere à continuidade de suas carreiras e a percepção da ausência de sustentáculos para suas vidas fora das “quatro linhas”, fortaleceu a escolha deste objeto de pesquisa, visto que os clubes – e outras instituições – se preocupam apenas com os bem-sucedidos; dos “sem clubes”, pouco ou nada se fala sobre suas identidades.

Fundamental acrescentar que o Brasil é um grande fornecedor de atletas para todo o mundo. Craques, bons jogadores, atletas medianos e também alguns medíocres são produzidos em alta escala. Não diferente de uma empresa convencional que produz peças automotivas ou eletrodomésticos, o foco do produtor está no lucro que ele pode adquirir com o produto, no caso aqui explicitado, a criança, o adolescente e alguns adultos, que pelo desejo do

⁵ Citamos alguns exemplos de livros e dissertações para ilustrar o texto, mas sabe-se que esses não são os únicos estudos nessa linha.

⁶ Sintagma que será elucidado no decorrer da tese.

sucesso e de garantias futuras, são submetidos – submetem-se – a uma vida em condições precárias em diversos times espalhados pelo país.

A propósito, as histórias de vida dos brasileiros Ronaldo (“fenômeno”) e Kaká, do português Cristiano Ronaldo, entre outras estrelas, permeiam o imaginário da população. Longe do imaginário popular estão as histórias de vida de Zé, João e mais um “montão”. Para Ronaldo e companhia, a possibilidade de conseguir uma vida mais estável após o encerramento da carreira de atleta é imaginável, tendo em vista a fortuna que eles acumularam durante seu trajeto dentro das “quatro linhas” – e mesmo com suas imagens arranhadas, independente do motivo, podem fazer um “caixa” com ela depois da despedida. Já os que não tiveram competência, oportunidade, ou, seja lá o que for, precisam continuar correndo atrás do sustento diário: precisam encontrar algum trabalho que lhes tragam rendimentos para seus sustentos e de suas famílias; função que pode ser exercida no ambiente do futebol e fora dele também. Nota-se, entretanto, que muitos têm dificuldades na recolocação profissional.⁷

Assim, destacando que o foco está na identidade do atleta de futebol desempregado, desconsideram-se as histórias das estrelas, ficando a possibilidade de referência a elas a título de ilustração. Isso posto, esclarece-se que os atletas desempregados comuns, aqueles que não recebem atenção diária da mídia, que não têm (ou têm muito pouca) influência na política local, que encontram dificuldades na recolocação profissional, que se sentem incomodados com o fato de serem chamados de ex-atletas, enfim, que mesmo que tenham conseguido uma boa poupança, não conseguem viver longe dos

⁷ Há casos extremos, como a situação dramática em que se encontra o goleiro Bruno (ex-goleiro?), acusado de assassinato (assassino?), entre outras coisas. O assunto não será discutido neste trabalho, pois apenas este caso poderia ser objeto de pesquisa de uma tese (ele engloba elementos importantes não apenas relacionados à carreira de atleta de futebol profissional, mas também permite uma contextualização da agonia familiar, social, que ronda a vida de grande parte da população brasileira; vítimas, entre outras coisas, do descaso político). Como mostra da complexidade do tema, emergem, diante da banalização do episódio, muitas questões problemáticas, como a postura do Flamengo diante do caso, a interferência da mídia na formação da opinião pública etc. Seguem duas mais bem formuladas: 1 – O processo de socialização de Bruno, o ambiente em que ele estava inserido, seu posicionamento diante a vida, não seria indícios da possibilidade de alguma ação “impensada”? 2 – Os profissionais da área esportiva que têm por obrigação ética contribuir com a formação adequada e estruturada dos indivíduos, no caso em questão, Bruno, se preocuparam apenas com o Atleta, e deixaram o Homem de lado? É bem verdade, é de uma tremenda mediocridade a maneira que um fato tão sério tem sido explorado.

holofotes e das grandes aquisições, eliminando dessa maneira seus últimos reais, sustentarão o estudo.

Um passo considerado importante no sentido de evidenciar o que se propõe com o exame sobre identidade empreendido é a divisão do objeto de pesquisa em dois núcleos: o primeiro, formado por atletas de futebol desempregados que se encontram em dificuldades de recolocação profissional (seja ela relacionada a área esportiva ou não), caminhando, dessa maneira, à margem da sociedade; e o segundo, formado por atletas de futebol desempregados que conseguiram uma recolocação profissional (também relacionada a área esportiva ou não), fato que possibilita uma melhor articulação social.

Tendo em vista que o objetivo principal da tese é analisar a identidade de atletas de futebol profissionais que buscaram esta carreira como estratégia de ascensão social e que, no decorrer de suas vidas, foram excluídos da carreira e estão desempregados, almeja-se compreender quais são os principais motivos que levam um indivíduo a buscar a carreira de atleta de futebol profissional, identificando os principais obstáculos que devem ser enfrentados nesta carreira, bem como os aspectos que determinam o desemprego dos atletas de futebol, dando destaque às possibilidades de emprego que o atleta de futebol desempregado encontra no mercado geral de trabalho. Importante também é identificar as transformações na identidade do atleta de futebol “sem clube”, buscando perceber no que consiste e em que momento essa mutação ocorre mais intensamente. Enfim, a partir das histórias de vida dos participantes da pesquisa, procura-se compreender qual o impacto em suas identidades traz a relação entre “fazer-parte-do-espetáculo” e “retorno-ao-terráo”.

Para tanto, o trabalho procura responder, ou no mínimo problematizar, algumas questões de extrema significância, por exemplo: como se dá o processo de formação/transformação da identidade de atletas de futebol desempregados? Quem ou o que motiva crianças, adolescentes e adultos ingressar e persistir na carreira de atleta de futebol? Que idealizações as pessoas constroem acerca da carreira de atleta de futebol? O que leva grande quantidade de crianças e adolescentes a participar das chamadas “peneiras” nos clubes? O que ocorre na vida de um atleta que acaba por não concretizar o

seu projeto de carreira no futebol? Quais alternativas ele encontra para continuar sobrevivendo? Até que ponto aqueles que escolhem a carreira de atleta de futebol conhecem os riscos e obstáculos pelos quais terão de passar? Como se processa a tomada de consciência de que o projeto da carreira de atleta de futebol não deu certo? Afinal, de qual espetáculo eles farão parte na nova etapa de suas vidas?

A propósito dessas questões, entende-se, tendo em vista que o mercado do futebol, não diferente do mercado geral de trabalho, acumula um grande número de desempregados e que, mesmo assim, a procura por esta carreira continua em alta, que a busca incansável pelo sucesso no futebol profissional pode se dar por motivos inerentes a sociedade brasileira: um país desigual, que possibilita poucas oportunidades de estudo e emprego, que tem carências em diversos âmbitos, que é conduzido por gestores inábeis e corruptos, que tem escassez na área de lazer e que, dentro desta, se destaca o futebol. Por ser uma distração barata, a que todos têm acesso – poucas pessoas não chutaram uma bola de meia ou um papel amassado; por se tornar uma boa fonte de renda, a que a minoria tem acesso – grande parte da população agoniza; pelas suas notícias que tomam consideradas partes das páginas de jornal e de inúmeros sites – nem sempre mostrando a realidade –, este esporte une fatores sociais importantes: uma fonte de lazer, que se transforma em uma profissão e que, conseqüentemente, “leva” ao estrelato. Só que, dentro do ambiente do futebol – que não é profissionalmente dos mais estáveis –, o atleta, além de ter que enfrentar os riscos do capitalismo,⁸ do “mercado futebolístico”, sofre também os riscos do seu meio de atuação. Assim, não estando bem fisicamente, tecnicamente, taticamente, emocionalmente – fatores que determinam seu rendimento – o risco de ser descartado é grande, pois a competitividade é acentuada. E o atleta, que no decorrer de sua vida, foi submetido a cargas excessivas de treinamento, a uma enorme pressão psicológica, ausência de convívio familiar, falta de estudo, que viveu sob o risco de ser abusado sexualmente, de ser chantageado por parte de empresários

⁸ Uma simples constatação: quando o assunto em questão é o esporte, não há diferença entre a postura dos países que se dizem (ou diziam) que mantêm uma política econômica socialista dos que se consideram capitalistas, isso diante da maneira que tratam os atletas que representam os seus países. No esporte de alto nível, em uma competição, sempre há exploração.

que vendem a ilusão de uma carreira nacional ou internacional bem atrativa, quando se vê à deriva no mar revolto, pode encontrar sérias dificuldades na sequência de sua vida; em sua história pós-futebol.

Compreende-se que, para se obter uma vida digna, torna-se necessário observar algumas “normas” de conduta para que se possa viabilizar este processo; é indispensável a tomada de “medidas de segurança” não para ter controle sobre o futuro – isso é impossível –, porém, elas são importantes no sentido de minimizar os impactos negativos a que todos estão sujeitos. Com uma boa socialização, com pais, professores, ou qualquer outro responsável, educando o indivíduo para a realidade, sem mascarar as situações do cotidiano, a possibilidade de “reparo” nos infortúnios sofridos são bem maiores. Entretanto, como se prepara apenas para o sucesso (e isso é comum: quem é preparado para o fracasso?),⁹ lidar com as frustrações revela-se muito difícil; cada obstáculo se torna imenso diante da crise instalada. Nesse sentido, os atletas de futebol se veem, depois de alguma decepção, como diz o ditado, “num mato sem cachorro”. Isso acontece pelo fato de durante as várias etapas de suas vidas não terem oportunidades de um acompanhamento adequado.

Acrescenta-se: desafios existem em qualquer área de atuação. Quando se trata de futebol, os desafios são ainda maiores e mais complicados. Um atleta não pode perder um pênalti decisivo, não pode tomar um gol por debaixo das pernas, não pode sofrer uma grave lesão, não pode frequentar as baladas quando o time não vai bem, não pode se indispor com a imprensa, não pode um sem número de coisas. Tem que jogar bem, ou melhor, produzir e dar lucros. Se há a perda de um desafio, conseqüentemente, ele cai em desgraça. Os que se dão bem ou se recuperam continuam sob as pressões dos desafios. Os que não se recuperam serão sempre perseguidos ou, então, obrigados a retornar para a “sociedade comum” desprovidos de experiências, pois se limitaram ao futebol – nem sempre por vontade própria, mas por circunstância do meio.

Nota-se que, em uma situação de desemprego, independentemente do motivo, não é apenas o dano financeiro que emerge; conseguir outra vaga,

⁹ Estaria, no mundo, alguém preparado para perder? Preparar-se para a derrota é preciso, mas isso é tão difícil quanto preparar-se para a própria morte.

recolocar-se no mercado, não é tarefa fácil e, nesse processo, emerge o vínculo existente entre dignidade e emprego. É como se a dignidade de pessoa dependesse do fato de ela manter ou não o emprego. É como se, logo depois de demitido, o ser até ali honrado, se metamorfoseasse em personagem “indigno”, cuja reputação só poderia ser restabelecida por um novo cargo, qualquer que fosse ele. A simples ideia é absurda e se torna extremamente grave nesta época em que as chantagens exercidas sobre o emprego, sobre o desemprego, ou sua ameaça, se propagam e se banalizam. Acerca disso, destaca-se que os indivíduos que sempre foram rodeados de muito conforto, bajulação e idolatria; aqueles que tinham seus desejos realizados a qualquer estalar dos dedos; que puderam experimentar o gosto do sucesso até por um curto espaço de tempo; enfim, que eram mais bem colocados socialmente, ficam mais propensos a sofrer infortúnios em sua vida de desempregado, pelo fato de suas relações sociais, geralmente, estarem comprometidas. Justamente ou não, eles se percebem indignos. Quem pratica o futebol de alto nível é uma pessoa comum, que por vezes acaba “endeusada”, e, quando ocorre a perda do “manto sagrado”, caminhar entre os “pagãos” muitas vezes se torna insuportável.

Observa-se que, não diferente de pessoas que exercem outras funções sociais, o atleta de futebol busca o reconhecimento social e, para isso, na maioria das vezes, submete-se a situações constrangedoras. O ambiente não é propício a um processo de emancipação (há pouca possibilidade de enfrentamento, de quebra de regras), as reflexões são mínimas, o diálogo praticamente não existe – “faça o que eu mando” (é um ambiente regulatório, as regras são impostas). Assim, a possibilidade de existir um indivíduo autônomo, é muito difícil. As tradições também não podem ser quebradas – algo de mal pode acontecer. Há o lado bom: a necessidade de ter uma interação com o coletivo a fim de alcançar melhores resultados e a necessidade de ter que existir solidariedade, ou então o caminho se tornará mais penoso; entretanto, quase todos limitam-se a aceitar as regras porque elas valem no seu ambiente. Qualquer atitude que saia de um padrão convencional pode fazer com que o jogador seja descartado: tem que apanhar e ficar quieto, não pode criticar um árbitro que cometeu um erro grotesco (e como erram!), quando é sacado do time, tem que abaixar a cabeça e caminhar

para o vestiário sem esboçar qualquer expressão (ai se ele se rebela!). Não é ele quem decide pelo seu próprio futuro. Nesse percurso, por serem privados de um olhar crítico (apenas são criticados), por terem poucas possibilidades de aprender e desenvolver formas mais sofisticadas e eficazes de enfrentar dilemas morais ou conflitos sociais, eles se tornam presas fáceis para as amarras da vida.

Conforme Demazière (2006), os desempregados existem; qualquer um pode se dar conta disso em sua vida cotidiana. No entanto, o desemprego não é um dado objetivo, inscrito na infraestrutura da sociedade. A existência do desemprego está relacionada a um conjunto complexo de operações, cognitivas e de linguagem, de classificação e de categorização. Segundo o autor, essas ordens de questões, porém, foram por muito tempo tratadas separadamente: os estatísticos trabalhando para produzir indicadores de medidas e nomenclaturas; e os sociólogos interessando-se pelas maneiras de vivenciar o desemprego, pelos significados subjetivos da condição do desempregado.

A bem da verdade, com base apenas em dados, torna-se impossível observar variações das formas de desemprego e compreender o que são os atletas “sem clubes”, qual é sua unicidade ou sua diversidade. Acrescenta-se que, sem o conhecimento da história de vida do indivíduo, também se torna impossível uma análise que, conseqüentemente, possa viabilizar uma compreensão mais apurada da ordem estabelecida.

Essas preocupações, trazendo o foco agora mais especificamente para o futebol, se justificam pelo motivo de este esporte ter se transformado em um meio de ascensão social. Como é uma profissão extremamente desejada, há uma fila de desempregados em desespero, e como normalmente se dá cobertura apenas aos consagrados, esta carreira passa a impressão de que, alcançando-a, todos os problemas estarão resolvidos. Contudo, esta não é a realidade: alguns vencem, mas a maioria padece. Todos sofrem pressões. Como máquinas, são cobrados ao máximo; como humanos, falham. A concorrência é grande, pois estão inseridos no mercado, na compra, venda e troca: a situação de risco é constante.

Diante de tais aspectos, o referencial teórico se baseia, sobretudo, em Jürgen Habermas, Paulo Freire, Ulrich Beck, George Hebert Mead, Theodor W.

Adorno, Max Horkheimer, Axel Honneth, Antonio da Costa Ciampa, Afonso Antonio Machado, Guy Debord, Peter Berger, Thomas Luckmann, entre outros. O respaldo de várias teorias, de diversos autores, que nem sempre, em um primeiro momento, parecem dialogar, é fundamental no sentido de constituir a tese proposta e evidenciar a complexidade do construto.¹⁰ Aliás, sem esta congruência, muitas lacunas poderiam ficar sem ser preenchidas, pois, como se pretende demonstrar nos capítulos, os elementos trazidos darão forma, ainda que de uma maneira simples, a um modelo considerado importante para formação plena do indivíduo.

Entende-se que há convergência entre Habermas e Freire no que se refere à emancipação dos sujeitos na sociedade.¹¹ Habermas é apresentado como o responsável por uma nova condução da teoria crítica em direção ao pensamento democrático; Freire, ao construir uma prática educativa em que o diálogo com o outro é essencial, dissemina uma prática de participação social de formação do sujeito que também desencadeia numa cidadania democrática. A teoria de Beck é importante porque aborda situações de risco atuais, como

¹⁰ A título de exemplo, diante da teoria e do pensamento desenvolvido pelo filósofo e sociólogo alemão, Jürgen Habermas, acredita-se ser possível afirmar que este autor compartilharia com Adorno o juízo sobre a necessidade de uma avaliação sistemática da ambiguidade do esporte (assunto que será desenvolvido no andar da tese), e de que as questões relativas ao esporte no âmbito escolar mereceriam mais atenção, pois este teria um fim prático e adequado, desde que aplicado à medida que contribua para a educação de seus participantes e não se limite ao esporte-competição priorizando a ordem técnica de seus iniciantes/participantes. Vale ressaltar que, Habermas, embora integrante da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, que incisivamente problematizava a racionalidade da sociedade ocidental moderna, distanciou-se, em sua maturidade acadêmica, de seus companheiros de cátedra, como de seu professor, Adorno, por exemplo, passando a defender certos aspectos do Iluminismo como positivos para a construção de um projeto emancipatório, desvencilhando o problema da modernidade do desenvolvimento tecnológico.

¹¹ Ambos os autores possibilitam perceber quando os sujeitos podem ser fortalecidos no desenvolvimento de suas competências que os permite participar ou não ativamente da vida em sociedade e contribuir para a construção de uma sociedade mais saudável. O estudo sobre a formação dessas competências pode colaborar ainda para o interesse político de saber das condições possíveis ou necessárias para que cidadãos, entre eles os atletas de futebol, tomem em mãos o seu destino, tentando assim evitar que suas vidas sejam direcionadas pelo “tocador de gado”. Em resumo, na pedagogia de Freire reside uma prática educativa com um profundo respeito à autonomia do sujeito em constante processo de formação da consciência de si a partir dos outros e com suas diversidades. A ação dialógica e a conscientização são importantes para o pensamento freiriano, assim como, respectivamente, a práxis e a epistemologia, uma convergência para a participação do sujeito da aprendizagem no processo de construção do conhecimento. Tal como Habermas, Freire reporta que o sujeito é responsável pela construção do conhecimento e pela ressignificação do que aprende. Também para ambos, o diálogo é, sobretudo, uma exigência existencial: nele se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado. Por isso, defendem que a conquista implícita no diálogo é a conquista do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelos outros, mas a conquista do mundo para a libertação dos seres humanos.

desemprego, insegurança social, discriminações, explorações, doenças e outros fatores que emergem de uma *sociedade de risco* (é um bom modelo de sociedade atual).

Mead, como participante do pragmatismo americano, considerou a racionalidade do homem como capaz de modificar e dirigir o curso da evolução humana. Apresenta o conceito de indivíduo indissociado da realidade social imediata e compreende que, por meio da linguagem ou de gestos, as pessoas criam significados, algo que só a espécie humana pode fazer. Adorno e Horkheimer, além de identificar que falta a psicologia social se apropriar de maneira crítica do esporte, salientam que a *indústria cultural* impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente. Adorno também destaca que a teoria social é na realidade uma abordagem formativa, e a reflexão educacional constitui uma focalização político-social (uma educação política). Assim, para entender tais conceitos do autor, é necessário esclarecer que a educação deve, simultaneamente, evitar a barbárie e buscar a emancipação humana (ele questiona a educação autoritária e pensa uma educação emancipatória).

Honnet tem por um dos seus temas centrais a importância das relações intersubjetivas de reconhecimento para o entendimento das relações sociais. Coloca a falta de reconhecimento na base dos conflitos interpessoais e sociais (é herdeiro da tradição habermasiana). Assim como Ciampa que, entre outros aspectos, evidencia que a identidade deve ser compreendida como metamorfose humana, que é, por sua vez, luta por reconhecimento diante de uma sociedade capitalista que tende a reduzir a identidade a personagens fetichizadas que negam sua totalidade em favor do universal dominante: o capital.

Machado, estudioso da Psicologia do Esporte, postula que o futebol atrai a curiosidade e atenção em vários setores da vida do brasileiro. Da economia à educação, passando pelo lazer, pelo entretenimento, pela arte e cultura, sentencia que essa modalidade esportiva oferece subsídios e elementos para a construção de um estilo de vida com características próprias, que chegam a mover grandes quantias em dinheiro e interferir em complexas gestões financeiras. Debord aborda a *sociedade do espetáculo*. Desse modo, sendo o

futebol um grande espetáculo esportivo, muito representativo, as considerações do autor são significativas e merecem destaque.

Berger e Luckmann exploram o problema da construção social da realidade a partir dos alicerces do conhecimento na vida cotidiana. Apresentam a sociedade como realidade objetiva e como realidade subjetiva. Quanto à realidade objetiva, têm importância maior a institucionalização e a legitimação por meio da organização social. Trata-se do entendimento básico dos problemas da sociologia do conhecimento. Como realidade subjetiva, destacam-se a interiorização da realidade mediante a socialização e a identidade no âmbito da estrutura social. Isto é, constrói-se uma ponte teórica para os problemas da psicologia social.

Pondera-se então que, no decorrer da tese, com base nos referenciais teóricos elencados, são evidenciadas as múltiplas facetas existentes na relação entre indivíduo x sociedade x futebol. No entanto, há um destaque especial à teoria de Jürgen Habermas. Desse modo, cabe nesta introdução um preâmbulo sobre as considerações do autor que dialogam de forma congruente com a tese.

Habermas, ao pretender inscrever sua obra no interior da “teoria crítica da sociedade”, compromete-se com o desenvolvimento de uma crítica social imanente, orientada por potenciais de emancipação contidos na própria realidade analisada. Quer dizer: o tipo de teoria social aqui conduzida não se limita à descrição da rotina de funcionamento das estruturas e relações sociais observadas, mas busca submetê-las a uma reflexão avaliativa. Essa avaliação, entretanto, não se pauta em modelos de sociedade “utópicos” ou “idealistas”, impostos à sociedade como que “de fora”, mas sim em possibilidades de emancipação inscritas, ainda que em germe, na própria realidade observada. Assim, a perspectiva da emancipação não é assumida como um “ideal” vislumbrado pelo teórico, mas sim como uma possibilidade real, obrigando a teoria a se pautar em diagnósticos do tempo presente capazes de descortinar tendências do desenvolvimento histórico a serem delineadas como potenciais bloqueios à emancipação.

A propósito dessa questão, Habermas diz que uma teoria social que se volta aos potenciais de reflexão e crítica imersos nas interações linguísticas cotidianas vê-se imbuída da tarefa de explicitar as exigências inesgotáveis de

comunicação isenta de coerções em diferentes âmbitos da vida social, bem como de analisar a natureza de seus principais entraves. É aí que ele fala de uma tendência de “colonização do mundo da vida pelo sistema”, quer dizer, de uma tendência observada nas sociedades capitalistas tardias de terem suas esferas de reprodução simbólica (“mundo da vida”) invadidas pela lógica instrumental da economia e do poder administrativo (“sistema”). Essa invasão é apresentada nos termos de uma “monetarização” e “burocratização” crescentes na vida social, segundo as quais as relações interpessoais passam a ser coordenadas não pelo entendimento recíproco dos participantes, mas pelos meios padronizantes e linguisticamente empobrecidos do dinheiro e do controle burocrático. Como efeitos da colonização sistêmica, Habermas apresenta diferentes formas de patologias da comunicação, descritas como “perda de sentido” (incapacidade de internalizar e inter-relacionar as manifestações culturais), “anomia social” (perda de validade das normas sociais) e novos tipos de psicopatologias (bloqueios à capacidade de socialização de indivíduos) – além de diversas formas de reificação, segundo as quais os sujeitos são tomados entre si como simples meios para persecução de fins egoístas. Contra a tendência de colonização sistêmica, Habermas aponta na *Teoria da Ação Comunicativa* a proliferação de movimentos sociais de resistência, tais como os movimentos estudantil, ecológico e de minorias étnicas; eles estariam ocupados com a tarefa defensiva de impedir o avanço da lógica sistêmica em direção ao mundo da vida, preservando formas de interação comunicativamente reguladas.

Dessa maneira, o modelo crítico habermasiano pretende deslocar de sua perspectiva emancipatória a assunção de qualquer padrão substantivo de sociedade justa ou virtuosa, comprometendo-se com a investigação das condições comunicativas necessárias para que os próprios envolvidos possam decidir acerca de sua vida mediante processos de entendimento livres de coerções. A teoria crítica, portanto, não assume aqui o “conteúdo” daquelas soluções históricas a produzir formas de vida emancipadas, que poderiam ser realizadas por meio de uma revolução; ela confia tais decisões a uma práxis comunicativa *constante* de sujeitos histórica e socialmente enraizados, cujos resultados – falíveis e sempre modificáveis – pretendem expressar acordos alcançados entre si por meio do livre convencimento.

São sugeridas, também, nesta introdução, algumas considerações sobre teoria da *sociedade de risco*, proposta por Ulrich Beck. Segundo o autor, o risco é a dinâmica mobilizadora de uma sociedade propensa à mudança, que deseja tomar as rédeas do próprio futuro em vez de confiá-las à religião, ao determinismo ou a caprichos da natureza. O capitalismo moderno se insere no futuro ao prever lucros e perdas, ao “apostar no risco” continuamente. O conceito de risco pressupõe, portanto, uma sociedade que tenta ativamente romper os limites em nome de um progresso ideal. Há muitos riscos, é claro, como os que afetam a saúde. É por isso que, desde sua origem, a noção de risco é acompanhada por um equivalente desenvolvimento de sistemas e medidas de segurança, que permitam ao indivíduo sobreviver para “tentar” de novo.

Segundo Beck (1998), uma forma de explicar o que está acontecendo é fazer uma distinção entre dois tipos de risco: o externo, experimentado como vindo de fora, decorrente da infalibilidade da tradição ou da natureza (caso fortuito); e o fabricado, criado pelo impacto de nosso conhecimento do mundo, dizendo respeito a situações para as quais temos pouca experiência histórica.¹² Vale ressaltar que eles são diretamente influenciados pela globalização. Destaca-se, também, que as pessoas que vivem nas áreas ricas e pobres (estas, aparentemente, mais do que aquelas) estão sujeitas a inquietações; grande parte do que costumava ser natural, porém, não o é mais por completo, embora nem sempre pode-se saber ao certo onde termina a natureza e tem início o poder da vontade.

O paradigma da *sociedade de risco* é o de saber evitar, minimizar, dramatizar, canalizar os riscos e perigos que são produzidos no processo avançado de modernização e reparti-los no mundo de modo que não sejam um obstáculo, que sejam suportáveis para as áreas: ecológica, médica, psicológica, ou qualquer outra área social. Os paradigmas da desigualdade social se referem sistematicamente a épocas determinadas pelo processo de modernização. Na distribuição e nos conflitos da distribuição em torno da

¹² A maior parte dos riscos ambientais, como os ligados ao aquecimento global, recai nessa categoria. Esclarece-se que sempre os seres humanos se inquietaram com os riscos provenientes da natureza externa – de más colheitas, enchentes, pragas ou fomes. Porém, recentemente, “passamos” a nos inquietar menos com o quê a natureza pode fazer conosco e mais com o que “nós fizemos” com a natureza. Isso assinala a transição do predomínio do risco externo para o do risco fabricado.

riqueza produzida socialmente se encontram em primeiro plano, entretanto, o pensamento e a atuação dos seres humanos que detêm o poder, sobre os que sofrem por causa da miséria material e da escassez.

Em resumo, pode-se dizer que o risco ocorre com mais “presença” no universo dos desfavorecidos, dos “menos equipados”, com constrangimentos que acompanham a pessoa desde a sua infância até a sua vida adulta, persistindo na vida de muitos um vazio, que não os deixam ter um ambiente social digno. Não raras são as vezes em que as únicas vias de sobrevivência que se lhes oferecem para seguir são aquelas que conduzem ao risco social.

Os riscos sociais estão relacionados a desafios novos. Um ensino primário universal e obrigatório para todas as crianças, a possibilidade assegurada a todos os jovens de acesso aos níveis e graus subsequentes de educação, a alfabetização de todos os adultos, a igualdade de oportunidades em relação à educação para mulheres e homens e uma maior variedade de opções de escolha de carreiras e de formação para todos – tudo isso não elimina os riscos, mas os atenua. Enquanto isto não acontece, a população vai “se virando” da maneira que pode.

Mas não são somente os desfavorecidos que estão expostos ao risco. Há um *efeito bumerangue* que também expõe aos riscos ricos e poderosos (muitas vezes principais causadores do risco); há situações que também os deixam inseguros não só diante da saúde, mas também de seus negócios. Os riscos da modernização abrem grandes oportunidades. Porém, ao mesmo tempo em que se produz riqueza, se produz pobreza. Uma das características deste período pelo qual estamos passando é *que o novo não nasceu e o velho não morreu*.

O risco não só existe em âmbito mundial, mas também no local, sendo o Brasil um exemplo modelar de sociedade de risco. Vivemos um cotidiano de desigualdade social, injustiça e corrupção – isso, apesar de o brasileiro médio ser trabalhador, criativo e honesto. A exclusão social assombra o país. Citam-se as desigualdades sociais, o desemprego, a falta de oportunidade das pessoas que são violentadas ao ser impedidas de ter acesso à moradia, trabalho, educação, saúde e lazer, como forma de expor milhões de pessoas aos riscos.

Aproximando a teoria da *sociedade de risco* de Beck para a sociedade brasileira, pode-se dizer que neste país, com todos os problemas existentes, o futebol é visto, pela maioria que sonha com essa carreira “promissora”, como uma forma de diminuir os riscos sociais – pelo menos economicamente – e viver de forma mais tranquila (aliando, a isso, prazer). A diminuição de riscos pela ascensão do atleta na profissão de jogador de futebol é uma realidade de poucos. Mesmo os que conseguem êxito não deixam de estar expostos a perigos; os que abandonam ou não conseguem seu espaço no futebol profissional, principalmente depois de abrir mão de muitas coisas em suas vidas para tentar uma carreira vitoriosa e não se firmar, encontram-se em uma nova fase de socialização que os confronta com problemas novos e os conduzem a escolhas muitas vezes “forçadas”, de consequências imprevisíveis para todo o seu percurso na vida posterior.

Esse despreparo para o mundo aumenta suas situações de risco, principalmente, fortalecendo o que já foi dito, por negligenciar fontes primordiais para a vida, como escolaridade básica e cursos profissionalizantes. Nem sempre isso ocorre por vontade própria, mas pela imposição de clubes e empresários que querem um rendimento máximo do atleta que, por isso, tem que optar por jogar ou estudar. Poucos se preocupam com a vida particular do atleta. A maioria somente se preocupa com a projeção e o retorno financeiro que pode obter com a formação de “superastros”.

No ambiente do futebol profissional de alto nível, com a exposição que o atleta tem na mídia, o desgaste de sua imagem e os dias passados em concentração, o distanciamento de familiares e amigos, a pressão para ganhar e nunca perder, o medo de sofrer lesões e, ainda pior, as pressões da torcida, muitos clubes apelam para a ajuda de psicólogos do esporte para preparar e manter seus atletas. São esses psicólogos do esporte responsáveis pela intervenção na vida dos jogadores que estão com problemas que impedem um bom rendimento em seus jogos. Entende-se que a eles ficaria a responsabilidade de, no mínimo, canalizar os riscos da vida do atleta – lembrando que *“risco não é o mesmo que infortúnio ou perigo. Risco se refere a infortúnios ativamente avaliados em relação à possibilidade futura”* (Giddens, 2003, p. 33). Entretanto, como em todo mercado, há alguns profissionais que são contratados apenas para possibilitar uma maior extração de “talento” do

jogador; trabalham apenas para haver mais produção. Outros, porém, procuram possibilitar que se desencadeie um processo de reflexão crítico na vida dos atletas – os quais, infelizmente, ainda são poucos e, diante das incertezas da vida, mais importantes.

Isso posto, sustenta-se que esses referenciais teóricos facilitarão as interpretações das histórias de vida dos atletas de futebol focalizados no estudo. Sobre as aspirações do trabalho, espera-se que, pela escassez de material sobre o assunto, que ele sirva de base para outros estudos que se aproximem do objeto pesquisado.

Finalmente, evidencia-se que a pesquisa foi construída na confluência entre empírico e teórico. Em um primeiro momento, foi executado um estudo de bibliografia ligada ao mercado de trabalho, ao futebol, à identidade, à sociedade contemporânea e a outras referências úteis ao desenvolvimento da tese; em um segundo momento, foram realizadas entrevistas com atletas de futebol profissionais “sem clubes” (que conseguiram e não conseguiram recolocação profissional digna pós-futebol).

Em relação ao trabalho empírico, foram realizadas entrevistas de história de vida com 30 indivíduos.¹³ Desses, foram selecionados seis participantes (cujos extratos são apresentados no capítulo 2) e, por fim, foram escolhidos 2 (dois) sujeitos considerados emblemáticos. O foco recaiu sobre adultos com idade entre 25 e 35 anos, fora do mercado do futebol por um período de no mínimo 1 (um) ano, com a exclusão motivada por diferentes fatores e que no decorrer de suas vidas foram sempre “alimentados” pelo sonho de conquistar seu espaço no mundo por meio da profissão de jogador de futebol.¹⁴

Sabe-se que não é possível abordar de forma ampla – pelo menos, em um estudo como o realizado – todo o cenário do desemprego de atletas no futebol brasileiro, que atinge muitos estados e cidades. Em função disso, optou-se por focalizar o estudo em atletas desempregados da região metropolitana de São Paulo, que é considerada uma “mina” de emprego no país e é foco também de muitos atletas, pois possui um dos mais disputados

¹³ No entanto, foram evidenciadas na tese, de forma complementar, histórias de vida de ex-atletas de futebol profissionais detectadas nos mais diversos veículos de comunicação.

¹⁴ Isso implicou também o conhecimento da realidade vigente na localidade onde a pessoa estava inserida, assim como foram valorizadas as informações sobre sua família e seus laços sociais.

campeonatos estaduais, e é tido por muitos como uma “vitrine” para os times grandes do Brasil e do mundo. Para tanto, foram selecionados, em um primeiro momento, atletas desempregados que participavam de treinamentos com o objetivo de facilitar a recolocação no mercado. Os trabalhos eram desenvolvidos por preparadores físicos e técnicos de futebol que se colocaram à disposição para ajudar a pesquisa, principalmente por terem conhecimento de diversos casos que se identificam com o estudo.¹⁵ Porém, no decorrer da pesquisa, com o contato de demais profissionais envolvidos com o futebol, chegou-se aos dois casos que foram trabalhados com mais qualidade. Foram selecionados trechos das entrevistas dos ex-atletas Eduardo e Felipe merecedores de destaque (não houve necessidade de dispor todo o conteúdo coletado).

Visando aos cuidados éticos necessários à realização de uma pesquisa desta natureza, foram adotadas as normas do Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e da Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde sobre Pesquisas Envolvendo seres Humanos. No momento em que foram entregues aos participantes da pesquisa os Termos de Consentimento, que foram feitos em duas vias, foram explicitados os objetivos da pesquisa, o tipo de participação do indivíduo (o procedimento envolvido, o objetivo, do uso do gravador etc.), a garantia do sigilo e de que todos teriam uma devolutiva, se quisessem (a maioria quis), com o resultado da pesquisa.

Acrescenta-se que as imbricações entre o trabalho teórico e a pesquisa de campo e, conseqüentemente, a análise das histórias de vida dos entrevistados permitem traçar uma linha com os aspectos representativos que vão constituindo a identidade dos indivíduos; possibilitam, também, a visualização dos processos de formação, socialização e individuação e de como as questões estruturais, as orientações ideológicas, sociais e institucionais estão vinculadas às personalidades dos atletas desempregados.

Por fim, a pesquisa desenvolve fundamentos para a ampliação da proposta teórica sobre a questão da identidade como metamorfose em busca de emancipação¹⁶ e propicia espaços de reflexão e debate acerca da profissão

¹⁵ Vale ressaltar que o leque de opções era (é!) grande, pois no “mundo da várzea” também não é difícil encontrar casos que se ajustem com a tese construída.

¹⁶ Como citado, o conceito será desenvolvido no decorrer da tese.

e da formação do atleta de futebol profissional, especialmente daqueles que lutaram, porém, em algum momento se perceberam na margem do espetáculo, não concretizando o seu sonho.

Desse modo, como forma de desenvolvimento, a tese foi dividida em cinco capítulos. No **Capítulo 1**, denominado ***Preparando o Gramado***, há uma contextualização do funcionamento do futebol em diversas facetas sociais, sempre tendo como pano de fundo a Psicologia Social, e em conexão com teorias e abordagens que permitem o empreendimento de fundamentações que possibilitam uma leitura crítica do “maior espetáculo da terra”.

No **Capítulo 2**, intitulado ***A Carreira Profissional de Atleta de Futebol***, há uma exploração de muitas das situações que perpassam a vida dos atletas de futebol (iniciantes, amadores, profissionais e “sem clubes”) que buscam o sonho que na maioria das vezes não se realiza. O exame sempre é empreendido valorizando as histórias de vida dos indivíduos.

No **Capítulo 3**, ***História de Vida: Possibilidades de Interpretações e Análises***, um cenário é montado e nele é evidenciada a importância de o estudo ser realizado na área da Psicologia Social, valorizando o conceito Identidade, e salientando o método da análise de histórias de vida como uma forma de produzir conhecimento.

No **Capítulo 4**, intitulado ***Síntese dos Resultados***, é apresentado um panorama, a partir de extratos das histórias de vida trazidas no decorrer da tese, assim como de outros elementos importantes detectados, com as principais propensões que os atletas de futebol vislumbram quando são excluídos do mercado do futebol.

Enfim, no **Capítulo 5**, denominado ***Afinal, o que se pode ponderar?*** (exposto antes da conclusão), são elucidados os principais aspectos que foram percebidos como significativos no suceder do trabalho. A partir de uma análise pontual dos capítulos 1, 2, 3 e 4, são tecidos comentários que visam entrecruzar as informações pertinentes ao objeto de pesquisa.

1 – PREPARANDO O GRAMADO

"Sei que a carreira de jogador é muito curta e preciso pensar em meu futuro desde já. (...) Cursei mais da metade da faculdade de Educação Física, mas tive que trancar por causa das muitas viagens e mudanças de cidade. Pretendo fazer as matérias que faltam e, estudando de forma séria, conseguir o diploma" (Fahel, atleta do Botafogo – Globo Esporte, 23 de dezembro de 2008).

1.1 – Considerações preliminares

A fim de facilitar a visualização do tema, dividiu-se este capítulo em três itens, subdivididos em tópicos. Neles, pretende-se discorrer sobre aspectos representativos do futebol, considerado por muitas pessoas no Brasil como uma forma de ascensão social, tendo como perspectiva a Psicologia Social Crítica. No primeiro item apresenta-se uma análise da atividade futebol, procurando mostrar, de forma objetiva, que o ambiente não é democrático e que há pouco espaço para que este regime seja implantado. Localiza-se, também, o futebol na *Sociedade do Espetáculo* e como ele acabou se tornando um produto da *Indústria Cultural*.

O segundo item trata de um assunto muito importante para o trabalho: evidencia-se o ambiente de risco que é o futebol profissional, tecendo considerações sobre a *Sociedade de Risco*, mostrando sua verdadeira localização social e, numa configuração abrangente, contextualiza-se o futebol dentro do ambiente esportivo, que também é de risco.

No terceiro item a Psicologia do Futebol entra em cena. Numa representação crítica, uma análise sobre o início, a manutenção e o término da carreira esportiva de futebolistas se transparecerá tendo como pano de fundo a Psicologia do Esporte (da base ao alto nível), pois todas essas etapas requerem grandes ajustamentos emocionais, sociais e profissionais. No entanto, é dada ênfase aos aspectos que permeiam a vida dos atletas “sem-clubes”, estes que estão especificamente sob o nosso olhar. Aponta-se, como diriam os apologistas deste esporte, as luzes para o “maior espetáculo da

terra”, mas com a peculiaridade de deter-se a alguns momentos importantes da trajetória de indivíduos que não fazem mais parte do show.¹⁷

1.2 – O mundo encantado do futebol não é tão encantado como parece

Não é necessário fazer muito esforço para perceber que o ambiente do futebol não é um ambiente dos mais democráticos.¹⁸ A título de exemplo, pode-se recorrer a um artigo do advogado Antônio Cláudio Mariz de Oliveira, publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 17 de julho de 2010, uma semana após o término da Copa do Mundo realizada na África do Sul, cujo título é “*Democratização do Futebol*”. Para o autor, com a ressaca provocada pela derrota do Brasil na competição,¹⁹ seria necessária uma reflexão, seguida de atitudes concretas com o objetivo de fornecer uma melhor perspectiva para o futuro. Essa reflexão não está ligada aos aspectos táticos, técnicos, aos critérios de convocação, nem à disciplina dos selecionados, mas sim ao absurdo e incompreensível autoritarismo que domina o futebol brasileiro – regime ditatorial que também ocorre em outros países e na FIFA. Segundo Oliveira, deveríamos e deveremos dar o exemplo da democratização mundial do futebol, pois ele é um dos valores mais estimados, respeitados e cultuados que possuímos no país.

Oliveira (2010) destaca que um dos preceitos basilares da democracia é a alternância no poder, e a primeira grande anomalia que se vê no chamado esporte bretão é exatamente a possibilidade de seus dirigentes se perpetuarem no poder. Diz, também, que

A Constituição, lei suprema, limita os mandatos dos chefes do Executivo a duas eleições consecutivas, uma reeleição. E enquanto as eleições para prefeito, governador e presidente da República são diretas, as dos senhores do futebol são indiretas. Ou melhor, são, em vários casos, um arremedo de eleições. Os conchavos, acertos de bastidores, barganhas de toda espécie determinam aqueles que mandarão no futebol (Oliveira, 2010, p. 2).

¹⁷ Neste capítulo, em princípio, realiza-se uma análise geral. A partir do segundo capítulo, o foco será mais restrito.

¹⁸ Pelo menos não o é no sentido em que a tese se direciona, pois a possibilidade de uma equipe iniciar o jogo a cada tempo, assim como escolher o lado que quer começar a partida; mesmo o mando de campo alternado e também a regra que permite o recomeço do jogo pela equipe que acaba de sofrer um gol, pode-se configurar como ações democráticas.

¹⁹ A seleção espanhola foi campeã e a “Seleção do Dunga” não passou das quartas de finais.

Percebe-se, então, que o futebol destoa das demais instituições da pátria. Aliás, Oliveira (2010) postula o futebol como uma instituição nacional, pois, entre outras características, instituição é uma estrutura material e humana que serve à realização de ações de interesse social e coletivo. Destaca, e isso é muito importante no sentido de localizar socialmente o futebol, que poucas coisas na vida nacional despertam mais o interesse social do que esta modalidade esportiva. Para o autor, trata-se não de um costume ou hábito, mas de uma atividade que despertou uma paixão sedimentada no curso de aproximadamente um século e está incorporada no Estado brasileiro e ao seu povo.

Oliveira (2010) argumenta que qualquer instituição pública ou particular, com finalidades das mais diversas, alterna os seus dirigentes, que são escolhidos por meio de eleições das quais participam os seus integrantes. Para ele, outro aspecto benéfico da democracia é a transparência. E, conforme esse autor, nesse ponto reside outra anomalia do futebol, pois

Uma das instituições menos transparentes que se conhecem é a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), que comanda o futebol brasileiro. Essa falta de transparência é consequência da própria falta de alternância no poder e da ausência do povo na escolha de seus dirigentes. Como estes não dependem do voto direto e sabem que poderão permanecer indefinidamente em seus cargos, não se preocupam e não se sentem obrigados, nem sequer por interesse, a dar satisfação de seus atos, de sua gestão e de suas decisões. Agem rigorosamente como tiranos, que têm o poder absoluto sobre os seus súditos (Oliveira, 2010, p. 2).

Ainda para o autor, os torcedores – grande maioria do povo brasileiro – ficam à margem do processo decisório, à mercê dos detentores do poder, que não é por eles (o povo) legitimado. Ao povo resta a alegria ou a tristeza, nada mais. Seus sentimentos são desconsiderados; sentimentos nobres que não são os mesmos que movem os dirigentes. Na verdade, e isso é muito sério, o sentimento popular é transformado em mero objeto mercantil. Por fim, Oliveira (2010, p. 2) faz algumas indagações:

Seria demais postular eleições diretas para a presidência da CBF? Lembre-se que o Código Civil já determina que os associados escolham os dirigentes dos clubes. Seria excesso outorgar ao povo o direito de escolher o técnico da seleção? Ou até os jogadores que a integrarão? É claro que os obstáculos de ordem prática podem impedir a adoção da democracia plena,

em que o povo decide tudo. É, no entanto, imprescindível que o futebol receba os benfazejos ventos democráticos, que com certeza lhe trarão novos e saudáveis ares que purificarão a grande paixão da Nação brasileira.

A análise empreendida por Oliveira permite uma leitura de um mundo do futebol em que a justiça²⁰ passa longe. Isso é real e, para elucidar a questão, o filósofo alemão Jürgen Habermas, em seu livro *A Inclusão do Outro: Estudos da Teoria Política* (2007), traz alguns elementos que colaboram com o tema. Segundo o autor, “*alguma ordem é justa, ou boa no sentido moral, quando satisfaz uniformemente os interesses de seus participantes*” (Habermas, 2007, p. 27). Ora, não é isso que é percebido quando o assunto em pauta é o “esporte das multidões”: a situação é grave e tende a se tornar gravíssima na medida em que não há espaço que possibilite debates que problematizem as ações das instituições que comandam o futebol. Vale destacar que o torcedor deveria participar de forma mais efetiva nessas comunicações porque cresceram dentro dessa cultura; porque foram socializados tendo como referência o futebol e não estão imunes às radiações dele. Sobre a participação pública no processo de legitimação de instituições, Habermas (2007, pp. 60-61) salienta que

Uma norma só é válida quando as consequências presumíveis e os efeitos secundários para os interesses específicos e para as orientações valorativas de *cada um*, decorrentes do cumprimento geral desta mesma norma, podem ser aceitos sem coação por *todos* os atingidos em *conjunto*. A suposição de que a concorrência pode conduzir a resultados “racionalmente aceitáveis” e “convincentes” funda-se sobre a força de convencimento dos próprios argumentos. E também o que conta como argumento bom ou ruim pode perfeitamente ser posto em discussão. Por isso a aceitabilidade racional de uma asserção apóia-se afinal sobre as razões ligadas a determinadas qualidades do próprio processo argumentativo.

Habermas menciona quatro mais importantes:

1 – ninguém que possa dar uma contribuição relevante pode ser excluído da participação; 2 – a todos se dará a mesma chance de dar contribuições; 3 – os participantes devem pensar aquilo que dizem; 4 – a comunicação deve ser isenta de coações internas ou externas, de tal forma que os posicionamentos de “sim” e “não” ante reivindicações de validação

²⁰ Habermas compreende justiça como aquilo que é igualmente bom para todos; essa compreensão dialoga com o entendimento proposto na tese.

criticáveis sejam motivados tão-somente pela força do convencimento das melhores razões. Se cada um que se envolver em uma argumentação tiver de fazer ao menos essas pressuposições pragmáticas, então nos discursos práticos, por causa do caráter público e inserção de todos os envolvidos e por causa da igualdade de direitos de comunicação para todos os participantes, só poderão ter espaços as razões que levam em conta, de forma equânime, os interesses e as orientações de valor de cada um; e por causa da ausência de engano e coação, só poderão ser decisivas as razões para o assentimento de uma norma discutível. Sob a premissa de uma orientação segundo o acordo mútuo, presumida reciprocamente em todos os envolvidos, essa aceitação “não coativa” só pode dar-se “em comum”.

Habermas (2007) também destaca que o conceito pleno de autonomia fica reservado aos cidadãos que já vivem sob as instituições de uma sociedade bem ordenada. Entretanto, essa não é a realidade de nosso país, é claro, de ordem, pode-se falar pouco por aqui. Pelo fato de os cidadãos não poderem entender a Constituição como projeto, o uso público da razão não tem o sentido de um exercício atual de autonomia política, mas serve tão somente à manutenção pacífica da estabilidade política (em todas as suas esferas). Aliás, *“os cidadãos são politicamente autônomos tão-somente quando podem compreender-se em conjunto como autores das leis às quais se submetem como destinatários”* (Habermas, 2007, pp. 88-90). Isso também está distante de acontecer, principalmente no ambiente do futebol, pois falta mais criticidade nas abordagens tecidas sobre ele – das arquibancadas ao meio acadêmico. Assim, a dificuldade de estabelecimento de uma política mais eficiente, torna o caminho de um futebol mais transparente extremamente dificultoso.

Segundo Habermas (2007), autonomia é dizer que é livre quem assume a autoria de sua própria vida. Porém, quando o indivíduo vive à mercê das regras impostas, dos resultados, das emoções que o futebol proporciona à sua vida, sem espaço para reflexões e argumentações, ele deixa de ser responsável pela sua própria vida, pois acaba apenas respondendo àquilo que impele sua ação; reproduzindo o que lhe é empurrado goela abaixo.²¹ Ao ressaltar que *“a tarefa do processo democrático é definir sempre de novo e desde o início os limites precários entre o público e o privado, de modo a que se garantam liberdades iguais a todos os cidadãos, sob as formas tanto de autonomia privada quanto de autonomia pública”* (Habermas, 2007, p. 122-124), sugere a esta tese que visualizar a democratização do futebol pode ser

²¹ Esse assunto será abordado de maneira mais elaborada à frente, realizando, também, aproximações com nossos sujeitos de pesquisa.

considerado, ainda, utópico. Nota-se, afinal, que Habermas (2007, pp. 332-333) não confia

Por exemplo, que nos dias de hoje os Estados ainda possam manter a obrigatoriedade universal do serviço militar, ou seja, que possam exigir que determinados grupos (do sexo masculino) em uma faixa etária específica que ponham suas vidas à disposição, em prol da pátria. (...) O direito legítimo é, ao mesmo tempo, uma realização dos direitos universais e uma expressão de autocompreensões e formas de vidas particulares e, a aceitabilidade ou legitimidade, só podem ser tematizadas sob ambos os aspectos: o justo e o bom. (...) Há necessidade de formas de vidas coexistirem em igualdade de condições com outras subculturas. A partir da visão ético-existencial de um projeto de vida pessoal, “justiça” está entre os valores que podem ser ponderados em relação a valores diversos, até mesmo precedentes, até quando já se tem claro que a práxis que se privilegia deve satisfazer os parâmetros da justiça.

Há lacunas no Estado que impossibilitam a configuração de uma democracia; nas entidades que comandam o futebol, como se percebeu nos parágrafos expostos, as lacunas são ainda maiores. Nos clubes, como veremos a partir de agora, a situação não é diferente: o que é justo e bom, na maioria das vezes, não é o que se configura.

1.2.1 – Velhos clubes, velhos problemas

Realizar uma análise sobre o futebol sem ser contaminado pelo impacto que este grande espetáculo²² traz à vida das pessoas, sejam elas amantes ou não do futebol, é algo que existe em escala bem reduzida, não somente em nosso país, mas também em outros cantos do mundo. Relatou-se, anteriormente, que não se pode confiar nas lideranças que controlam as entidades do futebol. Os motivos são claros e, acrescenta-se, que enquanto o futebol está na falência, a FIFA e a CBF, nadam em ouro. O mundo do futebol evidentemente não é aquele que parece: a situação dos clubes não está ruim apenas no Brasil, onde as dificuldades financeiras há muito tempo não representam uma novidade, mas também na Europa. Segundo Manso (2010, pp. 83-84),

Se as sociedades futebolísticas européias passam por situações penosas,

²² Adiante, o conceito espetáculo será analisado com ênfase especial.

os donos do primeiro motor do futebol, ou seja, os chefões da FIFA, nunca foram tão ricos. Segundo a interpretação do jornalista investigativo britânico Andrew Jennings a estrutura da FIFA é comparável àquela de uma organização mafiosa. “Quando se analisa a definição acadêmica do crime organizado, há sempre um líder forte, o compromisso de usar sistemas ilícitos e criminais para produzir dinheiro e uma forte proteção”. O líder forte antes era João Havelange e hoje é Joseph Blatter, que foi o melhor aluno do antecessor. O sistema de lavagem de dinheiro para dispensar propinas foi garantido pela ISL, explica Jennings, a sociedade que nos anos 90 geria marketing e direitos de tevê por conta da FIFA.

Os fatos citados, por si sós, seriam objeto de estudo de uma tese; são importantes e por isso lhes foi dado destaque.²³ Agora, entrando especificamente nas questões referentes aos clubes, destaca-se que o arraigado vício de gastar mais do que se pode para montar equipes competitivas está afundando as principais agremiações em dívidas. Aliás, *“mesmo com um cenário econômico mais favorável que o europeu, nos últimos três anos, o endividamento dos times cresceu 31%”* (Manso, 2010, p. 88).

Segundo Luiz Gonzaga Belluzzo, economista e presidente da Sociedade Esportiva Palmeiras até janeiro de 2011, *“os clubes precisam encontrar uma forma de barrar a competição predatória, eventualmente fixando tetos salariais, como fazem as ligas esportivas nos EUA”* (Manso, 2010, p. 88). A propósito dessa questão, ressalta-se o fato de a maioria das agremiações investir uma quantia superior à capacidade de arrecadação. Desse modo, como uma forma de resolver o problema, a matemática seria simples: para ter equilíbrio, é necessário aumentar receitas ou reduzir gastos. Porém, esse perfil econômico não se enquadra na lógica que permeia o futebol, em que os clubes sobrevivem na dependência da venda de jogadores. Poucos são os que conseguem uma boa arrecadação, por exemplo, com a exploração da imagem ou com um patrocinador de grande porte. Segundo Manso (2010, pp. 88-89),

Diante da escassez de recursos, muitos clubes têm apostado em parcerias com empresa que agenciam jogadores. O clube ganha ao montar elencos mais fortes e o parceiro, com a vitrine que valoriza os atletas. Especialistas

²³ Entre muitos, há dois artigos interessantes sobre o tema: MANSO, P. Os donos da bola. Revista Carta Capital. São Paulo: Ed. Confiança, ano xv, nº 602. 30 de junho de 2010 / TAVARES, F. A ginga perfeita dos donos da bola. O Estado de São Paulo. 27 de junho de 2010. J 4. As duas publicações contam com a participação do jornalista inglês Andrew Jennings e dá-se ênfase aos casos de corrupção que o autor apurou em três livros sobre o Comitê Olímpico Internacional (COI) e outro sobre a Federação Internacional de Futebol (FIFA). Jennings é o único jornalista do mundo banido das coletivas da entidade desde 2003.

criticam, porém, a dependência provocada por esse modelo, além da baixa participação que os clubes costumam ter na transferência. (...) De nada adiantará a renegociação das dívidas caso os clubes mantenham a estrutura amadora de gestão.

Com efeito, a estrutura amadora de gestão, que possibilita postos importantíssimos a voluntários ou a algum politiqueiro, ou mesmo a um torcedor com influência midiática ou detentor de bens valiosos e que não tem, na maioria das vezes, competência para o exercício proposto – é evidente, onde há política, há interesses –, não contribui de forma negativa apenas ao setor que este indivíduo é direcionado para desempenhar sua função, mas compromete todo o trabalho. Melhor explicando, um atleta de categoria de base sem uma estrutura de formação adequada pode ter o mesmo efeito devastador do que uma parceria realizada de forma precipitada, pensando, é claro, em uma perspectiva futura.²⁴

É preciso afirmar, no entanto, que a problemática é muito maior. Além da estrutura amadora existente na maioria dos clubes de futebol, a corrupção também permeia o ambiente. Nesse quesito, entrelaçam-se dirigentes amadores e profissionais, que na busca de garantir um dinheiro a mais em seus bolsos, são capazes de fazer qualquer coisa. A parceria Corinthians – MSI é um exemplo, entre muitos outros. Há seis anos, no final de 2004, um obscuro executivo iraniano radicado em Londres se transformou no grande ídolo da segunda maior torcida do país. O dinheiro que Kia Joorabchian despejou no Corinthians rendeu um time de estrelas e um título importante. Os corintianos se acostumaram a gritar seu nome nas arquibancadas, consagrando o cartola. Três anos depois, porém, Kia passava de herói a vilão do Corinthians, pois as investigações da Polícia Federal e do Ministério Público revelaram que os negócios da MSI eram irregulares.

Para recordar, em síntese, a investigação da PF descobriu que havia lavagem de dinheiro e que ela provinha do pagamento de salários de jogadores em contas no exterior, além do fechamento de negócios com empresas

²⁴ Um investimento sério na formação de atletas, tendo como foco a construção do indivíduo na sua integralidade, não se limitando apenas à prática da modalidade, pode ser uma saída interessante quando o assunto em questão é a aquisição de jogadores (mais informações adiante). A parceria é outra alternativa, mas os rompimentos são sempre dolorosos e acabam na justiça.

prestadoras de serviços fantasmas. Estavam incluídas nesse esquema as viagens do presidente do clube alvinegro na época, Alberto Dualib, à sede da MSI, em Londres, objetivando se reunir com os sócios ocultos da parceria corintiana para trazer recursos de origem duvidosa para o clube. Nessas viagens, ele chegou a gastar, inclusive, o absurdo de R\$ 500 milhões dos cofres do clube.

Esse foi um dos maiores escândalos do esporte brasileiro e, infelizmente, pode-se inferir que há muito por vir. Na proximidade da realização de uma Copa do Mundo, os “lobos” devem estar babando somente em pensar no montante em dinheiro que entrará nos cofres, bolsos e caixas dois; com o dinheiro que será investido nas obras, investido pelos patrocinadores e outros mais, muita gente ficará contente. Porém, no universo dos jogadores de futebol o dinheiro não chegará, ou chegará de forma digna apenas para uma minoria. Futebol, esporte que passa a ilusão de que é possível ascender socialmente por meio de sua prática profissional.²⁵

Enfim, salienta-se que o futebol é o grande negócio do século – do passado e deste também –, uma verdadeira bolsa de apostas, sendo que a aposta está na formação de bons atletas que possibilitem um bom retorno financeiro. Há, é verdade, muito investimento na formação de atletas, mas não de maneira adequada. Aliás, há mais investimento no futebol do que em outros esportes, do que na educação, do que na saúde; os números estão aí. Na sociedade de risco,²⁶ pode-se até descaracterizar o futebol do mundo dos esportes, pois ele tem mais evidência, uma identidade *sui generis*, que faz com que esteja acima de qualquer outro espetáculo. “*O mundo não para, para o campeonato mundial de vôlei; para, para os jogos olímpicos, numa outra natureza, natureza das nações; mas para, para o futebol, que é um grande espetáculo*” (Machado, 2010, comunicação pessoal).

²⁵ “Isso não é diferente da maneira como as universidades se comportam frente aos seus graduandos. Por exemplo, ela pode dizer que o aluno vai ser um pesquisador em história, mas a bem da verdade, no máximo o indivíduo vai se tornar um professor de história. No futebol acontece a mesma coisa. O indivíduo é iludido que se tornará um grande atleta e que, a partir daí, todos os seus problemas estarão resolvidos. Ora, apenas a menor parte, uma margem bem pequena, diante das circunstâncias do ambiente, consegue se ascender socialmente” (Sass, 2010, comunicação pessoal).

²⁶ O conceito será explorado no decorrer da escrita.

1.2.2 – Se está na tela, é verdade, é bom: quero isso para mim e para os meus!

Segundo Reis (2006), a prática de assistir a jogos de futebol profissional em estádios tornou-se, no final do século XX, uma das principais atividades de lazer de grande parte da população ocidental. Ainda para a Reis (2006, p. 14),

O futebol como espetáculo e/ou mercadoria tornou-se um tema de estudo para sociólogos, antropólogos, economistas, advogados, principalmente na Europa. Além do interesse despertado no âmbito universitário, o futebol conquistou um número de empresários nacionais e internacionais que viram nos produtos futebolísticos um grande negócio. Os principais ramos empresariais relacionados com o futebol são os de hotelaria, o de publicidade, o de TVs pagas e o de transportes terrestres e aéreos, que são os principais responsáveis pelos deslocamentos dos protagonistas do espetáculo esportivo, de seus especialistas e dos admiradores que costumam viajar para assistir às partidas de futebol.

Sem sombra de dúvidas, o futebol é um dos maiores espetáculos da terra e, voltando um pouco ao tempo, tendo como pauta o futebol tupiniquim, o advento do rádio na década de 1930 fez com que esse esporte fosse cada vez mais divulgado. A popularização do futebol vai continuando a todo vapor; as transmissões televisionadas, que se expandiram nos anos 1970, com um volume ainda muito maior em 1990, e a primeira Copa do Mundo a ser transmitida pela internet, em 2002, começaram a atingir um público imenso e, de uma certa forma, “colocava todo mundo dentro do estádio”. A globalização, de fato, atingiu em cheio o futebol. Pode-se perceber que alguns poucos clubes dominam o cenário; poucos são os que atraem boa parte dos torcedores de todo o mundo. Isso parece corroborado por dados empíricos: o esvaziamento dos estádios, o aumento do número de amistosos e o enfraquecimento das competições regionais. Porém, o espetáculo não para de crescer: com uma linguagem própria e instigante, os veículos de comunicação prendem a atenção do adepto por meio de uma narrativa própria e cheia de apelos emocionais.²⁷

O futebol é um espetáculo e um grande negócio. Recorre-se, assim, a Adorno e Horkheimer (1985) para afirmar que na Indústria Cultural tudo se torna negócio. Como negócio, seus fins comerciais são realizados por meio de sistemática e programada exploração de bens considerados culturais. Um

²⁷ A título de exemplo, “o torcedor de radinho” tem sempre a sensação de que o gol não saiu por um triz, enquanto a bola sai pela linha lateral.

exemplo disso, dirão eles, é o cinema – no nosso caso, cabe a aproximação com uma partida, importante, de futebol. O que antes era um mecanismo de lazer, ou seja, uma arte, agora se tornou um meio eficaz de manipulação.

Segundo Mead (1896), em um artigo em que ele escreveu sobre as escolas elementares de Chicago, e que surgiu das discussões que aconteciam na câmara de vereadores (reuniões que tinham como objetivo, entre outros, de desenvolver as propostas educacionais anuais, sendo psicologia e educação alguns dos temas), é possível, a rigor, identificar três atividades essenciais do homem: a arte, o trabalho e o jogo (game). A arte e jogo (game) são atividades sem fim; a arte não tem uma finalidade. Ela é convertida em mercadoria; como dito, os frankfurtianos mostraram isso pela análise da Indústria Cultural. Então, a finalidade do jogo, segundo George Mead, tal como a arte, mas diferindo dela, é a própria atividade; é a dominação da regra. Para Reis (2006, p. 15),

Os jogadores, obedecendo voluntariamente a regras previamente estipuladas e compartilhadas, realizam ações, executam movimentos que se esgotam em si mesmos. O jogo é puro desfrute, pura gratuidade, simples exercício de liberdade, a forma mais emblemática de ocupação de tempo livre. (...) Uma partida de futebol bem jogada é puro deleite, tanto para os que jogam como para os que contemplam. Quem não se encanta com a beleza das triangulações, dos passes perfeitos de precisão cirúrgica culminado no lançamento que traça uma curva parabólica alcançando o atacante que, em elegante boleio, muda a direção da bola fazendo-a balançar a rede adversária para delírio da torcida.

Entretanto, o funcionamento do futebol da maneira como foi considerado acima, vai se transformando e não pode ser apenas percebido como um fenômeno que encanta as multidões. Com o tempo, ele vai se configurando como uma mercadoria (um grande negócio). Aliás, a mercadoria mais rentável do lazer esportivo; a mais importante da Indústria Cultural que, é verdade, traz consigo todos os elementos característicos do mundo industrial moderno e nele exerce um papel específico, o de portadora da ideologia dominante, a qual outorga sentido a todo o sistema.

Nesse sentido, segundo Adorno e Horkheimer (1985), torna-se clara a grande intenção da Indústria Cultural: obscurecer a percepção de todas as pessoas. Ela é a própria ideologia. Os valores passam a ser regidos por ela. Até mesmo a felicidade do indivíduo é influenciada e condicionada por essa cultura. Ora, qualquer dia seguinte após a vitória de seu time, que seja por 1 x

O, em um jogo sem muita importância, faz o torcedor feliz. Então, é importante frisar que a grande força da Indústria Cultural reside em proporcionar ao homem necessidades. Não, porém, aquelas necessidades básicas para se viver dignamente (casa, comida, lazer, educação, e assim por diante) e sim, as necessidades do sistema vigente (consumir incessantemente). A propósito, mesmo sem ter pão ou emprego, muitos torcedores dão um jeito de bater sua bolinha ou de assistir aos jogos do time do coração; ele sempre encontra uma maneira de consumir o espetáculo futebol e seus produtos derivados (salve, as camisas, os agasalhos, os bonés, entre outros souvenirs). Com isso, o consumidor viverá sempre insatisfeito, querendo, constantemente, consumir, e o campo de consumo se torna cada vez maior. Aliás, vale destacar que todas as tentativas de se livrar desse engodo estão condenadas ao fracasso.

Entre muitos aspectos relevantes identificados por Adorno e Horkheimer (1985) na análise empreendida sobre a Indústria Cultural, ressalta-se, na abordagem dos autores, que o cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade é que não passam de um negócio, essa indústria os utilizam como ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente ela produz. Esses meios se definem a si mesmo como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos. E os consumidores? Estes são reduzidos a um simples material estatístico que são distribuídos nos mapas de institutos de pesquisas.²⁸ Os autores salientam, também, que a Indústria Cultural acaba por colocar a imitação como algo absoluto – quem não quer ser igual ao ídolo? E, para isso, fazem de tudo, pois, ao contrário, não farão parte do sistema.²⁹

Finalmente, para os autores, o culto dos astros do cinema – e do futebol, no caso específico do Brasil – tem como complemento da celebridade o mecanismo social que nivela tudo o que chama a atenção. Os astros são

²⁸ Um exemplo da potência midiática que é futebol, e das estatísticas citadas, foram presenciadas no dia 05 de agosto de 2010. Enquanto a Rede Globo de Televisão transmitia uma partida das semifinais da Copa Libertadores da América (Internacional x São Paulo), na Rede Bandeirantes de Televisão ocorria o primeiro debate entre os candidatos à presidente do Brasil. A audiência do jogo foi absurdamente maior do que a do debate.

²⁹ Não basta, para o indivíduo, utilizar para a prática do futebol um par de chuteiras, um par de meias, um calção e uma camisa qualquer. É necessário utilizar os artefatos produzidos pelas grandes marcas e que patrocinam – e vestem – as grandes estrelas. Ou então, a ação não terá seu verdadeiro significado.

apenas os moldes para uma indústria de confecção de dimensões mundiais e para a tesoura da justiça legal e econômica, com a qual se eliminam as últimas pontas do fim da linha. E a propaganda? Ela manipula os Homens. Onde ela grita liberdade, ela se contradiz a si mesma: a falsidade é inseparável dela. Assim, diante dos fatos, e trazendo o esporte como um grande elemento da Indústria Cultural, percebe-se que falta espaço para que seja realizada uma análise crítica neste âmbito, e a função da teoria crítica seria justamente analisar a formação social em que esta barbárie se dá, revelando as raízes deste movimento – que não são acidentais – e descobrindo as condições para interferir em seu rumo. Para tanto, o essencial é pensar a sociedade e a educação em seu devir. Só assim seria possível uma alternativa que vislumbrasse a emancipação dos sujeitos.³⁰

Conclui-se, depois da singela análise de um dos conceitos cunhados por Adorno e Horkheimer, que grande parcela dos consumidores do futebol e, principalmente, dos atletas – e seus aspirantes – é vítima do “canto da sereia” da Indústria Cultural (ela que impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente). Aliás, para que possam continuar a ser percebidos na chamada sociedade do espetáculo, os produtos da Indústria Cultural necessitam ser expostos mediante estímulos cada vez mais agressivos, caso contrário correriam o sério risco de ser descartados antes do tempo necessário para serem comercializados. E é aí que mora o perigo: em frente da televisão, da internet, ou de qualquer outro veículo de comunicação, as pessoas absorvem as informações sem possibilidade de reflexão; compram um produto que já vem com o prazo de validade vencido. No nosso caso específico, espelham-se em “Ronaldos”, sem reconhecer que a maioria, com todo respeito, se tornam “Zés”.

Retoma-se, então, uma abordagem que visa à compreensão do fenômeno espetáculo.³¹ Destaca-se, que a palavra espetáculo surge da idéia de expectativa de espera, de “*spectare*”. O que espera? Espera-se que se verá, o que será mostrado. O espetáculo acontece num espaço e num tempo determinado, delimitado e especificado. Não exclui a possibilidade de enxergar

³⁰ Adorno aponta alguns caminhos para que isso ocorra em sua obra *Educação e Emancipação*, publicada em 1971, cujo alguns extratos serão abordados adiante.

³¹ Em minha dissertação de mestrado (Leme, 2005), aborda-se a noção de *Sociedade do Espectáculo*. Por este motivo, apenas será apresentado uma introdução sobre o seu conceito.

algo espetacular durante o caminho para o trabalho, ou repentinamente quando se vê um fenômeno da natureza. A palavra passou a ser usada para as mais diversas manifestações de coisas belas e inusitadas, ou apenas coisa que, de alguma maneira, causam a sensação de encantamento e de encontro com o sublime. Mas o encontro que se passa no espetáculo é sempre promovido algo externo ao indivíduo que o assiste, estabelecendo assim uma relação de passividade, de recebimento, de expectativa de uma das partes, enquanto a outra age criando um movimento; movimento esse que pode ser dos mais diversos.

Segundo Debord (2007), em toda a vida da sociedade moderna reina acumulação de espetáculo. Tudo que era antes vivido tornou-se representação. Apoiado em Feuerbach, diz que o nosso tempo prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser. Pode-se pensar que a questão não seja mais de preferências ou de escolhas: o mundo tornou-se o das representações, das imagens, das aparências. É impossível viver em um determinado local hoje e estar alheio aos acontecimentos e às informações expostas por meio de imagens e propagandas de como se deve viver: desde a fralda do nenê até a dentadura do idoso; desde o alimento até o corpo esculpido. Somos impedidos de viver longe do espetáculo pela enxurrada de imagens que se converteu a vida humana. E o futebol, afinal, está totalmente inserido neste contexto: não há um dia em que não haja uma mensagem espetacular sobre ele; desde o atleta que quebrou a unha, ou está meio “gordinho”, até o acusado de assassinato.

A propósito dessa questão, Debord (2007) sustenta que as imagens que se destacaram ou que se destacam de cada aspecto da vida fundem-se em um fluxo comum, na qual a unidade dessa mesma vida já não pode ser estabelecida. A realidade cada vez mais parcial torna-se objeto de contemplação; viver é fazer parte do espetáculo. O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediadas por imagens. E ele tornou-se efetivamente a realidade que nos é apresentada; é o mundo que se objetivou. Considerando isso, o espetáculo é ao mesmo tempo, o resultado e o projeto do modo de produção existente no mundo. Adquire formas específicas como a propaganda, a publicidade, a informação, os movimentos cibernéticos e faz parte da constituição do modelo atual da

sociedade. O espetáculo inverte o real, que se torna um produto a ser contemplado; a realidade surge no espetáculo e o espetáculo é real. Produz-se então uma forma de alienação recíproca,³² em que o espetáculo se torna produtor de sentidos para a realidade. Emprego de sentidos principalmente devido à sua condição de tempo. Passa-se o tempo e o espectador vive tantos outros ali presentes na sua apresentação, que descreve formas de ser e de ter da própria existência do espectador. Seu mundo é transformado em imagens, e as imagens tornam-se eficientes para o “fazer ver”. O “fazer ver”, por diferentes mediações, coloca o sujeito como espectador de uma realidade e de um mundo que ele não pode tocar diretamente.³³

Nesse sentido, refere-se de maneira sutil ao conceito de risco, que será abordado adiante, pois, por sua vez, ele é entendido também como perigo ou ameaça objetiva, que é inevitavelmente mediado por processos culturais, históricos e sociais e não pode ser conhecido isoladamente de tais processos. Assim, toma-se como ponto de partida esse entendimento, e esclarece-se que não é possível separar, pelo menos no trabalho proposto, a sociedade de risco da sociedade do espetáculo. Nessa perspectiva, tais sociedades se entrelaçam, com efeitos sensíveis sobre a figura do “homem-atleta”, tanto dentro quanto fora do ambiente do futebol. Nota-se que, para poder pensar o risco como espetáculo no futebol, torna-se necessário dissecar algumas estruturas que aparentemente não estão evidentes, e o futebol é um espetáculo que de certa forma não se pode tocar. Remete a toda humanidade aos limites que nós, seres humanos, podemos vencer fisicamente, mas não se deixa tocar. Permanece ali, envolto nos estádios (e na “tela do diabo”), mostrando o poder que é a raiz do espetáculo. Mostra-se como uma representação da sociedade hierárquica em que alguns podem mais e outros podem menos.

Dessa maneira, se, por um lado, o futebol funciona como um possível

³² “A alienação se constitui num processo de perda de controle. No capitalismo perde-se a possibilidade de gerenciar racionalmente a economia tendo como base as necessidades da imensa maioria da sociedade, e não tomando como base a busca frenética de lucro para a pequena minoria dos empresários. Os trabalhadores, que são criadores da sociedade, de suas riquezas e seus valores, terminam submetidos pelo produto de seu próprio trabalho. Alienação é uma inversão, onde as coisas valem mais que o ser humano” (CEPIS, 1994, pp. 51-52).

³³ Acrescenta-se: não toca, mas é como tivesse tocado. “Perdemos” o gol, diz um torcedor quando o atacante de seu time perde um pênalti; o mesmo acontece quando o seu time aplica uma bela goleada: “metemos” de cinco a zero, sendo que ele não marcou nenhum gol.

amenizador psicológico de indivíduos mergulhados em uma crise crônica – em referência aos brasileiros –, por outro, pode ser uma tentativa real de escapar do “inferno em fogo brando” de todos os dias. Poucos aspirantes a craque, porém, conseguem chegar ao estrelato, “ao palco iluminado”. Para os que não chegam os riscos são maiores, pois eles voltam com menos preparo para a sociedade – para que serve um “perna-de-pau” sem outros talentos? Os que conseguem o êxito no futebol são *especiais*, mas não estão livres dos riscos. Tais riscos acompanham o atleta por toda a sua carreira, seja no ambiente do futebol, seja fora dele (em sua vida particular).³⁴

1.3 – Futebol: um esporte, um trabalho, uma atividade de alto risco

O filme *Linha de Passe*, dirigido por Walter Salles e Daniela Thomas – e que teve como uma de suas inspirações um documentário chamado *Futebol*, que aborda as “peneiras” em pequenos clubes –, mostra a cidade de São Paulo com 19 milhões de habitantes, 200 quilômetros diários de engarrafamento e 300 mil motoboys. No coração de uma das maiores metrópoles do mundo, quatro irmãos tentam reinventar suas vidas. Reginaldo, o mais novo, procura obstinadamente seu pai, que nunca conheceu. Dario, prestes a completar 18 anos, sonha com uma carreira como jogador de futebol profissional. Dinho, frentista em um posto de gasolina, busca na religião o refúgio para um passado obscuro. Dênis, o irmão mais velho, já é pai de um filho e ganha a vida como motoboy. No centro desta família está Cleusa, 42 anos, grávida do quinto filho. Ela trabalha duro como empregada doméstica enquanto luta para manter os filhos na linha. Para sobreviver à brutalidade de uma cidade onde as oportunidades se afunilam, eles só podem contar um com o outro.

No jargão do futebol, “linha de passe” define a troca de passes entre os jogadores de um time sem que a bola seja interceptada pelo adversário. O termo, que dá título ao filme, se encaixa perfeitamente na história narrada: todos têm de tocar a bola sem deixar que ela escape de seu controle. Vale ressaltar que o ambiente em que se dão os acontecimentos permite realizar

³⁴ “Quando se analisa na sociedade de risco o futebol, é necessário que a gente tenha claro para nós que o risco está muito além das induções que estão aí presentes (as situações são imprevisíveis); o fenômeno é muito grande... o espetáculo é muito grande e, o atleta, se perde no meio do espetáculo, ele pode até ‘não existir’” (Machado, 2010, Comunicação pessoal).

uma análise interessante sobre a realidade do cotidiano – de risco! –, pois evidencia a falta de oportunidade de emprego ou empregos precários, estudo limitado, lar desestruturado, desigualdade social, crise de identidade, entre outros fatores que permeiam o filme. Os diretores, críticos, porém, sem fazer julgamentos ou manipulações, mostram vidas cujas opções são limitadas ou quase inexistentes e não culpam a sociedade nem apresentam soluções para os problemas. *“Futebol é coletivo”*, diz o técnico numa das peneiras enfrentadas por Dario. Assim, o esporte, no filme, ganha status de metáfora da vida. Cleuza acompanha a queda do Corinthians para a segunda divisão no ano de 2007; sai frustrada e impotente dos jogos e o mesmo acontece em sua vida, sobre a qual não consegue ter controle, enquanto é achatada pela falta de esperança.

A essa altura, ressalta-se que o personagem Dario, que sonha em ser jogador de futebol e tem talento para isso, mas como se aproxima dos 18 anos, percebe que as suas chances de ingressar no futebol profissional vão ficando cada vez mais limitadas, contribui muito para a construção da tese. A linha do tempo do filme acompanha as diversas peneiras pelas quais Dario passa, enquanto a vida dos membros da família cozinha em fogo brando. Todos têm vontade de mudar, mas, aparentemente, sem poder de ação. Dario tem muito talento para o futebol, no entanto, é fominha demais com a bola e, por isso, nunca é escolhido nas seleções. Quando surge a oportunidade, ele tem de pagar uma propina para o técnico de um pequeno time para conseguir a chance de entrar em campo. Dario não tem o dinheiro, mas promete conseguir.

Num momento crucial de *“Linha de Passe”*, um personagem desesperado diz: *“Olha para mim”*. Em sua frase de múltiplas interpretações ecoa toda uma família, uma fatia da população em busca de uma vida mais digna. Dignidade para tocar a vida é o que muitos procuram; dignidade, a maioria nunca teve e possivelmente nunca terá. Reconhecimento, as pessoas também buscam, independentemente de sua função social; reconhecimento, a minoria tem e a maioria, não passará próximo dele. Dignidade e reconhecimento é o *canto da sereia* da Sociedade de Risco; risco que marca cada indivíduo no campo social e estraga a linha de passe... e a cada bola perdida, recuperá-la se torna mais difícil. Acrescenta-se que, viver numa era globalizada, significa enfrentar uma diversidade de situações de risco. Com

muita frequência precisa-se de ousadia, e não de cautela, para enfrentar os desconfortos do dia a dia. Afinal, uma das raízes etimológicas do termo “risk”, advinda das línguas ibéricas, é “ousar”.

1.3.1 – De risco em risco, o atleta (às vezes) enche o papo

Na elaboração desta tese, como frisado, é preciso analisar sistematicamente o conceito *risco*, porque quando se trata do espetáculo esportivo, “*não existe risco zero, já que sempre há possibilidade de ocorrerem danos seja contra bens, seja contra pessoas, quando existe uma multidão envolvida em um evento*” (Reis, 2006, p. 49). Para os atletas, os riscos também são grandes, pois eles estão em estado potencial de perigo por viverem expostos, podendo sofrer danos físicos (uma lesão grave ou uma doença pode encerrar precocemente uma carreira), psicológico (a falta de controle em um momento importante, ou a dificuldade em gerenciar sua carreira pode desestruturar o indivíduo) ou financeiro (em uma carreira considerada curta, qualquer perda pode comprometer toda projeção econômica do atleta). Lógico, outros riscos permeiam a sociedade e o ambiente do futebol, dependendo das circunstâncias em que os atletas se encontram.

Assim, para esclarecer o que seria uma *sociedade de risco*,³⁵ recorre-se a Ulrich Beck (1998). Segundo o autor, a produção social de riqueza vem acompanhada, sistematicamente, pela produção social de riscos. Portanto, problemas e conflitos de distribuição de riqueza da sociedade são substituídos por problemas e conflitos que surgem na produção, definição e distribuição dos riscos produzidos de maneira técnico-científica.

Os riscos intranquilizam continuamente as pessoas; esse desconforto é mais do que justificado, uma vez que os perigos nos espreitam ocultos em sombras como a do mercado de trabalho e da belicosidade de certos governantes afoitos em garantir a própria segurança e deixar os miseráveis “ao deus dará” (que leva, por exemplo, crianças às “guerrilhas de rua” das grandes cidades brasileiras e, evidentemente, a sonhar com uma carreira que pode ser promissora através do futebol – mero engano, pode-se afirmar). A arquitetura social e a dinâmica política das potências de autoameaça civilizatória se

³⁵ Apresentei na minha dissertação de mestrado, mais especificamente no capítulo 4, pp. 123 - 182, de maneira abrangente a teoria da sociedade de risco. Aqui faço uma síntese.

encontram aqui, no centro de atenção. Beck (1998) apresenta cinco de suas facetas:

1 – Os riscos da produção de substâncias nocivas e tóxicas presentes no ar, na água e nos alimentos, com consequências a curto e longo prazo para as plantas, os animais e os seres humanos;

2 – Os riscos da desigualdade social, reflexo de uma equivocada distribuição de renda, que causam um “efeito bumerangue” que afeta não apenas os que sofrem com a desigualdade, mas, também, seus promotores. Eles não só trazem riscos à saúde, mas também à convivência em um ambiente institucionalizado, uma vez que pervertem regramentos criados exatamente para a manutenção da paz social;

3 – Os riscos se expandem no mundo capitalista. Na modernização, eles se transformam, mesmo, em um *big business*. São necessidades dos “capitães de indústria”. A sociedade industrial produz a partir do aproveitamento econômico dos riscos por ela causados, das situações de perigo e do potencial político da sociedade de risco;

4 – O potencial de produção de riquezas afeta os riscos. Isto está designado civilizatoriamente, de maneira pragmática: na dita “sociedade de classes”, o ser determina a consciência; nas situações de perigo, a consciência determina o ser (é o famoso princípio do “salve-se quem puder!” ou do “não vai dar para todo mundo!”);

5 – Os riscos não afetam apenas as “grandes variáveis” da realidade, mas também têm efeitos econômicos e políticos secundários, como o desaquecimento da produção e do consumo, a hipertrofia estatal, a redução de expectativas de abertura de novos mercados, a existência de um *front* legislativo altamente regulador e de um número infinito de querelas jurídicas.

Isso posto, declara-se: a sociedade de risco é uma sociedade catastrófica. Nela, o estado de exceção ameaça se transformar no estado de normalidade. Em uma sociedade com esses traços seria racionalmente impossível (ou, talvez, possível apenas na ficção) prever quais seriam os novos riscos. A título de exemplo, um atleta pode até se recuperar de uma lesão e estar apto a jogar novamente, mas o rendimento pode não ser o mesmo e o caminho pode-se tornar difícil. Um atleta também pode conseguir ganhar muito dinheiro, mas o problema não se resolve apenas por este motivo, pois ele pode perder tudo se não souber investir de maneira correta.³⁶

É possível dizer que os riscos não se esgotam em consequências e danos passados, pontuais, mas avançam sobre o futuro. Esse componente

³⁶ Um dos ex-atletas entrevistado para a construção da tese revelou que comprou cinco apartamentos e, como ficou devendo algumas taxas, como IPTU e condomínio, entre outras, teve que se desfazer de dois para pagar as contas. Sua ex-mulher também ficou com um.

repousa tanto no prolongamento dos danos já visíveis quanto no estabelecimento de uma relação de dúvida a respeito do que poderá vir pela frente (em termos figurados, a coisa funciona como em um caso de transtorno obsessivo compulsivo, em que o indivíduo não consegue parar de se perguntar “E se?... E se?”). Assim, os riscos têm a ver, essencialmente, com a previsão, com “apocalipses” que ainda não chegaram, mas que, para todos os efeitos, são iminentes. Eles invadem o momento atual exatamente porque se constituem em representações de futuro – ao pintar o demônio que ainda não chegou, o pintor acaba olhando para (e sendo olhado por) seu pior pesadelo.

Conforme Beck (1998), a história da distribuição dos riscos mostra que eles, assim como as riquezas, seguem um esquema de classes. A proporção, porém (para variar), é inversa: as riquezas se acumulam em cima, os riscos, aos pés da pirâmide socioeconômica. A propósito dessa questão, quem detém mais poder detém, também, melhores possibilidades de segurança contra os riscos – o carro blindado, o helicóptero, o melhor hospital, a salvadora mala de dinheiro; os aliados do poder, por sua vez, se constituem na verdadeira “carne de canhão” dos riscos – enquanto o pão dos primeiros tem mais chances do que o normal de cair com a manteiga para cima (mais de 50%), o dos últimos há de seguir, com absoluta precisão, os ditames da chamada Lei de Murphy (que preconiza o tropeço como fatal, desde que haja uma única possibilidade de se enfiar o dedão numa pedra) e colar no chão.

Aprofundando o conceito, para o autor, o trato com os riscos resulta em muitas diferenciações, bem como em novos conflitos sociais. Isso já não segue o esquema da sociedade de classes. Surgem sobre o todo, e a réplica faz dos riscos a sociedade de mercado desenvolvida: os riscos já não são apenas riscos, mas também oportunidades de mercado. É daí que, precisamente, é possível compreender os contrastes entre quem é afetado pelos riscos e quem se beneficia deles. Nesse sentido, a sociedade de risco se transforma, também, em uma sociedade da ciência, dos meios de comunicação etc. Assim, a sociedade de risco vai produzindo novos contrastes de interesse, sempre como uma nova ameaça: Amigo x Inimigo, Leste x Oeste, Abaixo x Acima, “*Pax Americana*” x “*Eixo do Mal*”, Cidade x Campo, Negro x Branco, Norte x Sul, Palmeiras x Corinthians, Fla x Flu etc. – todos expostos à pressão igualitária dos riscos civilizatórios que se potencializam. Em consequência, a sociedade

de risco dispõe de novas fontes de conflito e de consenso. Em lugar da supressão da carência, aparece a supressão do risco.

Do ponto de vista de Beck (1998), na passagem da sociedade de classes para a sociedade de risco, observa-se uma mudança de qualidade na comunidade. As sociedades de classes estabelecem como meta a igualdade, a superação das classes. A sociedade de risco é uma sociedade desigual de *per se*, calcada na insegurança. O sonho da sociedade de classes significa que todos querem participar do *bolo*. O objetivo da sociedade de risco é imunizar todos contra o *veneno*. A força impulsionadora da sociedade de classes pode-se resumir na frase: “*Tenho fome!*”; o movimento que se põe em marcha na sociedade de risco tem como bordão “*Tenho medo!*”. Em lugar da comunidade da miséria, aparece a sociedade do medo. Nesse sentido, o tipo de sociedade de risco marca uma época social em que a solidariedade surge pelo medo e se converte em força política.

Nota-se que a produção de riscos e seu conhecimento têm, portanto, seus primeiros fundamentos em uma visão cíclica da economia por parte da racionalidade técnico-científica, cuja mira está dirigida para o aumento da produtividade e a maximização dos lucros. Ao mesmo tempo, essa visão é enevoadada por uma “catarata do risco” produzida de forma sistemática. A essa altura, salienta-se: o que, por um lado, faz crescer a produtividade, por outro faz surgir bronquites, infertilidades, dermatites e cânceres. Muitos não podem lutar contra tais riscos porque jamais teriam ideia de seus fatores; outros não os temem diante de demandas mais imediatas (“o que é uma *tossezinha*, diante da garantia do pirão de cada dia?”); outros, ainda, enxergam apenas “misteriosos e justos desígnios de Deus”, colocando em uma mesma categoria as chuvas ácidas (assim como deslizamentos de terra, eventos teratológicos etc.) e as precipitações bíblicas de fogo e enxofre (e se colocando, lógico, na condição de pecadores). Diante dessas condicionantes não há, definitivamente, alerta da Organização Mundial da Saúde que seja ouvido ou, se ouvido, levado a sério. A prática enganosa de muitos cientistas aponta para diferenças categóricas no manejo dos riscos entre a racionalidade e a racionalidade social.

Beck (1998) afirma que na sociedade de risco são essenciais algumas capacidades, como antecipar perigos, suportá-los e enfrentá-los biográfica e

politicamente. É essencial, também, saber lidar com as inseguranças do dia a dia. A sociedade de risco pode implicar consequências para a vida das plantas, dos animais e dos seres humanos; porém, os efeitos sociais, econômicos e políticos destes efeitos secundários são ferozes: pânico no mercado financeiro, desvalorização monetária, expropriação feita às escondidas, novas responsabilidades, mudanças de mercado, deveres políticos, controle das decisões empresariais, reconhecimento de pretensões de indenizações, custos gigantescos em processos judiciais. Os riscos são reais quando os seres humanos vivem como seres reais.

Aliás, na sociedade de risco, a mobilidade social – bem como a mobilidade geográfica e a própria mobilidade cotidiana entre a família e lugar de trabalho – mescla os caminhos e as situações de vida dos seres humanos. O caminho de vida das pessoas se torna independente em face das condições e dos laços de onde provêm os que as contratam; adquirem, pois, uma realidade própria que é vivida como um destino pessoal. O dinheiro ganho pelo indivíduo tem um valor não só material, mas também social e simbólico, pois muda as relações de poder no matrimônio e na família. Observa-se também que existe uma nova pobreza, com os indivíduos sendo afetados pela individualização e pelo desemprego maciço de uma maneira socialmente visível e coletiva. Há uma carência no mercado – crescem as corporações, diminui o número de empresas, aumenta o número de desempregados. O destino de muitas pessoas é, cada vez mais, incerto.

Há elementos importantes que Beck (1998) analisa sobre o desemprego e que são fundamentais para o construto desta tese. Porém, antes de debruçar sobre o assunto, vale ressaltar que há uma enorme quantidade de atletas desempregados, muito mais que os empregados. Desse modo, seguem algumas observações sobre a profissão de atleta de futebol. Reis (2006, pp. 7 – 8) diz que,

Sobre aumento do significado social do futebol, é importante destacar que a profissionalização do futebol na Inglaterra, a partir de 1885, e no Brasil, a partir de 1933, contribuiu muito para o aumento do interesse público, já que a dedicação integral ao treinamento os jogadores se tornaram mais habilidosos e as equipes mais atrativas. A classe ociosa (desempregada) inglesa foi a grande responsável pela profissionalização do futebol inglês. Com grande disponibilidade de tempo para a nova prática, esse esporte foi desenvolvendo-se e ganhando novas formas, mais habilidosas e atraentes.

Em contrapartida, a elite demonstrou resistência, ausentando-se de participações com equipes distintas das de estudantes, e justificava sua posição argumentando que não aceitava os novos valores vinculados ao futebol que não os do amadorismo. Havia claramente uma disputa de classes camuflada por uma resistência da mudança de paradigma *amador versus* profissional.

Conforme Leme (2005), no Brasil, na virada do século XIX para o XX, o futebol ainda engatinhava. Foi ganhando adeptos, embora os clubes existentes se voltassem para o remo, o ciclismo e outros esportes. As pessoas que tinham contato com o esporte e as que gostavam passaram a divulgar e formar equipes. Algo importante de salientar é que, no início, não diferente do que ocorreu na Inglaterra, esse esporte foi restrito a uma elite. Era praticado por jogadores que pertenciam a famílias de posses, só em clubes fechados. Em seus primeiros tempos no Brasil, era uma prática esportiva para atletas brancos, em que não se permitia a participação de negros, mestiços e pobres. Paulatinamente e, com a quebra de muitos preconceitos sociais, o futebol foi chegando às camadas mais populares.

Leme (2005) destaca outro aspecto importante do futebol no Brasil: com a expansão da construção das ferrovias, diversos clubes foram surgindo (os “Ferroviários”) com as empresas ferroviárias construindo campos e estádios e administrando clubes. Os elementos culturais do futebol no país foram fixados com mais abrangência no início dos anos 30, com a criação dos sindicatos que realizavam campanha pela “proletarização” do esporte. Entravam em campo, definitivamente, a manipulação política, a disputa ideológica e até territorial – o lazer popular se fixava fortemente a partir da disputa entre os craques de bairros, cidades ou estados. Como elucidado por Reis (2006), foi no ano 1933 que Getúlio Vargas instituiu a profissionalização no futebol, superando os limites do “profissionalismo marrom” que caracterizara o esporte por muitos anos, em que se pagavam gratificações por vitória, ou pelo menos, flexibilizava o horário de trabalho para que esses jogadores pudessem treinar e até conseguir cargos mais amenos, onde o trabalho físico não exigisse tanto esforço (era comum, por exemplo, jogadores serem promovidos de operário padrão a supervisor).

Para Leme (2005), tendo como pano de fundo o Estado de São Paulo, a institucionalização do futebol contribuiu para o crescimento do esporte. A partir

de certa altura do séc. XX, os municípios começaram a incluir os campos de futebol em sua relação de “estruturas necessárias” (as outras eram as igrejas e os cemitérios). Aumentou o número de equipes – criadas com apoio oficial ou de entidades particulares – e, por consequência, nasceram competições amadoras, vistas como “escada” para participação no campeonato estadual organizado pela Federação Paulista de Futebol. Outra consequência foi a profissionalização, que implicou afastamento das elites “civilizadoras” e no ingresso de negociantes e políticos na gestão do futebol. Com o profissionalismo, o futebol penetrou ainda mais na cultura urbana e industrial. A bola havia se convertido, também, em meio de ascensão social. Acerca disso, como salientado e que será explícito de maneira mais efetiva no decorrer da tese, o futebol se converteu em um meio de ascensão social, no entanto, enganoso, pois muitos dos seus praticantes estão em situação de desemprego. Assim, como as equipes que “penam”, há os atletas que não estão alheios a essa situação; eles são o lado mais fraco da corda. E os riscos em suas vidas são enormes.

Retomando a abordagem que Beck (1998) realiza sobre o desemprego, pode-se dizer que ele se concentra mais entre os menos preparados em termos educacionais e também entre vítimas históricas de preconceito, como negros, mulheres, trabalhadores de mais idade ou muito jovens, minorias étnicas, pessoas com problemas de saúde e portadoras de necessidades especiais. Há de considerar, também, um cruel fator decorrente do “baixo valor” da mão de obra: quando aparece, o trabalho – que é agarrado com sofreguidão – pode ser informal ou ilegal (caso do tráfico de drogas), humilhante, insalubre ou perigoso. Pode reduzir o indivíduo à condição de escravo. Ainda assim, não há como negociar: para cada trabalhador que leva em conta tais elementos, há dezenas de outros para quem o desespero fala mais alto. Essa é a realidade de muitos atletas que, após o término da carreira, que pode acontecer a qualquer momento, voltam para a sociedade desprovido de outras habilidades sem ser aquelas que possibilitam a prática do futebol. Ora, sem outras ferramentas, sobreviver é muito difícil.

Em um mundo dominado pela “economia global” – e a economia do futebol é global – que, em sua prepotência, faz abertamente uso da guerra para alcançar seus intentos, a torrente de “desvalidos da sorte” encontra outras

pedras em seu caminho: violência, fome, incapacidade econômica, impossibilidade de possuir uma casa própria, alienação decorrente do uso de drogas lícitas (destilados populares) e ilícitas (crack). Para Beck (1998), outro sentido do desemprego, tão cruel, se não mais do que os anteriores, se refere à relação entre o indivíduo e o seu meio. “Eu não me dou bem, não consigo emprego. Sou um fracasso!” – o sistema, por sua vez, é perfeito!

Segundo Beck (1998), da metade do século XX para cá, há uma mudança no significado da família, da sexualidade, do matrimônio e da paternidade, mas, também, há uma rápida mudança nas chamadas “culturas alternativas”, decorrentes dos setores privado e público. Antes se falava de uma família feliz, casa nova, boa educação para os filhos e elevação do padrão de vida. Hoje, muitos falam em outra linguagem que gira em torno, de maneira forçosa e vaga, da autorrealização, da busca de uma identidade própria, tendo como objetivo o desenvolvimento das capacidades pessoais e da competitividade.³⁷

Entretanto, isso não vale por igual para todos os grupos de população. Para os jovens mais pobres, por exemplo, esses símbolos convencionais não têm valor – há, evidentemente, a exceção do tráfico de drogas, que é um problema grave e confere poder de compra por meio da institucionalização do poder de fogo. A consequência da miséria total para os seres humanos é que eles caem de maneira cada vez mais profunda em labirintos pessoais de insegurança, questionamento e incerteza. Essas situações abalam também a ética entre as pessoas, existindo muitas expressões de egoísmo e narcisismo. Outra decorrência dessa situação aparece nos conflitos e na produção de movimentos sociais, entre os quais se destaca o Feminismo.

As questões relacionadas ao sexo dentro e fora da família “mesmerizam” as massas; aparecem no “mesmo balaio” das representações de trabalho, desigualdade, política e economia. É uma mescla desequilibrada do todo, do avesso, que complica os questionamentos. Quem fala de família tem que falar, também, de trabalho e de dinheiro; quem fala de matrimônio tem que falar,

³⁷ Nesse sentido, como o futebol não é somente uma atividade física ou um jogo, mas um espetáculo e um produto de consumo mundial, um grande negócio e de grande influência social, no imaginário popular ele é configurado como uma maneira de buscar a autorrealização, principalmente por ser o fenômeno que mais transpõe a identidade brasileira. Um jogador de futebol, em seu tempo útil, pode quase tudo.

também, de educação, de trabalho e de mobilidade. Quem, porém, fala o quê? Quem se educa para isso? Não há consenso sobre o papel do homem e da mulher, não há uma constância no comportamento diante das situações, em especial no mercado de trabalho, mas também nas seguranças sociais.

Para Beck (1998), a importância do trabalho adquirida na sociedade industrial não encontra similar na História. A importância do trabalho produtivo para a vida dos homens na sociedade industrial não radica, ou pelo menos não essencialmente, no trabalho considerado em si mesmo. O trabalho produtivo e a profissão, na época industrial, se converteram nos pontos de contato do eixo da existência. Desde dentro da família isto é vivenciado – o adolescente experimenta a profissão de seu pai como chave de compreensão do mundo. Hoje em dia, quando um desconhecido pergunta a alguém quem ele é, a resposta não parte da religião a que pertence ou da idade, mas sim, da sua profissão. Quando conhecemos a profissão de alguém, cremos conhecê-lo. A profissão é um meio de identificação e, “graças” a isso, valorizamos a pessoa e lhe atribuímos uma posição na sociedade.

1.3.2 – A complexidade do esporte mais popular do planeta

Postula-se que, na perspectiva de se voltar para uma Psicologia Social Crítica, não há necessidade de se aprofundar na discussão sobre o trabalho, emprego e desemprego. Esses elementos são sérios e não é nem possível dimensionar – pelo menos na tese proposta.³⁸ Apenas a título de localização, o trabalho tem uma finalidade, que é produzir um objeto prático, que seja útil para o ser humano. Marx analisa isso por meio do valor de uso / valor de troca e sua conversão em mercadoria (pode ser produto da fantasia). O trabalho produz um objeto externo, que é para consumo. E o jogo? Como citado, a finalidade do jogo, diz George Mead (1896), tal como a arte, mas diferindo dela, é a própria atividade; é a dominação da regra. Porém, onde que está a exploração do jogador de futebol? Ela não está em seu trabalho, ele não produz mais-valia, ele não participa de uma atividade que é do sistema de produção. Há uma exploração no futebol, mas esta exploração depende de competências,

³⁸ Sobre o assunto, emerge uma pergunta? Qual é o grau de seriedade com que as universidades, ou os órgãos de controle, tratam a questão do esporte? Ele não é considerado da maneira que tem de ser?

habilidades, entre outras coisas. Precisa de técnica para praticar o futebol, de domínio técnico. A exploração, afinal, está numa série de elementos, em uma rede que é estabelecida, que não é apenas o domínio técnico.³⁹

A propósito, para Brohm (1982), o esporte aparece como continuidade histórica e descontinuidade capitalista-industrial. Fundamentado claramente em Marx, Brohm compreende o sistema esportivo sob o conceito de processo de produção, o qual se insere em um sistema de produção dado (capitalista) produzindo “mercadorias” muito particulares: campeões, espetáculos, recordes, competições. Ao mesmo tempo, o esporte e, em especial, o futebol, é estudado como uma instituição social original, ou melhor, a instituição de competição física que reflete a concorrência econômica e industrial. *“A partir dessa ótica, ele (Brohm) acredita que seja possível compreender as condições que permitiram a aparição do esporte moderno, o funcionamento e as estruturas da instituição esportiva, assim como as instâncias que determinaram possibilidades e mudanças desse sistema”* (Proni, 2002, p. 35). Aliás,

A noção de produção esportiva justifica-se na medida em que o esporte, como forma abstrata de tecnologia corporal baseada no rendimento, inseriu-se organicamente nas formas lúdicas de exercícios competitivos, convertendo-se em técnicas altamente racionalizadas e eficazes. O princípio de rendimento surge então como motor do sistema esportivo, uma espécie de centro de gravidade em torno do qual se situam os demais elementos, um princípio pelos quais se guiam as mudanças estruturais (Brohm 1982, p. 25).

Aludindo à teoria habermasiana explicita-se que o futebol (a bem da verdade, a maioria dos esportes), como mais um segmento social apropriado pela *Ordem Sistêmica*, regida pelo dinheiro e pelo poder, pois ao ser colonizado estrategicamente pela razão instrumental, o esporte das multidões, de forte apelo mercadológico, traz consigo para o *Mundo da Vida* (cultura, sociedade e identidades) os sonhos e as expectativas distorcidas de milhares

³⁹ *“Não é necessário muito esforço para perceber que há muita gente que é de uma habilidade extrema, mas que não está inserida no ambiente do espetáculo do futebol, entretanto, está na várzea, porque não tem como conseguir a ascensão. Assim, pode-se dizer que a exploração está no uso da imagem, nos contratos estabelecidos”* (Sass, 2010, comunicação pessoal).

de indivíduos e suas famílias.⁴⁰ Acerca disso, Brohm (1982, pp. 67-69) salienta que

A especificidade do processo de produção esportivo está na finalidade das entidades esportivas: produzir campeões, em quantidade e qualidade, para o mercado ou para o olimpismo. A unidade produtiva básica do sistema (o que seria a “empresa”) é o clube esportivo, que pode ser qualificado como “célula básica do tecido esportivo”. Pode-se antever que a competição esportiva tem suas próprias leis, originais, particulares com sua respectiva “taxa de produtividade”. Mas, como esse produto evanescente não é essencial à reprodução social, o sistema esportivo é qualificado como “não-produtivo”, pois está inserido no tempo de lazer das pessoas; e como “linearmente acumulativo”, pois não tem crises, e sua produtividade é crescente.

Não se pode negar que, independentemente do foco mantido sobre a atividade futebol, seja ela considerada trabalho ou não, é que há mensuração e comparação de *performance* de atletas. Os treinamentos se converteram num sistema científico visando à melhora do desempenho do organismo. O esporte em geral transformou-se na materialização abstrata do rendimento corporal: um produto da sociedade burguesa. Segundo Brohm (1982), a essência do esporte moderno é a ideologia democrática típica de uma sociedade que precisa cultivar um ideal humanitário (liberdade, igualdade, fraternidade) e, ao mesmo tempo, velar suas estruturas de classe e seus mecanismos de dominação. Assim, pode-se dizer que o esporte e, principalmente o futebol, é pura ideologia. Com essa breve conceituação de Brohm sobre o esporte, considera-se que o enfoque do autor é muito fértil no que se refere ao futebol brasileiro, tendo em vista a mentalidade empresarial que vem sendo debatida de forma ampla nos clubes. “(...) *A ênfase na organização capitalista, a mercantilização dos símbolos esportivos, a comercialização do espetáculo, a negociação do ‘passe’ dos atletas profissionais, a modernização induzida pelo estado, tudo isso pode ser analisado com base ótica proposta pelo autor (Brohm)*” (Proni, 2002, p. 59).

Nota-se que qualquer indivíduo – seja ele um atleta profissional ou não – que se desperta do sono da rotina e da investigação e abre bem os olhos se deparará com a inquietante questão do futuro da formação, ante a mudança do sistema da sociedade industrial, e verá diante de si um mar de questões cuja

⁴⁰ No decorrer do texto serão apresentados mais elementos da Teoria da Ação Comunicativa de Jürgen Habermas.

clara urgência só parece superada por seu caráter insolúvel. Há um fantasma que ronda a maioria das profissões: a pessoa, depois de obter uma qualificação, corre o risco de ficar sem emprego. Isso significa que os fundamentos que dão sentido de modo imanente à formação e ao sistema de ensino sofrem danos ou são destruídos pela interrupção externa do mercado de trabalho. Hoje, o jovem fica mais tempo na escola a fim de eleger uma formação completa, para evitar o desemprego e, mesmo assim, não está seguro de seu futuro. Muitos conseguem um emprego por sua vocação diante da sua cultura,⁴¹ mas há filas nas instituições de ensino para se obter qualificação específica. Poucos conseguem seguir caminho apenas com sua vocação primária e, também, poucas instituições de ensino não são falhas e necessitam urgentemente de reformas.

Para uma grande quantidade de alunos que concluem seus cursos se interpõe entre, formação e ocupação, uma zona cheia de riscos sobre sua função. O que fazer diante do futuro que os espera é difícil saber. Muitos precisam até de acompanhamento psicológico diante das situações que vão encontrar, pois as portas do sistema ocupacional estão quase fechadas e a população não para de crescer, e, em todas as camadas da sociedade, aumenta a tendência de adquirir formação complementar e adicional devido ao desemprego que ameaça a todos. Mas, além de tudo, os jovens se sentem tranquilos e esperançosos, pois acham que, de algum modo, seus esforços serão premiados.

Enfim, a quantidade de trabalho na sociedade industrial diminui e o sistema laboral se impregna de novos princípios organizativos. O trânsito do sistema educativo ao ocupacional se acha inseguro e precário; entre ambos se situa uma zona nebulosa de subocupação cheias de riscos. Há alguns que defendem uma superespecialização, outros acham que leva muito tempo e a um desperdício – que não pode ocorrer na sociedade de risco. Há também uma distribuição desigual de oportunidades sociais mediante a formação, e isso deve ser revisto. Entretanto, mesmo com esses problemas educacionais, quem não faz uma projeção qualificada de seu futuro se destrói. O nível de analfabetos no mundo continua alto, e se a situação é difícil para quem estuda,

⁴¹ Para Habermas (1989), cultura é o depósito de saber, em que os participantes da comunicação extraem ou se abastecem de interpretações, para entender sobre algo no mundo.

pode-se imaginar para aqueles que não têm esta oportunidade que, muitas vezes, é obra do descaso do governo. A situação é caótica e, se não existir uma reforma nas instituições – principalmente nas de ensino –, a distribuição de riscos continuará assombrando todos os setores e todos os habitantes do mundo.

Afirma-se que o trabalho, em especial a função exercida pelo atleta de futebol, ocupa um lugar importante na vida de quem o realiza. Seja pelo fato de ser um meio de sobrevivência, seja pelo tempo da vida a ele dedicado (várias horas por dia, vários dias por semana, várias semanas por mês, vários meses por ano etc.), seja também pelo fato de ser um meio de realização não apenas profissional, mas também pessoal: ele é um dos principais instrumentos por meio do qual o ser humano dialoga com seu meio social e com seu tempo... positivamente – desenvolvimento! –, ou negativamente – que tormento! Para completar o quadro, deve-se mencionar que, bem ou mal, ele constitui a identidade do indivíduo. *“A construção da carreira profissional está ligada diretamente à identidade; plano de carreira é uma estratégia identitária.”* (Malvezzi, 2009, Comunicação pessoal).

1.4 – Por uma Psicologia Social Crítica do Futebol

No livro *“Educação e Emancipação”*, do filósofo social T. W. Adorno (2006) encontra-se uma reflexão sobre a importância do Esporte na sociedade. Chama a atenção o destaque dado pelo autor à falta de uma análise mais apurada, feita por uma psicologia social crítica, em relação ao Esporte, fenômeno social, que movimenta pessoas e mercados em todo o mundo. Como exemplo deste déficit analítico, o autor aponta para o caráter ambíguo do esporte, pois se, por um lado, pode ter um efeito contrário à barbárie e ao sadismo, por meio do *fair-play*, do cavalheirismo e do respeito pelo mais fraco, por outro lado, em algumas modalidades e procedimentos, pode promover a agressão, a brutalidade e o sadismo, principalmente no caso dos espectadores, que pessoalmente não estão submetidos ao esforço e à disciplina do esporte; são aqueles que costumam gritar nos campos esportivos.

Adorno (2006) salienta que é preciso analisar de uma maneira sistemática essa ambiguidade e que os resultados teriam de ser aplicados à

vida esportiva na medida da influência da educação⁴² sobre ela, pois, para o autor, uma possibilidade de existir um indivíduo mais estruturado é tanto maior quanto menos se erra na infância, quanto melhor são tratadas as crianças. Aliás, crianças que não suspeitam nada da crueldade e da dureza da vida acabam por ser particularmente expostas à barbárie depois que deixam de ser protegidas. No Brasil, a busca pela carreira profissional de atleta de futebol por crianças e adolescentes é um exemplo desta “ingenuidade”. *“Atraídos pelo sonho de virar craques, garotos se submetem em clubes pequenos e médios, a uma vida precária e a maus tratos”* (Nascimento, 2008, p. 10). Precariedade e maus tratos que irá perpassar por toda trajetória da maioria dos craques e aspirantes a craques. Para Nascimento (2008, p. 10):

Como em quase todas as suas relações econômicas, o Brasil, no disputado mercado do futebol, é um fornecedor de commodities. Produzimos craques ou bons jogadores aos borbotões. Eles brotam país afora como cana e soja. E até o caminho do estrelato – ou da desilusão – são tratados assim, feito commodities, como frangos desossados ou partes de um belo corte bovino prontos a serem exportados. Seduzidos pelo sonho da fama e fortuna, crianças e adolescentes, em pleno século XXI, e a despeito de imensos lucros de clubes e empresários que têm a sorte de revelar um novo Ronaldinho ou Kaká, continuam a ser submetidos a uma vida em condições precárias em times médios e pequenos. Os craques do futuro são instalados em alojamentos mambembes e sem higiene, com alimentação de péssima qualidade. São afastados da família – às vezes até sem autorização oficial – e da escola. Sobram denúncias de abuso sexual.

Segundo Nascimento (2008), nos grandes clubes existe a preocupação de matricular o jovem jogador em uma escola. Mas nem sempre há um acompanhamento adequado. Com o vai-e-vem de time e cidade, são raros os que concluem os estudos. Nos clubes de menor estrutura, a situação é pior. Os jovens são submetidos a cargas excessivas de treinamento e há uma enorme pressão psicológica. Destaca-se que a ausência do convívio familiar, a falta de estudo, a pressão e o risco de abuso sexual levaram o Ministério Público do Trabalho a fiscalizar a situação dos jovens atletas e, vistorias estão acontecendo para, no mínimo, conter o problema. A intenção, mais específica, é regulamentar a atividade para crianças e adolescentes.

Desse modo, motivado por essas circunspecções, considera-se a importância de analisar o fenômeno futebol na sociedade, por isso, discute-se a

⁴² O conceito, adiante, será contextualizado tendo como perspectiva a formação de atletas.

partir deste ponto a situação atual da Psicologia do Esporte no Brasil, delimitando as reflexões em torno da Psicologia do Futebol, por ser uma modalidade esportiva de grande impacto no setor educacional, amador ou profissional. No caso específico, levando em consideração a importância da formação dos sujeitos, uma Psicologia do Esporte Escolar e uma Psicologia Social Crítica do Futebol se tornam fundamentais. Enfim, o papel do psicólogo nesta área de atuação, assim como o do educador físico, é imprescindível para a constituição de um indivíduo crítico, aquele que não ficaria sonhando com o sucesso – em todos os âmbitos – que os seus ídolos fazem, mas que compreenderia os mecanismos que agem neste meio.

1.4.1 – Delineando a Psicologia do Esporte

De maneira a localizar o leitor no que diz respeito à Psicologia do Esporte, em um primeiro momento observa-se que, conforme Machado (2006), foi em Roma, no ano de 1965, que se constituiu a Sociedade Internacional de Psicologia do Esporte, fato que leva a entender que esta área de conhecimento é recente em todo o mundo. Tal situação pode explicar, possivelmente, a pouca existência de estudos que analisem seu nascimento e seu desenvolvimento, no mundo e no Brasil. Assim, o entendimento de sua evolução, suas tendências, seus profissionais e suas atuações demandam uma análise panorâmica, seguida de estudos focais que permitam perceber o nicho ecológico da Psicologia do Esporte.

Machado (2006) observa que todo seu curto e intenso desenvolvimento vem ligado aos compromissos com interfaces do mundo esportivo, possibilitando sua locação em territórios da Educação Física, do Esporte, da Psicologia e das Humanidades. Aliás, muito da produção científica atual vem norteadas pelos olhares das Ciências do Esporte, com paradigmas delineados e amplamente conhecidos no mundo do esporte, mas já de domínio de outras áreas que se interessam ou buscam a interface.

Segundo Rúbio (2002), a Psicologia do Esporte iniciou suas pesquisas há aproximadamente um século, estudando inicialmente aspectos próximos à fisiologia (os chamados condicionantes reflexos). Ao longo dos anos, outros temas como motivação, personalidade, agressão e violência, liderança,

dinâmica de grupo, bem-estar psicológico, pensamentos e sentimentos de atletas e vários outros aspectos da prática esportiva e da atividade física foram sendo incorporados à lista de preocupações e necessidades de pesquisadores e profissionais. Na atualidade, diante do equilíbrio técnico alcançado por atletas e equipes de alto rendimento, os aspectos emocionais têm sido considerados como um importante diferencial nos momentos de grandes decisões. A título de exemplo, Zukeran (2009, p. 5) relata que

A psicóloga brasileira Cristina Versari, da San Diego University for Integrative Studies, trabalha com atletas da NBA há 20 anos e defende a teoria que as atitudes imaturas dos atletas podem ser explicadas. A estudiosa defende que boa parte dos esportistas de alta performance sofrem de *Athlete Developmental Deficit* (ADD), ou Déficit de Desenvolvimento dos Atletas. “Como eles sacrificam a juventude em concentrações ou dormindo cedo para os treinos, abrem mão de uma fase importante do desenvolvimento emocional e ficam atrás em relação à média da população”, explica. O resultado é que alguns agem de forma imatura. Mas isso pode ser compensado no futuro.

Retomando a localização histórica da Psicologia do Esporte, Machado (2006) destaca que os estudos de Riera (1985) informam que uma das primeiras publicações de que temos conhecimentos é de Schulte, em 1921, denominada “*Corpo e alma no desporto: uma introdução à psicologia do exercício físico*”; outro aspecto a ser observado é que Griffith publicou o livro “*Psicologia do treinamento*”, em 1926, seguido de “*Psicologia do Atletismo*”, dando origem ao laboratório de Psicologia aplicada ao esporte. Enquanto os soviéticos desenvolviam ativamente suas pesquisas na área, o mundo ocidental pouco aproveitou dos trabalhos, buscando outro foco de interesse junto às ciências do esporte em desenvolvimento na época.

Ainda quanto aos aspectos históricos da Psicologia do Esporte, Rúbio (2002) relata que, interpretada como um produto da década de 1980, a Psicologia do Esporte tem sua história escrita a partir do início do século XX na Rússia e nos Estados Unidos e, mais precisamente, a partir da Copa do Mundo de Futebol de 1958, no Brasil.⁴³ Também relata que a produção acadêmica da área é uma associação de conhecimentos da psicologia clínica e social, sob a

⁴³ O ano de 1958, além de ser um marco histórico para o futebol brasileiro, pois a Seleção de futebol alcançou o seu primeiro título mundial, também é um marco na Psicologia do Esporte no país. Esse é mais um dado interessante sobre o impacto do futebol na configuração do esporte nacional.

influência das variadas correntes teóricas e paradigmas da Psicologia, aplicada à observação, à análise e à intervenção dos comportamentos e das atitudes dos seres humanos no contexto da prática do esporte e da atividade física.

Acerca disso, Machado (2006) observa que até a década de 1970 a Psicologia do Esporte foi muito pouco estudada. Para o autor, estudos de Lawther, datados de 1951, são exemplos americanos de produções que posteriormente receberiam considerações e reconhecimentos internacionais. Com o início da circulação de boletins, jornais, revistas e livros específicos, além da fundação de sociedades de pesquisadores da Psicologia do Esporte, percebe-se uma consolidação desta especialidade em vários países e sua difusão em vários cantos do mundo esportivo, ainda que lentamente. Vale ressaltar que o fato de a Psicologia do Esporte ter uma evolução mais lenta que outras especialidades psicológicas ou das ciências do esporte, provavelmente se deva à questão de ela ter se iniciado em laboratórios de Fisiologia ou de Educação Física, mantendo certo distanciamento dos avanços da própria Psicologia, ou da própria Fisiologia. Outra interpretação pode estar no fato de ela não ter explorado adequadamente os caminhos da interdisciplinaridade, como convém a uma especialidade que deve tratar de elementos da Psicologia e da Ciência do Esporte, com igual compromisso.

Para Machado (2006), mesmo no esporte de alto nível, nota-se o desconhecimento do trabalho deste profissional, ou a inadequação do uso do preparo psicológico, criando um espaço grande entre os profissionais da área técnico-tática e fisiológica e o responsável pela área psicológica. Ele entende que tanto o silêncio em relação à divulgação de projetos e pesquisas quanto os desconhecimentos da própria psicologia do esporte sejam motivos suficientes para tamanha indiferença ou desvalorização da área, em clubes ou equipes competitivas. Para o psicólogo do esporte Antonio Carlos Simões, o ideal seria que os clubes orientassem os atletas desde o início, como ocorre nos EUA: *“Seria bom se pudesse ter uma assistência social que ensinasse como aplicar o dinheiro, se preparar para a aposentadoria, lidar com o glamour da mídia ou ensinar a não gastar o que não tem”* (Zukeran, 2009, p. 5).

Um aspecto interessante destacado por Rúbio (2002) é que a Psicologia do Esporte, apesar de ter seu início vinculado a trabalhos realizados há mais de um século, no Brasil ainda é vista como uma novidade tanto por psicólogos,

que a reconheceram como uma especialidade da Psicologia em dezembro de 2000, como por profissionais do esporte, sejam eles atletas, técnicos ou dirigentes, que não têm clareza de que maneira essa intervenção pode ajudá-los a aumentar o rendimento esportivo ou superar situações adversas. Sobre isso, Machado (2006) destaca que a briga territorial para saber de quem é essa fatia de trabalho, na sociedade mercantilista-profissional, tem criado fendas abissais que apenas emperram o avanço da área que nasceu interdisciplinar e tentam transformá-la em intradisciplinar, focando apenas um interesse classista. Esse descuido no campo de atuação tem ampliado a desconexão entre a necessidade do esporte e do movimento humano e a orientação a ser oferecida pelo preparador psicológico, gerando muito atrito profissional, pouca ética e desvalorizando o ambiente de trabalho, ainda nem tão bem estruturado.

Do ponto de vista de Machado (2006), talvez, em função desse quadro esboçado, próprio das novas áreas profissionais emergentes, são poucos os profissionais que atuam neste campo, mesmo sabendo das variabilidades existentes no mundo esportivo, que contempla as iniciações esportivas em clubes e escolas, as aulas de danças e ginásticas em academias, os movimentos de recreação e lazer (em grande crescimento junto às atividades físicas de aventura na natureza). Suas pesquisas têm sugerido que tal ocorrência se dá em função dos limites impostos pelos cursos de graduação, nas áreas afins.

Segundo Machado (2006), ao entendermos que a Psicologia do Esporte tem entrado em todo e qualquer local em que se trabalha o movimento humano, da aula de Educação Física ao treinamento esportivo, da dança ao desfile de modas, do teatro ao desempenho de um grupo praticante de arborismo, constata-se que são muitas as áreas que poderiam se beneficiar com suas aplicações, mas continua-se a acreditar que existe um total desconhecimento sobre o papel a ser exercido por este profissional. Pensando numa definição, Machado destaca que Thomas (1980) informa que a Psicologia do Esporte investiga, como disciplina científica, as causas e os efeitos dos processos psíquicos que acontecem com o ser humano, antes, durante e depois de uma atividade esportiva ou de lazer. Esclarece-se, também, que um psicólogo do esporte pode trabalhar com outros conflitos que perpassam a vida do atleta, a saber, a transição da carreira. Depois que ela é

encerrada, os problemas se agravam. Conforme a psicóloga Cristina Versari, a título de exemplo, depois da carreira encerrada “*na NBA, cerca de 50% dos atletas se divorciam*” (Zukeran, 2009, E 5). Acrescenta-se que

A psicóloga, que se especializou em ajudar atletas a enfrentar essa etapa, diz que a perda de identidade na sociedade, a falta de um papel na família por estar sempre longe de casa, a queda do poder aquisitivo e a falta de perspectivas são problemas constantes nos ex-atletas. “Muitos enfrentam a depressão.” Na opinião de Cristina, é importante o atleta procurar ajuda profissional e planejar o futuro durante a carreira, de preferência estudando. Segundo a psicóloga, muitos ex-atletas da NBA se salvam por ter um diploma universitário. “Um deles me contou que só se formou para convencer o filho a estudar. Hoje ele é técnico e admite que, não fosse o diploma, não estaria trabalhando.”

Tanto Machado (2006) quanto Rúbio (2002) discorrem amplamente sobre a Psicologia do Esporte. Nesse sentido, acredita-se que não seja necessário abrir mais o leque sobre esta área de atuação (os dois autores cumprem bem este papel), mas sim marcar que ela é uma área da Psicologia e, por este motivo, apenas psicólogos podem desempenhar esta função. Entretanto, a grande maioria de estudos relacionados à Psicologia do Esporte é realizada por profissionais da área de Educação Física, o que faz com que existam alguns conflitos entre os profissionais e os pesquisadores das duas áreas em questão. Diante disso, uma certa visão de Rúbio (2002) vai se delineando quando a autora assinala que há várias psicologias do esporte no Brasil, pois ela não é feita apenas dos aspectos relacionados à prática esportiva. Ela também é feita, e isso dialoga profundamente com a tese proposta, do estudo do fenômeno esportivo a partir do referencial da Psicologia Social.⁴⁴

Assim, segundo Rúbio (2002), por essa perspectiva, o esporte é reconhecido como um conjunto complexo de elementos que envolve o *atleta*, protagonista do espetáculo; o *espectador* e a *torcida*, razão da realização do

⁴⁴ Interessante destacar que, segundo Reis (2006), em seu livro *Futebol e Violência* (quando ela discorre sobre as leis espanholas que tratam do esporte e da segurança em espetáculos esportivos e as medidas adotadas na Espanha), que a idealização de um responsável pela segurança em espetáculos esportivos denominado coordenador de segurança foi uma proposta tirada do Seminário Internacional sobre Prevenção da Violência no Esporte, realizado na Espanha no final da década de 1980. Esse coordenador tem alta qualificação profissional, é membro do alto escalão da organização policial e assume funções de direção, coordenação e organização dos serviços referentes a um espetáculo esportivo. Entre outras áreas, como a jurídica e a esportiva, ele tem de deter muito conhecimento em Psicologia Social.

espetáculo; e os *patrocinadores* e as *empresas* empenhados com a manutenção de equipes e atletas, responsáveis diretos pela transformação do esporte em um dos principais negócios do planeta e pela superação do amadorismo, um dos elementos fundantes do Olimpismo moderno. Isso porque é possível afirmar que toda manifestação esportiva é socialmente estruturada, na medida em que o esporte revela em sua organização, no processo de ensino-aprendizagem e na sua prática, os valores subjacentes da sociedade na qual ele se manifesta. Como complemento, tendo como pano de fundo o espectador e a torcida no futebol brasileiro, a Psicologia Social pode até explicar as causas diretas da violência nos estádios. Segundo Reis (2006, pp. 88-89), os “fatores situacionais” diretos são:

- 1) O efeito da despersonalização – as atitudes e emoções das pessoas são despertadas pelos gritos; 2) A diminuição do controle social – a sensação de anonimato por estar em uma massa; 3) A ilusão de universalidade – a ilusão de estar agindo corretamente, já que todos fazem o mesmo; 4) Os mecanismos de imitação – o comportamento de uns interfere no de outros; 5) Fatores desencadeados da violência – o fato de estar em pé aumenta o risco de violência, porque os movimentos agressivos são mais difíceis de ser executados quando se está sentado; 6) A presença emocional – os diversos tipos de emoções vivenciadas por espectadores esportivos; 7) As condições de vítimas – pertencer a outro grupo; 8) A influência do álcool e das drogas – aumentam a probabilidade de comportamentos agressivos.⁴⁵

Isso posto, acrescenta-se que Rúbio (2002) destaca que questões como o desenvolvimento da identidade do atleta, formas de manejo e controle de concentração e ansiedade, aspectos de liderança em equipes, estudadas e tratadas de maneira pontual e pragmática dentro da Psicologia do Esporte voltada para o rendimento, foram deslocadas de um contexto social maior que é o lugar e o momento que o atleta está vivendo. Recentemente alguns estudiosos começaram a repensar a Psicologia do Esporte transferindo-a de um modelo de habilidades individuais e passaram a observar a necessidade de uma aproximação com a Psicologia Social para a compreensão e explicação desse fenômeno complexo e abrangente que é a atividade física e esportiva.

⁴⁵ Segundo Reis (2006), além dos fatores mencionados, pode-se afirmar que a falta de responsabilidade e a incompetência dos organizadores de espetáculos esportivos no Brasil em relação ao seu dever de garantir as condições necessárias e adequadas para o espetáculo futebolístico, com a manutenção dos estádios, com o controle da venda de ingressos e com a designação de horários para os jogos que possibilitem um espetáculo de qualidade são alguns dos fatores que contribuem para a violência em estádios brasileiros.

Apoiada em Lane (1983), Rúbio (2002) sustenta que essa condição reforça o pressuposto de que toda Psicologia é Social, sem que isso signifique reduzir as áreas da Psicologia à Psicologia Social.⁴⁶ Nesse sentido, é possível afirmar que a Psicologia do Esporte, que trata do fenômeno esportivo em toda a sua complexidade, visando à compreensão da dinâmica das relações envolvidas entre atletas, técnicos, dirigentes, mídia e patrocinadores, não é apenas uma Psicologia de rendimento de atletas e equipes, mas uma Psicologia Social do Esporte. O debate sobre a função e o papel da Psicologia do Esporte passa necessariamente pela discussão do que é o fenômeno esportivo e como tem sido construído e explorado o imaginário esportivo na atualidade.

Para completar o quadro deve-se mencionar que é também pela perspectiva da Psicologia Social que a Psicologia do Esporte tem atuado junto aos chamados *projetos sociais* em que o objetivo primeiro dessas instituições é promover o desenvolvimento da prática da cidadania ou oferecer alternativas de socialização, principalmente para crianças e jovens, tendo o esporte como facilitador. É o esporte como meio e não como fim. Este assunto específico, tendo como pano de fundo o futebol, será retomado mais adiante, assim como aos aspectos que se referem à identidade social do indivíduo atleta, porém, antes, vamos vislumbrar um pouco mais sobre um ponto importante destacado por Machado e Rúbio, a saber, a Psicologia Social Escolar (sem deixar de lado as escolinhas de futebol).

1.4.2 – Para uma formação que transcenda o ensino do “chute”

Como destacado, o esporte contemporâneo passou a ser um conteúdo apropriado às novas tecnologias, principalmente a televisiva e, o uso destas, “naturalizou-se” em nossas vidas e cada vez mais elas ocupam nosso tempo de lazer, que é caracterizado pelo entretenimento e pelo consumo. Esse esporte que conhecemos passou a ser orientado pelos códigos e sentidos inerentes à mídia, ou seja, por meio da mercadorização e espetacularização.⁴⁷

⁴⁶ O assunto será aprofundado no terceiro capítulo.

⁴⁷ Conforme Reis (2006), para que a formação de profissionais tenha coerência com as políticas propostas em âmbitos supranacionais, seria conveniente que o jornalista tivesse uma cultura esportiva, além da competência técnica em jornalismo, a fim de contribuir para situar o esporte em seu contexto social e cultural. Observa-se no Brasil que os cursos de Jornalismo

Nesse sentido, ressaltando que o esporte é uma das formas contemporâneas mais importantes de organização da corporeidade e lembrando que Adorno diz que falta a psicologia social crítica compreender melhor a função do esporte, resta destacar que essa complexa articulação está diretamente relacionada ao campo da Educação Física; área de intervenção pedagógica que atua em diversos âmbitos e com interesses educacionais e culturais. Segundo Reis (2006, pp. 32-33):

As práticas esportivas de modo geral, independente de ser um “meio de formação de futuros craques”, possibilitam aos indivíduos experiências importantes para a formação de sua identidade. Sendo a Educação Física uma das disciplinas obrigatórias do ensino fundamental, espera-se que nas aulas de Educação Física Escolar as crianças aprendam valores fundamentais para a construção de sua autonomia, o que implica vivenciar, por meio de atividades lúdicas e técnicas, conhecimentos do universo da cultura corporal que lhes permitirão uma análise crítica do esporte de alto rendimento de maneira tal que a ignorância não seja a responsável pelo fanatismo.

A essa altura, não é demais chamar a atenção para o fato de que, infelizmente, o esporte acaba sendo o conteúdo hegemônico da Educação Física Escolar brasileira e, muitas vezes, confundido entre a população em geral, como a própria Educação Física. Aliás, já há algum tempo é um “campo” que se tornou um bem cultural produzido e comercializado pelos meios de comunicação, principalmente a televisão – basta exemplificar citando o grande espaço nas grades televisivas destinado ao futebol. Assim, nesse engodo magistral, professores, alunos e pais se fundem de uma maneira tão resistente que as possibilidades de a liga se desfazer são pequenas, pois do modo como se “conhece o esporte”, apenas midiaticizado, pode deixar os sujeitos limitados (porque na tevê prevalecem a imagem e o discurso do esporte de rendimento, atrelados à superficialidade das informações, além de outros fatores), e acaba tornando a experiência dos indivíduos no que se refere às práticas esportivas algo muito superficial. Feitas essas considerações, fica fácil identificar a importância da psicologia do esporte escolar, crítica.

(em sua grande maioria) nem mesmo têm a disciplina de jornalismo esportivo em sua grade curricular obrigatória. Outro fator que demonstra o não comprometimento da mídia com o jornalismo esportivo de qualidade é o fato de designarem o posto de jornalista esportivo, na maioria das vezes, para os iniciantes na carreira, o que demonstra a visão pouco prestigiosa do empregador em relação ao jornalista esportivo, ainda mais levando em consideração que esta área é uma das de maior interesse dos leitores e telespectadores brasileiros.

Acerca disso, Machado (2006) esclarece que os fatos demonstram que nossa escola vem transmitindo, ao longo do tempo, informações alijadas da realidade e distantes da prática social dos alunos, sobretudo dos que pertencem às camadas populares, dificultando ou mesmo impedindo a assimilação do que é ensinado, ou ainda ensinando o desnecessário e vivenciando o utópico. O autor salienta que como elemento social ela deve cumprir as funções de transmitir conhecimentos, de socializar as conquistas culturais, de divulgar e debater novos valores e crenças; processos esses que mediatizam a intervenção na realidade social, bem como propor manutenção e (ou) melhora de saúde e conhecimento da prática motora.

A análise empreendida por Machado (2006) é rica e abrangente e, em síntese, ela pode contribuir com o construto desta tese ao identificar que o professor tem um papel relevante – como mediador – na apropriação do saber pelos alunos das variadas camadas populacionais. Para desempenhar bem esse papel, ele precisa compreender os vínculos de sua prática com a prática social global. Necessita igualmente dominar os conhecimentos específicos a transmitir, de forma a referi-lo ao contexto global, sempre, problematizando-os com os alunos, só assim os conhecimentos assimilados serão instrumentos para os alunos alterarem sua prática social, ininterruptamente.

Machado (2006), depois de uma crítica à formação dos professores, principalmente os de Educação Física, observa que a organização do trabalho interno da escola não viabiliza momentos de encontro entre docentes que possibilitariam uma revisão crítica de sua prática, com a finalidade de reconstruí-la, de localizar os aspectos em que sintam necessidade de atualizar-se e, juntos, buscarem conhecimentos e assessoria específica dos níveis superiores, com visitas a construir-se um saber pedagógico autêntico, que responda aos desafios que a sociedade hoje lança à escola que aí está, uma vez que os encontros propostos apenas servem para pincelar o real e não para estudá-lo e alterá-lo.

Vale apontar que, para Machado (2006), há duas preocupações que parecem fundamentais na área de atuação do educador físico: uma seria o domínio seguro dos conteúdos e das técnicas pedagógicas e de movimentos que deverão transmitir a seus alunos; a outra, com base em uma crítica profunda das didáticas e metodologias que normalmente fazem parte da prática

pedagógica que vêm desenvolvendo, assim como das teorias que as embasaram, tentar reconstruir o fundamento técnico-pedagógico da prática do conhecimento, manifestação e controle corporal, valorizando as formas básicas de jogos e orientando as competições para algo a mais que o ganhar ou perder. Para o autor, somente assim se pode acreditar que será possível perceber e ressaltar que existem diferenças entre o jogo e a competição.⁴⁸ O jogo pode e deve estar presente na fase de iniciação, enquanto a competição se torna um mal nesta fase, e seguramente causará problemas na formação da criança. Pode ser deseducativo tanto na sua formação pessoal, como ser humano, quanto na sua formação atlética, pois a competição escolar também não tem valor comprovado na formação de atletas de alto nível. Esse fato, aliás, é percebido de maneira sintomática nas “escolinhas” de esportes, principalmente as de futebol. Garotos em fase de desenvolvimento têm sugadas todas as suas energias em treinamentos visando às competições. Sobre a situação específica de garotos que são expostos à barbárie em alojamentos, Nascimento (2008, p. 14) destaca que

A distância dos parentes pode até trazer prejuízos aos garotos. “A criança e o adolescente estão numa condição peculiar de desenvolvimento. Além das questões materiais, precisam referências familiares, culturais e comunitárias”, observa a psicóloga Lucia Helena Alencar, especializada em violência doméstica contra a criança. “Numa situação como essa, eles ficam sem o referencial de pertencimento, o que compromete o desenvolvimento saudável e adequado.” Os jovens que treinam muitas vezes em período integral perdem o direito à infância. Essa situação contraria o ECA. O artigo 19 da lei federal diz que toda a criança “tem que ser educada no seio da família”. Já o artigo 53 assegura o direito à educação, “visando pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho”. A carga excessiva de treinamentos é outro problema. “Há um perigo no exagero de exercícios físicos. Faltam profissionais preparados. Dar treino para uma criança é uma questão delicada e é preciso uma formação muito boa para isso”, alerta Turíbio Leite de Barros Neto, fisiologista do Centro de Medicina Esportiva da Universidade de São Paulo (Unifesp). “Em muitos casos, quem costuma dar treinamento é um ex-jogador. Não tenho nada contra ex-jogador. Mas é uma competência que ele não tem.”

Machado (2006) diz que em todo o seu contexto, seja na Educação

⁴⁸ Segundo Mead (1934), no desenvolvimento da criança há dois estágios que exibem as duas fases da realização da consciência de si mesma. O primeiro estágio é o jogo (*play*) e o segundo é o do jogo com regras (*game*). Os conceitos serão explorados no segundo capítulo.

Física, seja na iniciação esportiva, torna-se necessário respeitar as fases de desenvolvimento da criança. Ressalta-se que uma das hipóteses do autor é que a competição escolar é deseducativa. Para ele, a competição escolar precoce deixa de ter valor educacional a partir do momento em que deixa de ser simplesmente jogo e passa a ser competição. Disputar um campeonato e tentar ser campeão, portanto, mostra que prevalece a disputa e não a participação, evidenciando assim um objetivo maior, que não é o educacional. Entre muitos fatores que o autor aponta como deseducativo, está a falta de base dessas crianças, ainda em formação, para suportar as tensões geradas pela incerteza do jogo como competição. Enfim, apoiado em Caillois (1993), Machado ressalta que não pode ser educativa uma prática na qual somente os vitoriosos serão exaltados, pois na competição é dado valor somente aos vitoriosos, portanto à minoria. Outro problema, citado por Machado, é a motivação, que está diretamente ligado ao anterior; entre outras coisas, o valor dado pela prática competitiva às vitórias é inversamente proporcional ao valor dado para as derrotas, sendo assim, a derrota também poderá atuar como fator de desmotivação para a prática.

Uma certa visão de Machado (2006) vai se delineando quando ele sustenta que o jogo e a competição são elementos do esporte que, por sua vez, é conteúdo da Educação Física. Sendo assim, ele reforça, de forma conclusiva, uma verdade comumente repetida e geralmente esquecida: toda iniciação esportiva deve priorizar a educação e, posteriormente, a formação de atletas. Enfim, para Machado (2006), a personalidade dos alunos será estimulada pela atividade esportiva e pela competição escolar se os programas propostos enriquecerem a experiência vivida, além de estimular a observação e reflexão sobre eles próprios e aqueles que os rodeiam. O autor considera como muito importante o fato de os alunos, quando envolvidos com o processo competitivo esportivo escolar, refletirem sobre as dificuldades, assumirem posições, executarem tarefas e controlarem ações relativas ao ato competitivo.

Para completar o quadro, deve-se mencionar que Machado (2006) entende que a formação esportiva, dentro da escola, seja aquela que prime pela formação global, trilhando com equilíbrio as etapas de iniciação, orientação e especialização, numa perspectiva de participação crítica, em qualquer das manifestações da prática dos esportes escolares. Desse modo,

ele não se posiciona contrário à competição esportiva escolar, em absoluto. Apenas questiona os aspectos apresentados, nas aulas, de ensino fundamental e médio, quando o tema central é a competição. E pergunta: a cópia fiel do padrão esportivo adulto será a meta que buscamos atingir com nossos alunos? Para um professor responsável pela orientação e direção de seus alunos e equipes escolares, o domínio dos conhecimentos sobre modalidade e metodologias, sobre comunicação, motivação, observação e outras áreas, constitui uma necessidade visto que sem esses conhecimentos o seu saber não é operacionalizável. Isso significa que não produzirá transformação nem efeitos relacionados aos objetivos da preparação dos atletas.

Machado (2006) levanta, a partir dos elementos mencionados, uma discussão mais profunda sobre as perspectivas da psicologia do esporte sobre a competição escolar. Para ele, no ambiente escolar, observa-se uma demasiada valorização do esporte em detrimento do jogo. A Educação Física deveria ter como prioridade a atividade lúdica: contudo, em função de um pragmatismo que valorizou o produto, foi buscar no esporte-competição uma metodologia cujo objetivo é a perfeição de exercícios e o rendimento, causando assim sérios problemas na formação dos seres humanos, tornando-os uma máquina submissa às leis do treinamento esportivo e do rendimento. Apresenta-se, aqui, outro aspecto deficitário que compõe o ambiente de “formação” de atletas de futebol. Para tanto, recorre-se novamente a Nascimento (2008, p. 14), que relatou:

O MP paulista recebeu no ano passado (2007) denúncias de que crianças e adolescentes estariam sendo submetidos “a jornada excessivas de trabalho” nos grandes clubes. Na época, um adolescente denunciou ainda ter sido vítima de assédio sexual no Corinthians. Um ex-gerente de futebol amador foi acusado. Em visita aos alojamentos do Corinthians para examinar as condições de trabalho e recrutamento de crianças e adolescentes da categoria de base, as procuradoras Maria Mazotti, Débora Lopes e Maria José do Vale constataram problemas como sujeira, mau cheiro e chuveiros precários. Alojamentos dos clubes foram interditados. (...) Em Minas Gerais, o Cruzeiro está prestes a assinar um termo de ajustamento de conduta, com conteúdo elaborado pelo Ministério Público do Trabalho. Em núcleos que o clube mantém em municípios do interior também foram encontrados meninos sem frequentar escolas e instalados em alojamentos em péssimas condições, segundo Miriam dos Santos, do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda).

Do ponto de vista de Machado (2006), a educação está presente no processo de aprendizagem do esporte escolar e mesmo dos clubes. Esse esporte pode exercer função educativa, a partir do momento em que é proposto para uma clientela maior. Apoiado em Parlebás (1986), diz que o esporte é uma forma excepcional para o desenvolvimento de algumas qualidades sociomotrizes, como a solidariedade e o espírito de equipe. Mas, para tanto, é necessário que seu desenvolvimento e sua implantação tenham propostas educacionais, caso contrário será transformado em uma ambiente de treinamento de habilidades, ou num ambiente que deseduque o aluno (exemplos são as duas últimas citações, e a que vem a seguir).

Machado (2006), depois de uma análise dos papéis do jogo e do esporte, perpassando por seus ambientes, define que o jogo exige um processo; a prática esportiva, um adversário. A diferença recai sobre o grau de ansiedade, cobrança de resultado e sobre a técnica, levando a um adestramento. Apoiado em Korff (1993), ressalta que, no jogo, em geral, prevalece o caráter do riso; na prática de uma modalidade, ocorre o contrário; no esporte os jogadores são estimulados a vencer de qualquer maneira; no jogo há um espaço para liberdade onde a criatividade encontra-se presente. Dessa maneira, existe diferença entre jogar e praticar; entende-se que a proposta da competição esportiva escolar seja praticar uma modalidade e não simplesmente jogar, e esta prática pode causar alguns sérios problemas aos seus adeptos, que podem e devem ser diminuídos ou extintos, dadas as consequências sociopsicológicas que se desencadeiam partindo desses descaminhos. Sobre o assunto em questão, Nascimento (2008, p. 14) aponta que

A procuradora Claudia Franco vê pressão psicológica como um dos problemas mais sérios para os garotos. “Tinha meninos em situação de tristeza profunda (nos alojamentos), porque eram obrigados a apresentar resultados e não conseguiam, constata. Essa frustração pode ter consequências, observa Barros Neto. “A criança tem que satisfazer a expectativa do pai e da mãe. É uma cobrança injusta. Se não correspondem, há uma enorme ameaça à sua saúde mental, afirma. Para o fisiologista, o Ministério da Saúde deve intervir nessa questão. “É necessário no sentido de estabelecer condições mínimas para a salubridade física e mental da criança, defende.

Como destacado, a competição é uma situação esportiva favorável às

intervenções pedagógicas do professor, quando enquadrado na sua função educativa e formativa, pois fornece indicadores e sinais correlacionados que concorrem para a avaliação qualitativa das ações executadas pelos participantes. Machado (2006) concorda com Lima (1991), quando este observa que tal forma de avaliação constitui um indicador da distância a que se encontra das metas que eles próprios traçaram; para os professores, representa um meio de transmitir suas propostas, buscando indicar onde se localiza o erro cometido, o que precisa ser mantido e o que melhorou qualitativamente. A relação que se estabelece entre professor e aluno nesse tipo de contato adquire um valor dominante no relacionamento pedagógico que acelera o processo de execução, uma vez que desbloqueia o desenvolvimento das capacidades de percepção, de observação, de análise e de crítica do executante.

Assim, ao estimular a atitude crítica do executante e a sua participação consciente na correção dos erros, promove-se o desenvolvimento das capacidades de observação e de interpretação daquilo que se treinou, ou seja, trabalha-se com o desenvolvimento perceptivo e dos sistemas de análise e não apenas com a repetição de gestos, sem a compreensão de seus segmentos. Para Machado (2006), esse desenvolvimento dará origem às atitudes de adesão à prática esportiva numa maneira mais ativa e participativa, sem se prender a repetições padronizadas de gestos. Com isso, temos uma valorização da competição em nível formativo e de conscientização, contribuindo para a formação de uma personalidade mais livre e segura: autônoma.

Machado (2006) postula que é de conhecimento dos profissionais da Educação Física que a integração numa equipe, a aquisição do saber fazer, a elaboração da atitude do saber estar e as interações intergrupais favorecem a formação da personalidade da criança quando existe uma vinculação profunda e séria entre os comportamentos do grupo; desse modo, dependendo da orientação dada, a competição é um mero recurso didático que se usa para atingir um determinado fim, no programa escolar. O professor saberá como dosar o conteúdo, uma vez que apenas ele poderá responder sobre seu vínculo com o processo educativo que dirige e com as crianças que educa. Educação, socialização, formação são componentes decisivos da constituição

da identidade de um indivíduo.⁴⁹

1.4.3 – E agora, para que lado eu corro?

Segundo Reis (2006), vários autores europeus baseados no conceito de esporte descrito na Carta Europeia do Esporte, de 1992, apelam para que o futebol se converta, como todos os outros esportes, em uma atividade social e cultural que fomente a interação social e que seja modelo de prazer e lazer para os jovens, para os quais se manterão as bases morais e éticas do esporte alheio a toda hegemonia de fins comerciais, políticos e midiáticos. Para a autora, é possível se trabalhar com valores morais e éticos no esporte, porém com o estágio avançado de mercadorização do futebol é no mínimo romântica a possibilidade concreta do conceito europeu de esporte. É permitido ir além: em qualquer esporte, não apenas no futebol, mas principalmente nele, torna-se praticamente impossível trabalhar com valores morais e éticos (os casos de doping, as manipulações de resultados, a corrupção de menores estão à disposição para uma análise mais crítica).

De uma maneira geral, não apenas no mundo do futebol de alto nível, os valores morais e éticos deixam de ser estabelecidos: há muitas lacunas sociais que precisam ser preenchidas. Percebe-se, entre outros aspectos, uma grande apatia da população jovem, tomada mais por incertezas do que por um projeto de vida (futuro), em razão do quadro brasileiro e das poucas perspectivas econômicas e de ascensão social. Mesclado a tudo isso, observam-se muita desilusão e poucos recursos para buscar caminhos que não sejam autodestrutivos, como as drogas. É certo que, nas condições objetivas que se impõem às pessoas, não é possível formar uma identidade que esteja na perspectiva da emancipação. No nosso caso específico, apresenta-se que o esporte, em particular o futebol, é contraditório no que ele possibilita em termos de desenvolvimento e transformação de identidade. Diante disso, tendo como referência Habermas, pode ser que, nas condições em que o futebol se encontra, não seja possível caminhar no sentido da configuração de indivíduos que tenham uma perspectiva de uma identidade pós-convencional: ela é pré e é convencional.

⁴⁹ Conceitos que serão aprofundados.

Para tanto, o foco de atenção nesta parte da tese é a influência do americano Lawrence Kohlberg (1927-1987) – professor em Chicago e Havard – no desenvolvimento das concepções de Jürgen Habermas.⁵⁰ Destaca-se que a análise a ser empreendida possibilita uma aproximação com a Psicologia Social Crítica do Futebol que se propõe. Tem-se como base um artigo que está disponível na Revista Mente e Cérebro, de autoria de Alessandro Pinzani (2008), pois de forma única, sintetiza ideias de Habermas contidas em suas obras *Consciência Moral e Agir Comunicativo*, *Teoria da Ação Comunicativa*, *Para a Reconstrução do Materialismo Histórico* e *Conhecimento e interesse*.⁵¹ Acerca disso, evidencia-se que um conceito-chave do texto é o de sociedade pós-convencional, aquela que resolve conflitos sobre regras e normas práticas utilizando princípios gerais universais. No plano individual, um sujeito alcança o nível pós-convencional no modelo de Kohlberg quando orienta o seu agir com bases em princípios universais e não com base em regras tradicionais, em padrões de comportamento dominantes ou na autoridade de outros indivíduos, de livros sagrados etc.

A análise empreendida por Pinzani (2008), em seu início, mostra que o interesse de Habermas pela psicologia em geral e pela psicanálise em particular está fundamentado em um projeto emancipatório, segundo o qual é preciso criar uma teoria de sociedade que aponte não somente para as patologias da sociedade capitalista contemporânea, mas também para as possibilidades de uma emancipação humana como almejada pelo jovem Marx. Para esse fim, o teórico deve identificar no aparente triunfo da racionalidade instrumental que caracteriza a sociedade moderna (isto é, no triunfo daquela racionalidade que se ocupa exclusivamente em encontrar os meios mais apropriados para alcançar um determinado fim, sem, contudo, preocupar-se em avaliar o próprio fim), aqueles aspectos que remetem a uma racionalidade alternativa. Habermas chama-a de comunicativa,⁵² isto é, uma racionalidade

⁵⁰ Habermas começa a apropriar-se da teoria de Kohlberg no contexto da sua busca pela teoria social crítica com interesse emancipatório.

⁵¹ Para o constructo da tese, essas obras de Habermas, entre muitas outras, foram lidas, porém, como destacado, a síntese de Alessandro Pinzani, autor de um livro que tem por título *Jürgen Habermas*, é digna de referência.

⁵² A teoria da Ação Comunicativa, proposta por Habermas (2003), tem nos paradigmas do *Mundo da Vida* e *Sistema* seus núcleos categoriais básicos. O primeiro, o *Mundo da Vida*, é reservado à esfera da *razão comunicativa*, espaço por excelência da intersubjetividade, da interação. O segundo, o *Sistema*, é movido predominantemente pela *razão instrumental*, em

que visa ao entendimento e à compreensão intersubjetiva a fim de alcançar um consenso sobre afirmações teóricas, assim como normas e regras práticas – morais, éticas, jurídicas e outras. Daí seu interesse pela teoria evolutiva de Jean Piaget e, sobretudo, de Lawrence Kohlberg, que aplicou o modelo piagetiano do desenvolvimento da competência cognitiva ao desenvolvimento da competência moral dos indivíduos.

A propósito dessa questão, destaca-se que Kohlberg desenvolveu sua teoria dos vários níveis de desenvolvimento moral em 1958, em sua tese de doutorado. O ponto de partida foi a aplicação da teoria piagetiana à análise da resposta de crianças colocadas perante dilemas morais; o resultado foi a elaboração de um modelo em seis níveis discretos que o sujeito pode percorrer (mas nem sempre o faz) desde a infância. Cada nível representa uma possibilidade mais sofisticada e complexa de responder aos problemas postos por dilemas morais. Por isso, o modelo pode ser considerado evolutivo: a cada nível, os indivíduos tornam-se mais aptos a fazer jus à complexidade da sua vida social e moral. Nas suas formulações definitivas, o modelo não se aplica somente a crianças, mas também a indivíduos adultos, já que o processo de desenvolvimento da consciência moral prossegue depois da infância. Desse modo, tendo como base os níveis propostos, tecem-se considerações e aproximações, buscando um diálogo fiel com o ambiente do futebol. *“Por tradição, o futebol brasileiro é um meio retrógrado e paternalista. Apegados ao poder, os dirigentes de clubes e federações procuram alienar os jogadores e tratá-los como escravos. (...) Poucos foram os momentos nos quais os jogadores lutaram por melhores condições de trabalho. Mais raras ainda foram as lutas das quais os atletas saíram vitoriosos* (Gozzi e Sócrates, 2002, p. 18). Essa citação, retirada do livro *Democracia Corintiana*, faz com que a validade da argumentação proposta seja ainda mais pertinente. Assim, apresenta-se a partir de agora a análise.

que se estruturam as esferas do *trabalho*, da *economia* e do *poder*. A disjunção operada entre esses níveis, que se efetivou com a complexificação das formas sociais, levou Habermas a concluir que a utopia da ideia baseada no trabalho perdeu seu poder persuasivo (perdeu seu ponto de referência na realidade). Isso porque as condições capazes de possibilitar uma vida emancipada não mais emergem diretamente de uma revolucionarização das condições de trabalho, isto é, da transformação do trabalho alienado em uma atividade autodirigida. Ou seja, para Habermas, a centralidade transferiu-se da esfera do trabalho para a esfera da ação comunicativa, na qual se encontra o novo núcleo da utopia.

1.4.3.1 – Nível Pré-Concencional

No nível I (pré-convencional), a criança reconhece a autoridade dos pais, dos professores etc., e orienta seu comportamento com base no prazer ou desprazer, que são consequências imediatas da obediência ou desobediência das regras. Essa atitude centrada no ego do sujeito é comum entre as crianças, mas às vezes traços dela podem ser encontrados em adultos. Esse nível, como todos os outros, é dividido em dois subníveis ou estágios:

1 – Orientação com base no modelo punição/prêmio: a criança segue as regras para não ser punida pelos pais ou pelos adultos em geral. Nesse estágio, a criança julga seu agir com base nas consequências imediatas. Se uma determinada ação for punida, ela pode ser considerada *bad*, ou seja, má ou simplesmente ruim (para o próprio sujeito).

2 – Egoísmo instrumental: a criança segue as regras porque elas correspondem ao seu interesse imediato. Nesse estágio a criança começa a reconhecer a existência de pontos de vista diferentes ao seu, mas somente à medida que eles são funcionais à satisfação do próprio interesse (por exemplo, numa troca de favores, porém limitada a uma perspectiva imediata, não em longo prazo como no caso da atitude contratualista do estágio cinco, que ainda será elucidado).

Sobre esse nível, aplicado ao futebol, pode-se considerar comum que as crianças que têm este esporte como atividade se enquadrem no modelo, pois seus instrumentos de ação ainda são limitados. Assim, torna-se difícil querer que elas enfrentem e quebrem as regras, mas não se pode desconsiderar a importância que uma reflexão crítica faria nessa fase, na tentativa de constituir um indivíduo mais estruturado numa perspectiva futura e com consciência (real) sobre seu meio. No entanto, vale destacar que, como as crianças, praticantes adolescentes e adultos também podem ser enquadrados neste nível, porque cada vez mais detecta-se o futebol como mais uma faceta social apoderada pela *Ordem Sistêmica*, administrada pelo dinheiro e pelo poder, pois, ao ser colonizado estrategicamente pela razão instrumental, o futebol carrega em sua companhia para o *Mundo da Vida* (cultura, sociedade e

identidades) as fantasias e promessas distorcidas de milhares de indivíduos e suas famílias.⁵³

Isso posto, resta destacar que o atleta de futebol profissional é obrigado a seguir a regras, mas não tem noção de que a quebra de uma delas pode tumultuar o ambiente em todo o seu contexto, assim como a sua própria carreira. Pode até ser percebido que há pontos de vista diferentes dos seus, mas no tremendo grau de passionalidade que envolve uma partida de futebol, não há espaço para o fato ser levado em consideração. A título de exemplo, no dia 13 de abril de 2009, numa partida entre Corinthians x São Paulo, o jogador Cristian, do Corinthians, ao marcar um gol no minuto final, correu em direção à torcida adversária realizando um gesto obsceno. Segundo Batista (2009, p. 4),

O momento de herói que Cristian viveu ao marcar o gol da vitória corintiana sobre o São Paulo, anteontem, no Pacaembu, misturou-se com a postura de vilão. O ato de sair comemorando com os dedos médios levantados, e em direção à torcida rival, feriu o fair play e deve merecer denúncia no Tribunal de Justiça Desportiva. O procurador Antonio Carlos Meccia analisou as imagens do jogo, tanto em vídeos quanto em fotos, e convocou o corintiano para dar esclarecimentos. (...) Enquadrado no artigo 258 do Código Brasileiro de Justiça Desportiva, corre o risco de ser suspenso por até 10 partidas.

Não há dúvidas de que Cristian extrapolou a emoção na hora de comemorar o gol. A psicóloga do esporte Kátia Rubio, em entrevista à Batista (2009), ressalta que muitas vezes não é de forma intencional que essas ações acontecem, pois *“o momento de comemorar envolve emoções que estão contidas durante o jogo. Por mais que o técnico peça para que o atleta se contenha, é difícil para nós, latinos, termos controle da situação. Temos essa coisa de sempre buscar o limite.”* Rubio percebeu o gesto como ofensivo e destacou o fato curioso do atleta, em seu discurso, colocar elementos como “sofrimento” para justificar muitas coisas. Para a psicóloga, esse discurso talvez camufle uma intencionalidade agressiva do gesto (vale ressaltar que após o jogo Cristian pediu desculpas pela ação executada).⁵⁴

⁵³ As histórias de vida e os exemplos que serão trazidos nos próximos capítulos (2 e 3) servirão como indicadores sociais das correlações existentes entre o mundo da bola, o sonho de uma carreira de sucesso, a real possibilidade de frustração nessa empreitada e a formação das identidades psicossociais em meio a essa “caixinha de surpresas” que é o futebol.

⁵⁴ Em seu livro *Consciência Moral e Agir Comunicativo* (2003), Habermas esclarece que enquanto no agir estratégico um atua sobre o outro para ensejar a continuação desejada de

Rubio salientou que o atleta deveria ser punido pelo seu ato, mas não saberia dizer se com a perda de um jogo, ou talvez com um trabalho comunitário, pois a atitude poderia ter desencadeado uma reação de violência por parte da outra torcida (os são-paulinos poderiam querer revidar). O tenente-coronel Hervando Velozo, comandante do 2º Batalhão de Choque e chefe do policiamento na partida que ocorreu no Pacaembu, também em entrevista à Batista (2009), afirmou que ficou aflito quando viu Cristian se dirigindo em direção ao setor em que os são-paulinos se encontravam. Para Velozo, *“tudo o que está no estádio afeta. Seja jogador ou dirigentes que tomam medidas não pensadas, que influenciem na segurança. Ficamos preocupados”* (Batista, 2009, p. 4)

Depois dessas considerações, fica mais explícito o fato de o futebol ter se tornado um esporte muito complexo. Um simples gesto, sem desconsiderar o seu significado ofensivo, pode ser capaz de incentivar a violência (entre jogadores e torcedores), mobilizar a mídia, a justiça e até fazer com que o torcedor, sentado na poltrona (longe do estádio, mas inserido no espetáculo), jogue seu copo de cerveja na televisão e trate as pessoas que dele estão próxima de uma maneira não urbana. O fato de existir uma psicologia social crítica específica do futebol poderia contribuir para que essas ações, no mínimo, diminuíssem. Para isso ocorrer, afinal, torna-se necessário que a psicologia chegue onde ela não chega, ou chega ainda de maneira tímida: no ambiente escolar e de formação de atletas. Apenas a partir daí, pequenas mudanças significativas poderiam ocorrer, possibilitando outra compreensão da dimensão social do futebol, pois como a normatização na esfera deste esporte cada vez mais se acentua, e o caminho reverso é muito difícil, com uma formação mais sólida sendo caracterizada, a vida de seus adeptos poderia se tornar minimamente dramática, pelo menos no que se refere ao momento esportivo.

uma interação, no agir comunicativo um é motivado racionalmente pelo outro para uma ação de adesão – *“e isso é virtude do efeito ilocucionário de comprometimento que a oferta de um ato de fala suscita* (Habermas, 2003, p. 79). Em outras palavras, pode-se dizer que no agir comunicativo há entendimento porque se reconhece o outro; no agir estratégico o que existe é manipulação. Aliás, que alguém pense sinceramente o que diz é algo a que só se pode dar credibilidade pela consequência de suas ações, não pela indicação de razões. O tema será retomado.

Interessante destacar, retomando aos polêmicos gestos obscenos de Cristian, a leitura que Ugo Giorgetti fez da situação:

É claro que a acusação vem revestida de um linguajar jurídico, cheia de parágrafos e incisos, redigida com a pomposidade habitual que tenta dar mais solenidade ao português comum. É uma acusação típica dos nossos dias, politicamente correto na teoria, politicamente indecente na prática. Que significa fazer gestos obscenos para a torcida? E mais: qual o problema de fazer gestos chamados obscenos para a torcida? Só a torcida tem o direito de ser obscena? Qualquer um que vai a estádios sabe o que a torcida fala para os jogadores. Hoje em dia isso pode até ser ouvido pela televisão e ninguém se incomoda. Há estádios em que a proximidade faz com que o jogador ouça com notável precisão todos os insultos que lhe são dirigidos. Todos, dos raciais aos que atingem a mãe, a irmã e a mulher. Tudo sob o pretexto de que a torcida paga e, portanto, tem direito. Quem disse que no ingresso está incluído o direito de xingar o jogador? O ingresso é uma permissão para assistir o jogo e nada mais. Portanto, qualquer jogador tem direito de reagir à torcida e não merece ser punido por isso. Já houve casos clássicos no passado e vai haver sempre. A reação é humana e compreensível. Aliás, esse julgamento é de uma hipocrisia maior ainda quando é mais do que provável que a torcida “ofendida” esteja pouco ligando para as providências do Tribunal de Justiça Desportiva. Gostaria de quem vai julgar Cristian pudesse consultar os torcedores que ele supostamente ofendeu. Duvido que qualquer um deles recomendasse algum tipo de punição. Acho que se contentariam de, em coro e inúmeras vezes, mandar o Cristian para aquele lugar, como mandam as tradições do futebol. Mas os juízes talvez não pensem assim. E uma coisa que deveria ser resolvida entre jogadores e torcida, e ficar apenas nisso, pode terminar com uma punição injusta e injustificável. O tribunal poderia atentar para o que realmente é obsceno no futebol, como, por exemplo, o preço que o Santos determinou para a partida de hoje na Vila (Santos x Corinthians). Não sei se é da alçada do tribunal, mas deveria ser. E o fato da torcida ter esgotado os ingressos só torna a atitude mais odiosa. Para isso não há punição. Para o gesto de Cristian há (Giorgetti, 2009, p. 2).

Diante do exposto, resta dizer que a leitura do ato de Cristian e seus desmembramentos, realizada por Giorgetti (2009), assim como a consideração de outras questões polêmicas consideradas pelo cineasta e colunista do jornal *O Estado de S. Paulo*, se insere no contexto do que Habermas compreende como colonização do Mundo da Vida. Retomando o conceito, segundo Habermas (2003), *o sistema* engloba as esferas econômicas e políticas voltadas para a produção societal, esferas que têm como meios de controle o dinheiro e o poder; *o mundo da vida* é o locus do espaço intersubjetivo, da organização dos seres em função da sua identidade e dos valores que nascem da esfera da comunicação. A cultura, a sociedade e a subjetividade encontram seu universo no mundo da vida. O desacoplamento entre sistema e mundo da vida só

poderá ser compreendido na medida em que se possam apreender as transformações que vêm ocorrendo nas relações entre ambas.

Habermas (2003) destaca que o poder e o dinheiro, como meios de controle que se desenvolvem no interior do sistema, acabam por se sobrepor ao sistema interativo, à esfera comunicacional. Opera-se uma instrumentalização do mundo da vida, sua tecnificação. Com o aumento e complexificação dos subsistemas, o fetichismo, descrito por Marx, acaba por invadir e instrumentalizar o mundo da vida. Dá-se, então, o que Habermas caracteriza como processo de colonização do mundo da vida. Esses fenômenos já se constituem como efeito do desacoplamento entre sistema e mundo da vida. A racionalização do mundo da vida torna possível realizar a integração social, por meio *diferenciados* daqueles presentes no mundo da vida, como a linguagem.

Enfim, nessa configuração, com o futebol, que é um fenômeno do *Mundo da Vida*, sendo colonizado pelo *Sistema*, por mais que se identifique como muito interessante a proposta de Giorgetti, de que as discussões se encerrassem dentro das “quatro linhas”, isso está muito distante de acontecer, tendo em vista, como salientado, a dimensão social do “maior espetáculo da terra”. Assim, parte-se para a análise de outro nível de desenvolvimento moral.

1.4.3.2 – Nível Convencional

No nível II (convencional), a criança (na maioria dos casos já adolescentes) limita-se a aceitar as regras porque elas valem no seu ambiente. Esse nível é mais interessante, já que muitos adultos permanecem nele por boa parte da vida ou até por toda ela. Os dois estágios correspondentes são os seguintes:

3 – Atitude de *Good Boy*: a criança adapta-se aos padrões de comportamentos estereotipados dominantes na sociedade a fim de ser considerada um *good boy*, um bom rapaz. Dessa perspectiva, reconhece a existência de relações sociais perante as quais deve tomar posição, cumprindo as exigências que o ambiente lhe impõe e assumindo seu papel social. Exemplos de atitudes correspondentes a esse estágio são a gratidão, o

respeito pelos adultos etc. O sujeito é movido pelo desejo (ou pela necessidade) de receber a aprovação do seu ambiente social.

4 – Modelo *Law and Order*: a criança aprende a respeitar a autoridade e a fazer a sua parte para a manutenção da ordem social sem questionar nem tal ordem nem tal autoridade. Ela obedece sem perguntar-se por quê. Ao mesmo tempo, abandona finalmente a perspectiva centrada no ego dos primeiros três estágios e reconhece a importância da existência de regras para o funcionamento da sociedade. Esse é o estágio no qual se encontram muitos adultos, que orientam sua vida com base na tradição, num respeito dogmático das leis ou das regras sociais, uma autoridade religiosa etc. Dessa perspectiva, a lei deveria ser respeitada como lei, independentemente do fato de ser justa ou injusta; ou, para dar outro exemplo, a palavra do sacerdote (do padre, do pastor, do aiatolá, do guru etc.) é lei pelo simples fato de provir de uma pessoa dotada de autoridade social.

Sobre esse nível, aplicado ao futebol, pode-se concluir, diante da quantidade de normas que se têm de seguir nesta modalidade esportiva,⁵⁵ que ele também se legitima. É possível compreender o futebol como uma “mini-sociedade-de-controle”, o ambiente é regulatório, e, independente da esfera em que se trabalha (das bases à elite; dos treinamentos às finais de campeonato), as regras são impostas e precisam ser respeitadas. Rompê-las, é verdade, pode ser o ponto final de uma carreira (a não ser que o atleta que rompa com a norma estabelecida esteja no *topo da cadeia*; que ele seja uma grande estrela, em evidência, e que o “estrage” não tenha sido tão grande).

Outro fator que emerge desse nível, convencional, é a luta que o indivíduo empreende movido pelo desejo de receber a aprovação de seu ambiente social. Em nosso país, vale ressaltar, uma das maiores formas de reconhecimento que pode existir é pelo êxito, pelo sucesso que a pessoa pode alcançar caso a carreira de atleta de futebol profissional decole. Para tanto, muitas crianças, adolescentes e adultos se expõem ao ridículo na tentativa de serem admitidas por um grande clube e, conseqüentemente, serem “admitidas”

⁵⁵ Além das 17 regras específicas: 1. Campo de Jogo; 2. A Bola; 3. Números de Jogadores (times); 4. O Equipamento dos Jogadores; 5. O Árbitro; 6. Os Árbitros assistentes (bandeirinhas); 7. Duração da Partida; 8. Início e Reinício de jogo; 9. Bola em Jogo ou Fora de Jogo; 10. Gol Marcado; 11. Impedimento; 12. Falta e Conduta Antidesportiva; 13. Tiros livres; 14. Pênaltis; 15. Arremesso Lateral; 16. Tiro de Meta; 17. Tiro de Canto (escanteio).

socialmente. Sem questionar, submetem-se às situações das mais indigentes. Muitos até têm noção de que o ambiente não é dos mais dignos para sobreviver, mas, na ânsia da busca pelo reconhecimento, aceitam o que lhes é empurrado; pouco se preocupam se é justo ou não. Assim, os caminhos e descaminhos percorridos por atletas em busca do reconhecimento profissional são vias de acesso, importantíssimas, que permitem análise e reflexões sobre o papel, fundamental, que teria a psicologia social crítica do futebol. Ao menos, nos quesitos específicos da tese em questão.

Segundo Leme (2005), o futebol profissional no Brasil apresenta dois níveis qualitativamente diferenciados; realidades que não são exclusivamente típicas da nossa cultura: o primeiro, de alcance muito reduzido, é o dos atletas de sucesso, bem remunerados; o segundo é a dos atletas “comuns”, da grande massa que não têm “mercado” e que limitam sua carreira a atuar em times “pequenos” ou, então, a completar o elenco das grandes equipes. Há também uma quantidade significativa de atletas que não figuram nos dois níveis citados; por isso, considera-se como atletas/identidades excluídas, pois sem reconhecimento social de sua profissão; são os desempregados, na linguagem do “mundo da bola”, os “sem clubes”.

A questão do reconhecimento social é destacada no trabalho do filósofo alemão Axel Honneth (2003), pois, para ele, a dinâmica da reprodução social, os conflitos e a transformação da sociedade poderiam ser mais bem explicados com base nos sentimentos de injustiça e desrespeito decorrentes da violação das pretensões de identidade individual e coletiva. A realidade afetiva e emocional é enfatizada, pois se torna não apenas uma dimensão autônoma do reconhecimento, mas também o elemento fundamental em todo o processo intersubjetivo que envolve o reconhecimento social.

Essa correlação existente entre a gênese da identidade humana com a afetividade vivenciada nas relações sociais de reconhecimento ou não reconhecimento, permite-nos ponderar sobre a questão da identidade dos atletas de futebol no Brasil. Percebe-se que existe um grande contingente desses desportistas que não se sentem reconhecidos em sua profissão, podendo ressentir-se do fato em sua vida psíquica, já que as experiências afetivas do não-reconhecimento, segundo Honneth (2003), podem levá-los à percepção de experiências difusas de sofrimento e humilhação social, sendo

impeditivas de qualquer possibilidade de emancipação social. A ideia básica do autor é que os indivíduos e grupos só podem formar suas identidades quando estas forem reconhecidas intersubjetivamente pelos demais nas relações sociais, nas práticas e instituições de uma comunidade. Assim, a realização da autonomia e a autorrealização dos indivíduos dependem do reconhecimento e da valorização positiva dos demais membros da comunidade em diferentes dimensões da vida social, inclusive no campo profissional.⁵⁶ Apresentam-se, a título de exemplo, algumas situações vivenciadas por atletas de futebol diante da busca desenfreada pelo reconhecimento; situações a que se submetem serão evidenciadas. Sobre esse processo, Nascimento (2008, p. 11) relata que

Jovens jogadores fazem graves acusações. “Sempre ouvi falar de casos de pedofilia nas categorias de base de grandes times”. Afirma R.M., 20 anos, ex-Corinthians e Portuguesa e hoje sem clube. “Alojamento sem higiene é coisa normal. Se a Vigilância Sanitária aparecer, ela fecha dezenas de clubes. Na Portuguesa Londrinense (PR), um amigo meu estava dormindo e um rato caiu em cima dele”, conta R. A.P., 19 anos, ex-Santos e também sem clube no momento, relata ter passado duas semanas na mesma Portuguesa Londrinense à base de arroz e pé de galinha, todos os dias. “À noite, a gente dormia no chão. E tinha que ficar com a bolsa e as roupas entre as pernas para não ser roubado”, afirma. Segundo ele, atletas menores de idade saíam diariamente com homossexuais e recebiam 200 reais por programa.

Segundo Nascimento (2008), integrantes da revista *Carta Capital* visitaram o alojamento da Portuguesa Londrinense, rebaixada no ano de 2008 para a Segunda divisão do Campeonato Paranaense. Eles detectaram que os jogadores dormiam em cama e beliches em estado ruins com colchões velhos e sujos. Os quartos não estavam limpos e havia um forte cheiro de mofo e suor. Em relato para Nascimento, Amarildo Martins, dono de uma autopeça e presidente da Portuguesa, afirmou que o ambiente não tinha mordomia, nem quarto bonitos, mas que era limpo e, uma vez por semana, *“um cara meio ignorante (vem) aqui (e) bota a molecada para cuidar dos quartos e do*

⁵⁶ O pensamento de Honneth, sobre a importância do reconhecimento social para a formação das identidades psicossociais, assemelha-se à ideia habermasiana sobre o mesmo tema, pois ao considerar que os processos de individualização e socialização ocorrem simultaneamente, Habermas explicita que o sujeito na totalidade de suas relações compartilhadas intersubjetivamente necessita da confirmação e do reconhecimento dos outros participantes da interação, sendo capaz de experienciar o reconhecimento intrassubjetivo para consigo mesmo. Ou seja, o sujeito deve entender-se consigo mesmo acerca da elaboração de um conteúdo interno e, ao mesmo tempo, na medida em que vivencia e exterioriza esse conteúdo, tem de poder esperar o reconhecimento da comunidade ilimitada de comunicação.

corredor” (Nascimento, 2008, p. 11). Entre outras coisas, Martins destacou que a vida no futebol é difícil para quem é razoável, admitiu que homossexuais rondavam o alojamento, que era evangélico e por isso levava a palavra de Deus aos garotos,⁵⁷ e que era mentira que eles comiam pé de frango, apesar de dizer que *“podem ter sobrados uns dois pezinhos de frango de vez em quando”* (Nascimento, 2008, p. 11).

O fato exposto é grave, na medida em que não é isolado, pois, como detectado em entrevistas para a realização da tese, feita com atletas, atletas “sem clubes” e ex-atletas, que aceitaram participar do trabalho – entrevistas serão mais bem trabalhadas nos capítulos seguintes –, são situações que predominam no ambiente do futebol. Nessa configuração, pode-se considerar que há pouca possibilidade de os indivíduos se emanciparem, assim como se torna problemático o caminho visando à autonomia do sujeito. Qualquer atitude que saia de um padrão convencional pode fazer com que o jogador seja descartado: não é ele que decide pelo seu próprio futuro. Enfim, por serem privados de um olhar crítico – apenas são criticados –, por terem poucas possibilidades de aprender e desenvolver formas mais sofisticadas e eficazes de enfrentar dilemas morais ou conflitos sociais, a maioria, é claro, tornam-se presas fáceis para as amarras da vida.

Interessante salientar, e isso também é muito problemático, que técnicos do *alto escalão* estão envolvidos com clubes de menor porte tendo por objetivo garimpar algumas contratações que lhe rendam um bom retorno financeiro. Isso também foi detectado no trabalho de campo. Nesse aspecto, técnicos, dirigentes e empresários, entre outros interesseiros, apenas contribuem para que os processos emancipatórios em busca da autonomia dos indivíduos sejam mais difíceis. Suas condutas, ao invés caminhar no sentido que se percebe como mais ético, trilha o caminho da podridão, do lixo que permeia a sociedade e, principalmente, o futebol. Há exceções, como em todos os setores, mas infelizmente, são a minoria. Assim, antes de partir para o entendimento do que é uma Identidade Pós-Convencional, aquela que é percebida de maneira muito tímida na sociedade de modo geral, e numa escala muito menor (isso quando é percebida) no ambiente do futebol, fecha-se esta

⁵⁷ O impacto das crenças e práticas religiosas no futebol é outro problema sério, mas que não será problematizado nesta tese. Isso foi feito em minha dissertação de mestrado.

parte mostrando a situação de mais atletas que estão confinados, na “engorda”, com remotíssimas chances de ascenderem socialmente e de serem reconhecidos, se não optarem por outro caminho, ou se não contarem com uma boa dose de “sorte”. Nascimento (2008, p. 12) diz que

Tutelados por empresários em busca de grandes negócios, os jovens atletas não são mais donos de seus destinos. Passam a ser tratados como mercadoria e chagam a ser oferecidos como se fossem animais de raça. Hoje, já não são disputados apenas pelos clubes. A revelação de atletas dá dinheiro e, por isso, iniciativas isoladas de empresários para formar e vender jogadores espalham-se por todo o País. Em Arapongas, cidade paranaense a 380 quilômetros de Curitiba, o Esporte Clube Laranja Mecânica, que não disputa campeonatos, foi montado por um grupo de investidores holandeses ligados à empresa Sportconsortium. Os nomes desses investidores não são revelados. O time – cujo nome homenageia a seleção holandesa – acaba de construir um moderno centro de treinamentos na cidade, com onze quartos, piscina, três campos de futebol, salas de ginástica e área de lazer. Desde 2002, quando foi criado, investiu 4 milhões de reais na formação de atletas, segundo os responsáveis. Somente no CT teriam sido cerca de 3 milhões. Trinta e dois jovens, entre 10 e 16 anos, vivem no CT, na área rural da cidade. Até o início de outubro, eles estavam alojados em um casarão de quatro quartos, no centro de Arapongas. Os jogadores vieram de estados como São Paulo, Bahia, Minas Gerais, Rondônia e Mato Grosso. Recebem uma bolsa mensal de 80 reais, mais alimentação, moradia e chuteiras. Durante o dia, ficam sob os cuidados de três treinadores de futebol, um diretor técnico e uma assistente administrativa. À noite, contam apenas com a assistência do caseiro e de um segurança. “Não somos só um clube de futebol. Nossa preocupação não é só com o comercial. Somos um projeto social e todos aqui têm que estudar. Os meninos recebem inclusive aula de inglês”, explica o funcionário Diego Simino, um jovem de 18 anos. Outras atividades sociais não são conhecidas. O rendimento escolar dos garotos é acompanhado, segundo Simino, pela assistente administrativa Cleide Ananias, formada num curso de magistério. Os atletas são agenciados pela empresa Sportconsult Brasil. Quando o jogador assina contrato com um clube, a empresa e o Laranja Mecânica passam a ter uma porcentagem dos direitos federativos. O clube ganha dinheiro com a venda, no futuro. A preferência, sempre, é por um time europeu. No momento, o clube mantém o goleiro C., de 15 anos, no Grêmio de Porto Alegre. Dois atletas estão em teste no Cruzeiro, outros quatro na Holanda e um aguarda resposta para jogar no Japão. Y., de 14, de Brasília, é um dos mais novos. Sobre se ele se sente mal longe de casa, disparou: “Minha mãe falou que era um a menos para atormentar”.

1.4.3.3 – Nível Pós-Convencional

No nível 3 (pós-convencional), o indivíduo desenvolve uma concepção moral autônoma e independente dos padrões de comportamento tradicionais, sem ceder à pressão que a sociedade exerce sobre ele a fim de que se adapte a tais padrões. Nesse nível ele orienta-se com base em princípios, não apenas na autoridade da lei ou de pessoas. Os dois estágios correspondentes são os seguintes.

5 – Orientação contratualista: o indivíduo orienta-se com base em direitos e liberdades subjetivas e em padrões de comportamento sobre as quais há na sociedade um consenso geral alcançado mediante argumentos, ou seja, sem apelar tão somente à tradição. O indivíduo reconhece a existência de interesses e opiniões diferentes e busca um acordo com os outros indivíduos a fim de alcançar um ponto de vista aceitável para todos.

6 – Orientação segundo uma ética baseada em princípios: o próprio indivíduo decide quais os princípios que devem orientar seu agir; não se trata de normas éticas concretas (ou seja, de normas tradicional ou socialmente aceitas), mas de princípios abstratos com base nos quais podem ser fundamentadas regras morais (Kohlberg menciona exemplarmente princípios universais de justiça, os direitos humanos, o respeito da dignidade da pessoa). É o estágio no qual se encontra, por exemplo, o sujeito Kantiano que age fundamentado no imperativo categórico (o qual na sua formulação mais simples diz: “Age sempre de forma a considerar o outro não como simples meio, mas também como um fim em si mesmo”).⁵⁸

Sobre esse nível, aplicado ao futebol, pode-se considerar que há remotas chances de ele ser percebido, pois romper com o ambiente tradicionalista – e corrupto – que se perpetua nas entidades que comandam o futebol torna-se algo inimaginável, principalmente nos dias atuais, em que a maioria das atividades se percebe controlada. Porém, pode-se citar um exemplo nacional que, pelo menos por um pequeno período, rompeu com a tradição e procurou dar voz a todos indivíduos no sentido de alcançar um ponto de vista aceitável para o grupo de atletas. No entanto, se tratando de um grupo, o indivíduo não pode decidir quais os princípios que devem orientar seu agir, apenas pensando nele próprio. O objetivo é o bem maior: a existência de entendimento, com a intenção de que o justo e bom se estabeleça no *lócus* de ação. Desse modo, apresenta-se a *Democracia Corintiana* como uma experiência emblemática que se enquadra perfeitamente no perfil pós-convencional. Segundo Gozzi e Sócrates (2002, p. 18 – 20):

⁵⁸ Segundo Pinzani (2008), em momentos sucessivos, Kohlberg acrescentou algumas modificações ao seu modelo, mas a estrutura básica do esquema permaneceu inalterada.

(...) No primeiro semestre de 1982, um terreno de alguns milhares de metros quadrados na zona leste de São Paulo transformava-se no primeiro local do Brasil a respirar ares democráticos em dezoito anos. Liderado pelo craque Sócrates e apoiados pelo diretor de futebol Adílson Monteiro Alves, os jogadores e a diretoria do Sport Club Corinthians Paulista começavam a deixar de lado o paternalismo e a truculência inerentes aos dirigentes e passavam a viver tempos de um relacionamento profissional e sincero no esporte. A nova filosofia consistia numa série de aberturas e concessões aos atletas. Dos jogadores, exigia-se dedicação ao clube e muito profissionalismo no trabalho. O elenco era sempre informado sobre as medidas adotadas pelo Departamento de Futebol do clube e decidia pelo voto direto, por exemplo, novas contratações sugeridas pelos diretores. Caso um jogador tivesse a contratação aprovada, viria para o clube. Se a maioria rejeitasse, a contratação seria vetada e outro reforço seria procurado. Em respeito à democracia, o grupo também podia votar a saída de algum atleta do elenco. E sempre prevaleceria a decisão da maioria simples, como numa eleição democrática. Muitos jogadores também engajaram-se no exercício da cidadania, filiando-se a partidos políticos e trabalhando ativamente em causas que julgavam honradas.

Desse modo, a política de convivência que foi instaurada pela *Democracia Corintiana* permite aproximações com proposições habermasianas, pois emerge o fato de somente os próprios envolvidos, a partir da perspectiva dos que participam de consultas práticas, poderem ter clareza a respeito do que em cada caso é uniformemente bom para todos. O bem relevante do ponto de vista moral apresenta-se caso a caso a partir da perspectiva ampliada do *nós* de uma comunidade que não exclui ninguém. *“Aquilo que de bom é subsumido no justo é a forma de um ethos intersubjetivo compartilhado enquanto tal e é, com isso, a estrutura da pertença a uma comunidade, que, aliás, livrou-se das amarras de uma comunidade exclusiva”* (Habermas, 2007, p. 45). Privilegiando noções kantianas, o autor estabelece que uma norma é válida no sentido moral quando pode ser aceita por todos, a partir da perspectiva de cada um.

Outros aspectos interessantes a destacar sobre a *Democracia Corintiana*, é que, segundo Sócrates e Gozzi (2002), o começo foi muito difícil, pois algo novo é sempre motivo de inseguranças e inquietações. As pessoas também tinham medo de participar, principalmente porque um time de futebol é constituído por indivíduos de pouca formação e habituados ao paternalismo do meio. Evidencia-se que o sistema implantado colecionou inimigos internos e externos, que atacavam os principais êxitos do projeto: a maior participação dos jogadores nas decisões do Departamento de Futebol do clube, o fim da concentração para atletas casados e a participação proporcional dos

montantes arrecadados nas bilheterias e sua divisão entre o elenco foram os principais alvos dos críticos do movimento.

Interessante ponderar, e isso se configura diretamente com a postura de um indivíduo com um nível de desenvolvimento de identidade pós-convencional, é que Sócrates, como dito, um dos líderes da *Democracia Corinthiana*, entre o início de sua carreira no Botafogo de Ribeirão Preto até se formar em medicina, foi cobiçado por vários clubes. Mas ele queria terminar a faculdade antes de ser negociado. Foi o que aconteceu: dirigiu-se ao Corinthians apenas após a conclusão do curso. O diploma, aliás, rendeu-lhe mais tarde o apelido de Doutor. Este fato, entre outros, como a cervejinha que tomava e o cigarro que fumava, além de sua intensa participação política, fez com que Sócrates ficasse longe de ser sido um jogador de futebol padrão. Mesmo com o término de sua carreira de jogador profissional, sua participação pública é intensa e seus comentários são sempre contundentes. A situação é emblemática, pois isso é raro no ambiente do futebol, em que a maioria se torna uma marionete na mão do sistema, com raríssimas possibilidades de ação que vislumbrem mais liberdade. Ser livre e autêntico, na esfera do futebol é muito difícil.

Porém, antes de dar vida a demais elementos da *Democracia Corinthiana*, que são importantíssimos para o constructo da tese e que transparecerão no decorrer da escrita, apresenta-se agora como se estabeleceu o trabalho psicológico na época. Segundo Sócrates e Gozzi (2002), quando a *Democracia Corinthiana* começava a definir seu espaço, a diretoria do clube chegou à conclusão de que um profissional deveria ser contratado para cuidar dos aspectos psicológicos da equipe. Para a função, foi contratado o psiquiatra Flávio Gikovate que, em um primeiro momento, ficou em dúvida em aceitar o cargo, mas que, depois de detectar que o fator psicológico era fator importantíssimo na formação e manutenção do grupo, começou o seu trabalho. Gikovate fazia parte da comissão técnica e estava enquadrado no contexto existente, que era liberdade com responsabilidade. Reconhecia, também, que a participação do profissional da psicologia do esporte era – é! – restrita e que teve de lutar muito para ser aceito pelo grupo.

Sócrates e Gozzi (2002) destacam que, mesmo com alguns problemas, Gikovate conseguiu criar no grupo o ambiente que julgava ser necessário. Para

tanto, realizava trabalhos individuais com atletas que estivessem atravessando dificuldades, participava das concentrações (das poucas, quando existiam) e organizava festas envolvendo os familiares dos atletas, com a intenção de criar um ambiente agradável. Os aspectos que mais impressionaram o psiquiatra foram o jogo de cena e a disputa de poder inerente ao esporte de grande apelo popular. Gikovate diz que *“quem acompanha de perto um time de futebol sabe que aquela história de que todo mundo no grupo é amigo e está muito bem preparado é tudo mentira. Existe um jogo muito complexo envolvendo disputa e poder. Ninguém pode ocupar o espaço de ninguém. Eu tive que aprender a me colocar no meu devido lugar”* (Sócrates e Gozzi, 2002, p. 166).

Completando o quadro, salienta-se que a equipe corintiana conseguiu êxito com o trabalho de um psicólogo do esporte, mesmo ele não sendo um especialista. Gikovate relatou que os problemas eram muitos e difíceis de ser resolvidos, como o caso de atletas que se envolviam em transações para Europa, outros com problemas relacionado ao uso de drogas, as vaidades também se afloravam, assim como o constante jogo de cena que conturbava o ambiente. Sobre o papel do psicólogo num time de futebol, Gikovate percebe que a maior parte dos técnicos trabalha com um profissional subordinado a eles e que, dessa forma, o trabalho desse profissional é mais ligado à parte motivacional. Relata que é um médico mais sofisticado e que não iria chegar à concentração e dizer *“vamos lá, minha gente!”* (Sócrates e Gozzi, 2002, p. 169).

Prepotente ou não, a colocação de Gikovate merece uma breve análise, pois como salientado, a grande maioria dos psicólogos do esporte age apenas como um bombeiro (estão ali para apagar o incêndio e pronto); eles resolvem as questões momentâneas que afetam o grupo, ou determinado atleta, cuidando do problema, mas não da causa – o foco não está no processo e não se leva em consideração a história de vida do indivíduo. Em resumo, o trabalho realizado pela psicologia do esporte no alto nível, no esporte de rendimento, principalmente no futebol, não é de todo elogiável, pois muitos profissionais acabam apenas sendo mais uma ferramenta que tem por objetivo extrair rendimento do atleta; e mais, utilizando das comuns técnicas motivacionais, expandem seu trabalho até para crianças e adolescentes: preocupam-se com o resultado... e se esquecem do Homem.

Desse modo, se a situação é difícil para os iniciantes do futebol e para aqueles que já estão praticando profissionalmente, muito pior é para aqueles que estão sem clubes ou em fase final de carreira, principalmente os que não têm uma boa formação, que são a maioria; os de origem humilde que precisam mostrar serviço em campo, ao mesmo tempo que assumem responsabilidades como sustentar a família e lidar com a fama – ela que um dia passa, assim como o seu sustento. Nas trajetórias de suas vidas, os profissionais que perpassam pela sua formação, muitas vezes não possibilitam que reflitam sobre sua carreira, assim, não há planejamento futuro. Neste sentido, depois das “chuteiras penduradas”, começam os problemas. Perder os bens conquistados, para os poucos que conseguem, e a utilização de drogas lícitas e ilícitas, são apenas alguns exemplos do que pode acontecer com os mais despreparados. Aliás, iniciar uma nova carreira é muito difícil. Nesse sentido, emerge a possibilidade da configuração de uma psicologia social crítica do futebol, com ênfase em todo processo de formação do indivíduo, não restringido à “psicologia das estrelas”. A saber, *Sócrates* são minorias. A maioria padece.

Enfim, o fato de um psicólogo social crítico do futebol atuar em órgãos estatais ou privados pode contribuir para a formação de indivíduos mais estruturados. A grande questão é que o foco não se restringiria apenas aos fatores intrínsecos do meio futebolístico, mas aos extrínsecos também: todo o contexto social da pessoa tem que ser considerado objetivando, sempre, a colocação social do indivíduo; seu projeto de vida tem que ser bem debatido. No quesito educação, por exemplo, não há dúvidas de que o desenvolvimento intelectual colabora em todas as esferas da vida. Então, não adianta apenas “chutar a bola”, é necessário saber como se “chuta a bola”. Não adianta apenas executar, é necessário compreender o que se executa.

Diante do exposto, encerra-se com o exemplo da seleção americana de futebol que disputou a Copa do Mundo da África do Sul (2010). Dos 23 atletas convocados para a competição, 13 atuaram por universidades antes de se tornarem profissionais. Analistas sugerem que a formação escolar pode ter contribuído para o melhor desempenho em campo. Quanto ao rendimento, se ele pode ter melhorado ou não, é importante, mas não fundamental; o que é fundamental, pelo menos na tese proposta, é que quanto melhor e mais

estruturada for a formação dos atletas, maiores serão as chances de recolocação profissional em sua vida pós-futebol. Aliás, esse fator leva a outro, que é a configuração de identidades pós-convencionais, autônomas. Porém, antes de dar-se o próximo passo, cabe uma consideração sobre o assunto desenvolvimento intelectual e prática esportiva. Segundo Garrido (2010, p. 7),

A formação escolar, priorizada nos Estados Unidos, pode contribuir com o rendimento do jogador em campo. Segundo o presidente da Associação Paulista de Psicologia do Esporte, João Ricardo Cozac, o desenvolvimento intelectual contribui para a compreensão do ambiente de jogo. (...) Os atletas mais estudados também saem na frente quando submetidos à pressão e têm mais facilidades para romper metas. (...) Mesmo com as vantagens, a obrigação de estudar atrai mais pais que garotos. (...) Os atletas já começam a dar igual importância para a escola. O jovem L.G. é um dos que se animam com a chance de cursar uma faculdade. De economia, no caso. “Se der para seguir carreira como jogador, vou seguir. Mas pelo menos vou ter um diploma.” Já F.V.B. quase abandonou os estudos quando foi chamado para jogar pela Ponte Preta. “Por mim, eu teria ido, mas agora vejo que meu pai tomou a decisão correta. Eu poderia ter perdido meu tempo e não ter dado certo a carreira”, avalia.

1.4.3.4 – Algumas considerações sobre a teoria social crítica de Habermas e os níveis de desenvolvimento

Habermas (1976) ocupa-se da questão da evolução social, ou seja, da ideia de que as sociedades contemporâneas são mais complexas do que arcaicas e apresentam uma organização mais articulada, particularmente em relação às maneiras de resolver situações de conflito. As sociedades, como os indivíduos, podem aprender e desenvolver formas mais sofisticadas e eficazes de enfrentar dilemas morais ou conflitos sociais. A tarefa de uma teoria da sociedade seria, portanto, entre outras, a de indagar a maneira pela qual as sociedades evoluem em relação às normas morais jurídicas. Tais normas desempenham um papel importante na regulação de conflitos nas sociedades nas quais não há consenso sobre regras éticas (ligadas a uma visão compartilhada por todos do que seria uma vida boa) e sobre regras de comportamentos comuns. As nossas são sociedades pós-convencionais, ou seja, sociedades nas quais os conflitos são regulamentados já não apelando tanto para a tradição, a convenção, a religião etc., mas para princípios gerais ou até universais. A moral e o direito característicos de tais sociedades são ambos baseados em tais princípios. Isso significa que houve uma evolução da

sociedade no sentido de uma crescente capacidade de abstração da tradição e dos valores por ela transmitidos. Quanto mais o direito e a moral próprios de uma sociedade se orientam com base em princípios universais, tanto mais ela pode ser considerada evoluída num sentido piagetiano.

Na opinião de Habermas (1976), existe uma homologia entre o modelo de desenvolvimento individual descrito por Piaget e o modelo de formação da identidade coletiva, ou seja, da evolução das imagens do mundo que caracterizam uma sociedade. Em outras palavras, haveria uma homologia entre os vários níveis de desenvolvimento do Eu e as diversas fases do desenvolvimento de culturas e sociedades, quer em relação ao desenvolvimento cognitivo, quer em relação à formação de identidade (a formação da identidade coletiva seguiria então o mesmo padrão da formação da identidade individual) e em relação à consciência moral.

Segundo Habermas (1976), o processo de formação de identidade de sujeitos dotados de competência linguística e de competência de ação (ou seja, capazes de usar o idioma no qual foram socializados e de agir segundo padrões considerados legítimos pela sua sociedade) acontece numa sucessão de níveis de desenvolvimento distintos e que apresentam um grau crescente de complexidade. Trata-se de um processo de aprendizagem ao longo do qual o sujeito ganha uma autonomia cada vez maior. A passagem de um nível para o sucessivo é sempre marcada por uma crise de maturação. Pois nesse processo, o indivíduo alcança a competência linguística e de ação necessária para satisfazer as exigências colocadas pelo seu ambiente social. Seguindo Erik Erikson, teórico da psicologia do desenvolvimento, Habermas afirma que a identidade do indivíduo forma-se num processo de socialização, por meio da qual o sujeito se integra num determinado sistema social mediante a apropriação de “generalizações simbólicas” (idioma, visões de mundo, regras de comportamento etc.). Nesse processo, é fundamental que o indivíduo aprenda a interiorizar ou internalizar essas estruturas simbólicas. A criança é socializada num determinado contexto linguístico e social. Para formar sua identidade, ela deve apropriar-se não somente da língua e das regras linguísticas correspondentes, mas também das imagens do mundo que estão na base de sua sociedade. A formação da identidade individual acontece, portanto, sempre e somente numa dimensão da interação do sujeito com seu

mundo natural e social, com outros sujeitos. A subjetividade é o resultado de um processo marcado por um intenso intercâmbio com outros sujeitos; ela apresenta uma dimensão intersubjetiva essencial. Isso significa que o indivíduo se encontra sempre colocado numa rede de relações intersubjetivas e laços sociais que precisa ficar íntegra para que a própria subjetividade e identidade individuais permaneçam intactas. Ora, nas sociedades complexas e pós-convencionais, a manutenção dessa rede de relações (o que Habermas chama de integração social) é ameaçada por vários atores. O mais relevante é a crescente influência que a economia e a burocracia ganharam em tais sociedades. Esse aspecto merece ser aprofundado brevemente.

Para Habermas (1976), a integração social é garantida por meio da solidariedade, que deve ser entendida não como sendo mero sentimento de simpatia, mas como uma força intersubjetiva que cria um sentimento de pertencimento à mesma comunidade da consciência da dependência recíproca que une os indivíduos. Ela consiste no reconhecimento da fragilidade dos sujeitos (da própria e da alheia) e da existência de necessidades e carências tipicamente humanas que podem ser satisfeitas somente num contexto social íntegro. Em termos kolhberguianos, a solidariedade corresponderia aos níveis cinco e seis (já que no nível quatro admite-se a necessidade de salvaguardar a sociedade, mas como tal e não como rede de relações e dependência recíprocas formada por indivíduos frágeis).

A solidariedade é, evidentemente, um recurso escasso e frágil. A economia e a burocracia servem-se de outros recursos, a saber, o dinheiro e o poder administrativo, que são substituídos pela solidariedade na manutenção dos laços intersubjetivos. Nossas relações com os outros acabam sendo estabelecidas primariamente como relações econômicas ou de poder, enquanto a dimensão solidária da dependência recíproca tende a desaparecer, embora fique indispensável para a formação da identidade individual. O resultado são o surgimento de patologias nos processos formativos da subjetividade e uma crescente alienação nas relações interindividuais.

Estabelece-se aqui que as sociedades pós-convencionais precisam de indivíduos capazes de colocar-se no nível moral pós-convencional, pois

somente nele, como se viu, pode reproduzir-se a solidariedade⁵⁹ necessária para a integração social. Mas a apropriação da teoria de Kohlberg é feita por Habermas também em relação à sua própria teoria ética, exposta por ele de forma bastante clara e sistemática em *Consciência Moral e agir Comunicativo* (1983). Ao retomar o modelo Kohlberguiano, Habermas acrescenta um sétimo nível. No nível seis as normas morais são fundamentadas monologicamente, já que cada indivíduo decide sozinho a respeito da justiça e validade delas, efetuando no máximo um experimento mental que o leva a imaginar os argumentos ou as críticas que os outros poderiam levantar. No nível sete, porém, as normas são fundamentadas discursivamente, ou seja, mediante uma discussão concreta entre os interessados (você não decide pela minha vida, no entanto, juntos, decidimos o justo e o bom para nossas vidas).

Isso posto, considera-se que a formação da identidade individual exige sempre a interação do sujeito com seu mundo social e que o discurso é uma argumentação da qual participam os interessados, sem limitações. Assim, a apropriação que Habermas faz do modelo de Kohlberg resulta extremamente profícua seja para sua teoria moral discursiva, seja para seu projeto de desenvolvimento de uma teoria social crítica. O normativismo e o cognitivismo da teoria evolutiva da consciência moral individual permitem a construção de uma teoria evolutiva de consciência moral de uma sociedade pós-convencional. A sociedade, como macrossujeito, demonstra-se capaz de reagir aos dilemas morais e aos conflitos sociais tomando uma posição mais ou menos evoluída (isto é, praticamente apropriada e moralmente correta), e também demonstra-se capaz de aprender a desenvolver atitudes que permitem respostas mais adequadas, assim como ocorre no caso do indivíduo. O caminho para a emancipação da alienação intra e interindividual (da emancipação do sujeito e da sociedade) passa necessariamente por esse aprendizado moral.

1.5 – Conclusões ao capítulo

A proposta deste capítulo consistiu em abordar princípios que abrem uma reflexão sobre o ambiente do futebol, percebido de uma maneira crítica, sendo que a ênfase foi dada, em um primeiro momento, nas questões

⁵⁹ O conceito voltará a ser exposto na conclusão.

referentes às entidades que comandam o futebol, perpassando pelos clubes, mostrando o papel deste esporte na sociedade, sempre à procura da conexão com a *Teoria Crítica da Sociedade*.

Em uma segunda etapa, apresentou-se a *Teoria da Sociedade de Risco* como pano de fundo para a discussão do futebol; evidenciou-se a complexidade que é localização da atividade do futebol nos dias atuais, procurando, de maneira breve, compreender sua importância histórica.

Na fase final, debruçou-se sobre aspectos que podem ser considerados de grande valia para a configuração de uma Psicologia Social Crítica do Futebol. Para tanto, identificaram-se elementos da Psicologia do Esporte relevantes para a pesquisa, assim como foi ponderada a função do psicólogo do esporte na escola, em escolinhas de esportes e, principalmente, nas escolinhas de futebol. Concluiu-se essa parte da tese com uma apresentação de proposições de Habermas, a saber, de sua *Teoria da Ação Comunicativa*, realizando uma análise dos seis níveis do desenvolvimento moral dos indivíduos propostos pelo autor em conexão com o “mundo da bola”. As observações realizadas permitem postular que o ambiente do futebol, nas condições objetivas que ele impõe às pessoas, não é possível formar uma identidade que esteja na perspectiva da emancipação.

Isso posto, esclarece-se que o próximo capítulo tratará da situação específica da carreira de atleta de futebol profissional, sendo realizados maiores aprofundamentos. A busca por um lugar ao sol é enorme. Há o êxito, mas há também muita frustração, o que será evidenciado com um cenário montado à luz de histórias de vida de atletas de futebol; serão preenchidas também algumas lacunas que não foram plenamente fechadas até agora, por exemplo, o porquê da busca e da persistência de crianças, adolescentes e adultos por esta profissão.

2 – A CARREIRA PROFISSIONAL DE ATLETA DE FUTEBOL

*“Eu sempre fui sonhador
É isso que me mantém vivo
Quando pivete
Meu sonho era ser jogador de futebol
Vai vendo
Mas o sistema limita a nossa vida de tal forma
Que tive que fazer minha escolha
Sonhar ou sobreviver
Os anos se passaram
E eu fui me esquivando do círculo vicioso
Porém o capitalismo me obrigou a ser bem sucedido
Acredito que o sonho de todo pobre é ser rico
Em busca do meu sonho de consumo
Procurei dar uma solução rápida, e fácil, pros meus problemas
O crime
Mas é um dinheiro amaldiçoado
Quanto mais eu ganhava mais eu gastava
Logo fui cobrado pela lei da natureza
Vixi... Quatorze anos de reclusão
O barato é loko” (A vida é um desafio,
Racionais Mc`s – Afro X)*

2.1 – Considerações preliminares

Este capítulo, como o anterior, está dividido em três itens subdivididos em tópicos. No primeiro, mostra-se como se dá a construção da carreira de atleta de futebol profissional. Destacam-se o processo de construções de trajetórias, fatores intrínsecos e extrínsecos que motivam o indivíduo, a construção do sentido, o processo de adaptação a carreira, entre outros assuntos, sempre conectados a autores da teoria crítica da sociedade, assim como demais autores, cujas teorias, ou abordagens, se afinem com a tese.

No segundo item (não deixando a conexão com os autores) evidencia-se o objeto de estudo, tecendo, em um primeiro momento, considerações importantes sobre os momentos esportivos (e seus desmembramentos) experienciados pelos atletas de futebol. Apresenta-se, afinal, o universo dos atletas participantes da pesquisa. Nessa parte do trabalho também será inserida uma síntese de suas histórias de vida.

No terceiro item abordam-se questões referentes ao desemprego nos atletas supracitados, sem limitá-las, é claro, ao referencial dos entrevistados, mas procurando articular tais questões com os demais exemplos presentes no cotidiano. O cenário mostra as diversas situações em que os atletas podem se

encontrar, suas opiniões sobre o assunto, as possibilidades que eles percebem como atingíveis, enfim, tudo que permeia o horizonte dos indivíduos. Nesta parte, transparece, ainda de uma maneira ainda singela, interferências sociais (inclusive a educação) que poderiam contribuir para uma vida mais estruturada dos sujeitos envolvidos.

2.2 – Sobre o projeto de vida

2.2.1 – Construção da carreira

Antes de adentrar mais especificamente nos assuntos referentes ao mundo do futebol, é importante esclarecer o que é uma carreira profissional. Muitas pessoas pensam que uma carreira profissional aparece por acaso. Embora seja verdade que há pessoas que estão no local certo na hora certa, a maioria das vezes deve-se planejar o rumo que se quer para a carreira profissional e, mesmo com muito esforço e tempo dedicados a uma profissão, não se limitando, lógico, apenas a trabalhar, mas sempre buscando manter-se atualizado e comprometido com o projeto elaborado, alcançar o sucesso não é certeza: é apenas uma possibilidade, tendo em vista que a situação do mercado de trabalho não tem sido nada estável ultimamente – se é que um dia foi. Entretanto, não se pode negar que quanto mais ferramentas dispõem-se, mais artefatos podem ser construídos e, conseqüentemente, mais reparos podem ser executados.

Existe o sentimento comum de que é impossível gostar da profissão como se gosta dos tempos livres. Isso não é uma verdade absoluta, porque se for muito bom naquilo que gosta de fazer e se o dinheiro estiver entrando “fácil”, as pessoas se apegam ao trabalho – e à grana – de forma que outras coisas vão ficando de lado. Não será debatida essa questão, pois é algo subjetivo: as pessoas fazem aquilo que faz suas vidas terem sentido; reais ou não, cada um tem suas necessidades, pessoais e intransferíveis.

A título de exemplo, artistas, pintores, músicos, escultores e jogadores de futebol, normalmente, continuam a fazer o que gostam durante os tempos livres, mesmo que não ganhem qualquer dinheiro. No entanto, os melhores conseguem seguir o seu sonho e viver exclusivamente daquilo que gostam de fazer – a minoria, é claro. Infelizmente, a principal razão para que nem sempre

as pessoas mereçam qualquer reconhecimento é o fato de elas não estarem fazendo apenas o que a empresa (gravadoras, clubes etc.) esperava que fizessem (em resumo, elas não dão/darão lucro). Quando se fala em reconhecimento, fala-se em recompensa: aumento de salário, prestígio ou até tapinha nas costas (sim, muitos gostam de tapinhas nas costas!).⁶⁰

Explicita-se aqui que é comum as famílias terem dificuldades em auxiliar os jovens num momento tão importante em suas vidas que é a escolha da carreira profissional a ser seguida. Vale destacar que exagerar nos palpites ou deixar os iniciantes decidirem sozinhos, por conta própria, podem ser atitudes prejudiciais nessa hora, pois é uma ação que possivelmente define o futuro do indivíduo. Pais, professores e amigos se tornam fundamentais no sentido do esclarecimento da ordem vigente, a fim de que o caminho escolhido seja, no mínimo, próximo do ideal – principalmente pelo motivo do atual contexto econômico estar turbulento e pouco previsível, a escolha da profissão torna-se ainda mais difícil para os jovens. Além disso, este é um momento de muito conflito para eles, pois estão passando por transformações próprias da idade, sob a pressão de decidir qual carreira profissional a seguir. E se há adultos bem estruturados vivendo em conflito, os jovens, com menos referências, padecem um pouco mais deste mal. Como exemplo, dois dos atletas que foram entrevistados com a finalidade de contribuir com a tese relataram:

Fiquei alojado em um local sem as mínimas condições necessárias para sobreviver. Tudo era muito difícil, mas eu tinha um sonho e meu pai sugeriu que era uma boa ideia. No local eu fiquei meio deslocado, dava muita saudade, principalmente da família, mas se a gente tem um plano de vida, tem que lutar por ele (Mário, 27 anos, há dois anos sem clube).

Estou sem clube no momento, mas graças a Deus fiz um curso Técnico de Enfermagem e estou fazendo um estágio, remunerado. Tenho grandes chances de ser efetivado, pois não tenho frescura; faço tudo que precisa. Quero ainda voltar a jogar profissionalmente, lógico que quero. Meu sonho é dar alguma coisa boa para minha família. Mas se eu não tivesse escutado minha mãe (dizer) estuda meu filho, estaria numa pior. (César, 26 anos, sem clube há um ano e meio, mas atuando como Técnico em Enfermagem).

⁶⁰ A situação está ligada exclusivamente aos indivíduos que aspiram ascensão social por meio das atividades citadas. Reconhece-se que há muitas pessoas que praticam essas atividades, e muito bem, às vezes com muito mais qualidade do que os consagrados, de grande apelo midiático, porém, independentemente do motivo (que pode ser político / ideológico), não fazem questão de figurar em um cenário mais amplo. Há outros, também, que não têm as mínimas condições necessárias para figurar no cenário, entretanto, são capazes de realizar qualquer coisa na luta pelo reconhecimento social.

É importante destacar que, ao contribuir para a juventude identificar suas habilidades naturais e interesses, ampliando o seu autoconhecimento, os responsáveis – não apenas os pais, mas o Estado também – estarão dando uma grande ajuda. Mas, esses responsáveis têm outra missão prática: estimulá-los a buscar informações sobre as profissões e sobre o mercado de trabalho. Não devem, porém, fazer isso no lugar dos jovens, mas devem apoiá-los para irem à luta. Como diz Paulo Freire, ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Entretanto, o apoio de quem tem mais informações pode facilitar o processo, como encorajar o jovem a identificar suas aptidões e a desenvolver o autoconhecimento; procurar não colocar as expectativas de sucesso em cima dele – muitos pais até influenciam seus filhos a abraçarem uma profissão que gostariam de ter seguido (a mídia também interfere aqui);⁶¹ e como será aprofundado no decorrer do capítulo, estar sempre aberto ao diálogo é fundamental, assim como se torna importante a mostra da realidade: informações no mercado sobre a profissão que escolheu. Enfim, não é muito agradável recomendar que a escolha seja baseada apenas no prestígio e (ou) retorno financeiro. A questão financeira é importante, mas é preciso levar em conta também outros fatores, especialmente a satisfação e realização profissional dos jovens. E se o jovem estiver com muita dificuldade para efetuar a escolha da carreira, deve-se proporcionar a ele uma orientação profissional. Com um bom método, o especialista possibilitará um maior autoconhecimento e facilitará a livre decisão do guri. O principal é sempre incitar a continuação dos estudos; como diz o ditado: o conhecimento é libertário. Aliás, *“a educação, ou formação, atualiza algumas potencialidades com as quais vivemos”* (Habermas, 2007, p. 23)

Esclarece-se que os elementos citados não são regras, pois não há uma fórmula pronta para alcançar os objetivos dentro de uma profissão, mas eles podem possibilitar uma carreira profissional com menos instabilidade, são alicerces; sendo base, fundamental para qualquer construção.

⁶¹ “(...) O que opera é um monstruoso sistema de comunicação de massa fazendo a cabeça das pessoas. Impondo-lhes padrões de consumo inatingíveis, desejabilidades inalcançáveis (...) É um sério problema a população entregue ao bombardeio de um rádio e de uma televisão social e moralmente irresponsáveis, para quais é bom o que mais vende, refrigerantes ou sabonetes (e sonhos), sem se preocupar com o desarranjo mental que provocam” (Ribeiro, 2006, p. 190).

2.2.2 – Vem bater bola com o papai

Diferentemente de outras áreas de atuação, o futebol parece denotar situações que fogem de um padrão convencional, quando se refere à escolha da carreira profissional. Basta lembrar que quando a maioria das crianças nasce, além de receber o nome, recebe também do pai ou de outra pessoa próxima da família e influente no meio um time que, provavelmente, lhe acompanhará pelo resto da vida – são poucos os que mudam de agremiação; como diz o ditado: o brasileiro pode até mudar de companheira, mas não muda de time. Mesmo quando a equipe passa por momentos difíceis, por uma “draga danada”, os torcedores não o abandonam. *“Até a pé nos iremos. Para o que der e vier (...)”* diz o hino de um grande clube brasileiro (Grêmio de Porto Alegre); *“(...) Sofro por ti Corinthians (...)”* canta uma das maiores torcidas brasileiras; e assim por diante. Interessante salientar que junto com as formas de vida, dentro das quais nascemos e que cunham nossa identidade, *“assumimos modos inteiramente diferentes de uma responsabilidade histórica, uma vez que depende de nós o modo como continuamos as tradições nas quais nos encontramos previamente”* (Habermas, 2005, p. 108). A bem da verdade, quem tem o futebol permeando a sua socialização dificilmente se solta dessa teia no decorrer de sua história; em menor ou maior intensidade, ele será referência em sua vida.

A bola é outro símbolo que acompanha as crianças em sua infância.⁶² Pode ser de borracha, couro, papel ou meia, ela constantemente está nas garras da “molecada”, ao lado da cama, no jardim ou na garagem. É muito difícil encontrar alguém que nunca tenha brincado com uma; se não brincou, no mínimo foi vítima de algum “pé torto” que estava por aí dando os seus chutinhos e, de quebra, acertou uma bela bolada no desatencioso que estava andando sem reparar que havia uma “pelada” ali por perto e que ainda teve que ouvir um sonoro: “desculpa aí tio, tá dormindo”.

Em nosso país, a paixão pelo esporte e o convívio com a bola, valores culturais internalizados desde a infância e que prosseguem com o indivíduo ao longo de sua vida, têm o poder de aproximar as pessoas, estimular o diálogo, a

⁶² O psicólogo social, George Herbert Mead, norteia o debate em torno da importância da brincadeira, do jogo, e das relações que se estabelecem no convívio social, no processo de constituição das identidades humanas, como transparecerá adiante.

troca de experiências e informações, sendo assim, *lócus* propício para o desenvolvimento humano e para o ininterrupto processo social de formação das identidades psicossociais. Segundo Berger e Luckmann (2003), o indivíduo não nasce membro da sociedade; nasce com a predisposição para a sociabilidade e torna-se membro da sociedade à medida que consegue internalizar e compreender seus semelhantes, apreendendo o mundo como realidade social dotada de sentido. Pode-se inferir que esse fator sociocultural, de certa forma, acaba viabilizando a sobrevivência das equipes de futebol em nosso país, que são fortalecidas pelo desejo de aproximação de neófitos que, costumeiramente, optam por um clube, seja como atleta (profissional ou amador) ou torcedor. Além disso, como salientado no primeiro capítulo, destaca-se o incentivo financeiro de grandes patrocinadores que estampam suas marcas nas camisas e materiais esportivos, principalmente dos grandes clubes com apelo midiático.

Esse ciclo que se inicia na socialização primária das crianças, carregado de emoção e simbolismo e que as acompanha pela vida adulta é reforçado pela exposição intensa do esporte na mídia, que comumente destaca as histórias de sucesso e de superação de atletas e (ou) equipes. Resultante dessa correlação entre esporte, socialização e mídia (televisão, jornais, revistas, rádio, internet etc.) são a glamorização e o magnetismo exercido pelo esporte, aludindo a ideia de um sucesso profissional consequente à prática esportiva, que viria com certa naturalidade, pois ao “nascermos” no Brasil, “todos seremos” jogadores de futebol.

Segundo Leme (2005), não é necessário fazer muito esforço para perceber que, para se iniciar no futebol, como salientado, não há obrigatoriedade de aquisição de materiais específicos; um papel amassado ou até mesmo meias enroladas e costuradas servem para alegrar a brincadeira mais praticada pela garotada. No decorrer do tempo, o simples divertimento vai se transformando em algo mais organizado, com a formação de equipes, aquisição de uniformes, bolas, entre outros equipamentos que são necessários para a prática do futebol. Na rua, no terreno da esquina – que hoje, infelizmente, estão escassos –, nas escolinhas de futebol, colégios e clubes, a brincadeira vai se tornando cada vez mais importante e complexa. Entretanto, há dificuldade em perceber que nesta simples brincadeira pode haver ilusões.

Quais valores são passados para a criança? Quais valores se enraízam nela? Souza (2006) recorre ao psicólogo social, George Herbert Mead, para clarear o debate em torno da importância da brincadeira, do jogo e das relações interpessoais, nesse processo de constituição das identidades humanas.

Mead (1934) destaca a importância dos jogos infantis, como um primeiro momento em que a criança irá se constituir a partir da relação com o outro, seu outro (*dublê*). É nos jogos e brincadeiras infantis que a criança cria seus personagens imaginários e se permite colocar em diferentes papéis sociais (torna-se médico, professora, motorista, jogador etc.). Sendo assim, os jogos infantis têm um caráter funcional, pois cumprem o cargo de serem mediadores para a criança em relação à sua sociedade, pois permitem que elas se coloquem no lugar do outro. *“Este é o primeiro ardil do homem sobre a natureza, e, portanto, o primeiro passo para ele se fazer um animal social”* (Sass, 2004, p. 239). Os jogos que antecedem aos de regras são aqueles em que a criança brinca de alguma coisa sem se preocupar com os fins e os meios de sua atividade (*play*), podendo alterar rapidamente de papéis; por exemplo, a bola que era chutada, agora pode se transformar em cavalo pela criança, que sentada, sente-se cavalcando. Posteriormente, a criança continuaria seu processo de desenvolvimento ao participar do jogo com regras (*game*), regras estas, que determinariam os padrões de comportamento dos integrantes da interação. A regra, ao ser internalizada, faz com que o indivíduo funcione por si só e que os participantes consigam atingir seus objetivos em conjunto e não mais individualmente.

A partir especialmente da aquisição da fala é que a criança irá gradualmente dominando o processo de apropriação da atitude do outro. E o jogo com regras implica essa apropriação da atitude de todos os participantes de forma organizada, até chegar a ponto em que todos assimilem as regras, organizando para si o outro, como um outro generalizado, tendo por referência o ponto de vista do todo integrado de sua comunidade social. Fundamental, o conceito do “outro generalizado” aparece com destaque na obra de George Mead, como elemento essencial de sua teoria do *self*. O autor descreve-o da seguinte forma:

A comunidade ou grupo social organizado, que proporciona ao indivíduo sua unidade do “self”, pode ser chamada “o outro generalizado”. A atitude do outro generalizado é a atitude de toda a comunidade. Assim, por exemplo, no caso de um grupo social como o de uma equipe de futebol, a equipe é o outro generalizado, na medida em que intervém – como processo organizado ou atividade social – na experiência de qualquer um de seus membros (Mead, 1934, p. 154).

Assim, somente na medida em que o indivíduo puder adotar as atitudes gerais de todos os outros envolvidos nos processos sociais de sua comunidade, concordando com a totalidade das relações experienciais, das instituições e grupos de seu ambiente comunitário, é que esse indivíduo poderá desenvolver um *self* completo. Pode-se dizer que o outro generalizado é uma espécie de influência da socialização na constituição do *self*, ou seja, na individuação. Vale destacar que, identificado em crianças maiores, o jogo, como realizado no esporte, exige uma maior complexidade do *self*. *“Este é o segundo ardil que o homem aplica à natureza, porque não mais se relaciona com seu outro ‘fantasiado’, um doublé, mas com um seu outro organizado e generalizado”* (Sass, 2004, p. 205).

Compondo o quadro explicativo, aludimos ao(s) garoto(s), que se iniciaram brincando com a bola “desinteressadamente”, até terem o contato com o futebol estruturado, para, a partir daí, começarem a sonhar com a carreira de atleta de futebol profissional. Salienta-se o aspecto de considerar o prazer e o benefício físico, psíquico e social que a prática esportiva pode desencadear, mas deve-se considerar também, principalmente no caso específico do futebol, que muitos atletas iniciantes e amadores vislumbram pela carreira esportiva a possibilidade real de ascensão social, pois o esporte de preferência nacional é tido como meio propício, principalmente para as crianças mais pobres, para buscarem minimizar problemas econômicos e suas consequências de toda ordem, pois parte da população é privada de educação de qualidade, estudos, cursos profissionalizantes, entre outros direitos, que lhe são suprimidos por falta de vontade política.⁶³ Como exemplo desse déficit no ambiente do futebol, Nascimento (2008, p. 13) destaca que

⁶³ Considera-se que falta em nosso país uma Política Pública adequada e efetiva em relação ao Esporte, que pudesse trazer benefícios de ordem prática para nossa população, quer de ordem social, quer de ordem econômica, mas que possibilitasse, em seu cerne, a formação de verdadeiros atletas e cidadãos autoconscientes eticamente. O assunto será ainda explorado.

São poucas as experiências de clubes de futebol que tentaram assegurar formação e cidadania aos meninos que arriscam a carreira de jogador. Uma das poucas aconteceu no Vitória da Bahia, nos anos 2002 e 2003. Naquele tempo, o clube baiano criou o projeto Bom de Bola, Bom de Cabeça, em parceria com a ONG Centro de Educação e Cultura Popular (Cecup), o Unicef e a Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. Segundo o ex-coordenador do projeto, Normando Batista, a proposta era oferecer uma formação educacional para os adolescentes de 15 a 17 anos. “A parcela daqueles que conseguem se profissionalizar é muito pequena, por isso havia esse investimento para que todos fossem capazes de identificar oportunidades além do futebol”, lembra Batista. Eram oferecidos cursos e oficinas sobre prevenção de drogas, sexualidade, HIV, relações humanas, mídia training, informática e acompanhamento pedagógico. Mas a iniciativa não foi adiante.

Desse modo, na trajetória rumo ao profissionalismo, muitos atletas contam com incentivadores, entre eles, os pais e familiares, os amigos, os professores, suas próprias habilidades, e a informação, por vezes, distorcida, passada pela mídia, em que é mostrado o lado vitorioso do futebol, evidenciando a reduzida parcela dos vencedores, quando, de fato, o futebol profissional é o sonho de muitos, mas a realidade para poucos, tendo o indivíduo que passar por diversos obstáculos para chegar a brilhar dentro das “quatro linhas” e aparecer no noticiário e nas manchetes esportivas. Relembra-se que numa sociedade dominada pela produção e pelo consumo de imagens, nenhuma parte da vida pode continuar imune à invasão do espetáculo; nem mesmo o futebol.⁶⁴

Por ora, sustenta-se que, partindo da brincadeira de criança, perpassando pelo momento em que a atividade é arraigada em sua vida com mais entusiasmo, até a busca pelo profissionalismo, o processo de formação da identidade do “boleiro” é contínuo, pois acredita encontrar no futebol a oportunidade de ser reconhecido socialmente. Há ilusão de que sempre é possível. Situações que evidenciam que a identidade do atleta de futebol não tem *glamour* para a grande maioria serão mais bem trabalhadas. Porém, antes, recorda-se que, segundo Ulrich Beck (1998), o trabalho produtivo e a profissão, na época industrial, se converteram nos pontos de contato do eixo da existência. A propósito dessa questão, Antonio da Costa Ciampa (2007) afirma que todos sabem da importância que o trabalho tem na sociedade. A inserção no mercado de trabalho quase sempre sela um destino, é um componente forte

⁶⁴ Segundo Bracht (1997) e Lasch (1983), o surgimento do lazer como mais uma possibilidade de mercadoria faz do esporte mais um objeto da indústria.

na configuração de uma identidade. Segundo o autor, cada indivíduo encarna características próprias advindas de suas relações sociais, configurando, assim, uma identidade pessoal, uma história de vida, um projeto de vida. Aliás, *“a autenticidade de um projeto de vida, analogamente à pretensão de veracidade de atos expressivos de linguagem, pode ser compreendida como uma pretensão de validade de grau mais elevado”* (Habermas, 2007, p. 41).⁶⁵

Para entender o que se configura nesta parte do trabalho, esclarece-se que a busca por esta carreira é grande, mas a conquista do espaço neste esporte é muita pequena. Há o êxito, mas há também muita frustração e, diante deste aspecto, pode-se dizer que os que conseguem a consagração e os que caminham à margem terão em sua identidade “carimbada” a palavra futebol, pois a perspectiva de se tornarem grandes atletas e a busca da ascensão social via futebol são valores internalizados desde a infância, quando a nomeação do mundo é retransmitida por seus outros significativos, como os familiares, prosseguindo com o reforço feito pela ordem sistêmica, pela mídia, por exemplo, em sua socialização, até o momento de definição ou crise identitária, quando se deparam com a (im)possibilidade real da profissionalização no futebol. Aliás, mesmo sabendo das incertezas, muitos indivíduos (centena de milhares) querem esta carreira (para eles, ou, no futuro, para seus filhos). Outro indivíduo em entrevista para a tese destacou:

Meu pai, que foi ex-jogador de alguns times pequenos, sempre me incentivou na carreira. Lembro que quando comecei, mais ou menos quando tinha uns sete ou oito anos, que ele estava desempregado. Recordo também que ele dizia que eu poderia, jogando futebol, resolver os problemas da família. Eu jogava futsal no colégio e futebol no Nacional. Quando chegava em casa, meu pai brigava comigo se eu não tivesse ido bem nos treinos. Minha mãe também gritava muito da arquibancada. Era muita pressão, mas eu não tinha noção disso. Sei que o desejo de ser profissional me possuía, tanto é que nem terminei meus estudos. Não sei o que será de minha vida. (Saulo, 28 anos, sem clube há três anos e treinando para manter a forma à espera de uma nova oportunidade).

A necessidade de conquistar espaço, de ser um atleta, de ganhar dinheiro e principalmente de ser alguém reconhecido socialmente mostra que a identidade do atleta de futebol é caracterizada pelas constantes metamorfoses.

⁶⁵ Habermas (2007) também salienta que o modo como sentimos nossa vida está mais ou menos determinado pelo modo como nós mesmos nos entendemos.

Na longa trajetória rumo ao profissionalismo, ou não, as transformações são contingentes às dificuldades encontradas nos caminhos e descaminhos do mundo da bola. Na identidade do indivíduo ficam “traços” do futebol, entretanto, a maioria não poderá “ganhar” a vida neste esporte. Então, seria o futebol mais um canto da sereia? A ilusão de conquista da plena individualidade e ascensão social, promessa de um sistema meritocrático como o capitalista? Quais seriam as alternativas para aqueles indivíduos que buscariam um recomeço na sociedade, com outras ferramentas, que não sejam suas chuteiras?

2.3 – Meu sonho é ser jogador de futebol

2.3.1 – Gramado com muita lama

O ambiente esportivo e, em especial, o futebol, dificilmente pode ser analisado sem levar em consideração as características políticas e econômicas da sociedade em que estão inseridos. Ele não está imune às crises existentes, à violência, entre outros fenômenos que perpassam a sociedade, mesmo que existam normas específicas para sua prática, seja para o atleta, seja para o torcedor. As questões sociais são importantes para o meio, mas, trazendo um exemplo prático brasileiro, a tomada de decisões não é muito inteligente, como a normatização de comportamentos para espectadores em estádios – algo que acontece frequentemente sem haver melhora perceptível –, pois é “apenas” mais uma manifestação social que, se não ocorresse neste espaço, sem dúvidas, ocorreria em outro. Instituições que possuem autonomia, na maioria das vezes, não são respeitadas, justamente porque o problema que acontece no ambiente esportivo é analisado sem levar em consideração o *locus* em que ele está inserido. Em atitudes analisadas e efetivadas fora de contexto, a possibilidade de acerto nas medidas tomadas é muito pequena e se tornam simplesmente paliativas, não resolvendo o problema em sua base. Aliás, entidades esportivas, em grande parte de suas ações, se assemelham a órgãos policiais: punem e a partir daí...

Nota-se, em uma análise mais apurada, que o problema é sistemático. É como se fosse um programa de computador que tem toda a sua rotina detalhada, descrita e, portanto, previsível. Quem está no poder, na direção das entidades esportivas, não diferente da esfera política brasileira, segue, e vai

seguir, um mesmo conjunto de regras e costumes e aplicá-los a todas as situações. Dessa perspectiva, reafirma-se que a possibilidade de mudança é muito pequena, pois uma fórmula que resolveria, ao menos, algum dos problemas existentes, ainda não é conhecida. Resta, então, ao cidadão “comum” – sem blindagem e consciente – desempenhar um bom papel independentemente do lugar em que atue; isso já é muito, diante do caos que acomete o país e que, conseqüentemente, reflete em facetas da sociedade.

A essa altura, não é demais chamar a atenção para o fato de que o esporte apareceu de forma concreta quando seus objetivos – como realidade específica e irreduzível a qualquer outra – se configuraram na realidade-padrão. Segundo Leme (1999), não é importante determinar quando isso aconteceu, mas sim o conjunto de condições sociais (constituição de um campo de práticas específicas, dotadas de suas regras e lutas próprias) que determinou a oposição entre o jogo e o esporte, residindo nessa questão a dimensão do controle da sociedade sobre a atividade. Assegura-se que o esporte moderno, fenômeno social, não pode ser reduzido a um simples jogo, divertimento ou ritual. Nesse sentido, mesmo sabendo que ele possui uma lógica própria, não se pode ficar limitado apenas ao seu estudo; ele faz parte da sociedade; seus participantes fazem parte da sociedade. Aliás, como um exemplo da amplitude social do futebol, cita-se a análise empreendida por Ugo Giorgetti, a respeito da desclassificação do Corinthians na Copa Libertadores da América de 2006. Muito dinheiro gasto, violência e mídia permeiam a contextualização:

(...) Gastaram rios de dinheiro no time contratando a torto e a direita sem um critério muito compreensível. (...) Tudo, porém, era superado em nome do objetivo máximo: a conquista da inefável Libertadores de América, atualmente uma obsessão de todos os clubes brasileiros. Parte da imprensa evidentemente embarcou nessa cruzada pela Libertadores. Foi explorado à exaustão esse trauma corintiano de não ter ganhado nenhuma libertadores (...). Mas é conveniente encontrar esses traumas, esses tabus, que tornam os jogos mais apetitosos e mais perigosos. Ouvi pouca gente advertir os torcedores do perigo que representava o jogo de quinta-feira, com o River Plate jogando pelo empate. (...) Os ricos então foram chegando ao Pacaembu em seus carrões e seus seguranças e imediatamente instalaram-se em seus confortáveis camarotes, enquanto a massa de pobres ocupava o resto do estádio vigiada por outros pobres da Polícia Militar. Daí aconteceu o que todos viram (a derrota do Corinthians). As promessas não se cumpriram, a festa transformou-se em velório e logo em violência. E sobrou para quem? Para os pobres. PMs de salários miseráveis tomavam porrada e desferiam porradas em outros torcedores desempregados, subempregados, também mal pagos. Todos vindos da mesma periferia, todos, ou a maioria, corintianos, PMs e torcedores. (...) Essa batalha entre

despossuídos é a parte mais triste de tudo o que ocorreu. Porque os ricos, protegidos por seus seguranças, abandonaram o estádio ao primeiro sinal de problemas e se foram rapidamente, deixando desamparados até seus próprios jogadores, que festejavam poucas horas antes. Ficou quem tinha que ficar. Apanhou quem no fim sempre apanha. Pouco importa se nesse caso nenhuma das partes merecia apanhar, nem torcedores nem PMs. Foi enfim, mais uma história brasileira (Giorgetti, 2009, E 2).

Desse modo, resta dizer que, segundo Habermas (2007), sob as condições de vida diversificadas das sociedades pluralistas, as tentativas de resolver problemas, como o citado, estão fadadas ao fracasso, pois os envolvidos aprendem que, ao se certificarem criticamente de suas fortes convicções valorativas, ainda que preservadas na prática, suas concepções sobre o que seja o bem e como têm de se portar diante dos conflitos são divergentes. Assim, defenderão suas posições até o fim. Postula-se, também, que com a crescente profissionalização e valorização do mercado esportivo – em todos os seus âmbitos –, hoje o esporte pode ser “*um ‘trampolim social’ para o indivíduo das camadas pobres que consiga se destacar no espetáculo esportivo*” (Leme, 1999, p. 6). Ou seja, cada um dos segmentos da sociedade está – de maneiras diferenciadas – envolvido com o esporte. Quaisquer manifestações geradas nesse meio serão diferentes conforme o significado dessa atividade para as pessoas. Outras questões importantes, e que são pertinentes ao estudo, são alguns fatores gerados pela Revolução Industrial, como: a massificação do público e de seus interesses; a frustração causada por uma sociedade em que as metas só podem ser alcançadas por poucos; e a “dissolução” dos interesses, dos sentimentos e das emoções individuais em nome da produção. Cada indivíduo tem reações diferentes e comportamento diversos que não podem ser padronizados. Habermas (2007, pp. 40 – 41) destaca que

Nós julgamos as orientações de valor, bem como a autocompreensão das pessoas ou grupos baseada em valores, a partir de pontos de vista éticos, e julgamos os deveres, as normas e os mandamentos a partir de pontos de vista morais. Vejamos primeiro as questões éticas, que se colocam a partir da perspectiva da primeira pessoa. Do ponto de vista da primeira pessoa do plural elas visam o *ethos* comum: trata-se de ver como nós, como membros de uma comunidade moral, nos entendemos a nós mesmos, quais serão os critérios segundo os quais deveremos orientar nossas vidas, o que é melhor para nós, a longo prazo e na visão do todo. A partir da perspectiva da primeira pessoa do singular, surgem questões semelhantes: quem sou eu e

quem gostaria de ser, como deveria levar minha vida. Tais reflexões existenciais também se diferenciam das ponderações da prudência não apenas pela generalização temporal e objetiva do questionamento: o que é melhor a longo prazo e visto como um todo. Aqui, a perspectiva da primeira pessoa não significa a limitação egocêntrica às minhas preferências, mas garante a referência a uma história de vida que está sempre engastada em tradições e formas de vida intersubjetivamente compartilhadas. A atratividade de valores, à cuja luz entendo a mim mesmo e a minha vida, não se deixa esclarecer nos limites do mundo das experiências subjetivas ao qual tenho acesso privilegiado. Pois minhas preferências e metas não são mais algo dado, mas são elas mesmas passíveis de discussão. Dependendo de minha autoconsciência e por meio de reflexão sobre aquilo que para nós, dentro do horizonte de nosso mundo compartilhado, tem um valor intrínseco, elas podem mudar de um modo fundamentado.

Adverte-se que, para Habermas (2007), o mundo social que (como totalidade legitimamente regulada das relações interpessoais) só é acessível com base na perspectiva de o participante se constituir historicamente de forma intrínseca e, portanto (se assim o quisermos), de forma ontologicamente diversa do mundo objetivamente descritível da perspectiva do observador. Desse modo, ressalta-se que, no futebol, o maior protagonista ainda é o homem, que está em constante transformação pessoal e é possibilitador de transformação do ambiente. Isso leva a interpretar que procurar explicações para causas e efeitos do fracasso/sucesso nos campos com discursos racionais, tentando detectar os motivos dos acontecimentos, é uma postura ingênua. O simbólico, o cultural, o místico e mítico compõem o meio. Em uma competição – por exemplo, num jogo de futebol – não se pode ter um excesso de confiança apenas na ciência. A bola deve entrar no gol para o tento ser validado – para que ela “cruze a linha”, porém, depende do Homem, que jamais pode ser considerado como infalível: $2 + 2$, no futebol, pode ser 5.

2.3.2 – É tudo muito difícil

Aqueles que têm o futebol como ocupação, como meio de vida, são considerados jogadores de futebol. Destaca-se isso, porque muitos se consideram autênticos jogadores, mas não têm este esporte como sua principal ocupação; não são sustentados pelas vitórias de suas equipes. Participam de campeonatos, porém, não regulamentados por instituições competentes e também não recebem um salário em troca do seu trabalho: não são

empregados.⁶⁶ A rotina dos atletas é árdua, pois, para se manter no topo, eles necessitam de muita dedicação, além de outros fatores que decidirão sua manutenção, ou não, no meio futebolístico, tais como: preparo físico, técnico, tático e emocional; estar sempre disposto, capacidade de ser veloz, de criação, de decisão; agilidade, concentração, iniciativa, atenção, senso de equipe; enfim, ser hábil no campo de jogo com ou sem a bola nos pés e, no caso dos goleiros, utilizar bem as mãos já está bom, mas se tiver um pouco de habilidade com os pés, melhor ainda.

Infelizmente, não existe formação secundária ou superior para se tornar/formar um jogador de futebol. Como se pode observar pelo exposto até aqui, no que tange a outras potencialidades que não são aquelas que permeiam o ambiente das quatro linhas, a situação é de precarização. Isso é lamentável, pois em uma profissão em que na faixa etária de 30 a 35 anos o indivíduo, normalmente, é considerado um jogador em final de carreira, sujeito a abandonar os gramados a qualquer momento, a se “aposentar” do esporte, com este desfecho, ele se vê em um mundo novo, sem suporte para dar sequência em sua vida – a maioria, é claro. Sem dúvida, é uma carreira curta. Além de ser um exemplo de faceta social que *“transforma a autonomia em dependência, a emancipação em opressão e a racionalidade em irracionalidade”* (Habermas, 2005, p. 13).

Sobre a dificuldade de inserção dos jovens no futebol e as possíveis exclusões que ocorrem, muitas vezes bem cedo, dificultando a recolocação profissional dos mais despreparados em outros setores profissionais, uma constatação de Antunes (2004), em um artigo em que são explorados alguns dos significados e algumas das dimensões das mudanças que vêm ocorrendo

⁶⁶ Segundo Deiro (2009), após a extinção de vários campos nas décadas de 1970 e 1980 na capital paulista, os times de fim de semana renasceram nos últimos anos. Organizado demais para ser chamado de varzeano, o futebol amador luta agora para não ficar sério além da conta. Com torneios mais elaborados, clubes regulamentados e alguns patrocínios polpudos, o atual desafio nos campos de várzea é evitar a profissionalização. A motivação desses atletas de domingo, porém, segue a mesma, para aspirantes e frustrados: todos querem viver um dia de craque. O torneio é parte da revitalização do futebol amador em São Paulo nos últimos anos, após um período de retração. Em 1965, existiam 2.500 campos em São Paulo. A expansão imobiliária e a crescente urbanização reduziram este número para 186, sob controle da Secretaria de Esportes. Hoje, a Secretaria estima cerca de 1000 campos, 400 deles regulamentados, para um número de equipes calculado entre 3 e 5 mil. O assunto terá destaque adiante, pois nesse espaço estão inseridos muitos dos atletas sem clubes; jogam para manter a forma enquanto um clube, geralmente sem expressão, não se interessa por seu futebol. Como será explanado, algumas equipes de várzea pagam “bichos” para os jogadores mais competentes.

no mundo do trabalho, permite a compreensão da dificuldade encontrada pelos atletas sem clubes. Das principais (nove) tendências enumeradas por Antunes, duas dialogam especificamente com a tese: a quinta, que diz que uma tendência presente no mundo do trabalho é a crescente exclusão dos jovens, que atingiram a idade de ingresso no mercado de trabalho e que, sem perspectiva de emprego, acabam muitas vezes engrossando as fileiras dos trabalhos precários, dos desempregados, sem perspectivas de trabalho, dada a vigência da sociedade do desemprego estrutural; e a sexta, que diz que, paralelamente à exclusão dos jovens, vem ocorrendo também a exclusão dos trabalhadores considerados “idosos” pelo capital, com idade próxima de 40 anos e que, uma vez excluídos do trabalho, dificilmente conseguem reingresso no mercado de trabalho. Somam-se, desse modo, aos contingentes do chamado trabalho informal, aos desempregados, aos “trabalhos voluntários” etc.

Pondera-se, com o fato constatado por Antunes, a título de exemplo, que seria muito importante que os atletas fossem preparados de uma maneira mais adequada, tendo como referência todo o seu contexto social.⁶⁷ Aliado a isso, mesmo tendo consciência de que nenhuma carreira dura tão pouco quanto a de um atleta profissional e que, no caso do futebol, são raros os jogadores que detectam o problema e planejam o futuro, seria também de grande importância que tivessem conhecimentos em línguas estrangeiras; atualmente, mesmo com o mundo em crise, há demanda de jogadores brasileiros que vão tentar a sorte no exterior. Também seria recomendável que o profissional tivesse noções de direitos: a maioria dos atletas contrata alguém para resolver os trâmites legais (contratos, vistos, transações, publicidade, entre outras coisas) e é comum se perceberem enganados. Não diferentes de líderes políticos, as lideranças futebolísticas (inclusive os empresários) realizam a mesma coisa: mantêm seus “pupilos” alienados. Assim, a situação fica muito complicada para os indivíduos

⁶⁷ Segundo CONFEF (2009), em razão da falta de capacidades e habilidades fora do esporte, e visto que são poucos os que conseguem ganhar o suficiente para uma vida tranquila após a “aposentadoria”, estes ex-atletas procuram as Secretarias de Esportes, “com pires na mão”, solicitando emprego em que possam atuar como treinadores da modalidade esportiva que atuavam, causando uma série de distorções. *“Esta situação poderia ser facilmente solucionada se ao longo da vida atlética houvesse, por parte dos gestores esportivos, compromisso com projetos de estudos paralelos à atividade esportiva, orientando e conscientizando estes indivíduos de que a vida atlética é curta e que eles devem estar preparados para a ‘vida cidadã’”* (CONFEF, 2009, P. 28)

que almejam uma (re)colocação profissional, pois segundo Habermas (2005, pp. 153 – 154)

Os grandes problemas com os quais as sociedades desenvolvidas se defrontam não são mais problemas que possam ser solucionados sem sensibilidade normativa, nem sem o apoio de uma moralização dos temas públicos. O clássico conflito de distribuição, inerente à sociedade do trabalho, se estruturava ante o pano de fundo das situações de interesses do capital e do trabalho, de tal modo que ambos os lados dispunham de potenciais de ameaças, porquanto a própria parte prejudicada tinha, como *ultima ratio*, a possibilidade de greve, ou seja, podia retirar organizadamente, a força de trabalho e, com isso, a interrupção do processo de produção. Hoje em dia, no entanto, as coisas são diferentes. Uma vez que, nos conflitos de distribuição institucionalizados das sociedades do bem-estar, uma ampla maioria de trabalhadores empregados se defronta com uma minoria de grupos marginais, heterogêneos e amontoados que não dispõem de um potencial de sanção correspondente, porquanto marginalizados e não-privilegiados podem, quando muito, assumir a voz de eleitores que protestam, a fim de fazer valer seus interesses. Ou então eles se resignam, digerindo suas sobrecargas de modo autodestrutivo, apelando para doenças, para a criminalidade ou para revoltas cegas. Ora, sem a voz da maioria de cidadãos que se perguntam e se deixam interrogar se pretendem viver ou não numa sociedade segmentada, onde teriam que fechar os olhos para os mendigos e os sem-teto, para bairros transformados em *ghetos* e para regiões devastadas, tal problema não possuiria força impulsionadora suficiente, uma vez que nem chegaria a ser tematizado na esfera pública. Neste sentido, uma dinâmica de autocorreção não se coloca em movimento sem moralizações, nem sem uma generalização de interesses realizada sob pontos de vista normativos.

Sobre o tema, Raí, ex-jogador de futebol, irmão do Sócrates, que foi citado no primeiro capítulo (e que também se enquadra no perfil de uma identidade pós-convencional),⁶⁸ em entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo* (Racy, 2009) relatou:⁶⁹

Os atletas são tão engajados como os artistas, que vivem em Brasília defendendo a Lei Rouanet? “Existe aí uma questão prática. O esportista tem uma carreira muito curta, de 15 ou 20 anos no máximo. Não dá tempo de se dedicar a uma associação de classe. Já o artista passa a vida inteira naquele universo. O atleta em atividade não tem muito tempo para nada fora do esporte. Eu comecei me dedicar quando parei, em 2000. Mesmo assim, hoje em dia mais jogadores estão interessados em militância.” É difícil decidir a hora de parar? “A gente tenta se preparar, mas é difícil... Chega um momento que não dá mais para acompanhar o ritmo. Saber a hora de parar é um grande desafio.” Pensar no futuro também? “Claro. A maioria começa ou continua como treinador, ou começa uma atividade nova, sem experiência.” O Leonardo, técnico do Milan (ex), teve que fazer

⁶⁸ Raí fugiu do clichê: em vez de se tornar técnico, vereador, comentarista, viver de renda, ou ainda não conseguir recolocação profissional, é engajado politicamente, é fundador da ONG “Gol de Letra” e preside outra, a “Atletas pela Cidadania”.

⁶⁹ Na citação consta a pergunta da jornalista e a resposta de Raí entre aspas.

um curso antes de assumir como técnico. Dunga e Maradona, não. O que acha disso? “Curso sempre agrega. Na Europa é obrigatório, mas atletas de alto nível, que jogaram Copa do Mundo, não começamos do básico. O Leonardo chegou a me falar que é difícil voltar para a sala de aula, mas que ele aprendeu coisas importantes.”

Assim, diante do relato de Raí, pode-se acrescentar, em resumo, que a carreira de jogador de futebol é complexa porque exige em toda a sua trajetória: participar de treinamentos em grupo ou individuais; frequentar o centro médico, consultar os preparadores físicos, fisiologistas, nutricionista e psicólogos sempre que necessário; estudar a estratégia de jogo, as características de cada jogador adversário e os últimos resultados do time oponente; participar de reuniões de equipe para definir coisas do cotidiano; participar da concentração antes de cada jogo; atuar na posição em que o técnico achar necessário; motivar os outros jogadores, mesmo diante dos difíceis desafios; participar de torneios e competições expressivos ou não. Haja preparo físico e emocional para suportar as condições impostas durante a carreira.

Para completar as ações que os atletas desempenham, vale dizer que eles têm posições definidas – isso até o treinador resolver mudar –, ou seja, cada um tem a sua função dentro de um time. Tais funções são:⁷⁰ goleiro – é o único jogador que pode colocar as mãos na bola, apenas dentro da sua área, com o objetivo de defender o gol, o que exige grande agilidade e tempo de reação; zagueiro – ocupa a região da meia-lua central da “grande área”, geralmente os zagueiros são altos e resistentes, para ajudar o goleiro a defender a área; laterais – oferecem resistência ao ataque adversário e têm a missão de auxiliar o ataque pela faixa lateral, com cruzamentos ou passes longos; volante – tem a missão de defender e de fazer a ligação entre a defesa e o ataque; meias – responsáveis por passar a bola aos atacantes e por isso é fundamental a sua capacidade de drible, visão de jogo e passe; atacantes – finalizam a jogada, por isso é necessário que tenham habilidade para executar dribles rápidos, potência e classe nos chutes; técnico de futebol: é quem comanda o time, acompanha os treinamentos, prepara as estratégias de jogo e as substituições de jogadores, escolhe o elenco titular e o reserva etc.

⁷⁰ Destaca-se aqui, como ilustração, apenas o básico das funções. Conhecem-se as variações.

Geralmente, os técnicos são ex-jogadores, que depois de se “aposentar” se dedicam à preparação de um time. Diante de tantas tarefas que necessitam de extrema atenção, aliado ao fator “uso ferramentas sem ser aquelas utilizadas no futebol”, vislumbrar um processo emancipatório é um procedimento muito difícil.

Para compreender melhor o conceito, Habermas (2005) sustenta que a emancipação significa a superação de visões estreitas nas quais “caímos” devido a ilusões pelas quais somos, de certa forma, responsáveis, uma vez que elas não resultam de uma casualidade natural, nem das limitações do próprio intelecto. A emancipação constitui um tipo especial de autoexperiência, porque, nela, processos de autoentendimento se cruzam com um ganho em termos de autonomia. Nisso se ligam compreensões “éticas”, quando se pretende obter clareza sobre quem somos e quem pretendemos ser, em nível “ético”; e compreensões “morais”, quando pretendemos saber o que é igualmente bom para todos, em nível “moral”. Nesse caso, isto é, na conscientização emancipatória, as intelecções morais se ligam a uma nova compreensão ética. Reconhecemos quem somos, porque aprendemos a nos ver, ao mesmo tempo, de modo diferente em relação aos outros. Renovações desse tipo nos reconduzem às vezes até a fase da adolescência. Porque ela constitui uma fase da vida na qual elaboramos, de modo doloroso e produtivo, certas crises. Por conseguinte, a expressão “emancipação” adquire seu sentido, no âmbito do trato de sujeitos consigo mesmos, ou seja, ele se refere a modificações descontínuas na autorrelação prática de pessoas.

Enfim, o autor é cauteloso quando se trata de empregar a expressão “emancipação” fora dos contextos biográficos, pois é necessário tomar cuidado *“para não projetar sobre as condições sociais os conceitos de filosofia do sujeito: não podemos, simplesmente, representar coletividades ou a sociedade como um todo como se fossem sujeitos superdimensionados”* (Habermas, 2005, p. 164). Esclarece-se que, para não perderem sua força de convicção, conceitos morais fundamentais, tais como autonomia e dignidade humana, igualdade e solidariedade, têm que ter a possibilidade de se modificar, quando da autoaplicação crítica em processos concretos. Caso se queira interpretar corretamente a palavra “emancipação”, tem-se que levar em conta que ela torna as pessoas mais independentes, porém isso não significa que serão

automaticamente mais felizes. Habermas diz que não se tem escolha entre uma conduta de vida mais consciente e outra menos consciente, porque as possibilidades de escolha só se colocam por meio de um ato de conscientização. *“De outro lado, porém, os critérios para a felicidade e para a avaliação clínica de uma vida mais ou menos não-alienada, não-fracassada, constituem matéria precária”* (Habermas, 2005, p. 166 – 167).

Isso posto, apresentam-se aqui alguns exemplos escolhidos, entre os muitos existentes e que se conseguiu para a construção desta tese, de perfis emblemáticos que encarnam as tendências da pesquisa. Relembrando, dos 30 entrevistados, seis se enquadram com mais propriedade. Acerca disso, mostra-se a síntese das histórias de vida dos entrevistados. Os nomes que aparecem são fictícios e os demais conteúdos das entrevistas serão expostos no decorrer do texto.

2.3.2.1 – Atleta 1 – “Andar com fé eu vou”

Paulinho, não diferente de muitos atletas de futebol, teve uma infância humilde e, como é comum de se esperar, a bola sempre esteve ao seu lado. Mesmo com problemas familiares de diversas ordens, encontrou algum apoio em seu lar, fato que fez com que seus sonhos, nem sempre da forma que ele idealizou, fossem sendo realizados.

Influenciado principalmente pelos familiares, ingressou nas categorias de base de uma equipe de futebol e conseguiu chegar ao profissionalismo. Em sua trajetória, experimentou de tudo: alegrias, tristezas, fartura, fome, angústias, descasos, entre outras coisas.

Ele sabe de suas limitações. Sem clube, pois se machucou quando tinha o passe nas mãos, entende que o futebol pode ser sua salvação, pois concluiu somente o ensino médio, e não vê perspectiva de uma boa vida se não tiver sucesso no futebol. Em sua visão, o êxito e a fama neste esporte podem lhe render um emprego futuro, seja no futebol, seja fora dele. Porém, se não “emplacar”, teme por este mesmo futuro.

Em um momento de sua vida, quando se machucou com mais seriedade pela primeira vez, buscou conforto, como ele destaca, na *“Palavra de Deus”*. E esse contato fez com que Paulinho revisse alguns de seus conceitos, fato que

possibilitou significativas mudanças no sentido de interpretar a vida. Entretanto, não credita tudo a Deus. Acredita que ele traz conforto, mas tem que haver a luta do dia a dia. Em sua opinião, plano espiritual é uma coisa, vida terrena é outra. Sente-se um pouco confuso ao falar sobre este assunto, mas vai seguindo seu rumo, como ele mesmo diz, *“com fé e luta”*.

2.3.2.2 – Atleta 2 – A vida é uma possibilidade

Rodrigo pode se considerar um indivíduo privilegiado quando comparado à maioria dos atletas de futebol brasileiros, pois mesmo nascendo em um ambiente em que o conforto não era tanto, conseguiu estudar em um colégio particular, fato que possibilitou que ele ingressasse mais tarde em uma universidade, quando tinha dezenove anos.

Mas o motivo de ter conseguido estudar em um colégio que não fosse público, foi sua habilidade com a bola. Em uma partida de um campeonato municipal para garotos na faixa etária de 10 e 11 anos, em que jogava para um time da periferia, foi visto por um professor de futebol do colégio particular. A habilidade do garoto chamou sua atenção e, sem pestanejar, o convidou para estudar.

Hoje Rodrigo tem consciência de que o representante da escola não o convidou para estudar naquele colégio com o objetivo de lhe possibilitar um melhor processo de aprendizagem, mas estava interessado apenas na sua facilidade em lidar com a bola, melhorar a situação do colégio nos campeonatos e, conseqüentemente, que a escola pudesse usar o futebol como uma estratégia de marketing.

O entrevistado não terminou o curso de graduação, pois as circunstâncias do meio não permitiram. Foi sua habilidade com a bola que também possibilitou a conquista uma bolsa de estudo. Hoje Rodrigo está sem clube. Seu passe ficou muito tempo preso em uma agremiação por haver problemas judiciais, e ele encontra dificuldades em arrumar outra equipe, mesmo afirmando, aos 29 anos, que há espaço no mercado e que ele tem competência para isso. Em suas palavras: *“não me arrependo de não ter seguido os estudos; tinha que optar por algo... e optei pelo caminho que eu*

mais gostava. Quando eu perceber realmente que todas as portas estão fechadas para mim, decidirei o que fazer.”

2.3.2.3 – Atleta 3 – Aprendendo com a história

O pai de Êmerson, o senhor Júlio, era um excelente jogador de futebol que teve que encerrar sua carreira profissional neste esporte por conta de uma lesão que teve na perna esquerda. Em uma partida amistosa no período de férias, jogando em uma equipe de amigos, sofreu uma entrada violenta de um desafeto da equipe adversária que estava enciumado ao perceber que ele era o foco da atenção de todos.

Com a carreira encerrada de forma prematura, restou a Júlio trabalhar em uma empresa metalúrgica de um amigo e praticar seu amado futebol apenas aos finais de semana, e de maneira bem tranquila. Quando Êmerson nasceu, seu pai já havia passado por essa situação, no entanto, não deixou de estimular o filho a seguir a carreira que ele não pôde, ou melhor, que o impediram de seguir.

O garoto passou por todas as divisões de base até chegar ao futebol profissional e, durante o processo, não deixou de estudar, pois seu Júlio, tendo consciência de que o futebol é uma carreira que na maioria das vezes é ingrata, encorajou o filho a não parar de estudar. Mesmo quando parecia ser impossível para Êmerson treinar, jogar e estudar simultaneamente, ele se lembrava dos conselhos do pai e redobrava os esforços. Assim, concluiu a faculdade de Ciência da Computação.

O sucesso no futebol chegou, entretanto, durou pouco, pois, por desavenças com o técnico de uma equipe, foi deixado de lado, logo depois emprestado para equipes de menor porte, até ficar sem receber e se perceber “sem clube”.

Hoje, diz Êmerson, *“graças aos estudos, estou trabalhando... preciso ajudar minha esposa e filhos, mas espero logo arrumar um clube; estou com um empresário que está vendo alguma coisa em Portugal.”* Êmerson trabalha de digitador em uma empresa de dia e treina, muito, no final da tarde. Faz apenas um ano que está sem clube e, garante, estar em boa forma física, por isso alimenta o sonho de voltar aos gramados. Continua ganhando algum

dinheiro com o futebol, pois disputa um campeonato de várzea e a equipe paga R\$ 100,00 por jogo (joga aos domingos). Completa dizendo: *“o mais importante em minha vida foi o exemplo de meu pai; se ele não tivesse passado muita coisa para mim, com certeza estaria na pior. Como estaria sobrevivendo agora? Ainda bem que eu estudei! Não estou fazendo o que gostaria, mas não falta nada para mim e ainda ganho um dinheirinho com o futebol nos finais de semana.”*

2.3.2.4 – Atleta 4 – Difícil chegar, difícil manter... fácil se perder

Eduardo, desde que nasceu, não teve uma família que lhe proporcionasse muita atenção. Seu pai estava preso e, sua mãe, ainda uma garota de 16 anos, não tinha condições de criar, sozinha, o garoto. Como a situação econômica de seus avós também não era boa, eles contavam com a ajuda de uma instituição de caridade e a colaboração de vizinhos para a manutenção da vida de Eduardo que, no bairro simples onde morava, foi crescendo. E junto com outros aspectos, foi crescendo também sua familiaridade com a bola: principal divertimento das crianças... essencial para as mais pobres.

Conforme Eduardo se desenvolvia, ia percebendo que muitos atletas que concediam entrevistas na televisão relatavam que por meio do futebol conseguiram resolver os problemas da família, como: casa própria, alimentação adequada, plano de saúde, educação para os irmãos mais novos etc. Assim, Eduardo percebeu que esta modalidade esportiva poderia lhe possibilitar um futuro mais digno e, a partir de seus 15 anos, começou a participar de peneiras em alguns clubes.

Com muito esforço ingressou em uma equipe e logo começou a se destacar. Treinava pela manhã, mas como o local dos treinamentos era distante de sua casa, tinha que sair bem cedo e retornava apenas no final da tarde. Diante disso, abandonou os estudos, pois gostava também de ficar com os amigos conversando na porta da escola. Eduardo estava indo muito bem no futebol; recebia uma ajuda de custo que lhe possibilitava manter-se. Entretanto, seus amigos do bairro, que não tinham ocupação, acharam uma maneira para

conseguir também uma graninha para se manterem: começaram a participar do tráfico de drogas.

Eduardo conseguiu chegar ao profissionalismo: comprou carro do ano, casa para sua mãe (seu pai morreu no presídio), andava sempre com uma garota diferente e roupas da moda. Quanto aos seus amigos de infância, alguns seguiram a carreira do tráfico e outros foram ficando pelo caminho: mortos por traficantes rivais, pelos próprios líderes por não acertarem alguma dívida, ou ainda mortos ou presos pela polícia.

Tudo parecia que caminhava bem na vida do garoto que saiu de um ambiente muito pobre (em todos os aspectos) e alcançou o sucesso. Porém, em determinada etapa de sua vida, depois de vitória espetacular de sua equipe, foi para a “noitada”, bebeu muito e, no retorno para seu apartamento, sofreu um acidente que lhe impossibilitou a prática o futebol de alto nível. Teve uma lesão grave no joelho e não houve sucesso nas cirurgias realizadas. Eduardo viu-se, então, aos 25 anos e no auge da carreira, sem perspectivas na sequência do futebol.

Durante o período de um ano e meio, o ex-atleta conseguiu gastar toda a poupança que guardou durante sua trajetória no futebol. Ele estava fora do mercado da bola, mas não percebeu que seu padrão de vida havia mudado e que a grana não estava entrando, apenas saindo. Para manter o padrão de vida, hoje, Eduardo trabalha no tráfico com os amigos que restaram. Em suas palavras: *“pelo menos aqui eu consigo tirar um ‘bicho’ bom e de maneira mais fácil; é melhor do que bater cartão na firma ou trabalhar de camelô. Tem emoção igualzinho ao futebol... e sei que minha carreira aqui, como lá, no futebol, que eu gostava e muito, pode ser curta também. O importante é a grana entrar.”*

2.3.2.5 – Atleta 5 – O mundo da bola é uma grande ilusão

A mãe de Henrique é auxiliar de limpeza em uma escola pública. Seu pai é ajudante geral em uma empresa de plástico. O garoto teve uma infância impregnada de futebol, pois os irmãos de seu pai e de sua mãe eram fanáticos torcedores e bons jogadores de várzea. Ele cresceu neste ambiente: a bola

permeava seus horizontes. Teve uma vida simples, mas não abandonou completamente os estudos: concluiu o ensino médio.

O garoto que começou dar os primeiros passos tropeçando em uma bola, logo estava trocando passes com pai e, conseqüentemente, participava das rodas de bobinho com os tios. Não demorou ao entrar em uma escolinha de futebol no colégio em que estudava – lógico, estimulado pelos familiares que o viam como um futuro atleta profissional. Disputou jogos escolares, campeonatos municipais e regionais, até conseguir o ingresso, por uma peneira, em uma equipe em que ele veio a participar das categorias juvenil, juniores e, enfim, profissional.

Foi durante um bom tempo atleta de destaque. Ganhou títulos importantes, conheceu a América Latina, chegou a ser cotado para um jogo da seleção estadual, estava no caminho para ser contratado por uma grande equipe. Entretanto, de um dia para outro, as coisas pararam de dar certo: seu contrato venceu, não conseguiu a transação para uma equipe de ponta, não conseguiu guardar muito dinheiro porque numa equipe de menor expressão os salários são baixos e os “bichos” irrisórios... Acabou fechando um contrato com uma equipe da terceira divisão. Por sofrer lesões seguidas e não cair no gosto do técnico, os diretores rescindiram seu contrato. Então, percebeu-se desempregado.

Hoje, Henrique está há mais ou menos um ano sem clube. Tentou algumas transações, mas não obteve sucesso. Não abandonou o sonho de retornar ao espetáculo, por isso, treina todos os dias com atletas da divisão de base de sua cidade; a equipe não disputa campeonatos de maior expressão, entretanto, diz Henrique, *“é o que eu tenho no momento. Ainda sonho em voltar a brilhar nos gramados e não posso desistir tão cedo; tenho que manter o preparo físico. Meu empresário está vendo alguma coisa para mim na Grécia e espero que tudo de certo; tenho fé e acredito que daqui mais ou menos um mês estarei viajando para fechar contrato... daí é um abraço.”*

Por enquanto Henrique está sendo mantido economicamente pelos pais. Tem 27 anos, é solteiro e tem mais dois irmãos que estão treinando em equipes de médio porte: um é atleta da equipe infantil e, o outro, está no juvenil. Henrique, que no momento está desempregado, ou melhor, “sem clube”, torce para que seus irmãos tenham mais oportunidades do que ele.

“Quem sabe eles não conseguem chegar com mais facilidade aonde ainda eu pretendo chegar”, conclui meio cabisbaixo.

2.3.2.6 – Atleta 6 – Na vida é importantíssimo ter um Plano B

Felipe acorda todos os dias e pega ônibus em direção a uma escolinha de futebol para dar as aulas para crianças na faixa etária de 6 a 8 anos. Ele se identifica muito com o trabalho que começou há seis meses, desde que ficou sem clube. Era um atleta de futebol de uma equipe pequena e estava há nove meses sem receber o salário. Estava morando debaixo da arquibancada do estádio do clube, a alimentação estava escassa, não havia condições mínimas de higiene e, até pela situação vivida pelos atletas, o ambiente não era nada saudável... sobravam reclamações e a possibilidade de haver melhorias era muito pequena. Aliás, vale destacar que a equipe estava em último lugar no campeonato e nem havia patrocinador ou qualquer outro tipo de apoio.

Assim, diante da crise que estava instalada naquele lugar, Felipe resolveu se desligar da equipe. Acerca disso, observa-se que ele só teve autonomia para tomar esta atitude, pois durante a curta carreira que teve no futebol (tem apenas 25 anos), e mesmo diante das situações ingratas, das imposições do meio, ingressou na universidade e não abandonou o curso de Educação Física. Até quando trocava de equipe, por venda ou empréstimo, procurava logo a universidade mais próxima para dar sequência aos estudos. Houve um semestre em que não conseguiu contornar a situação: teve que trancar a matrícula. Entretanto, não desanimou e concluiu a graduação.

A vivência que obteve no esporte, aliado ao curso específico, fez com que imediatamente após o desligamento de sua última equipe, Felipe conseguisse a vaga para trabalhar na escolinha. Acrescenta-se aqui que Felipe ainda não abandonou o sonho de voltar aos gramados, pois diz: *“retorno ao futebol profissional apenas se receber uma proposta muito boa. Já sofri muito tendo que morar debaixo de arquibancada, entre outras situações adversas que passei. A maioria passa apertado... é muito sofrimento. Tanto é que tenho contato com os amigos que jogavam comigo quando resolvi ‘chutar o balde’ e eles relatam que estão na mesma situação. Ainda bem que eu estudei. Gostaria de jogar de novo, mas reafirmo que tem que ser uma bela proposta.*

Trabalhando na escolinha, sou reconhecido pelos garotos e pelos pais; no quinto dia útil meu salário está na conta e, o melhor de tudo, é poder passar minha experiência para a molecada que está começando; não para esses que eu treino agora, pois ainda são muito novos, mas para os de outras categorias, que já pensam, erroneamente, que vão ser profissionais... mostro que o caminho não é fácil. E isso não tem preço que pague: é muito bom ser útil... ser reconhecido. Pensando bem, quem sabe agora eu não chegue ao futebol de alto nível por outro caminho? Técnico ou Preparador Físico?."

Assim, depois de trazer seis sínteses de histórias de vida, sustenta-se que elas elucidam muito bem o ambiente do futebol profissional, o que possibilita a montagem de um cenário sobre o desemprego neste esporte, sem perder, é evidente, o referencial de outros exemplos colhidos do dia a dia. É o que se vê a seguir.

2.4 – Não pensei que passaria por tudo isso

2.4.1 – Estou sem clube, mas o futebol é minha vida

Retoma-se neste parágrafo uma pergunta que já foi realizada na introdução do trabalho: estaria, no mundo, alguém preparado para perder? Professores que investem em uma carreira acadêmica, que estudam em média sete anos em seus cursos de mestrado e doutorado a fim de se preparar para lecionar em uma universidade, têm consciência que podem não ter a oportunidade dos sonhos? Advogados que se preparam para o cargo de juiz, entre outras funções que demandam muito tempo de estudo, cogitam trabalhar na "porta de cadeia"? Enfim, os contadores que se preparam para passar em algum concurso público a fim de garantir um salário pelo resto de suas vidas e não alcançam o objetivo proposto, como se percebem nos ambientes em que o "facão" corre solto? A situação dos atletas de futebol se assemelha em alguns aspectos aos exemplos acima, pois há um investimento gigantesco de tempo no preparo para exercer a função, porém, quando um professor, um advogado ou um contador não consegue o emprego dos sonhos, eles podem, na maioria das vezes, continuar sendo um professor, um advogado ou um contador comum. No entanto, o atleta de futebol que não consegue alcançar o alto nível, se torna um desempregado, principalmente por ele já começar a carreira com a

data do prazo de validade estabelecida. Desse modo, como salientado, preparar-se para a derrota é preciso, mas isso é tão difícil quanto preparar-se para a própria morte. No âmbito que se está trabalhando, quer dizer o seguinte: as pessoas investem em uma carreira profissional pensando apenas em vencer e, quando as coisas não acontecem como planejadas, lidar com as frustrações é muito delicado... e quem tiver mais habilidade – e mais ferramentas – para administrar a posição adversa, possivelmente se restabelecerá. Recorda-se que a situação no ambiente do futebol é calamitosa. A título de exemplo, uma série de entrevistas publicada pelo jornal *Lance!*, que abordavam o sofrimento de quem precisa mudar de profissão para sobreviver, e denominada *Desemprego atinge jogadores de futebol*, trazia alguns dados interessantes:

Pesquisa publicada em março, pelo IBGE, aponta que dois milhões de brasileiros não têm carteira assinada. Mesmo sem contar com números oficiais, o futebol também sofre com o desemprego. A partir desta terça-feira, o LANCE! publica Desempregados da Bola, uma série especial sobre jogadores que tiveram de desistir do sonho para sobreviver. Eldorado para a maioria, o futebol esconde dura realidade. Além do desemprego, jogadores também sofrem com a precária estrutura de clubes tidos como profissionais, com os baixos salários e com a falta de condições dignas de trabalho. Presidente do Sindicato dos Jogadores, Alfredo Sampaio culpa o calendário e reclama da falta de números oficiais sobre o desemprego no esporte. Levantamento feito por ele revela que, em 2007, 22.813 atletas estavam registrados na CBF. Deste total, 11.711 jogadores (51,3%) recebiam até um salário mínimo. Já apenas 691 profissionais (3,0%) tinham vencimentos acima dos 20 mínimos. Desempregados da Bola é o resultado de mais de oito horas de entrevistas. O LANCE! foi atrás e encontrou diversos personagens que comprovam a dureza da profissão de jogador de futebol (Lance!, 2009).

Acerca disso, relembra-se que o caminho em busca da carreira de atleta de futebol pode começar até sem a concordância do indivíduo. De um momento para outro a criança se percebe envolvida com o futebol: ele preenche todos os espaços de sua vida. Em busca de um lugar ao sol, se abraçam a instituições, que se dizem esportivas, mas que têm o objetivo único de formar um produto, que pode vir a lhes garantir um bom rendimento no futuro. Na maioria das vezes, crianças e adolescentes são submetidos a uma condição peculiar de desenvolvimento. Além das questões materiais, não há referências familiares e culturais; não há também preocupação em formar

cidadãos. Assim, fica comprometido o desenvolvimento que deveria ser saudável e adequado.

Como uma maneira de melhorar esse problema, no dia 08 de outubro de 2009, foi sancionada uma lei (Lei n.º 13.748) pelo governador de São Paulo que obriga os clubes de futebol do Estado a assegurar que todos os seus jogadores menores de 18 anos estejam matriculados em instituições públicas ou particulares de ensino básico. O objetivo é evitar que jovens atletas dediquem-se apenas à carreira esportiva e certificar-se de que tenham frequência escolar adequada, como prevê o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Lei de Diretrizes Bases da Educação. Os clubes terão um prazo para comprovar a matrícula dos jogadores menores de 18 anos com os quais possuam qualquer vínculo. Os comprovantes de matrícula e frequência escolar deverão ser entregues à Federação Paulista de Futebol, que encaminhará a documentação para a Secretaria de Educação e a Comissão de Educação da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo. Os clubes de futebol que não cumprirem a norma receberão multa por jogador e, em caso de reincidência, ficará impedido de participar de jogos e campeonatos oficiais organizados pela Federação. Os valores arrecadados com as multas serão revertidos para o ensino no Estado, sob responsabilidade da Secretaria da Educação.

Importante dar destaque ao fato de algumas instituições defenderem uma política pública de incentivo ao estudo dos atletas de todas as categorias, *“identificando que estes, durante sua vida ativa, auferem lucros a seus clubes e patrocinadores, sem que haja a mínima preocupação pelo seu próprio futuro.”* (CONFED, 2009, p. 28). No entanto, treinamentos em período integral fazem com que a garotada continue perdendo o direito à infância. O ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente, acaba sendo contrariado (não apenas aqui, é claro) em muitos de seus artigos, como ao que se refere à educação. Há também o perigo de não serem respeitadas as etapas do crescimento e desenvolvimento das crianças e adolescentes e, o exagero de exercícios físicos, pode trazer sérios danos à suas vidas. Referente ao lado psicológico, a pressão por conseguir resultados, que nem sempre são alcançados, dilacera a saúde mental dos aspirantes a atletas profissionais. E assim vai se configurando a carreira de um profissional no futebol.

A bem da verdade, não é necessário fazer muito esforço para perceber o aumento na quantidade de escolinhas de futebol espalhadas por todos os cantos. Além das convencionais, existentes nas escolas particulares, estaduais e municipais, e das coordenadas por algum “amante” ou “interesseiro”, clubes de nome aproveitam o mercado e abrem suas franquias; e os clubes pequenos associam o seu nome ao do franqueador para aumentar a quantidade de... sonhadores – garotos que querem ser atletas profissionais, pais que querem que seus filhos façam sucesso por meio do futebol. Acerca disso, ressalta-se que filhos de pobres – esses mais que aqueles – e ricos frequentam o ambiente. Lugar que além da prática esportiva, poderia também levar a garotada a aprender valorizar a vida em comunidade, respeitar seus valores e direitos, mas que na maioria das vezes o que é presenciado é uma competição exacerbada; praticamente uma jazida (não natural).⁷¹

Os produtores são os clubes e principalmente os empresários que, em busca de grandes negócios, mantêm a garotada no “confinamento”. Esses últimos já não são mais donos de seu destino: são mercadorias e são oferecidos para quem pagar o melhor preço; sofrem do mesmo mal que acomete os frangos em uma granja. Na produção, são privados de liberdade, castigados e humilhados... Tudo isso para existir o sonhado lucro final. Entretanto, há uma grande diferença, pois os frangos sofrem sem saber o motivo de toda aflição; eles não têm noção de tempo, gostariam apenas de viver. Já os principiantes a atletas, mesmo alienados, têm noção do que querem: resolver seus problemas financeiros, fazer parte do espetáculo... ser reconhecidos. Para a recompensa final, que seria o sucesso, estipulam o compensador, que seria o sofrimento momentâneo. A propósito desta questão, caberia aproximar a situação experimentada pelos aspirantes a atletas à de um religioso fervoroso que, para alcançar o “paraíso”, que seria a recompensa final – a tão sonhada paz que ele não encontra na terra –, procura privar-se dos

⁷¹ Compreende-se que o Ser Humano, diante da natureza, está diante de outros Seres Humanos com os quais se comunica, porque é um Ser de relações. Aliás, o principal veículo dessa comunicação é a linguagem. Ela, além de ser o instrumento fundamental da formação de uma consciência social, é também o principal veículo de comunicação de conhecimento, independente do âmbito de sua manutenção. Assim, para comunicar o conhecimento de geração a geração, o Ser Humano faz Educação: que é, antes de tudo, comunicação. No entanto, pouco, de comunicação, existe no ambiente de formação de indivíduos no futebol, como em outros setores sociais. Investimento, em Seres Humanos, pode ser o mais valioso dos investimentos. O assunto será aprofundado.

“prazeres mundanos”, que seria o compensador. Porém, observa-se que não há parâmetros para saber se a recompensa chegará. E é nesse processo que os conflitos vão se instaurando.

Em entrevista ao jornal *Lance!* (2009) Luizinho, um dos personagens da série *Desempregados da Bola*, relata que está sem emprego, mas em busca de um futuro melhor para si e para dezenas de meninos que moram na comunidade de Vila d'Ouro, em Irajá, subúrbio do Rio de Janeiro. Aos 30 anos, e com passagem pelo futebol eslovaco, Luizinho está “sem clube” há quase um ano. A sobrevivência vem do salário mínimo que ganha como agente de um projeto socioesportivo desenvolvido pela Superintendência de Desportos do Estado do Rio de Janeiro (Suderj) na comunidade. Luizinho relata:

A minha realidade é esta aqui. Não consegui mansões nem carrões. Moro mesmo em uma casa humilde aqui no Rio d'Ouro. A grande verdade é que no futebol as coisas não caminham todas às mil maravilhas como pensam. A enorme maioria dos jogadores é de verdadeiros operários da bola. Apenas um por cento consegue fortuna. O restante vive mesmo assim como você vê. Assim como a maioria dos jogadores que amargam o desemprego, não me arrependo de tanto tempo dedicado ao meu sonho de jogar futebol profissionalmente. Além do futebol, a única coisa que sei fazer é cortar cabelo. Fiz curso e tudo. Poderia mesmo ter feito outros cursos, ter me preparado melhor para a vida. Mas por aqui tudo é muito difícil. Até escola falta para quem mora em comunidades carentes como nós moramos. Da profissão, o meu grande orgulho foi ter conseguido jogar no Maracanã. É como já disse. Não me arrependo, mas, quando menino, sonhava com muito mais. Sonhava ser um grande jogador. Mas a realidade mudou. Agora, se conseguir fazer estes meninos se transformarem em cidadãos de verdade, já me dou por satisfeito.

Os procedimentos exigidos para que a carreira de futebol se concretize são desumanos. Há entidades que se denominam clubes (como detectado em alguns casos relatados por atletas entrevistados para a construção da tese, também por relatos em veículos de comunicação e outros casos conhecidos), mas que, no entanto, não têm sócios, jogam em estádios minúsculos com arquibancadas apodrecidas e gramados doentes, foram batizadas com o nome da cidade apenas para fazer uma “média” política, são bancadas por empresários, enfim, têm unicamente a preocupação de mostrar ao mundo que a cidade está no mapa, no caso de líderes políticos que investem em alguma

equipe⁷² e, no caso dos empresários, como frisado: espera-se o lucro. Em ambos os casos o indivíduo é deixado em segundo plano.

Também em entrevista ao jornal *Lance!*, Will, outro personagem da série *Desempregados da Bola*, relata que é filho de família de classe média baixa e pensa em se casar. Campeão sergipano pelo América, em 2006, e também desempregado há mais de um ano, para levar à noiva ao altar, vende planos empresariais de telefonia fixa e móvel. Declara que não gosta de pensar em parar de jogar, mas que está preparado para isso. Diz que há um ano foi doloroso saber que não apareceu nada e que isso mexe com o ego do atleta. *“A gente é preparado para milhões, para ficar rico. Se tiver uma oportunidade, vou agarrar com unhas e dentes, até porque estou maduro”*. Mas,

Mais do que conseguir uma vaga em algum clube, queria mesmo era ficar bom da grave lesão que sofri no menisco e nos ligamentos cruzados do joelho esquerdo, que me impediram de jogar pelo Flamengo. Quem me ajudou no tratamento foi Jorginho, que hoje é auxiliar-técnico de Dunga na Seleção. Sofri a lesão treinando futsal na escola e não tinha como tratar. Mas conheci os Atletas de Cristo,⁷³ que me ajudaram. Voltei a jogar, mas me machuquei de novo. Aí, Jorginho assumiu o tratamento. Consegui operar, fiquei oito meses tratando com Fábio Marcelo (fisioterapeuta) e voltei a jogar normalmente. A recuperação foi o troféu que conquistei. O meu sonho foi se adaptando. Perdi oportunidade no Flamengo por conta da lesão e sofri por causa disso. Ligava para os amigos e chorava sentado no chão. Pedi a Deus para voltar a jogar e consegui. Não sou totalmente realizado porque queria ganhar dinheiro. Mas os empresários só colocam nos clubes quem faz parte da panela. Às vezes falo com um ou outro amigo que ainda joga por aí, mas percebo que cada dia fico mais distante do que

⁷² Há prefeituras, algumas em cidades carentes, que investem muito dinheiro no futebol profissional. Entende-se, que deveria haver investimento na socialização da criança no sentido de possibilitar a ela uma formação completa. A título de exemplo, poderia ser implantado um programa de aprendizagem motora que seria muito mais importante, pois potencializaria o desenvolvimento da criança, porém, como isso não tem a visibilidade que o futebol profissional proporciona, são raríssimos os municípios que se preocupam com essa questão. Assim como não se preocupam com o saneamento básico e tudo o que diz respeito aos direitos que os mais pobres também têm.

⁷³ Atletas de Cristo compõem, em outras coisas, *“um movimento integrado por desportistas que reconheceram a Jesus Cristo como filho de Deus, Salvador pessoal e único caminho de ligação entre o homem e o Deus único, eterno e criador de todas as coisas”* (Atletas de Cristo, 2010). O assunto foi explorado em minha dissertação de mestrado (Leme, 2005), no entanto, destaca-se que “entregar-se” a Jesus ou a quem supostamente o representa, parece não mais do que uma maneira de abdicar da própria independência e da própria autonomia. Diante do risco existente, que não são poucos, se ajoelham ao “Salvador” e seus representantes e, a partir daí, tudo se torna justificável; perder ou ganhar é o de menos (não tem problema algum, pois “Deus quis assim”). Diante o ambiente de risco, torna-se compreensível a opção religiosa, pois, entre outras coisas, ela canaliza os riscos existentes. Lamenta-se apenas que seja uma das únicas opções. *“Penso que deveria haver muito mais opções disponíveis no horizonte do jogador de classe baixa (dos outros também), desvalido e solitário”* (Giorgetti, 2010, E 4).

sonhei. Quero casar e tenho de ter uma profissão para isso. Como no futebol as coisas não têm caminhado, parti para vender planos de telefonia. Mas não me arrependo. Sou um jogador de futebol (Lance!, 2009).

Nesse percurso, acredita-se que seja importante destacar que o cidadão comum, sem muito potencial para questionamentos, torna-se um espectador de um jogo político-econômico. Quantas pessoas atualmente não se sentem encantadas com o fato de o Brasil ser a sede da Copa do Mundo de 2014? Muitas! No entanto, sabe-se que no país as condições sociais estão em estado de precarização e que há “coisas” muito mais importantes a serem feitas. Do ponto de vista de Flávio Campos, professor do departamento de história da USP, *“é evidente que a construção de estádios modernos, a melhora dos transportes públicos, a questão da segurança poderiam fazer parte de um interessante projeto de intervenção e inclusão social a partir do apelo esportivo representado pela realização de uma Copa do Mundo e pelo volume de capital envolvido. Um projeto que não se encerrasse em 2014”* (Neto, 2007, P 4). Entretanto, a possibilidade disso acontecer é pequena; provavelmente, será presenciada a manutenção da lógica de inaugurações, campanhas políticas e corrupção (a lógica do eu fiz/faço).

Assim, se de um lado o que se busca é apenas a visibilidade política e, para isso, se disponibiliza muito dinheiro, do outro lado, o da população mais carente, está cada vez mais difícil até o acontecimento das “peladas” na várzea: a maior diversão dos jovens da periferia. Futebol para quem não pode pagar está cada vez mais escasso, pois os poucos campos disponíveis que restam, estão em estado deplorável. Campeonatos amadores também vão deixando de existir, a não ser quando determinado político disponibiliza algum troféu ou jogo de camisa como forma de se promover (principalmente em épocas de eleições). Centros esportivos municipais são utilizados com a mesma finalidade: eleitoreira. A análise leva à conclusão que o futebol vai mal desde a várzea até o alto nível; das bases à elite; sofre o atleta amador, padece o profissional. Mais do que em outros lugares, no futebol, o princípio puritano de que o trabalho “dignifica” o homem cai por terra.

Vale destacar que o futebol de várzea acaba sendo uma referência para os atletas que estão sem clubes. Nesse ambiente, praticam seu esporte

buscando não perder a forma física, tendo em vista a recolocação profissional. O tópico seguinte abordará o assunto, no entanto, antes, finaliza-se esta parte com o relato de Carlão, mais um personagem da série *Desempregados da Bola*, entrevistado pelo jornal *Lance!*. Volante que atuou no Madureira e no Brasiliense, o ex-atleta, depois de quatro anos de desemprego, trabalha há dois anos como chefe dos seguranças do Mercado de Madureira, polo de intenso comércio popular na Zona Norte do Rio. “Com o futebol deu apenas para conseguir uma casa humilde. Felizmente, tenho um emprego e levo o sustento para casa. Muitos pensam que o futebol faz milionários. Mas isso é pura ilusão” (Lance!, 2009). Carlão disse:

Depois de quatro anos sem trabalho, consegui uma vaga de segurança há dois anos. Hoje já sou chefe. Consegui muito pouco com o futebol, mas tenho um emprego que garante meu sustento. Fui muito amigo do Iranildo, na época em que jogamos juntos no Madureira. Ele sempre disse que ia me ajudar. Mas não foi nada disso. Nesse tempo todo que fiquei sem trabalho, ele foi incapaz de ligar para mim. Quando ele não era nada, vivíamos juntos. Depois que ficou famoso, virou as costas. Dos tempos de jogador, guardo com orgulho um recorte de jornal. Nele está que fiz o gol que Pelé não conseguiu. Marquei do meio do campo, contra o Sobradinho, quando jogava pelo Brasiliense. Podem ter me tirado muita coisa, mas este orgulho ninguém tira mais. Passei quatro anos complicados. Ficava em casa esperando alguém ligar dizendo que tinha uma vaga para mim em algum clube. Como só sabia jogar futebol, acabei me acomodando. Mas a família pressionou e a ficha caiu. Tinha de arrumar outra profissão. O mundo em que nós, jogadores menos conhecidos, vivemos, é bem diferente. Não tem essa coisa de mulheres bonitas, carrões e viagens à Europa. Para a gente sobra muito pouco. O mundo do futebol é muito injusto. É uma vida difícil, onde se consegue muito pouco para a família.

2.4.2 – Na busca de um apoio para sobreviver

Segundo Eduardo⁷⁴, um dos entrevistados, até aos seus 14 anos ele nunca tinha ido ao cinema, não tinha videogame e nem teve uma bicicleta. Sua diversão era soltar pipa, jogar bolinha de gude, brincar de polícia e ladrão e, principalmente, jogar futebol em um terreno baldio próximo da casa de seus avós. Havia um campo no bairro em que ele morava, mas era muito ruim e, como único, ficava lotado de gente esperando a hora de entrar no “carecão”, como o local era denominado, por haver pouca grama. Mesmo tendo ele

⁷⁴ Atleta 4.

participado de treinamento em clubes desde os seus 16 anos, diz que a várzea é a verdadeira escola de futebol, pois adquiriu muita experiência ali, mas sente que esses espaços estão acabando. Afirmo que além da diversão que são os encontros, as “peladas” representam aos participantes, que trabalham duro durante a semana, um momento especial. *“Ali é onde o cara mostra o que sabe (...). Tem que ser bom para jogar na várzea, pelo menos no time que havia antigamente aqui. (...) Mais pessoas poderiam estar envolvidas com o tráfico se não tivesse a opção de lazer que é o futebol; é uma pena que os políticos não pensam nos mais pobres.”*

Dize-se então a Eduardo: as lideranças políticas não pensam nos mais pobres, mas os traficantes, boa parte deles ligados ao Primeiro Comando da Capital (PCC)⁷⁵, “pensam”. É significativo o fato de os fraudadores da lei serem apontados por diretores de clubes, jogadores e políticos – também fraudadores! –, como os principais financiadores de equipes de futebol amador. *“Eles bancam a infra-estrutura do clube. Financiam a bola e até jogadores em campeonatos importantes”* (Manso, 2007, p. 4).

Exemplos trazidos pelo jornalista Bruno Paes Manso (2007), do jornal *O Estado de S. Paulo*, contribuem de maneira muito clara para o assunto em questão. Manso relata que no fim dos anos 90, Rodrigo Taddei, hoje astro da Roma, na Itália, era reserva da equipe 2 do Mocidade Brasileira, clube de várzea da Brasilândia, zona norte. Da mesma região veio Viola, ex-craque da seleção brasileira, que jogou no Maristela, de Itaberaba. *“Ele era ruim pra caramba. Tinha outros melhores. O Viola deu sorte”*, afirma um ex-presidente do clube, testemunha de que, pelo menos nos campos da várzea de São Paulo, meninos pobres ainda podem sonhar.

Nas palavras de Manso (2007), como destacado, os governantes podem não apostar no sonho da garotada, mas os traficantes não perdem a

⁷⁵ O Primeiro Comando da Capital (PCC) é uma organização de criminosos existentes no Brasil, criada para supostamente defender os direitos de cidadãos encarcerados no país. Surgiu no início da década de 1990 no Centro de Reabilitação Penitenciária de Taubaté, local que acolhia prisioneiros transferidos por serem considerados de alta periculosidade pelas autoridades. A organização também é identificada pelos números 15.3.3 – a letra “P” é a 15ª letra do alfabeto português e a letra “C” é a terceira. Hoje, ela é comandada por presos e foragidos principalmente no estado de São Paulo. Vários ex-líderes estão presos (como o criminoso Marcos Willians Herbas Camacho, vulgo Marcola, que atualmente cumpre sentença de 44 anos, principalmente por assalto a bancos, no presídio de segurança máxima de Presidente Bernardes e ainda tem respeito e poder na facção). O PCC conta com vários integrantes, que financiam ações ilegais em São Paulo e em outros estados do país.

oportunidade. *“Na zona leste, acho que 80% dos times recebem algum tipo de ajuda do tráfico”*, estima um político da região, que pediu anonimato. Manso assegura que a relação com o crime aparece nos nomes e distintivos. A equipe Sequestro, vetada na Copa Kaiser,⁷⁶ maior competição da várzea paulistana – e uma das últimas que restou –, tinha um telefone e notas de dólares estampados na camisa. Outros nomes de times: Só o Pó, Vida Loka (gíria para o mundo do crime, inspirada numa música dos Racionais MC’s), Ratatá, Sem Miséria (outra gíria, típica das “quebradas” onde a droga nunca falta) e AR-15.

Manso (2007) observa que os criminosos compram bolas, troféus, chuteiras e uniformes. Pagam a cervejada e churrascos depois das partidas. Financiam transporte para os jogos, compram lanches e, como bons cartolas, contratam craques amadores – entre eles, atletas “sem clube” – por R\$ 100,00 o jogo em campeonatos importantes. Com isso, fazem a política da boa vizinhança na “quebrada” onde tocam o negócio da droga. *“É um dinheiro que não pesa pra eles, mas que pesa pra gente”*, explica o diretor de um clube da zona norte. Entretanto, nem sempre essa relação entre tráfico e futebol é assim informal. Em abril de 2007, um técnico de um clube da Vila Formosa, zona leste, foi preso com 17 jogadores no campo durante a preleção, antes do jogo. Bandido ligado ao PCC, estava foragido havia dois anos.

Manso (2007) também diz que, em dezembro de 2006, investigações feitas pela polícia apontaram a ligação de integrantes da célula do PCC da zona norte com cinco times da região. Arrecadadores das bocas e chefes do tráfico foram presos e “afastados” dos times em que participavam da comissão técnica. *“Ouvimos essas histórias (de ligação com bandidos), mas não teria cabimento pedir a ficha criminal dos inscritos. Criamos regras rígidas para manter a ordem. Quando alguém agride um juiz, por exemplo, a equipe é eliminada”*, relata um organizador de um campeonato.

Completando o quadro, Manso (2007) aponta que, além dos torneios amadores oficiais, há os festivais, quando um time convida equipes de outros

⁷⁶ A título de exemplo, a Copa Kaiser 2009 (Série A), em sua 12ª edição, contou com 208 equipes. Cento e sessenta já estavam classificadas por critérios técnicos na participação em 2008. Outros 48 times conquistaram o direito à vaga na Kaiser 2009, mediante a seletiva realizada em outubro, novembro e dezembro de 2008. *“As orientações e normas para a inscrição das equipes na Série A da Copa Kaiser são encaminhadas às 208 equipes convidadas e que no ano de 2009 fizeram parte da elite do futebol amador da Cidade de São Paulo”* (Copa Kaiser, 2009).

bairros para disputar troféus em competições que duram um dia. É quando acontecem as situações mais tensas, segundo jogadores e dirigentes entrevistados pelo jornalista. Nas partidas de times envolvidos com o crime, sacolas com armas ficam escondidas no meio da torcida. Antes dos jogos, pratos de cocaína passam de mão em mão no vestiário. *“Já vi muita gente ficar viciada depois de se habituar com um tirinho (cheirada) antes das partidas”*, diz um jogador.

Para entender a significância de tais informações relatadas por Manso, é necessário esclarecer que o futebol de várzea acaba sendo o ambiente em que a grande maioria dos atletas de futebol profissionais que não conseguem o êxito na carreira acaba atuando. Émerson⁷⁷, outro ex-atleta que foi entrevistado, relatou que atua na várzea e recebe uma ajuda de custo nos jogos em que participa aos domingos pela manhã. São R\$ 100,00 por jogo; somatória que gera o saldo de R\$ 400,00 ao mês. Essa quantia, acrescentada ao seu salário que recebe como digitador, faz com que ele tenha uma vida economicamente razoável. Menos estável é a situação de Rodrigo,⁷⁸ que também disputa um campeonato amador, só que em uma cidade do interior. Além de não ter outra ocupação, pois está apenas jogando na várzea e treinando durante a semana com o objetivo de recolocação profissional, recebe a quantia de R\$ 70,00 por partida e, com R\$ 280,00 ao mês, sem a colaboração de parentes e amigos, seria muito difícil a sua sobrevivência.

Há mais exemplos de atletas que atuam no futebol varzeano. Indivíduos, um dia consagrados, batem sua bolinha nos finais de semana pelos campos que até agora restam. Alguns jogam para se distrair, outros porque o futebol faz muito sentido em sua vida, outros, ainda, jogam inspirados em seus ídolos; enfim: jogam futebol. Especificamente, pode-se afirmar que o futebol de várzea é uma ponte na vida do atleta que está sem clube. Em uma margem está a possibilidade de retorno ao futebol profissional; na outra margem, pairam as dúvidas sobre as possibilidades de continuar existindo fora das quatro linhas. Vale destacar que há os que atuam na várzea sem receber remuneração; atuam para não perder o ritmo de jogo, desta maneira, estariam mais preparados quando a oportunidade surgir. Acrescenta-se também que não é

⁷⁷ Atleta 3.

⁷⁸ Atleta 2.

apenas o tráfico que financia o futebol de várzea; há pessoas que se simpatizam com o esporte e colaboram com ele, assim como há pequenas empresas que o incentivam.⁷⁹ Assim, antes de partir para o próximo tópico, apresenta-se uma síntese da história de vida de um atleta que utilizou a várzea como “ponte” e que, até o momento, tem colhido bons frutos. Elias, atleta do Corinthians, quase encerrou a carreira em 2006, mas deu a volta por cima (algo que acontece com a minoria).

Um dia após ter sido apontado por Ronaldo como craque do Campeonato Paulista, Elias se emocionou ao lembrar de como foi difícil vencer no futebol. Hoje ele ri e se intitula um vencedor. Em 2006, aos 20 anos, o camisa 7 corintiano quase pendurou as chuteiras. Vinha de dispensa do Palmeiras B e encarou “a pior fase da vida”. “Fiquei dois meses no Náutico sem receber e depois não consegui mais clube. Fiquei o ano inteiro parado, sofri com a depressão”, conta, esforçando-se para segurar as lágrimas. “Ficava até duas horas (da tarde) dormindo. Meus amigos me tiravam a tapa da cama para eu não desistir. Eu falei que voltaria a estudar, arrumaria qualquer trabalho, que no futebol não teria mais futuro”, lembra. O tempo ocioso foi preenchido com ajuda do tio Enoque. “Ele me ajudou bastante, me levava para correr num parque, me treinava.” Logo Elias readquiriu a fome por futebol e se arriscou na várzea na Copa Kaizer. “Defendi o Leões da Geolândia e o Lagoa da Vila Maria”, afirma, com orgulho. “Fiz muitas amizades e eles me proporcionaram a volta por cima.” Um desses amigos resolveu ajudar a recolocar Elias num clube profissional. Levou-o ao São Bento, de Sorocaba, para um teste. Foram 30 minutos como atacante e a avaliação do técnico Rincón acabou sendo negativa: nessa posição não daria certo. “Ele me escalou como meia e pude jogar o Paulista.” Elias, então, começou a decolar. Passou pelo Juventus até chegar à Ponte Preta, onde disputou a decisão estadual e abriu caminho para se transferir para o Corinthians. “Venho falando bem do Elias desde 2008. Ele se transformou

⁷⁹ Segundo Manso e Zanchetta (2009), depois de quase um século sobrevivendo da iniciativa dos boleiros, o futebol de várzea foi abraçado pela Prefeitura e por vereadores e ganhou destaque em investimentos públicos. Foram gastos cerca de R\$ 80 milhões desde 2007, suficientes para reformar mais de 300 campos – de 461 com dimensões oficiais em São Paulo. Conforme relatam parlamentares, o sucesso da iniciativa deve-se ao empenho pessoal de colegas que fazem lobby do futebol nos gabinetes, apresentando uma continha bastante convincente: se no campo reformado forem organizados nove turnos de partidas, ao longo de 22 dias por mês, conseguem pelo menos 3 mil votos. Eleitores em potencial, por sinal, se contados somente os participantes de futebol de várzea na cidade, não faltam. Alguns líderes comunitários, contudo, reclamam que só conseguem melhorias quando se comprometem com parlamentares. Os que fecharam com algum político ganharam até grama sintética, relatou uns dos líderes. Sobre o tema, Fernando Antonio Azevedo, cientista político e docente da UFSCar, relata que para entender o fato dos políticos investirem no futebol de várzea, é preciso recordar que o clientelismo político é tão antigo quanto a corrupção política brasileira. Segundo Azevedo, são fenômenos distintos, mas conceitualmente o clientelismo pressupõe a corrupção do voto porque ele expressa, como lembra José Murilo de Carvalho, “um tipo de relação entre atores políticos que envolve concessão de benefícios públicos, na forma de empregos, benefícios fiscais, isenções, em troca de apoio político, sobretudo na forma de voto”. É por isso que São Paulo terá mais de 622 campos para a prática do futebol de várzea. Isso pode não nos tornar uma potência olímpica, ou no caso específico da tese que se propõe, não possibilitará uma vida mais digna aos futebolistas e ex-futebolistas, mas levará os políticos ao pódio eleitoral.

em um dos melhores da equipe, qualifica bem nosso meio”, elogia Mano Menezes (Hecico 2009, p. 6).

2.4.3 – Um sonho... e uma possibilidade a mais de ser enganado

Se o futebol de várzea acaba desempenhando o papel de uma ponte no caso dos atletas sem clubes, há empresas que também realizam esta função, só que de outra maneira: elas perceberam uma grande oportunidade em trabalhar com o sonho de colocar/recolocar o indivíduo no mercado do futebol profissional. A título de exemplo, a empresa Olehh!, em sua página na internet, revela suas funções, que merecem importante destaque:

Criado para ser a maior e mais revolucionária plataforma de relacionamento do mundo do futebol. O olehh! oferece diversos serviços para tornar os processos de contratações mais rápido, eficiente, assertivos e seguros para todas as partes envolvidas, num perfeito equilíbrio entre tecnologia, relacionamento humano e compromisso por resultado. Aqui, jogadores, técnicos, clubes e empresários de todo o mundo poderão se comunicar diretamente entre si. Não perca tempo. Faça parte deste time. *Olehh!, jogando com você.*

O enunciado, prometedor, pode ser um grande chamariz para atletas sem clubes, como o caso de Braga, outro personagem da série *Desempregados da Bola*, que relatou a sua situação ao jornal *Lance!* (2009):

Estou sem jogar desde abril do ano passado. Dirigir carro de som foi a forma que encontrei para sobreviver. Fui vice-campeão cearense pelo Fortaleza, em 2007, e atuei por uns 18 clubes, já até perdi a conta. Mas não me arrependo de nada. Já comi até farelo de biscoito. Tinha de comer mesmo, estava com fome e desempregado. Quem tem filho, deixa até mesmo de comer. Temos de trabalhar em paralelo, pois salário do futebol é incerto. A maioria dos dirigentes não vive do futebol, por isso eles acham que você não é profissional. O contrato de jogador é, no mínimo, de três meses, mas há competições em que a primeira fase, classificatória, dura apenas um. Se não for classificado, o jogador está desempregado. Aí, o diretor não quer pagar os dois meses restantes. Muitas vezes, você assina o contrato e a rescisão, sem data, junto. Se disserem que não, a gente não tem como provar. Posso jogar, mas terei de me acostumar com a nova realidade. Sinto falta dos treinamentos e das brincadeiras com os companheiros. Preciso seguir adiante. O desemprego não pode ser o meu fim.

Retomando às propostas da empresa Olehh!, no tópico *Quem Somos*, é destacado:

Todos sabemos do potencial que o Brasil tem em revelar grandes jogadores. Sem dúvida somos o maior celeiro de craques do mundo, onde foram revelados os maiores talentos da história do futebol, como PELÉ, GARRINCHA, ZICO, ROMÁRIO, RONALDO, RONALDINHO, KAKÁ, entre tantos outros que contribuíram para que nos tornássemos o único país pentacampeão do mundo. Existem milhares de jogadores espalhados pelo país com grande talento que acabam desistindo do sonho de serem profissionais, principalmente pela falta de acesso a boas oportunidades e de orientação adequada. Além disso, outros fatores como barreiras geográficas, culturais, idiomáticas e tantas outras, dificultam ainda mais o acesso para aqueles que querem desfrutar dos benefícios de uma gloriosa carreira internacional.

Esse é outro enunciado, também muito promissor, e que pode iludir tanto aspirantes quanto atletas “sem clubes”. Segue o relato de Bruno, último indivíduo que se traz da série *Desempregados da Bola*, do jornal *Lance!* (2009), e que evidencia o impacto das celebridades na constituição do imaginário popular. Bruno diz:

Era atacante reserva do Caxias na disputa da Série C do Brasileiro do ano passado, mas acabei lesionado na coxa esquerda e fui demitido. Eles desrespeitaram a lei e fui obrigado a custear a minha recuperação, que era de responsabilidade do Caxias, onde me machuquei. Fiquei tratando no clube, mas fui dispensado pelos dirigentes. Então paguei os exames que fiz lá e recorri ao SUS, na tentativa de me recuperar. Não recebi o tratamento que devia. Há muita injustiça no futebol. Nunca fui de estudar. Queria mesmo era ser um Ronaldinho. Mas se não der vou fazer cursos, talvez na área de petróleo. Enquanto isso, ajudo o meu pai na barbearia. Para conseguir uma oportunidade é preciso dar uma grana para empresários. Quem não tem recursos, fica pelo caminho. É muita ilusão. Pensamos em ser jogador e, quando vemos, estamos longe de nosso sonho. Sem uma outra profissão, fica difícil arranjar o dinheiro do sustento. Enquanto a chance não chega, resta somente correr atrás de uma outra coisa para fazer.

Diante desse engodo estabelecido, evidenciam-se agora os objetivos da empresa *Olehh!*:

Sem intermediar negociações, o OLEHH! é uma empresa criada para aproximar talentos do futebol brasileiro junto a clubes, técnicos e empresários, do Brasil e do exterior, interessados em encontrar profissionais

de grande potencial de crescimento. O **OLEHH!** tem como objetivo minimizar as dificuldades encontradas por brasileiros e estrangeiros no processo de busca e aproximação de profissionais do futebol, facilitando a comunicação entre jogadores, técnicos, clubes e empresários, que nos dias de hoje é extremamente restrita. Oferecemos aos jogadores e técnicos uma ferramenta simples e eficaz para a divulgação de suas qualidades e potenciais. Em contrapartida, esta mesma ferramenta permite que clubes e empresários possam descobrir novos talentos.

Na página da empresa, também é destacado que ali é o local onde jogadores, técnicos, clubes e empresários de todo o mundo terão a oportunidade de se comunicar diretamente entre si. Tentam vender o produto, concluindo: *“Não perca tempo. Faça parte desse time. Aproveite nossa promoção de lançamento. Identifique-se abaixo e faça já o seu cadastro”* (Olehh, 2009). Seguem, então, quatro ícones, um com a palavra Jogador, outro com a palavra Empresário, em outro Técnico e, enfim, Clube. Os ícones que dizem respeito ao cadastro de empresários, técnicos e clubes permitem fazer uma análise interessante. Partindo da proposta que fazem aos empresários, em que é dado ênfase que ali é o local certo que possibilitará a ele o acesso às melhores oportunidades para realizar uma brilhante carreira como empresário no mundo do futebol. Passando pela proposta que fazem aos técnicos em que, seja ele técnico profissional, amador ou iniciante, que é ali no *Olehh!* que ele terá acesso às melhores oportunidades para realizar o sonho de uma brilhante carreira nos gramados do Brasil e do mundo, permitindo que encontre um clube, ou empresário que lhe dê o devido valor. Enfim, percorrendo o ícone clube, em que é observado que, seja um clube profissional ou amador, o *Olehh!* tem o que ele procura, oferecendo as melhores oportunidades para que o clube faça grandes negócios e descubra os mais novos talentos do futebol brasileiro, isso posto, pode-se ponderar que há um alçapão armado com o objetivo de pegar “passarinhos” que estão atrás do alimento que resolverá todos os problemas de sua vida.

Ora, o empresário tem como objetivo “cuidar” dos interesses pecuniários do atleta – quer grana; o clube, se preocupa com o bom retorno financeiro que terá com o produto atleta – quer grana; os técnicos, muitos deles ex-atletas, se sujeitam a qualquer coisa, principalmente quando estão em início de carreira – querem grana; e o atleta, como diz a empresa *Olehh!*, *“seja ele jogador profissional, amador ou iniciante, é aqui que você terá acesso às melhores*

oportunidades para realizar o sonho de uma brilhante carreira nos gramados do Brasil e do mundo” (Olehh, 2009). Em resumo, é aí que o atleta vai ser caçado e terá sugado todo o seu sangue, por empresários, técnicos ou clubes – porque ele também quer apenas grana. Não se quer dizer com isso que os jogadores estão errados – o futebol pode ser um caminho! – ou são ingênuos em todas as esferas da vida, há malícia, e é necessário ter esperteza para ser um jogador de futebol, mas também é fundamental que se tenha astúcia para lidar com as questões que ocorrem fora das quatro linhas; as questões que dizem respeito, por exemplo, aos direitos legais, que na maioria das vezes não são respeitados – salve, o trabalho infantil e os salários atrasados!

Conforme se avança na análise da colocação/recolocação do atleta de futebol profissional, o que vai se configurando é que em todos os âmbitos possíveis de relacionamento humano emerge o assunto. Bares, casas noturnas, campos de várzea, clubes e, também, a rede social Orkut,⁸⁰ são espaços de discussões de crianças, adolescentes e adultos que tem o futebol como meta a ser alcançada. A título de exemplo, na comunidade do Orkut criada pela empresa *Olehh!*, que tem como título, *“Olehh!, venha ser jogador...”*,⁸¹ há dois mil trezentos e quarenta (2.340) participantes, que discutem nos tópicos assuntos como currículo do atleta, em qual jogador se inspira, qual o drible característico, o que falta para ser um atleta completo, entre outros.

Há outras páginas no Orkut que abordam a questão da carreira de futebol. *“Eu sou jogador de futebol”* (8.054 membros),⁸² *“Vou ser jogador(a) de futebol”* (18.003 membros), *“Vou ser jogador de futebol”* (1.856 membros), *“Quero ser jogador de futebol”* (2.081 membros), *“Quero ser jogador de*

⁸⁰ O Orkut é uma rede social filiada ao Google, criada em 24 de janeiro de 2004 com o objetivo de ajudar seus membros a criar novas amizades e manter relacionamentos. Seu nome é originado no projetista chefe, Orkut Büyükkökten, engenheiro turco do Google. Tais sistemas, como esse adotado pelo projetista, também são chamados de rede social. O serviço foi designado para ajudar os usuários a encontrar novos amigos e manter as amizades já existentes. O alvo inicial do orkut era os Estados Unidos, mas a maioria dos usuários é do Brasil e da Índia. No Brasil é a rede social com maior participação de brasileiros e o site mais visitado. Desde outubro de 2006, o orkut permite que os usuários criem contas sem necessidade de um convite. Originalmente a sede do orkut era na Califórnia, mas em agosto de 2008, a empresa Google anunciou que o orkut seria operado no Brasil pelo Google Brasil. Isso foi decidido devido à grande quantidade de usuários brasileiros e ao crescimento dos assuntos legais.

⁸¹ Acesso realizado em 16 de março de 2009.

⁸² Acesso realizado em 16 de março de 2009, assim como os que seguem relacionados à página Orkut.

futebol!!!” (3.343 membros), são algumas delas. São mais de mil (1.000) páginas sobre o tema futebol na rede, sem contar as que têm no título o nome de algum clube ou de um jogador famoso. Todas com fotos de bem-sucedidos do presente e do passado. Uma que merece destaque é a que tem por título: “*Sonho: ser jogador de futebol*”. A comunidade tem cento e oito mil e novecentos e vinte cinco (108.925) membros e, os tópicos das discussões não poderiam ser outros se não os caminhos para se chegar ao profissionalismo. Estradas, que muitos percorrerão, mas que, infelizmente, pela quantidade de obstáculos na pista, um número reduzido de “viajantes” conseguirá chegar ao final.

A propósito dessa questão, os seis atletas entrevistados (os casos que foram evidenciados no item anterior) relataram que, quando participavam do futebol de alto nível, era muito grande o número de garotos – e também adultos – que lhes perguntavam os atalhos para se chegar ao profissionalismo. Queriam saber todos os macetes para facilitar o processo. Hoje, mesmo eles estando “sem clube”, dizem que ainda há procura de interessados na profissão em busca de dicas “milagrosas”, mas, sabiamente, esclarecem que o caminho é muito difícil. Observam, sem exceções, que têm que suar muito a camisa para alcançar o objetivo e que, mesmo assim, é muito complicado conquistar o espaço. Em resumo, eles sustentam que, mesmo sabendo que a trajetória neste esporte é tortuosa, porque há muitos obstáculos, que vale a pena tentar esta carreira, pois, se der certo, o futuro está garantido; também revelam que a vida sem o futebol, para quem se dedicou muito a ele e abriu mão de outras ferramentas de desenvolvimento, é bem mais árdua. O cantor Gabriel, O Pensador, em sua música *Brazuca*, narra com muita propriedade o significado de ser um grande jogador de futebol no Brasil. É muito interessante o contexto em que se desenvolvem as situações do cotidiano dos personagens abordados na música, pois transparecem, até certo ponto, elementos da tese. Assim, segue a letra *Brazuca*, de Gabriel, O Pensador:

Futebol? Futebol não se aprende na escola / No país do futebol o sol nasce para todos, mas só brilha para poucos e brilhou pela janela do barraco da favela onde morava esse garoto chamado Brazuca / Que não tinha nem comida na panela, mas fazia embaixada na canela e deixava a galera maluca / Era novo e já diziam que era o novo Pelé / Que fazia o que queria com uma bola no pé / Que cobrava falta bem melhor que o Zico e o

Maradona e que driblava bem melhor que o Mané, pois é / E o Brazuca cresceu, despertando o interesse em empresários e a inveja nos otários / Inclusive em seu irmão que tem um pôster do Romário no armário / Mas joga bola mal pra caralho / O nome dele é Zé batalha / E desde pequeno ele trabalha pra ganhar uma migalha que alimenta sua mãe e o seu irmão mais novo / Nenhum dos dois estudou porque não existe educação pro povo no país do futebol / Futebol não se aprende na escola / É por isso que Brazuca é bom de bola / Brazuca é bom de bola / Brazuca deita e rola / Zé batalha só trabalha / Zé batalha só se esfolia / Brazuca é bom de bola / Brazuca deita e rola / Zé batalha só trabalha / Zé batalha só se esfolia / Chega de levar porrada / A canela tá inchada e o juiz não vê / Chega dessa marmelada / A camisa tá suada de tanto correr / Chega de bola quadrada / Essa regra tá errada, vâmo refazer / Chega de levar porrada / A galera tá cansada de perder / No país do futebol quase tudo vai mal / Mas Brazuca é bom de bola, já virou profissional / Campeão estadual, campeão brasileiro / Foi jogar na seleção, conheceu o mundo inteiro / E o mundo inteiro conheceu Brazuca com a dez / Comandando na meiúca como quem joga sinuca com os pés / Com calma, com classe, sem errar um passe / O que fez com que seu passe também se valorizasse / E hoje ele é o craque mais bem pago da Europa / Capitão da seleção, tá lá na copa / Enquanto o seu irmão, Zé batalha, e todo o seu povão, a gentinha da favela de onde veio, só trabalha / Suando a camisa, jogado pra escanteio / Tentando construir uma jogada mais bonita do que a grama que carrega na marmita / Contundido de tanto apanhar / Confundido com bandido / Impedido / Pode parar!! / Sem reclamar pra não levar cartão vermelho / Zé batalha sob a mira da metralha de joelhos / Tentando se explicar com um revólver na nuca: / Eu sou trabalhador, sou irmão do Brazuca! / Ele reza, prende a respiração / E lá na copa, pênalti a favor da seleção / Bola no lugar, Brazuca vai bater / Dedo no gatilho, Zé batalha vai morrer / Juiz apitou... tudo como tinha que ser: / Tá lá mais um gol e o Brasil é campeão / Tá lá mais um corpo estendido no chão / O país ficou feliz depois daquele gol / Todo mundo satisfeito, todo mundo se abraçou / Muita gente até chorou com a comemoração / Orgulho de viver nesse país campeão / E na favela, no dia seguinte, ninguém trabalha / É o dia de enterrar o que sobrou do Zé batalha / Mas não tem ninguém pra carregar o corpo / Nem pra fazer uma oração pelo morto / Tá todo mundo com a bandeira na mão esperando a seleção no aeroporto / É campeão da hipocrisia, da violência, da humilhação / É campeão da ignorância, do desespero, desnutrição / É campeão da covardia e da miséria, corrupção / É campeão do abandono, da fome e da prostituição.

Zé batalha, teve um final triste, não diferente de muitos brasileiros comuns. Brazuca, na música, teve um final feliz, mas se fosse permitido dar sequência na letra de Gabriel, O Pensador, poderia ser acrescentado – sem perder o ritmo, é claro – que, tendo em vista os fatos que normalmente acontecem com os jogadores profissionais, depois do título de campeão: *Brazuca jogou mais um tempo / mas idade chegou / e quem venerava aquele astro se afastou / ele perdeu dinheiro com empresários, festas, mulheres, carros e está no horró / joga algumas partidas de exibição / em troco de alguns aplausos e dinheiro sem emoção / vive da caridade de torcedores e amigos que ainda o tem no coração / não é mais a mesma pessoa e se percebe sem*

função / Zé batalha foi há um bom tempo / Brazuca do jeito que está logo encontrará o seu irmão.

2.4.4 – Do começo ao fim, mais frustrações que alegrias

Após contextualizar a situação de aspirantes a craques que desde que nascem são estimulados a seguir a carreira de jogador de futebol, não é demais chamar a atenção para o fato de que não são todos os responsáveis pelos jovens que esperam que eles consigam a ascensão social por meio do futebol. A título de exemplo, depois do contato realizado com alguns profissionais e pesquisadores da área esportiva, verificou-se que há muitos pais que inserem os filhos nas escolinhas com o objetivo de possibilitar à criança um melhor desenvolvimento motor e, esperam também, que a partir do contato com outros indivíduos que a criança comece a compreender limites existentes, fato que viabilizaria uma vida social mais saudável, pois reconheceria que o outro também é digno e merece respeito. No entanto, este é um posicionamento ainda restrito: poucos pais têm dimensão da importância de um processo de aprendizagem múltiplo, em que a criança é trabalhada como um todo. Alguns não tiveram a oportunidade que em sua formação fossem passadas informações a este respeito, outros, compreendem o fato, mas como esquecem que a criança tem que ser educada para o mundo e não apenas para os prazeres dos pais, impedem, com suas vaidades, o projeto de um indivíduo mais consistente.

Acerca disso, é bom deixar explícito que possibilitar à criança experiências múltiplas não é enchê-la de atividades; não é montar uma agenda que comece às seis horas da manhã com balé ou caratê, e que termine às dez da noite depois da natação e do futebol. Essas atividades são saudáveis, desde que sejam inseridas na vida da criança levando em consideração sua fase de desenvolvimento, seu gosto pela atividade, enfim, tem que ser introduzida com muita moderação. Qualquer vacilo no processo de aprendizagem pode trazer sérios danos à vida da garotada. Isso não pode ser configurado como mero alarmismo, mas sim como realismo, diante da ordem social que temos estabelecida, em que os prazeres pessoais ficam em primeiro

plano, para apenas depois – e de vez em quando – surgir a preocupação com quem está ao redor.

Percebe-se, depois dessas colocações, o importante papel da Educação Física no processo de socialização do indivíduo. Aliás, não apenas a Educação Física é de extrema importância para a constituição dos Homens: o esporte em geral também tem um grau elevado de significação para estes, desde que trabalhado de uma forma adequada. Recorda-se que o foco está no futebol e mais adiante serão apontados novamente os holofotes para esta modalidade esportiva, assim como para elementos peculiares do assunto. Porém, antes, ainda sobre a essencialidade de uma “boa” socialização dos indivíduos, elucidam-se alguns aspectos deste assunto presente no livro *Educação familiar e escolar para o terceiro milênio*, de José Ângelo Gaiarsa, que discorre sobre o tema Educação⁸³ inspirado no trabalho de Glenn Doman (fundador dos Institutos do Desenvolvimento Humano, sediados na Filadélfia). Em linhas gerais, sua análise compreende uma aproximação com a Educação Física Escolar e aos trabalhos realizados em escolinhas de esportes, principalmente as de futebol, que se tornaram, como salientado, um negócio muito lucrativo (salve, as franquias que se tornaram os grandes clubes e as agremiações em ascensão! Salve, as possibilidades de revelação de estrelas e, conseqüentemente, a grana que enche o bolso!).

Em síntese, Gaiarsa (2008) destaca que é desde o nascimento até aos seis anos de idade que a criança apresenta sua maior capacidade de aprender. Essa constatação funda-se em outra: é nesse período que o cérebro passa pela maior parte de seu desenvolvimento. Nesse sentido, as aptidões só se desenvolverão quando se der à criança uma atenção cuidadosa, persistente, sistemática, amorosa e esclarecida, com propósitos bem definidos. Caso contrário, deixando o desenvolvimento da criança ao acaso ou apenas seguindo os costumes tradicionais, ela se tornará “normal”, isto é, semelhante aos adultos que a cercam, dando seguimento às reproduções de patologias. Isso não se resume apenas ao papel da escola na formação do indivíduo, mas também o da família, “onde tudo começa”, principalmente porque, seja no lar,

⁸³ O autor critica a falta de individualização nos processos educacionais, pois uma pedagogia sempre aplicada ao coletivo tem grande probabilidade de impedir novas possibilidades de “vida” ao sujeito.

seja na instituição de ensino, não existem crianças dizendo o que gostariam de aprender; há, sim, pessoas fazendo com as crianças o que foi feito com elas: reproduzem... e ponto final. Rodrigo, um dos entrevistados (que no momento disputa partidas por um combinado de atletas desempregados visando à volta ao ambiente profissional) relatou que:

Eram cargas exaustivas de treinamentos que me submetiam. Sem muita noção que aquilo não era o ideal, fazia tudo que pediam. Além existir a cobrança de tirar boas notas no colégio, eu treinava futsal e futebol, desde muito cedo. De domingo a domingo, quando não tinha treino, tinha jogo. Era desgastante, mas corria atrás porque meus familiares diziam que isso seria muito bom para mim. Nem sei como eu aguentava tudo aquilo? Vai ver que é porque eu queria muito ser jogador de futebol. Eu gostava da ideia.

Retornando à análise empreendida por Gaiarsa (2008), ressalta-se, entre outros aspectos, a importância que o autor dá ao movimento para os seres humanos. Compara os Homens – amarrados desde o nascimento – aos animais – livres (há ainda alguns) – desde o nascimento. Observa como e quanto o indivíduo é fruto das experiências que viveu desde o nascimento; dos relacionamentos com todas as pessoas com as quais relacionou; de todos os ambientes pelos quais passou; de todos os fatos que viveu. Acrescenta que não se deve esquecer que a “mesma” palavra dita em casa, na rua, na igreja, entre amigos ou em um tribunal pode ter significados (e acompanhamentos não-verbais) bem diferentes. Aliás, até mesmo em casa, o que se diz (como se diz) com os familiares não tem o mesmo sentido do que se diz (como se diz) para as visitas. É enfático ao afirmar que a criança não aprende o que se pretende ensinar a ela. Aprende tudo que lhe acontece; e tudo que lhe acontece lhe constituirá. Para o autor,

Educar, aprender e até desenvolver-se (física e mentalmente) significa cultivar ao máximo tudo o que cérebro contém em potencial. (...) O indivíduo só se desenvolverá se for estimulado e “vivido” adequadamente. (...) A visão é importante para a motricidade (poucas pessoas conseguem compreender que nossa movimentação é tão ou mais complicada do que nosso “pensamento” – ou nossas palavras). (...) Só conseguimos compreender efetivamente o que fizemos com as mãos, com o corpo. A Educação Física tem um papel social importantíssimo, isso se for elaborada como deveria de ser, valorizando o movimento humano, e não a competição esportiva exacerbada, violenta para o corpo. Medalhas aos primeiros! E aos outros? (...) Vida é movimento. Se somos sempre reprimidos e sufocados pelo medo, o corpo paga. O preço de ser “bem educado”, “bem adaptado”, “normal”, faz com que padeçamos. “Amarrando” o corpo, até nossa

respiração é atingida e, conseqüentemente, chegam algumas crises, a título de exemplo, as ansiedades (basta conter a respiração um pouco mais e começamos a ficar ansiosos; então ligamos o celular e falamos – respiramos). (...) Comportar-se quer dizer: conter os movimentos. Entretanto isso acarreta restrição respiratória, o que é muito ignorado por muitos profissionais – e pelos pais (Gaiarsa 2008, pp. 37 – 83).

Importante também salientar outros aspectos ponderados por Gaiarsa (2008) e que são interessantes no sentido da valorização da socialização dos indivíduos. Apoiado em Glenn Doman, ressalta que seria justo e bom que as pessoas fossem socializadas em ambientes que jamais criassem condições de competições, comparações, ou testes, pois os seres humanos colocados nessas situações podem ter apenas a preocupação de superar o seu oponente, e isso poderia tirar a possibilidade de um adulto mais estruturado. As pessoas têm que ser bem cuidadas e bem atendidas: os ganhos com isso seriam inimagináveis. Sobre o papel dos educadores neste processo, salienta que eles não podem ser apenas papagaios: há necessidade de a realidade ser mostrada como ela verdadeiramente é, e sem reflexão a possibilidade de transformação é bem menor.

Nota-se que, para autor, a iniquidade social completa-se com o costume estabelecido: não critique jamais o que a mãe ou o pai estiverem fazendo com o filho na sua presença (jamais diga o que você está vendo). Segundo Gaiarsa (2008), deve-se romper com o ditado “*mãe sabe o que faz*”, pois muitas vezes ela (e também o pai) apenas repete o que foi feito com ela. Diante disso, na percepção de que nossa educação familiar é gritantemente precária, apenas com uma revolução nos moldes da pedagogia poderia fazer com que algo de justo e bom acontecesse: todos deveriam ser preparados para realidade dentro de uma postura crítica perante a sociedade. Mais especificamente sobre os movimentos, eles não podem apenas existir para o futebol, academia, para o emagrecimento, melhora da aparência etc. Eles precisam ser desenvolvidos visando ao *todo*; todo desenvolvimento humano.

Para completar o quadro, deve-se mencionar que, para Gaiarsa (2009), até hoje, “educar” consistiu sistematicamente em tentar levar crianças a “fazer igual” aos mais velhos. É como se as crianças fossem obrigadas a vestir roupas que não as que têm as suas medidas (um exemplo é ser o atleta que o pai não foi), pois há muita identificação e imitação, umas passageiras e outras

não (aqui entra o papel dos meios de comunicação, que iludem). Entretanto, pouco ou nada se fala sobre isso. A propósito desta questão, o autor postula que “os de baixo” têm dificuldades em lutar porque foram “educados” para obedecer e comportar-se e, sem a autoridade para dizer o que é preciso fazer, não sabem o que fazer – e esperam ansiosamente pelo: salvador... que sempre aparece... depois de liquidar todos os possíveis rivais. Enfim, enquanto os seis primeiros anos de vida forem determinados pela família preconceituosa, pela escola inoperante e pela ignorância preconceituosa das multidões, será difícil conseguir revoluções sociais efetivas. É triste, mas as pessoas, “formadas” por uma “educação” sem sentido, vivem confusas, embaraçadas em palavras e impossibilitadas de se orientar na complexidade do mundo moderno, na complexidade do mundo interior e na ambiguidade das palavras. Tudo isso tem a ver com educação.

Para compreender tais afirmações, é necessário revelar que os seis entrevistados evidenciados, independentemente do ambiente em que estavam inseridos, desenvolveram as habilidades específicas necessárias à prática do futebol, porém, em outras esferas da vida, algumas lacunas ficaram sem ser preenchidas, a saber, não lhes foram possibilitado que tivessem um olhar social crítico. Isso, sem dúvida, poderia desencadear um processo reflexivo sobre os seus papéis sociais e sobre o meio de atuação. Supõe-se, que se realidade fosse mostrada realmente da maneira como ela se apresenta – o mundo é competitivo e excludente! –, menos vidas viriam a se perder e as possibilidades de transformação do indivíduo, junto com o meio, seriam bem maiores. Assim, para haver um processo de emancipação do indivíduo rumo a sua autonomia, seria necessária uma mudança no modo como, principalmente, professores e psicólogos do esporte lidam com este indivíduo. Privilegiam-se esses profissionais, pois é perceptível que eles têm obrigação de deter o conhecimento. Como verificado, a maioria dos pais não compreende os processos básicos da formação do ser humano – suas análises têm como referência o senso comum –, assim, caberia aos professores e psicólogos do esporte (no caso específico, o psicólogo social crítico do futebol) o papel de mediador entre indivíduo e sociedade, pois, muitas vezes, mais do que os pais, estão em contato direto com a criança, o adolescente... o adulto que tem um sonho com poucas possibilidades de ser realizado.

Entende-se, porém, no que se refere ao papel que se acredita que eles tenham que desempenhar, que também existem lacunas. Contaminados pela lógica capitalista, trabalham com o objetivo de sugar o máximo possível do atleta, com a finalidade dele produzir muito (para alguém ter lucro). Procuram extrair tudo que podem do indivíduo com suas técnicas motivacionais e de controle, que faz com que se reduza o ser a um mero utensílio dentro de um jogo bem conhecido: a divulgação de uma marca, o enriquecimento de empresários, a projeção política, a manipulação de massas... Uma questão importante que se evidencia é que, na visão da maioria dos atletas, como se pode presenciar em seus depoimentos nos veículos de comunicação (e em entrevista para a tese), o papel desses profissionais é validado, pois sua intervenção acaba fazendo com que o atleta tenha um melhor rendimento, e isso tem um significado expressivo em sua vida. O problema se instala quando se esgotam os recursos técnicos dos profissionais; quando eles não conseguem mais tirar o sangue do indivíduo; quando exaurido, como uma vaca leiteira em sua curta existência, o indivíduo deixa de dar lucro a seus “criadores”. Henrique, outro dos entrevistados (que, no momento, assim como Rodrigo, disputa partidas por um combinado de atletas desempregados visando à volta ao ambiente profissional) fez o seguinte relato:

Ao contrário da equipe que joguei e de muitos de meus amigos, estou passando por um momento difícil. Não estava jogando bem e fui caindo de rendimento. Não parei mais de descer. Por um período, fui emprestado para equipes menores que a minha, até chegar à terceira divisão. Estava com problemas pessoais, familiares. Entrei em forte depressão e perdi a alegria de viver depois que fui deixado de lado. Muitos que me elogiavam, não estão nem aí para mim. A saúde de minha mãe requer cuidados e tenho que levá-la ao médico constantemente. Não consigo nem me cuidar direito, imagina cuidar dos outros? O tratamento é caro e eles ainda me ajudam. É cara, não é fácil não.

Conforme percebido na escrita do texto, chega o momento de dizer que os entrevistados, por deixarem de dar “leite”, foram excluídos do mercado do futebol. Como é de se esperar, cada um processou de uma maneira o impacto do desemprego em suas vidas e, a partir deste momento, procuraram buscar alternativas que pudessem trazer menos danos na vida sequente. Sobre isso, também vale destacar que não existe aposentadoria para jogadores de futebol. Desse modo, eles têm que fazer a sua independência financeira enquanto são

jogadores, com a finalidade de terem dinheiro suficiente para viver tranquilamente durante o resto da vida. Porém, não é o que acontece. As leis são as mesmas para todos, e seria impossível um jogador se aposentar por tempo de serviço; isso não impede que ele tenha um plano de aposentadoria privado. Porém, isso também não acontece.

Referendado nesta última análise, relata-se que no dia 26 de junho de 2008, em uma homenagem aos cinquenta anos do primeiro título mundial de futebol conquistado pela seleção brasileira, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2002 – 2010) entregou medalhas para os jogadores que venceram a Copa do Mundo de 1958 e anunciou que pediu ao ministro do Esporte, Orlando Silva (2006 – atual), que enviasse ao Congresso Nacional um projeto de lei criando um benefício vitalício para jogadores campeões do mundo que estejam em dificuldades financeiras. O ministro disse que ainda não havia uma definição dos valores e nem de quais jogadores teriam acesso à aposentadoria especial. Segundo Ribeiro (2009), Lula disse em seu discurso:

Pedi ao ministro Orlando e falei com o ministro do planejamento (Paulo Bernardo) e por esses dias vamos enviar para o Congresso Nacional um projeto de lei para criar aposentadoria para aqueles que são a cara do Brasil, que vencem, para que eles possam viver dignamente e ser mais respeitados. O Moacir (campeão do mundo da Copa de 1958) é um companheiro que passa privações. E um país de 190 milhões de pessoas não pode permitir que algumas pessoas não tenham uma reparação.

Em mais uma ação politiqueira – e quem trabalha na roça ou recolhe latinha na rua: também não é a cara do Brasil? –, o presidente argumentou que algumas pessoas têm mais oportunidades que outras na vida e que, por não ter um sindicato forte, os jogadores precisam da ajuda do governo. Diante disso, sugeriu o presidente:

Na vida de um ser humano, qualquer que seja a atividade, tem uns que progridem, tem uns que não progridem, uns conseguem, uns conseguem vencer mais, outros conseguem vencer menos. Eu sei que nem todo mundo que foi campeão em 58 conseguiu ter uma condição financeira de sobrevivência. Lamentavelmente no esporte não temos as garantias institucionais para que tenha um sindicato forte de atleta profissional. Com uma parcela da renda de cada jogo deveria ser criado um fundo para cuidar dos atletas, que são os artistas, quando eles mais necessitam (Ribeiro, 2009).

Lembra-se ao senhor presidente que não é apenas o esporte que não tem garantias institucionais (salve, as 65 milhões de pessoas que se alimentam de forma precária no país). Sobre o esporte, o ministro também disse que ainda não havia detalhes da proposta. E destacou:

O presidente determinou que nós encaminhemos, e será provavelmente por um projeto de lei, a criação de uma aposentadoria especial para os atletas campeões do mundo de futebol. É um projeto que vai ser focado nos atletas campeões do mundo de futebol que não tenham determinado rendimento. Vai ser um apoio para aqueles que mais precisam. Ainda não há valores definidos e nem um piso para quem deve receber (Ribeiro, 2009).

No entanto, admitiu que a medida chamaria a atenção de atletas de outras modalidades. E prometeu:

Evidentemente que vai surgir a discussão sobre campeões do mundo de outras modalidades. Primeiro vamos resolver essa demanda do presidente e vamos voltar a discutir depois e quem sabe atender a campeões mundiais de outras modalidades (Ribeiro, 2009).

Questionado por que a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) não se responsabilizava pela aposentadoria de atletas que venceram Copas do Mundo pela seleção, o ministro preferiu não responder. Ele apenas lembrou que a partir daquele ano passou a vigorar uma lei que obriga os clubes a reservar um percentual do salário dos jogadores para criar um fundo de assistência e apoio aos ex-atletas. Entretanto, até o momento, passado mais de dois anos após o pedido do líder da nação, nenhuma medida a este respeito foi tomada. Enquanto isso, Paulinhos, Rodrigos, Émersons, Eduardos, Henriques e Felipes vão “se virando” da maneira que podem. Sobrevivem, com as armas que lhes restam: umas mais, outras menos potentes. Sobrevivem, sendo cobrados em seu dia a dia, pelas pessoas ao seu redor... e principalmente pelas suas consciências.

2.5 – Conclusões ao capítulo

Neste capítulo, além de aspectos representativos da carreira de jogador de futebol profissional, a proposta foi evidenciar situações do mundo da bola que permitem compreender como se dão as relações entre indivíduo e

sociedade. Pôde-se perceber que no mesmo ambiente ocorrem situações das mais variadas e que os atletas recebem informações de todos os lados com apenas um objetivo: produzir muito.

O interesse não foi mostrar que o atleta é um ser ingênuo: ele é constituído pelo meio e constitui o meio – e tem o futebol como estratégia (na maioria das vezes ilusória) para ascender socialmente. Entretanto, não lhe é possibilitado a ele que exista um processo de reflexão crítico. Como foi percebido durante a escrita, ele é um produto que tem que dar lucro e ponto final. Assim, em outras esferas de sua vida, aquela fora das “quatro linhas”, suas ações ficam comprometidas, justamente pela falta de referências que eles têm sobre o mundo.

O futebol, como fator de identidade nacional, é um grande negócio em nosso país. Ele surge como uma forma de “fugir” dos problemas encontrados na sociedade, mas não é isso que normalmente acontece. Ele também reflete com profundidade as diversidades brasileiras – basta assistir a uma partida e percebe-se o que está se falando; reflete, também, a luta necessária para conseguir espaço e afirmação, mais difícil em um país de desigualdades sociais. A concorrência é grande em todos os setores, o perigo existe e o “risco” é frequente.

Completando o quadro, evidencia-se que as histórias de vida de Eduardo e Felipe são emblemáticas para a construção da tese. O primeiro, diante da situação adversa, e sem outra formação profissional, encontrou a saída para a “resolução” de seus problemas se associando ao tráfico. O segundo, diante da mesma situação adversa, encontrou uma oportunidade profissional, pois ele obteve uma formação que possibilitou isso. Assim, no próximo capítulo, parte-se para a análise das histórias de vida de Eduardo e Felipe, lógico, sem perder a conexão social, que são fundamentais para a compreensão do ambiente. Será evidenciada, com o devido respaldo metodológico científico, a importância da utilização de histórias de vida como componente importante da tese estabelecida (que tem o conceito Identidade como seu eixo central).

3 – HISTÓRIA DE VIDA: POSSIBILIDADES DE INTERPRETAÇÕES E ANÁLISES

"É preciso viver num engenho, numa fazenda, num seringal, para sentir a profundidade da distância com que um patrão ou seu capataz trata os serviçais, no seu descaso pelo destino destes, como pessoas, sua insciência de que possam ter aspirações, seu desconhecimento de que estejam, eles também, investidos de uma dignidade humana" (Darcy Ribeiro, 2006).⁸⁴

3.1 – Considerações preliminares

Neste capítulo, apresentam-se as análises das histórias de vida de Eduardo e Felipe, sujeitos que são percebidos como emblemáticos no sentido de compreender o universo em que se está trabalhando. Para tanto, em um primeiro momento, trazem-se para o texto elementos da Psicologia Social e que não foram elucidados até agora, assim como se delineia o conceito Identidade, proposto por Antonio da Costa Ciampa, para, em seguida, ser evidenciada a importância da exploração de histórias de vida como forma de produção de conhecimento.

Em um segundo momento, as interpretações das histórias de vida dos sujeitos supracitados são empreendidas, tendo como pano de fundo aspectos de teorias e conceituações que foram elencadas no decorrer da construção da tese, assim como outras abordagens que têm seu espaço. Há, afinal, imbricações possíveis com outros exemplos do cotidiano e que podem figurar de maneira significativa no cenário que está sendo montado.

3.2 – Psicologia Social Crítica e Identidade Humana

Segundo Lane (2007), o homem fala, pensa, aprende e ensina, transforma a natureza. Ele é cultura e história. O homem biológico não sobrevive por si e nem é uma espécie que se reproduz tal e qual, com

⁸⁴ Em leitura análoga ao objeto de estudo da tese: *"É preciso viver numa escolinha de futebol, num centro de formação de atletas, num centro de treinamento profissional, para sentir a profundidade da distância com que um empresário, dirigente, treinador ou seus assistentes trata os projetos de atletas e atletas, no seu descaso pelo destino destes, como pessoas, sua insciência de que possam ter aspirações, seu desconhecimento de que estejam, eles também, investidos de uma dignidade humana"*.

variações decorrentes do clima, alimentação, entre outras. O seu organismo é uma infraestrutura que permite o desenvolvimento de uma superestrutura que é social e, portanto, histórica. *“O Ser Humano traz consigo uma dimensão que não pode ser descartada, que é a sua condição social e histórica, sob o risco de termos uma visão distorcida (ideológica) de seu comportamento”* (Lane, 2007, p. 12). Assim, caberia à Psicologia Social⁸⁵ recuperar o indivíduo na intersecção de sua história com a história de sua sociedade. Aliás, *“apenas este conhecimento nos permitiria compreender o homem enquanto produtor da história”* (Lane, 2007, p. 12).

No que diz respeito à construção da tese, o que se percebe é que as análises, não apenas do ambiente do futebol, mas em especial das situações vivenciadas pelos aspirantes, atletas e atletas “sem clubes”, são realizadas, na grande maioria das vezes, fora de contexto. Esse fato contribui para que uma perspectiva real do ambiente tenha dificuldades em ser projetada. Um olhar crítico sobre o “maior espetáculo da terra” é o que menos se presencia, independentemente do local em que se aponta o exame. Pais, professores, jornalistas e psicólogos mantêm posturas nada construtivas diante do impacto dos acontecimentos do futebol na sociedade. Sobre a Psicologia, Lane (2007, pp. 15 – 16) salienta:

Se a Psicologia apenas descrever o que é observado ou enfocar o indivíduo como causa e efeito de sua individualidade, ela terá uma ação conservadora, estatizante – ideológica – quaisquer que sejam as práticas decorrentes. Se o homem não for visto como um produto e produtor, não só de sua história pessoal, mas da história de sua sociedade, a Psicologia estará apenas reproduzindo as condições necessárias para impedir a emergência das contradições e a transformação social. (...) Se nossa meta é atingir o indivíduo concreto, manifestação de uma totalidade histórico-social, temos que partir do empírico (que o positivismo tão bem nos ensinou a descrever) e, através de análises sucessivas nos aprofundarmos, além do aparente, em direção a esse concreto, e para tanto precisamos de

⁸⁵ Lane (2007) afirma que toda psicologia é social, no entanto, *“esta afirmação não significa reduzir as áreas específicas da Psicologia à Psicologia Social, mas sim cada um assumir dentro de sua especificidade a natureza histórico-social do ser humano. Desde o desenvolvimento infantil até as patologias e as técnicas de intervenção, características do psicólogo, devem ser analisadas criticamente à luz desta concepção do ser humano – é a clareza de que não se pode conhecer qualquer comportamento humano isolando-o ou fragmentando-o, como se existisse em si e por si. Também com esta afirmativa não negamos a especificidade da Psicologia Social – ela continua tendo por objetivo conhecer o indivíduo no conjunto de suas relações sociais, tanto naquilo que lhe é específico como naquilo em que ele é manifestação grupal e social. Porém, agora a Psicologia Social poderá responder à questão de como o homem é sujeito da História e transformador de sua própria vida e da sua sociedade, assim como qualquer outra área da Psicologia”* (Lane, 2007, p. 19).

categorias que a partir do empírico (imobilizado pela descrição) nos levem ao processo subjacente e à real compreensão do indivíduo estudado.

Essa compreensão destacada por Lane se mostra difícil de ser implantada, porém é possível que isso aconteça, desde que exista a percepção de que o ser humano não sobrevive a não ser em relação com outros seres humanos e que, a sua participação, as suas ações, por estar em grupo, dependem fundamentalmente da aquisição da *linguagem* que preexiste ao indivíduo como código produzido historicamente pela sua sociedade, mas que ele aprende na sua relação específica com os indivíduos. *“Se a língua traz em seu código significados, para o indivíduo as palavras terão um sentido pessoal decorrente da relação entre pensamento e ação, mediada pelos outros significados”* (Lane, 2007, p.16). Assim, levar esses fatos em consideração possibilita ao psicólogo social aprofundar-se na análise do indivíduo concreto, ponderando a imbricação entre relações grupais, linguagem, pensamento e ações na definição de características fundamentais para a análise psicossocial.

Interessante afirmar que a pessoa ao falar transforma o outro e, por sua vez, é transformado pela consequência de sua fala. A bem da verdade, segundo Lane (2007), a língua materna insere a criança na história de sua sociedade, fazendo com que ela reproduza em poucos anos o processo de “homonização” pelo qual a humanidade se reproduziu.⁸⁶ Nesse sentido, quanto maior a quantidade de “vestígios” do futebol que estiverem arraigados no ambiente no qual o indivíduo está inserido, maior a possibilidade de internalizar os valores deste esporte, pois, como salientado, a linguagem⁸⁷ é um elemento

⁸⁶ Carone (s/d) destaca que *“o processo de socialização não só homogeneiza; também individualiza. A socialização é uma forma do universal se encarnar. O processo de socialização é, ao mesmo tempo e contraditoriamente, o processo de individuação. Ex. nós falamos a mesma língua, ela é um código universal, concreto, criado pela nossa comunidade linguística, mas a maneira de me apropriar do português não é a maneira pela qual outras pessoas se apropriam do idioma, porque tenho um desempenho linguístico diferente dos outros; eu crio sentenças, tomo posse do código e elaboro as sentenças que eu quiser, então eu já estou singularizando o português; ao mesmo tempo, há um processo de socialização no qual esse código é internalizado por todos”* (transcrição de palestra não revisada pela autora).

⁸⁷ Lane (2007) salienta que a palavra é uma arma de poder e a imposição do significado único e absoluto à palavra é uma forma de dominação de indivíduos, como ocorre em situações de hipnose, de comando militar e de lavagem cerebral. Todas, situações em que a ambiguidade ou alternativas de significados levam à negociação de qualquer um desses processos. *“Esta arma de poder só é dominada pelo confronto que o indivíduo possa fazer entre diferentes significados possíveis e a realidade que o cerca – aliás, este é o princípio proposto e defendido por Paulo Freire; condição para um pensamento crítico, para o desenvolvimento da consciência social, para a criatividade que transforma as relações entre homens”* (Lane, 2009, p. 34). Isso

importante para o desenvolvimento da consciência de si e social do indivíduo. Assim, sendo os valores arraigados positivos (por exemplo, no caso do aprendizado de uma modalidade esportiva que possibilitará maior sociabilidade ao indivíduo), ou negativos (por exemplo, no caso de um pai que insere o filho no contexto esportivo apenas com o objetivo de que haja ascensão social por meio da carreira esportiva profissional), o conteúdo internalizado, contraditório ou não, poderá permear toda a trajetória do indivíduo, dependendo, no entanto, do impacto que outras experiências poderão trazer à história dos sujeitos.

“O indivíduo sujeito da história é constituído de suas relações sociais e é, ao mesmo tempo, passivo e ativo” (Lane, 2007, p. 40). Fundamental: ser mais ou menos atuante como sujeito da história depende do grau de autonomia e de iniciativa que ele alcança. Desse modo, ele é história na medida em que se insere e se define no conjunto de suas relações sociais, desempenhando atividades transformadoras dessas relações. Na perspectiva da filosofia da linguagem (e do pensamento pós metafísico), Ciampa⁸⁸ (2005) pondera que a razão não está “lá e fora” (da humanidade), mas “cá e dentro”, como razão dialógica que se constrói na intersubjetividade. Isso passa a significar o abandono da filosofia da consciência e do sujeito, bem como da noção de razão como razão monológica (mônada). Assim, para o autor:

Com estas (e muitas outras noções) chega-se à necessidade de buscar uma psicologia que seja efetivamente social e que estude a questão do desenvolvimento do ser humano (em toda sua complexidade: desenvolvimento cognitivo, afetivo, estético, moral, sexual, corpóreo, motor etc.) e que considere que o indivíduo, à medida que vai adquirindo a capacidade de agir e de falar, vai também passando a se reconhecer e a ser reconhecido pelo outro como alguém que pode afirmar “eu” de si mesmo, com uma identidade em constante formação e transformação, ou seja, uma identidade entendida como metamorfose, que resulta tanto do processo de socialização como do processo de individuação. Nessa perspectiva, a subjetividade do indivíduo é vista sempre articulada com a objetividade da natureza, a normatividade da sociedade e a intersubjetividade da linguagem. A identidade pessoal, assim, seria um

posto, destaca-se, entre outros aspectos, que o regime implantado na esfera do futebol beira o militarismo (“ame ou deixe-o”) – o assunto já foi bem explorado nos primeiros capítulos. Quanto à teoria de Paulo Freire, terá espaço adiante para que ela se transparea. Apenas um detalhe: o processo dialógico é percebido de maneira irrisória no futebol.

⁸⁸ Antonio da Costa Ciampa se vincula à tradição da Psicologia Social Crítica inaugurada pela Escola de São Paulo e propõe uma teoria de identidade que espelha a metamorfose de nossa sociedade e as dificuldades de emancipação. O seu método de análise aponta para formulação de que Identidade é metamorfose humana em busca de emancipação. No próximo tópico o assunto será abordado com mais especificidade.

conceito que permitiria e, ao mesmo tempo, exigiria a integração de todos os aspectos do desenvolvimento humano (Ciampa, 2005, p. 6).

Segundo Ciampa (2005), essa noção de subjetividade pressupõe a singularidade como condição necessária, mas não suficiente, só se completando com a noção de individualidade. Com efeito, é possível a um outro genérico descrever e explicar, com base na objetividade da natureza (por exemplo, pelo exame de DNA) ou na normatividade da sociedade (pelo exame de registros em cartório) a singularidade de um indivíduo. Contudo, é só com seu desenvolvimento, que o vai tornando sujeito capaz de agir e de falar, com base na intersubjetividade da linguagem (sem deixar de considerar a normatividade da sociedade e a objetividade da natureza), que pode chegar a afirmar “eu” de si mesmo, como subjetividade (mais ou menos, não absolutamente) autônoma, que se faz história corporificada. Ou seja, como ninguém, a não ser o próprio sujeito, pode falar “eu” de si mesmo, sua expressão da subjetividade diante do outro aparece como uma pretensão de autonomia – quando o sujeito afirma “quem é e gostaria de ser” – que é compreendida (ou não) e reconhecida (ou não) intersubjetivamente.

Nessa perspectiva da psicologia social, o estudo da identidade pretende contribuir para a compreensão da questão do desenvolvimento do sujeito, vendo-o como formação, que vai se dando, sob condições materiais e históricas determinadas, ao longo dos processos de socialização e de individualização, na medida em que natureza e cultura se integram como humanidade. Isso necessariamente implica também considerar a questão da integração – de todos sujeitos, como iguais como pessoas, e de cada um deles, como diferentes como indivíduos – na sociedade, vista como manifestação linguística da comunidade de sujeitos, que se objetiva na formação e na transformação, seja do “mundo da vida”,⁸⁹ seja da “ordem sistêmica”.⁹⁰ Ciampa (2005, p. 7) destaca que,

⁸⁹ O *mundo da vida*, local em que há, entre outras coisas, organização dos seres em função da sua identidade, está cada vez mais sendo colonizado pela *ordem sistêmica*. Mais um exemplo disso, correlata ao aspecto de, há algum tempo atrás, a essência do esporte corresponder a um sentimento generalizado, por isso mesmo consagrado na linguagem comum e corrente, que cunhou expressões como “por esporte”, “levar na esportiva”, “espírito esportivo”, utilizado por pessoas que fazem algo por prazer, para se divertir, para passar o tempo, enfim, significa não cair em provocações, reagir com bom humor às mazelas da vida. “*Tem espírito esportivo*

Deste modo, tanto quanto a discussão da questão do desenvolvimento do sujeito, também a discussão da questão do desenvolvimento da sociedade aparece como relevante e indispensável para o estudo da identidade como processo de metamorfose, na perspectiva do paradigma da filosofia da linguagem. Estas duas questões, ao serem tratadas linguisticamente, tornam-se fundamentalmente a questão do sentido do desenvolvimento do indivíduo e da sociedade, que pode ser discutida (aqui de forma genérica e talvez esquemática) como a questão do sentido de emancipação humana, que aparece nas idéias de “vida boa” ou de “uma vida que merece ser vivida” (como discussões filosóficas sobre ética e moral) e nas idéias de “políticas de identidade” ou “identidades políticas” (como discussões políticas sobre formação de identidades e integração na sociedade de indivíduos e coletividades).

Enfim, para Ciampa (2005), uma Psicologia Social que se pretenda crítica, dentro de um paradigma da linguagem, hoje precisa se apoiar no pensamento pós-metafísico e no pensamento democrático.⁹¹

3.2.1 – O sintagma Identidade-Metamorfose-Emancipação

Segundo Ciampa (2007) uma pergunta aparentemente simples, *quem é você?*, é uma pergunta que frequentemente nos fazem e que às vezes fazemos a nós mesmos. “Quem sou eu?” Quando esta pergunta surge pode-se dizer que estamos pesquisando nossa identidade. *“Como em qualquer pesquisa, estamos em busca de respostas, de conhecimento. Por se tratar de uma pergunta feita a nosso respeito é fácil darmos uma resposta; ou não é?”* (Ciampa, 2007, p. 58). Ainda para o autor,

quem sabe ganhar ou perder com classe, com elegância” (Reis, 2006, p. 3). No entanto (e infelizmente), o que se configura socialmente é que o mais importante é ter espírito competitivo (coitado do atleta que “levar na esportiva” o fato de sua equipe ser derrotada em um jogo importante – por mais que ele até tenha maturidade para compreender o significado do ganhar e do perder, assumir essa postura não cairia muito bem diante dos torcedores e dirigentes que querem a vitória a qualquer preço).

⁹⁰ O dinheiro, um dos meios de controle do *sistema*, não é de hoje, exerce um papel decisivo em tudo no esporte, fato que faz com que muitos empresários rodeiem o ambiente do futebol. Segundo Imbiriba (2004), aproveitando-se de fatos como a falta de assistência profissional do clube e da origem humilde da grande maioria dos atletas, esses agentes (empresários) físgam os inocentes e os transformam em verdadeiros escravos para o resto da vida. Ao jogador e à sua família são feitas promessas fantásticas. Contratos vergonhosos que dão o direito ao empresário a até 60 por cento do que o atleta venha a faturar enquanto durar sua curta carreira.

⁹¹ Daí a proposta de Ciampa de uma linha de pesquisa que pode ser indicada pelo sintagma identidade-metamorfose-emancipação. O núcleo Identidade Social e Metamorfose Humana (NEPIM), constituinte do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da PUC/SP, tem como conceituação central de seus trabalhos o sintagma identidade-metamorfose-emancipação. Esse sintagma busca discutir cosmologia, ontologia, estética, ética etc. As posições assumidas perante esse sintagma se constituem como paradigmas possíveis.

Se é um conhecimento que buscamos a respeito de nós mesmo podemos supor que estamos em condições de fornecê-lo. Afinal se trata de dizer quem somos... Experimente! Não continue lendo antes de responder a esta pergunta: quem é você? Pronto? Respondeu de forma a qualquer pessoa, depois de ouvir sua resposta, poder afirmar que o conhece? Sua resposta torna possível você se mostrar ao outro (e, ao mesmo tempo, você se reconhecer) de forma total e transparente, de modo a não haver nenhuma dúvida, nenhum segredo a seu respeito? Sua resposta produz um conhecimento que o torna perfeitamente previsível? Ninguém (nem mesmo você), depois de conhecer essa resposta, terá dúvida de como você vai agir, pensar, sentir, em qualquer situação que surja? Acredito que, se você foi sincero, estas questões podem ter levantado algumas dúvidas. Será tão fácil dizer quem somos? Se, como estou supondo, não é tão fácil como pode parecer a primeira vista, podemos admitir que este é um problema digno de uma pesquisa científica (e não só por causa disso). Psicólogos, antropólogos, os mais diversos cientistas sociais têm estudado a questão da identidade; filósofos também. Não só pela dificuldade, mas também pela importância que esta questão apresenta, outros especialistas têm se envolvido com ela (...) (Ciampa, 2007, pp. 58 – 59).

Ciampa (2007) destaca que quando estamos falando de nossa identidade, ao respondermos à pergunta “quem sou eu?”, a primeira observação a ser feita é que nossa identidade se mostra como a descrição de uma personagem, cuja vida, cuja biografia aparece numa narrativa, ou seja, como personagem que surge num discurso. Do ponto de vista de Ciampa (2007), todos nós somos as personagens de uma história que nós mesmos criamos, fazendo-nos autores e personagens ao mesmo tempo. O autor mesmo é personagem da história. *“Não só a identidade de uma personagem constitui a outra e vice-versa (o pai do filho e o filho do pai),⁹² como também a identidade das personagens constitui a do autor (tanto quanto o autor constitui a das personagens)”* (Ciampa, 2007, p. 60).

Pondera-se que, para Ciampa, diferença e igualdade constituem uma primeira noção de identidade, e identidade humana é construção, reconstrução

⁹² Um exemplo desse impacto identitário na formação dos indivíduos iniciados no esporte é o fato de, pelo menos no Brasil, os garotos serem incentivados pelos próprios pais a se tornarem não apenas jogadores de futebol profissionais, mas futuros candidatos a integrantes da Seleção brasileira. O projeto tão sonhado quase sempre se transforma em pesadelo. Segundo Imbiriba (2004), todo ano são mais de 10 mil jovens que passam pela peneira em cada clube. No geral, nem 1 por cento é aproveitado. Outro dado interessante: os números mostram que o desemprego no futebol é mais alto do que na maioria das profissões. Segundo dados do IBGE de maio de 2009, o desemprego nas principais capitais do Brasil era de 8,8%. No futebol, em uma estimativa do Sindicato dos Atletas Profissionais do Estado de São Paulo, ele chega em 20%, mais do que o dobro. A dificuldade financeira é uma realidade do futebol brasileiro e muitos atletas têm que desempenhar outras funções sem ser aquela do futebol para compor a renda. Assim, identidades futebolísticas vão se configurando. Atletas aspirantes, empregados e “sem clubes” se reconhecem como *Jogador de Futebol*.

e desconstrução constantes, no dia-a-dia do convívio social, na multiplicidade das experiências vividas. Assim, *“falar das pessoas como se elas fossem de uma determinada forma e não se modificassem”* (Ciampa, 2007, p. 61), é uma proposição falsa. Aliás, identidade é metamorfose humana.⁹³ E compreender a identidade é compreender a relação indivíduo-sociedade, ou seja, a identidade é entendida como um conceito central para a Psicologia Social, que pode explicar tanto como se dá a construção das desigualdades e problemas sociais quanto entender como se formam as resistências individuais aos processos de massificação e as buscas emancipatórias.⁹⁴

Para compreendermos melhor a idéia de ser a identidade constituída pelos grupos de que fazemos parte, faz-se necessário refletirmos como um grupo existe objetivamente: através das relações que estabelecem em seus membros entre si e com o meio onde vivem, isto é, pela sua prática, pelo seu agir (num sentido amplo, podemos dizer pelo seu trabalho); agir, trabalhar, fazer, pensar, sentir, etc., já não mais substantivo, mas verbo. Usamos tanto o substantivo que usamos do fato original do agir: Eva *comeu* a maçã; Prometeu *roubou* o fogo dos céus; Oxalá com seu cajado *separou* o mundo dos homens do mundo dos deuses. Como devemos dizer: o pecador *peca*, o desobediente *desobedece*, o trabalhador *trabalha*? Ao dizer assim, estamos pressupondo antes da ação, do fazer, uma identidade de pecador, de desobediente, de trabalhador, etc.; contudo é pelo agir, pelo fazer, que alguém se torna algo: ao pecar, pecador; ao desobedecer, desobediente; ao trabalhar, trabalhador (Ciampa 2007, p. 64).

Ciampa (2007) esclarece que se pode dizer que as personagens são momentos da identidade, degraus que sucedem, círculos que se voltam sobre si em um movimento, ao mesmo tempo de progressão e regressão. Assim, identidade é expressão de várias personagens e a articulação dessas personagens é a expressão do Eu. Isso assinala que é impossível viver sem personagens, na medida que sempre me apresento como representante de mim mesmo perante os outros. Essa concepção de identidade implica entender que a cada momento é impossível expressar a totalidade de mim; posso falar por mim, agir por mim, mas sempre estou sendo o representante de mim mesmo. Como citado, o mesmo pode ser dito de outro perante o qual

⁹³ Para tanto, Ciampa assume como orientação metodológica a narrativa de história de vida. Assunto do próximo tópico.

⁹⁴ Segundo Lima (2009) Ciampa procura demonstrar como a busca por emancipação é em última instância uma luta por reconhecimento, que por sua vez depende de condições históricas e sociais dadas, o que insere o autor na Tradição da Teoria Crítica. O desenvolvimento de uma teoria de identidade é essencial para uma Psicologia Social Crítica.

compareço (e que comparece frente a mim). Evidencia-se que o ato esportivo gera um processo comunicativo de transferência de identidade que, uma vez produzida, leva o atleta e, em especial, o torcedor, a viver intensamente a incerteza do resultado. Referendado na postura dos torcedores, *“essa identificação justifica as frases ouvidas quotidianamente sobre os jogos, como por exemplo: “Ganhamos”; “O juiz nos roubou”. Essas são sempre construções gramaticais em primeira pessoa do plural, em que o torcedor se inclui como protagonista do espetáculo”* (Reis, 2006, p. 41).

Fundamental acrescentar que a identidade nunca pode ser representada em sua totalidade, pois, também nesse caso, sempre nos apresentamos como representantes de nós mesmos perante os outros. Neste sentido, Ciampa (2007) explica como, a partir da articulação entre “mim” e “eu”, pode ocorrer um tipo de problema que impede o indivíduo de se autodeterminar. Recordar-se algo que foi explicitado no tópico anterior: a influência do discurso social é determinante na construção da identidade. A questão que se apresenta para entender a constituição do Eu é a da compreensão, do entendimento, do jogo linguístico responsável pela socialização e individualização do bicho-humano.

Conforme Ciampa (2007) há perigo de que a personagem se transforme em um fetiche – como a mercadoria, em Marx –, que vai explicar quase a impossibilidade de um indivíduo atingir a condição de *ser-para-si* e vai ocultar a verdadeira natureza da identidade como metamorfose. Nesse caso, vê-se a inversão de um fenômeno que se pode chamar de característica básica própria das identidades: a necessidade de reconhecimento. O jogo do reconhecimento faz com que a identidade seja sempre pressuposta, abrindo o precedente para que ela seja reposta. Neste sentido, conforme estabelece Ciampa, sempre há pressuposição de uma identidade; sempre uma identidade é pressuposta. Pode-se até desconhecer-la; mas, pressupõe-se sua existência. Até mesmo na pergunta sobre um recém-nascido há um *e/le* (pronome, no lugar do nome) indicando a mesma pressuposição em relação àquele pequeno ser humano. A identidade é pensada como resultado de uma contradição superada, como um ser, mas um ser com a negação ou a determinidade: é o devir posto na *forma*

de *um* dos seus momentos, do ser.⁹⁵

Se, por um lado, existe a necessidade de normatização de determinadas personagens, por outro, corre-se o perigo de que essa personagem (que é percebida como identidade pressuposta) seja transformada em pura determinidade ou infinita reposição, dando aparência de não metamorfose. Acerca disso, Ciampa (2007) propõe dois movimentos caracterizados como *mesmice* e *mesmidade*. No que se refere ao movimento de *mesmice*, Ciampa explica que é um fenômeno decorrente da reposição da identidade que pode se dar como consciente busca de estabilidade ou inconsciente compulsão à repetição. Nesse caso, a identidade é pressuposta como “dada” permanentemente e não como reposição de uma identidade que foi um dia foi posta. Dize-se cotidianamente *eu sou*, não *estou sendo*.

A propósito desta questão, Ciampa (2007) assegura que a expectativa generalizada de alguém deve agir de acordo com suas predicções e, conseqüentemente, ser tratado como tal. De certa forma, reatualizamos, por meio de rituais sociais, uma identidade pressuposta, que assim é vista como algo dado (e não como se dando continuamente pela reposição).⁹⁶ Com isso, retira-se o caráter da historicidade da mesma, aproximando-a mais da noção de um mito que prescreve as condutas corretas, reproduzindo o social. Ainda para o autor, o caráter temporal da identidade fica restrito a um momento originário – como se fosse uma *revelação* de algo preexistente e permanente –, quando, de fato, já vimos, nos tornamos nossas predicções; interiorizamos a personagem que nos é atribuída, identificamo-nos com ela. É indiscutível o grau de liberdade que um indivíduo tem de escolher (e de ser escolhido para) uma personagem; mesmo para adultos, esse grau de liberdade (ou grau de seletividade da personagem) parece ter uma relação direta com a quantidade de poder a que a personagem dá acesso.

Esse fenômeno oferece ao indivíduo uma experiência de atemporalidade: como ser social ele é um ser-posto. Ciampa (2007) chama

⁹⁵ Nota-se, assim, que para Ciampa a identidade se configura na dialética posição-reposição, que pode ser tanto positiva quanto negativa, uma vez que é resultante da articulação que o indivíduo faz com o que fizeram/fazem dele em todos os momentos.

⁹⁶ A título de exemplo, a probabilidade de um indivíduo tornar-se um fanático por futebol, independentemente da esfera, está diretamente relacionada à construção da sua identidade. Por isso, é imprescindível o desenvolvimento de relações e valores próprios que ajudarão (atleta, torcedor, mídia etc.) a delinear os limites existentes.

isso, como mencionado, de *fetichismo da personagem*, que vai explicar a quase impossibilidade de um indivíduo atingir a condição de *ser-para-si*, ocultando a verdadeira natureza da identidade como metamorfose e gerando o que será chamado de identidade do mito. Aqui aparece o caráter produtivo da identidade, de sua produção como mercadoria: ela se faz aparecer. E tal como ocorre nas mercadorias, a personagem fetichizada é reforçada em seu comparecimento pela forma de valor social que, como ressalta Ciampa, força os indivíduos a reproduzirem-se como réplicas de si mesmo, a fim de preservar *interesses* estabelecidos, situações *convenientes*, interesses e conveniências que são, se radicalmente analisados interesses e conveniências do capital (e não do ser humano, que assim permanece um ator preso a mesmice imposta). Desse modo, o fetiche do personagem é percebido como um *aprisionamento* no mundo da mesmice (da não mesmidade) e da *má infinidade* (a não superação das contradições), a atividade que engendra a personagem de ser desempenhada, mas a representação da personagem persiste. A título de exemplo, *ele é um jogador de futebol, mas não joga*.⁹⁷

Isso posto, parte-se para as considerações de outro movimento de identidade: *a mesmidade*, que, para Ciampa (2007), refere-se à superação da personagem reposta pelo indivíduo, e que pode ser compreendida como expressão de um outro *outro* que também sou eu, possibilitando a formulação dos projetos de identidade, cujos conteúdos não estejam prévia e autoritariamente definidos. Ciampa assinala que em sua forma concreta essas identidades alterizadas se definem pela aprendizagem de novos valores, novas formas, produzidas no próprio processo em que a identidade está sendo produzida, como mesmidade de aprender (pensar) e ser (agir).⁹⁸

Para completar o quadro, deve-se mencionar que Ciampa postula que não ter identidade humana é não ser homem. Pois, como o singular materializa o universal na unidade do particular, quando o particular não concretiza essa

⁹⁷ E mais: a identificação coletiva de um grupo de torcedores ou de um povo pelo futebol faz com que os atletas não disputem sozinhos e sim com um grupo ou uma nação de aficionados. “*Esse sentimento coletivo é experimentado quase que exclusivamente por meio do esporte*” (Reis, 2006, p. 41). Há indivíduos que se dedicam apenas ao futebol; por ele, perdem outras referências importantes para vida.

⁹⁸ Lima (2009) observa que nessa perspectiva o desenvolvimento de normas intersubjetivas válidas e a progressiva concretização da identidade humana depende das possibilidades de acesso à liberdade de escolha do que seja uma vida boa para cada um. Neste sentido, identidade é percebida como uma questão política.

unidade, o universal permanece abstrato, falso. Tudo porque o interesse da desrazão, a razão interesseira – que demonstra a irracionalidade substancial do mundo capitalista em que vivemos, um mundo que não merece ser vivido, pois ameaça autoconservação da espécie, na medida em que *cada singular*, em vez de devir homem – como a metamorfose é inevitável –, devém não homem, inverte-se em seu contrário: em vez de proprietário das coisas, estas é que o têm como propriedade; em vez de fazer uso das coisas, estas é que o usam; em vez de trabalhar com suas ferramentas, com seus instrumentos, estes é que trabalham com o homem como ferramenta, instrumentalizando-o (salve, os iludidos atletas de futebol, em relação à sua atividade profissional, aos indivíduos que lhes cercam etc.). Um exemplo dessa rotina desagradável é trazido por Imbiriba (2004):

O objetivo principal das divisões de base nos clubes é formar atletas profissionais e não campeões juniores. Segundo o coordenador de divisões de base do Fluminense, André Medeiros “O trabalho é feito no sentido de render atletas para o profissional do clube. A gente compete, tem as vitórias, mas o objetivo principal não é ser campeão nas divisões de base, e sim, formar atletas, dispor de vários deles jogando no profissional do Fluminense.” Devido a sempre “desfavorável situação econômica” em que se encontra a maioria dos times, o jogador recém formado dura pouco tempo no time titular; chega logo o ponto em que o clube se vê obrigado a negociar o atleta. Por mês, o Fluminense recebe, em média, 400 a 500 meninos interessados em uma vaga nas cinco categorias de base do clube. Deste total, apenas 2% são aproveitados nas diversas equipes tricolores, produto da grande concorrência que fazem entre si, além de um grande número de exigências. Chegam meninos de todos os lados, fazendo ou não uso de transportes, muitos sozinhos, outros acompanhados dos pais. O objetivo maior é se tornar uma estrela do esporte. Sentados no gramado, a garotada recebe as instruções. Tem início a famosa peneira; o garimpo. Meninos de 12 e 13 anos estão sendo observados, revela André Medeiros. O potencial elevado dos meninos facilita na seleção: “Hoje, a gente é muito procurado, muitos atletas nos procuram para jogar no Fluminense. Quando você tem um bom material humano para início de processo, o resto fica mais fácil.” Mas e os 98% de meninos dispensados? Como lidar com essa situação. Para o ex-zagueiro tricolor e atual treinador da equipe mirim, Edgard, a pior parte é ter que dispensar 50 meninos e o discurso é sempre o mesmo: “Infelizmente as notícias não são boas. O Fluminense agradece por terem vindo, mas vocês estão liberados para tentarem a sorte em outro clube, e o que eu posso dizer para vocês é: não desanimem.” Depois, difícil é segurar os especuladores de abordar os meninos aprovados.

Desse modo, para entender tais afirmações de Ciampa, é necessário esclarecer que, para o autor, este mundo que nega o ser humano, é um mundo produzido por ele. Por mais paradoxal que possa parecer, nosso mundo – que é um mundo desumanizador – é um mundo humano, produzido pelo próprio

homem, que assim se faz homem (como produtor do mundo humano), ao mesmo tempo que se faz não homem (como produto do mundo desumanizador). A contradição, enquanto não for superada, será sempre re-posta como *mau infinito*. O interesse da razão pede a negação da negação para que a superação se dê, contendo a *má infinidade*, estabelecendo a verdadeira infinitude humana que decorre, a um tempo, de ser o homem um ser de responsabilidades e, em outro, um ser concreto; por isso, concretizável. Um concreto que não é concretizável não é possível. Aí está a *invencibilidade da substância humana*, como produção histórica e material.

Enfim, ressalta-se que *N`A Estória do Severino e A História de Severina: um ensaio de psicologia social*, Ciampa discute a identidade não como algo estático, mas dinâmico, em constante mutação, uma metamorfose permanente. Frisa-se que, do ponto de vista do autor – e este é o fragmento que mais dialoga com a tese proposta –, todos sabemos da importância que o trabalho tem na sociedade. Nossa inserção no mercado de trabalho quase sempre sela um destino, é um componente forte na configuração de uma identidade. O autor destaca que cada indivíduo encarna as relações sociais configurando uma identidade pessoal. Uma história de vida. Um projeto de vida. Uma vida-que-nem-sempre-é-vivida, no emaranhado das relações sociais. Uma identidade concretiza uma política, dá corpo a uma ideologia. No seu conjunto, as identidades constituem a sociedade, ao mesmo tempo em que são constituídas, cada uma por ela. A questão da identidade, assim, deve ser vista não como uma questão apenas científica, nem meramente acadêmica: é sobretudo uma questão social, uma questão política. Como tal, diz respeito a todos nós. Como tal, Ciampa a considera uma questão vital. Para o autor, pelo menos é – em todos os sentidos; apenas lembrando: Identidade é metamorfose; e metamorfose é vida.

Diante de tal exposição, pôde-se perceber que, Ciampa enfoca a identidade sob o prisma da transformação, e explica esse processo pelo conceito de metamorfose (o real é sempre movimento; transformação incessante; transformação pessoal e do ambiente). Porém, como elucidado, a metamorfose pode aparecer como não metamorfose (não movimento, não transformação). Acrescenta-se: perguntas como “Quem sou eu?” e “Quem é você?” aparecem como representação de identidade de alguém e, para se

entender a identidade, precisa-se entender o próprio processo de produção de identidade; ela que é um fenômeno social.

3.2.1.2 – Demonstrando como o Ser Humano se caracteriza

Como citado, o método de conhecimento escolhido por Ciampa (2007) como instrumento apropriado para obter informações necessárias para compreender como identidade é metamorfose em busca de emancipação é o da “história de vida”. *“Ciampa usou a história de vida como uma técnica qualitativa; não usou escalas, técnicas projetivas, testes, nem entrevista clínica, entre outras técnicas quantitativas. A história de vida é uma técnica muito utilizada nas Ciências Sociais. Selecionou um estudo de caso que materializava melhor o universal. (Há várias singularizações do universal)”* (Carone, s/d). Desse modo, a tese proposta trilha esse caminho: a escolha pela narrativa de história de vida como elemento empírico.⁹⁹ Sobre o assunto, Lima (2009, p. 38) destaca que

Seguindo uma certa influência sartreana,¹⁰⁰ principalmente a explanação que este faz do método progressivo regressivo desenvolvido no trabalho

⁹⁹ Por esse motivo, no decorrer da escrita do trabalho, foram trazidas histórias de vida como forma de compreender a singularização do universal no indivíduo.

¹⁰⁰ Carone (s/d), numa palestra realizada em que o assunto abordado foi a tese de doutorado de Ciampa, fala sobre Sartre. A autora diz que *“Sartre no livro anterior à Crítica da Razão Dialética, começa a discutir com os dialéticos. Os dialéticos, principalmente Lukács, supõem que você não pode fazer ciência dialética, senão do ponto de vista da totalidade, ou seja, tem que ver a parte sempre mediatizando a totalidade. Portanto, as análises têm que adotar uma perspectiva totalizadora para se dar conta do concreto, já que ele é síntese de múltiplas determinações. Sartre começa a discordar dos marxistas ortodoxos, principalmente de Lukács, dizendo que não se recupera a totalidade pegando todas as determinações, desde as econômicas, jurídicas, políticas etc.; para se estudar o indivíduo se pega somente as determinações próximas, porque essas determinações próximas estão mediatizando as mais amplas; o indivíduo humano já não é uma totalidade concreta, é determinado societariamente, então se identificam as determinações próximas: as familiares, as institucionais mais próximas, é sempre pela mediação de indivíduos, de agentes sociais. A minha história de vida é importante porque ela recupera as determinações singularizadoras de minha individualidade. Então, a história de vida é a técnica. É o que Sartre vai dizer e é isso que ele fez com a análise do Flaubert, que ele exemplifica como uma metodologia dialética, só que a combina com a Psicanálise, porque ele queria entrar na subjetividade mais funda, só que a Psicanálise já relida por Sartre, que é a psicanálise existencial. (...) O que Sartre coloca é o seguinte: a melhor forma de se fazer uma dialética marxista e não recriar ou traduzir uma totalidade abstrata é fazer a dialética do particular, é pegar tudo que determina este particular através da biografia, que é a técnica mais apropriada no sentido de apanhar o concreto, porque este singular cai no universal. Esse é o princípio da dialética, às vezes mal entendida pelos próprios marxistas porque eles têm dificuldade de entender a totalidade como estando encarnada na individualidade”* (transcrição não revisada pela autora).

Questão de Método, Ciampa nos ensina que a narrativa de história de vida pode demonstrar como o homem se caracteriza antes de tudo por sua capacidade de superação das circunstâncias dadas, pela capacidade de criar projetos para si e que isso permite compreender se o resultado de suas ações promove uma realidade nova e provida de significação própria, em lugar de ser muito mais do que simplesmente uma média. Acreditamos que a narrativa de história de vida possibilita o surgimento da personagem narrador, que, segundo Benjamim, estaria em vias de extinção, há muito esquecido e sufocado, por trazer as contradições do sistema e por apontar o mal-estar cotidiano, “como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e alienável: a faculdade de intercambiar experiências”. E uma vez que não descrevemos o passado simplesmente, mas o articulamos com nosso presente e projetos futuros, também podemos dizer que essa ação aparece como uma forma de resistência à massificação e à serialidade. A importância da narrativa encontra-se na possibilidade de que aquele que conta história tem de nos mostrar os restos, rastros de sua individualidade. Como assinala Jeanne Marie Gagnebin, a narrativa de história de vida, justamente por apresentar-se como um exercício de articulação entre o passado e o presente, possibilita a quebra da repetição daquilo que se lembra (...).

Pondera-se, em complemento ao quadro montado, que adotar o uso de narrativas de história de vida como instrumento não significa ter em mãos todas as possibilidades de interpretação e análise. No entanto, como destaca Carone (s/d):

(...) você tem que entender o universal como necessariamente particularizado. O universal não existe separadamente; sociedade somos todos nós; e o que nós somos, somos particularizações. Sociedade é o universal particularizado através de seus agentes sociais, dos indivíduos, das instituições. Então, eu só posso ver o universal na sua particularização; isso não quer dizer que universal seja o conjunto dos particulares, porque aí você vai perder a noção de totalidade; a totalidade não é a soma dos particulares e nem o particular é separado do universal; o particular é singularização do universal.

Enfim, Ciampa (2007) diz que quando um momento biográfico é focalizado, não é para afirmar que só aí a metamorfose está se dando; é apenas um recurso para lançar mais luz no episódio onde é mais visível o que se está afirmando. Acrescenta-se que as histórias de vida e os depoimentos pessoais são excelentes técnicas para a construção do trabalho proposto, uma vez que revelam o cotidiano, o tipo de relacionamento entre indivíduos, as opiniões, os valores, entre outras relevâncias. Todas as influências podem emergir. Aliás, a opção pela história oral possibilita o resgate da história coletiva, social, por meio dos relatos colhidos de sujeitos considerados emblemáticos, que apontam certa tendência, pois revelam dados que

expressam além e mediante suas experiências subjetivas. A bem da verdade, o mais significativo é depreender o comum do individual, o geral do particular. Sem dúvidas, é um instrumento válido, pois tende a possibilitar construções/reconstruções históricas.

3.3 – As experiências do Mundo da Vida na constituição dos sujeitos

Segundo Habermas (2003), o núcleo categorial em que se desenvolve a subjetividade é dado pela conceituação de *mundo da vida*, que é o lugar transcendental onde o que fala e o que ouve se encontram, onde eles podem reciprocamente colocar a pretensão de que suas declarações se adéquam ao mundo (objetivo, social ou subjetivo) e onde eles podem criticar e confirmar a validade de seus intentos, solucionar seus desacordos e chegar a um acordo. Numa sentença: os participantes não podem *in actu* assumir em relação à linguagem e à cultura a mesma distância que assumem em relação à totalidade dos fatos, normas ou experiências concernentes sobre os quais é possível um mútuo entendimento. Para o autor, a situação da ação é o centro do mundo da vida.

O mundo da vida tem, portanto, como elementos constitutivos básicos a linguagem e a cultura. As estruturas simbólicas do mundo da vida são reproduzidas pela via da continuação do saber válido, pela estabilização da solidariedade dos grupos e pela socialização dos atores responsáveis. Esse processo de reprodução envolve as novas situações com as condições existentes no mundo da vida; isso tanto na dimensão semântica dos significados ou conteúdos (da tradição cultural) quanto na dimensão do espaço social (os grupos socialmente integrados) e seu tempo histórico (de gerações sucessivas). A esses processos de reprodução cultural, integração social e socialização correspondem os componentes estruturais do mundo da vida: cultura, sociedade e pessoa.¹⁰¹

Habermas (2003) propõe a questão nos seguintes moldes: diz que usa o termo *cultura* para a reserva de saber da qual cada participante da comunicação supre a si mesmo com interpretações de como eles chegam ao

¹⁰¹ A paixão do brasileiro pelo futebol faz com que o esporte ultrapasse os limites do campo, invada as mais diversas áreas e se torne capaz de influenciar a formação cultural de toda população.

entendimento sobre algo do mundo; *sociedade* para as ordens legitimadas por meio das quais os participantes regulam suas vinculações junto aos grupos sociais, garantindo a solidariedade; e por *personalidade* entende os componentes que tornam o sujeito capaz de falar e agir, que colocam em posição de tomar parte em processo de entendimento para afirmar sua própria identidade. As dimensões nas quais a ação comunicativa se estende compreendem o campo semântico dos conteúdos simbólicos, o espaço social e o tempo histórico. As interações tecidas na elaboração prática comunicativa cotidiana constituem o meio graças ao qual a cultura, a sociedade e a pessoa são reproduzidas. Enfim, a ação comunicativa não se constitui somente de processos de interpretação em que o saber cultural é testado contra o mundo; eles são, ao mesmo tempo, processo de integração social e socialização.

Relembra-se, como salientado nos dois capítulos anteriores, que Habermas define que *o sistema* engloba as esferas econômicas e políticas voltadas para a produção societal, esferas que têm como meios de controle o dinheiro e o poder; *o mundo da vida* é o lócus do espaço intersubjetivo, da organização dos seres em função da sua identidade e dos valores que nascem da esfera da comunicação. A cultura, a sociedade e a subjetividade, como observado, encontram seu universo no mundo da vida. O desacoplamento entre sistema e mundo da vida só poderá ser compreendido na medida em que se possam apreender as transformações que vêm ocorrendo nas relações entre ambas. Interessante destacar que

A possibilidade de escolher entre o agir comunicativo e o agir estratégico é abstrata, porque ela só está dada na perspectiva contingente do ator individual.¹⁰² Na perspectiva do mundo da vida a que pertence cada ator, não é possível dispor livremente desses modos de agir. Pois as estruturas simbólicas de todo mundo da vida reproduzem-se sob as formas da tradição cultural, da integração social e da socialização – e esses processos, só poderiam efetuar-se por meio do agir orientado para o entendimento mútuo. Não há nenhum meio equivalente que seja capaz de preencher essas funções. Eis por que, para os indivíduos também, que não podem adquirir e afirmar sua identidade a não ser através da apropriação das tradições, através do pertencimento a grupos sociais e através da participação em interações socializadoras, a escolha entre o agir comunicativo e o agir estratégico só está em aberto em um sentido abstrato, isto é, caso a caso.

¹⁰² Segundo Habermas (2003), enquanto no agir estratégico um indivíduo atua sobre o outro para ensinar a continuação desejada de uma interação, no agir comunicativo um é motivado racionalmente pelo outro para uma ação de adesão – e isso é virtude do efeito ilocucionário de comprometimento que a oferta de um ato de fala suscita.

Eles não têm a opção de um salto prolongado para fora dos contextos do agir orientado para o entendimento mútuo. Este salto significaria a retirada para dentro do isolamento monádico do agir estratégico – ou para dentro da esquizofrenia e do suicídio. A longo prazo, ele é auto destruidor (Habermas, 2003, p. 124 – 125).

Pondera-se o aspecto de Habermas (2002) evidenciar que, por ser sujeitos capazes de linguagem e de ação, tem-se, antes de qualquer ciência, um acesso *interno* ao mundo da vida simbolicamente estruturado, ou seja, aos produtos e às competências de indivíduos socializados. O autor afirma, com muita convicção, que jamais conseguiu entender por que se deve limitar, na ciência, ao acesso *externo*, que se tem com relação à natureza, separar-se do saber pré-teórico e se isolar artificialmente em relação ao mundo da vida, mesmo que isso fosse possível. Habermas (2002) esclarece que o conceito mundo da vida não fornece apenas uma resposta à questão clássica: como é possível a ordem social? Com a ideia de entrecruzamento dos componentes do mundo da vida, é possível responder também a uma outra questão da teoria clássica da sociedade, ou seja, ao problema da relação entre indivíduo e sociedade. O mundo da vida não forma um *ambiente* cujas influências contingentes o indivíduo teria de combater a fim de autoafirmar-se. O indivíduo e a sociedade não formam sistemas que se encontram em seu ambiente e que se referem um ao outro de modo externo, como se fossem observadores. De outro lado, porém, “*o mundo da vida não constitui uma espécie de recipiente no qual os indivíduos estariam incluídos como partes de um todo. A figura de pensamento utilizada pela filosofia do sujeito fracassa do mesmo modo que a teoria do sistema*” (Habermas, 2002, p. 99). O autor também salienta que

Do ponto de vista da filosofia do sujeito, a sociedade foi concebida como um todo constituído de partes, seja no nível do Estado dos cidadãos políticos, seja no nível da associação dos produtores livres. O conceito “mundo da vida” rompe igualmente com essa figura de pensamento. Os sujeitos socializados comunicativamente não seriam propriamente sujeitos se não houvesse a malha das ordens institucionais e das tradições da sociedade e da cultura. É verdade que os sujeitos que agem comunicativamente *experimentam* seu mundo da vida como um todo que no fundo é compartilhado intersubjetivamente. No entanto, essa totalidade, que deveria decompor-se *aos seus olhos* no instante da tematização e da objetivação, é formada pelos motivos e habilidades dos indivíduos socializados, pelas auto-evidências culturais e pelas solidariedades grupais. O mundo da vida estrutura-se através de tradições culturais, de ordens institucionais e de identidades criadas através de processos de socialização. Por isso, ele não constitui uma organização à qual os indivíduos pertençam como membros,

nem uma associação à qual se integram, nem uma coletividade composta de membros singulares. A prática comunicativa cotidiana, na qual o mundo da vida está centrado, alimenta-se de um *jogo conjunto*, resultante de reprodução cultural, da integração social e da socialização, e esse jogo está, por sua vez, enraizado nessa prática (Habermas, 2002, p. 99 – 100).

Em complemento ao tópico, emerge o fato de Habermas (2007) salientar que nós julgamos as orientações de valor, bem como a autocompreensão das pessoas ou grupos baseada em valores, a partir de pontos de vista éticos, e julgamos os deveres, as normas e os mandamentos, a partir de pontos de vista morais. Vejam-se primeiro as questões éticas, que se colocam a partir da perspectiva da primeira pessoa. Do ponto de vista da primeira pessoa do plural elas visam o *ethos* comum: trata-se de ver como nós, como membros de uma comunidade moral, nos entendemos a nós mesmos, quais serão os critérios segundo os quais deveremos orientar nossas vidas, o que é melhor para nós, em longo prazo e na visão do todo. A partir da perspectiva da primeira pessoa do singular, surgem questões semelhantes: quem sou eu e quem gostaria de ser, como deveria levar minha vida. Tais reflexões existenciais também se diferenciam das ponderações da prudência não apenas pela generalização temporal e objetiva do questionamento: o que é melhor em longo prazo e visto como um todo. Aqui, a perspectiva da primeira pessoa não significa a limitação egocêntrica às minhas preferências, mas garante a referência a uma história de vida que está sempre engastada em tradições e formas de vida intersubjetivamente compartilhadas. A atratividade de valores, à cuja luz entendo a mim mesmo e a minha vida, não se deixa esclarecer nos limites do mundo das experiências subjetivas ao qual tenho acesso privilegiado. Pois minhas preferências e metas não são mais algo dado, mas são elas mesmas passíveis de discussão. *“Dependendo de minha autoconsciência e por meio de reflexão sobre aquilo que para nós, dentro do horizonte de nosso mundo compartilhado, tem um valor intrínseco, elas podem mudar de um modo fundamentado”* (Habermas, 2007, p. 41).

Apoiado em Kierkegaard, Habermas (2003) observa que o indivíduo que vive eticamente é o redator de sua própria história de vida; no entanto, ele tem que ter consciência que é um redator responsável. Aliás, depois que o indivíduo se decidiu, existencialmente, por quem ele gostaria de ser, assume a responsabilidade por aquilo que, a partir de agora, tem como essencial à luz de

uma história de vida assumida moralmente – ou como não – essencial. Cabe acrescentar que, hoje em dia, percebe-se que, na vida dos povos, existe um equivalente disso. No processo público da tradição, decide-se sobre qual das tradições deve ser continuada e qual não o deve ser. A disputa em torno disso será tanto mais acalorada quando menos se puder confiar numa história triunfal da nação ou na normalidade sem lacunas daquilo que já se implantou uma vez e quanto maior for a clareza de nossa consciência acerca da ambivalência de qualquer tradição. Ainda para o autor,

As questões éticas sobre a própria sorte se estabelecem no contexto de uma determinada história de vida ou de uma forma de vida especial. Elas se identificam com questões sobre a identidade: como devemos nos compreender, quem somos e quem queremos ser. Para essas perguntas não há, evidentemente, nenhuma resposta que não dependa do respectivo contexto e, portanto, que seja universal e igualmente definitiva para todas as pessoas. (...) O indivíduo precisa recobrar a consciência de sua individualidade e de sua liberdade, assim como se torna necessário que ele articule a autocompreensão da pessoa que ele gostaria que os outros conhecessem e reconhecessem nele. Por meio de uma avaliação moralmente escrupulosa e de uma apropriação criticamente sondada da história de vida efetivamente encontrada, ele se constitui como a pessoa que ele ao mesmo tempo é e gostaria de ser (Habermas 2004, p. 6 – 11).

Enfim, Habermas (2002) recorre às ideias de Ulrich Beck que bem representou os processos na visão dos indivíduos que são *excluídos* dos subsistemas reificadores e, ao mesmo tempo, incorporados, conforme a função específica, como força de trabalho e consumidores, como contribuintes e segurados, como eleitores, como os que têm obrigação de ir à escola etc. Aliás, os indivíduos encaram inicialmente a destradicionalização de seu mundo da vida como consequência do destino, que impõe uma diferenciação de situações de vida multiplicadas e expectativas de comportamento conflitantes, que os sobrecarregam com novas realizações de coordenação e de integração. Nas gerações passadas o nascimento da família, o cônjuge, a profissão e a posição política formavam uma constelação de camadas sociais específicas, a qual predeterminava amplamente o modelo de história de vida; ao passo que as situações de vida e os planos de vida enfeixados normativamente se dissolviam cada vez mais. Em espaços alargados de opção cresce a necessidade de decisão que o indivíduo precisa tomar: qual é a escola a ser frequentada? É preciso casar? Quando? Ter filhos? Deve-se entrar num

partido? Deve-se trocar de mulher? De profissão? De cidade? De país? Etc.: na sociedade individualizada o indivíduo precisa aprender a se compreender a si mesmo como um centro de ação, como uma secretaria de planejamento em relação ao seu currículo, suas capacidades, parcerias, entre outras coisas. A “sociedade” precisa ser manipulada individualmente como uma variável sob condições de uma história de vida a ser construída; dessa maneira, os determinantes sociais, que irrompem na própria vida, precisam ser entendidos como “variáveis do ambiente”, as quais podem ser desligadas, ou das quais podemos escapar por meio da “fantasia das providências”.

Isso posto, se dá a partir de agora a análise das histórias de vida de Eduardo e Felipe.¹⁰³ Eduardo é figura emblemática para o constructo apresentado, pois exemplifica com muita fidelidade o campo das “vítimas” sociais: aquelas que durante suas trajetórias têm suprimida a maioria de seus direitos, com poucas possibilidades de recolocação profissional e, conseqüentemente, social digna. Felipe também é uma figura emblemática, mas no sentido oposto ao de Eduardo, pois, por meio dos sustentáculos sociais que perpassaram a sua vida, esboçou ao menos uma tendência de recolocação, em todas as suas facetas, mais apropriada. O espaço conquistado por Felipe em sua vida pós-futebol é percebido de maneira muito acanhada no universo dos sem clubes.

3.3.1 – Para Eduardo foi difícil chegar, difícil manter... fácil se perder

Por intermédio de um professor de Educação Física, que atua como Supervisor de Futebol em uma equipe da grande São Paulo, foi marcado um encontro (único que ocorreu) com Eduardo, tendo por finalidade compor o corpo de ex-atletas que participariam da pesquisa. Encontrei com o ex-atleta (hoje traficante) em um bar próximo a um campo de várzea na zona oeste de São Paulo. Não houve dificuldade alguma durante a execução da entrevista, pois, logo de início, ao perceber que eu tinha muita informação sobre o assunto, a conversa foi se desenvolvendo espontaneamente, chegando a ter um final surpreendente, pois nem era do conhecimento de nosso amigo em comum a situação de Eduardo relacionada ao tráfico.

¹⁰³ Para tanto, selecionamos trechos das entrevistas que merecem destaque (entende-se que não há necessidade de dispor todo o conteúdo coletado).

O ex-jogador de futebol profissional Eduardo hoje é um traficante. No entanto, o que mais se destacou em seu relato foi o fato de sua identidade de atleta de futebol profissional ser extremamente reconhecida, principalmente no local em que vive, fato que faz com que ele se orgulhe da história que teve no esporte e que também faz com que sua vida tenha sentido (não foi apenas uma vez que ele se emocionou ao recordar o tempo de *“atacante fazedor de gols”*, como se reverencia). Mesmo não atuando, esta é uma marca em sua vida com possibilidades remotíssimas de ser removida. Pelo seu relato, isso ficou evidente. Afinal, como o ambiente em que ele se encontra não é dos mais agradáveis, ainda levando em consideração a sua ligação com o tráfico, ser reconhecido como ex-atleta é muito mais satisfatório.

Não foi averiguado se é a maioria dos membros de sua comunidade que o reconhece como um ex-atleta. Será que não o reconhecem mais como traficante? O que realmente importa é que ele se reconhece como ex-atleta (a bem da verdade, não foram poucos os momentos em que a entrevista foi interrompida para algum morador saudar Eduardo, assim como ela também foi cessada para ele cuidar de outros assuntos). Apresentam-se as considerações.

Eduardo, desde que nasceu, não teve uma família que lhe proporcionasse muita atenção. Seu pai estava preso e sua mãe, ainda uma garota de 16 anos, não tinha condições de criar, sozinha, o menino. Como a situação econômica de seus avós também não era boa, eles contavam com a ajuda de uma instituição de caridade e a colaboração de vizinhos para a manutenção da vida de Eduardo que, no bairro simples onde morava, foi crescendo. E junto com outros aspectos, foi crescendo também sua familiaridade com a bola: principal divertimento das crianças, essencial para as mais pobres.

Eu me lembro da situação triste que vivia quando eu era criança. Não era fácil. Foi uma infância humilde e não tão boa. Meu pai era alcoólatra, batia nos meus irmãos e até na minha mãe. Era difícil. Ele foi preso, por alguns problemas que teve. Quando faleceu, foi mais difícil ainda. Comecei a criar uma raiva muito grande dele. Este sentimento foi mudando até se transformar em algo bom. Quando ele morreu, minha mãe estava desempregada – lembro que foi a perda do emprego que fez meu pai beber – e morávamos todos na casa de meus avós, que também eram muito pobres. Tínhamos apenas o básico em casa. E se não fosse o pessoal da Associação (de moradores do bairro) e de uma entidade que ajudava as crianças carentes, que eu não recordo o nome, até comida faltava na mesa.

Mesmo assim eu nunca perdia um futebolzinho, num campo lá perto de casa. Jogava de manhã, de tarde, de noite, e se tivesse de madrugada, também acho que jogaria. Até que descobri que tinha talento para o futebol e poderia me dar bem nessa carreira. Um dia, virei para ela (a mãe) e disse que meu negócio era jogar bola, e não estudar. Ela me disse: “Então vá atrás de seu sonho”. Eu fui, mas terminei os estudos (ensino fundamental).

Sobre a situação social que perpassava a vida de Eduardo, Paugam (2003)¹⁰⁴ traz para discussão alguns elementos importantes que elucidam as mazelas do ex-atleta e de sua família. Para o autor, desde o final do século passado, muitos países estão enfrentando o que se chama, em linguagem comum, a “nova pobreza”. Esse fenômeno remete a uma série de evoluções simultâneas, que se referem em particular à degradação do mercado de trabalho, com a multiplicação dos empregos instáveis e o grande aumento do desemprego prolongado, bem como ao enfraquecimento do número de separações conjugais e o declínio da solidariedade de classe e proximidade. Essas evoluções dizem respeito não somente às famílias dos países em desenvolvimento. Atingem, há algumas décadas, pessoas que nunca viveram em condições miseráveis durante a infância, tampouco habitaram em cortiços e favelas. Com o desemprego de longa duração, centenas de milhares de operários, de empregados do comércio, da indústria, executivos, e mesmo

¹⁰⁴ Em um estudo realizado por Serge Paugam, em 1987, ele havia distinguido três tipos de população segundo a relação que os indivíduos mantinham com os serviços sociais (os fragilizados, os assistidos e os marginalizados). Anos mais tarde, revendo essas tipologias, ele preferiu utilizar o termo *fragilidade*, em vez de fragilizados, *dependência* em relação aos assistentes sociais em vez de assistidos, e em *ruptura* dos vínculos sociais em vez de marginalizados. Segundo Paugam (2003), a *fragilidade* corresponde à experiência da deslocalização social (*déclassement* social, no original, corresponde ao sentido de deslocalização social, perda de identidade, de status, ou seja, perda do lugar na estrutura de classe) ou das dificuldades de inserção profissional. As pessoas que passam por essa experiência recusam-se a ser consideradas como assistidas. Multiplicam-se seus esforços para conquistar um melhor status social. A *fragilidade* pode conduzir à fase de *dependência* em relação aos assistentes sociais, pois a precariedade profissional, sobretudo quando se prolonga, acarreta uma diminuição da renda e uma degradação das condições de vida, que podem ser em parte compensadas pelas ajudas assistenciais. A *dependência* é, de fato, fase em que os serviços sociais se responsabilizam com regularidade pelas dificuldades. A maioria das pessoas a quem isto se aplica muitas vezes desiste de ter um emprego. A essa fase pode suceder uma outra caracterizada pela *ruptura* dos vínculos sociais, particularmente quando os auxílios são suspensos e as pessoas que vivem essa experiência se vêem confrontadas com um acúmulo de dificuldades. Elas podem deixar o último vínculo com a proteção social e conhecer, em seguida, situações cada vez mais marginais, em que a miséria é sinônimo de “dessocialização” (*désocialisation*, no original; o conceito de “dessocialização” deve ser entendido como fragilização de laços e vínculos sociais, enfraquecendo a interiorização de valores sociais e fazendo diminuir a integração social).

atletas, entre muitos que desempenham outras funções na sociedade, perderam, de um dia para o outro e por longo tempo, os vínculos que mantinham com o mercado de trabalho. A título de exemplo, esse distanciamento faz-se acompanhar, para muitos deles, por um afastamento da vida social, uma crise de identidade: seja por problemas de saúde (depressão) e, em alguns casos, por uma ruptura familiar; em outros, por não conseguirem tomar consciência que não desempenham mais a função de antes. A diminuição de renda e a precariedade das condições de vida as levam, no mais das vezes contra sua vontade, a frequentar os serviços sociais para obter algum tipo de ajuda. Nesse perfil, enquadram-se Eduardo e sua família, pois sem a colaboração de alguns vizinhos e entidades assistenciais, a sobrevivência seria muito mais difícil. *“A falta de perspectiva de emprego e o sentimento de serem inúteis podem levar algumas dessas pessoas a romper totalmente com a sociedade”* (Paugam, 2003, p. 31).

Especificamente sobre a realidade brasileira, que não é diferente (se não for pior) de muitos países, o desemprego, as dificuldades de inserção profissional, a brutal perda de moradia ou o fato de residir em um “lar” degradado e socialmente desqualificado constituem experiências sociais dolorosas. As pessoas que passam por isso têm a sensação de estar deslocadas, ou seja, de estar em uma situação social degradante. O desemprego é vivido como uma experiência humilhante por aqueles que já exerceram uma profissão estável e que veem suas oportunidades de reintegração profissional se restringir dia após dia (mais humilhante é não conseguir nem estar empregado).

Para entender os conceitos de Paugam (2006) e suas afirmações, é necessário esclarecer que a ameaça do desemprego hoje em dia assombra a todos; ela está por toda parte e qualquer um pode ser pego de surpresa por este fantasma. Os indivíduos, quando vitimados por este espectro, que os fazem desempregados, costumam, em primeiro momento, ficar *fragilizados*, sendo o problema deles a incerteza ou a irregularidade da renda, desencadeando uma participação apenas parcial na vida econômica e social.

Diante da falta de oportunidade, as perspectivas de melhora vão se fechando e os fragilizados se tornam *assistidos*; estes se beneficiam de uma intervenção social relativamente intensa ou, em outras palavras, de um

acompanhamento do tipo contratual por parte de profissionais, ou ainda da ajuda de diversas ações solidárias, que os auxiliam em seu martírio.

Em um estágio da trajetória ao “fundo do poço”, os assistidos vão se transformando em *marginalizados*; estes não dispõem de rendas ligadas ou derivadas de um emprego regular, tampouco de subsídios assistenciais regulares. Eles não têm proteção social e, como nas fases de fragilidade e dependência, os que romperam com a sociedade também estão desprovidos de status e poder.

Dando sequência às ponderações da história de Eduardo, outro fragmento significativo que emerge é o impacto do futebol em seu processo de socialização. Como percebido no decorrer da tese, não diferente de muitos casos, o garoto teve uma vida permeada de tristezas e o “bate bola” servia no mínimo como um bálsamo para seus problemas. Entretanto, como o esporte vai tendo um significado cada vez mais expressivo na existência de Eduardo, o simples “bate bola” vai se transformando em uma possibilidade de ascensão social e vai tomando outro caráter. Como diz Habermas, o “sistema” vai se apropriando do “mundo da vida”. Nessa trajetória, vale destacar, ele não teve um ambiente familiar favorável no sentido de possibilitar uma socialização mais estruturada: faltaram recursos básicos para uma vida mais estável como educação, saúde, entre outras coisas, assim como não havia alguém (familiar, professor ou outra pessoa qualificada) que o orientasse no campo em que participava das brincadeiras e, conseqüentemente, dos “rachas”.¹⁰⁵ É bem da verdade, independentemente da maneira como o futebol é apresentado aos indivíduos, reconhece-se a sua importância no processo de socialização.

Do ponto de vista de Berger e Luckmann (2003), as experiências vivenciadas no processo de socialização primária e secundária determinam o grau de identificação do indivíduo com ele mesmo, com o trabalho e sua integração na sociedade. Quanto maior for o reconhecimento do indivíduo perante a sociedade, pelos diversos papéis que exerce, maior significado ele atribuirá à sua existência, tornando-se um indivíduo integrado e livre de

¹⁰⁵ Uma boa orientação seria importante não para a configuração das brincadeiras (aqui ela também é importante, mas não fundamental). No entanto, quando a brincadeira, no caso específico do futebol, vai se tornando mais séria, um profissional qualificado se torna imprescindível, pois qualquer falha na execução de uma pedagogia do futebol pode levar a criança a ter problemas no futuro (não apenas físicos, mas emocionais).

conflitos. Acrescenta-se que o processo de socialização e o meio social do qual o indivíduo faz parte são permeados por conflitos e contradições, pois a estrutura social é imperfeita e o acesso aos recursos, ao reconhecimento, a interpretação da realidade e a satisfação dos desejos são limitados à posição ocupada pelo indivíduo na estrutura social ou familiar.

Vale ressaltar que na realidade apresentada aos indivíduos desde a infância até a morte, costumam ocorrer situações ou condições socioculturais deficientes e contraditórias, que influenciam o processo de formação da identidade e como resultado podem gerar conflitos devido à ruptura com a identidade anterior. Os problemas na socialização que desintegram a personalidade, segundo Berger e Luckmann (2003), podem ocorrer em três situações.

A primeira acontece quando existe assimetria entre a realidade objetiva e a subjetiva, ou seja, entre o que se apresenta e o que é interiorizado, gerando tensões e conflitos. A segunda apresenta-se quando mundos contraditórios são expostos ao indivíduo e ele fica confuso e se defronta com a escolha de identidades que se apresentam como verdadeiras possibilidades de vida e podem dar origem a identidades ocultas. A terceira ocorre quando existem contradições entre a socialização primária e secundária e identidades opostas aparecem como opções subjetivas. Os desejos do indivíduo originados na socialização primária tornam-se impossíveis de serem realizados no contexto da socialização secundária e a identidade subjetivamente escolhida torna-se uma identidade de fantasia, o que levará a tensões e inquietudes na estrutura social.

Nota-se, que além dos conflitos internos e familiares que o indivíduo vivencia na socialização primária e secundária, faz-se necessário destacar a importância da estrutura social, que determina o acesso à realidade e influencia a personalidade humana e os diversos papéis que o indivíduo exerce ao longo da vida. Aliás, o indivíduo ao ter contato com as diversas realidades que se apresentam na sociedade, pode ser impelido a contestar os seus valores originais, interiorizados na socialização primária, gerando angústias e tensões que serão resolvidas quando o indivíduo decidir se incorpora os novos valores ou se contesta a realidade, porém esse processo é inconsciente e pode gerar lutas internas e levar o indivíduo a vivenciar uma série de conflitos.

Isso posto, sustenta-se o papel fundamental que as instituições (família, escola, entre outras) têm na formação do indivíduo, no entanto, este significado não pode ser entendido como uma única verdade a ser seguida: há muitas lacunas a serem preenchidas, principalmente aquelas que se referem à mostra do mundo como ele verdadeiramente é; torna-se imprescindível ser dito que “Papai Noel não existe” e, para isso, tem que haver discussões sobre as ideias de transformação social e de autonomia (do indivíduo e das instituições) em relação à sociedade. E mais: como o ser social do homem não é um dado genético, mas um processo que se desenvolve ao longo da vida de cada nova geração, em uma dada estrutura social, ele precisa aprender a deliberar, escolher, decidir e agir, enfim, constituir-se um sujeito ético moral capaz de discriminação e julgamento; não é isso que se tem, mas é disso que se precisa.

Retomando à história de Eduardo, conforme ele se desenvolvia, ia percebendo que muitos atletas que concediam entrevistas na televisão relatavam que por meio do futebol conseguiram resolver os problemas da família, como: casa própria, alimentação adequada, plano de saúde, educação para os irmãos mais novos etc. Assim, Eduardo percebeu que esta modalidade esportiva poderia lhe possibilitar um futuro mais digno e, a partir de seus 15 anos, começou a participar de peneiras em alguns clubes.

A questão financeira foi o maior problema. Sou de uma família humilde, que não tinha condições de bancar, por exemplo, uma viagem para que eu fizesse um teste em uma equipe grande. Então, foi tudo muito difícil. Mas eu percebia na TV que muita gente conseguia vencer na vida através do futebol e então jurei não desistir dessa busca. Não jogo mais, mas consegui o que queria. E isso ninguém tira de mim. Fui jogador de futebol profissional e o pessoal aqui sabe quem eu fui. Mesmo sabendo que não estou no melhor dos caminhos, tenho a confiança da comunidade.¹⁰⁶

Eduardo com muito esforço ingressou em uma equipe e logo começou a se destacar. Treinava pela manhã, mas como o local dos treinamentos era distante de sua casa, tinha que sair bem cedo e retornava apenas no final da tarde. Diante disso, abandonou os estudos, pois gostava também de ficar com os amigos conversando na porta da escola. Eduardo estava indo muito bem no

¹⁰⁶ O impacto da mídia, dos veículos de comunicação, foi bastante explorado nos capítulos anteriores. Destacaram-se aspectos da Sociedade do Espetáculo, da Indústria Cultural, entre outros conceitos na constituição dos sujeitos. Portanto não há necessidade de retomar ao assunto que muito bem caberia como pano de fundo deste fragmento da história de Eduardo.

futebol; recebia uma ajuda de custo que lhe possibilitava manter-se. Entretanto, seus amigos do bairro, que não tinham ocupação, encontraram também uma maneira para conseguir uma graninha para se manter: começaram a participar do tráfico de drogas.

Passei por muitas situações difíceis como todo jogador iniciante e de time pequeno. Teve época, que ficava de dois a três meses sem receber. Quando pagavam, era só 50% do salário de um mês; cheguei a ponto de passar uma semana comendo arroz puro em casa, pois não tinha dinheiro para comprar mistura. Lembro-me que em uma oportunidade meu priminho estava em casa e acordou de madrugada. Ele estava com fome e me pediu leite, só que eu não tinha sequer um real para comprar. Em outra ocasião, fui ao supermercado e tinha apenas um real. Pedi esse valor em mortadela, mas na hora de pesar, passou um pouco desse valor; deu um real e vinte centavos. Então, tive que pedir para a atendente tirar um pouco daquelas fatias, pois eu só tinha um real. Foi um tempo muito complicado, mas, mesmo nessa situação, não desisti e cheguei ao topo. Não estou lá, mas estive. Meus amigos de infância, os que não eram tão bons de bola e os outros que não queriam nada mesmo – aqui não tem nada mesmo para fazer –, seguiram um caminho mais fácil, pois trabalhar com o tráfico, é algo que se aprende desde pequeno aqui.¹⁰⁷

Eduardo conseguiu chegar ao profissionalismo: comprou carro do ano, casa para sua mãe, andava sempre com uma garota diferente e roupas da moda. Quanto aos seus amigos de infância, alguns seguiram a carreira do tráfico e outros foram ficando pelo caminho: mortos por traficantes rivais, pelos próprios líderes por não acertarem alguma dívida, ou ainda mortos ou presos pela polícia.

É a profissão que eu investi. É o que eu sabia fazer. Consegui muita coisa com ela e ajudei muita gente. E além do mais não me preparei para fazer outra coisa. É complicado você investir na carreira de futebol, pois há dificuldade em estudar durante o período que se está neste meio. Há muitos jogos, treinamentos e viagens, mas se consegue chegar num time bom as coisas ficam boas. Se dá certo nem precisa de estudo. Mas como só dá certo para poucos sortudos, é bom ter estudo. Acho que esta realidade está mudando em alguns clubes; percebo uma cobrança maior no quesito escola para a molecada que está na luta para chegar onde eu cheguei, mas é bem pouquinho ainda. Apenas por um clube que passei perguntaram se eu estudava, nos demais, era treinamento, jogo e pronto. Meus amigos não estudaram, conseguiram uma grana por aqui, pelo caminho mais fácil. Muitos já morreram. Eu sou mais “responso”. Tenho nome.

¹⁰⁷ Os problemas referentes ao mundo do futebol (da base ao alto nível) enfrentados por Eduardo não são diferentes dos casos que foram abordados no decorrer do trabalho. Este é um outro ponto que não há necessidade de ser retomado, assim como não precisa dar destaque aos aspectos relacionados ao mundo do tráfico (que é outro problema sério).

Neste ponto emerge uma característica comum dos aspirantes à carreira de atleta de futebol profissional: a interrupção dos estudos (seja ela por vontade própria ou por imposição do meio). Destaca-se que poucas crenças são tão consensuais entre várias propostas pedagógicas como esta: a educação é um direito inalienável de todos os cidadãos, qualquer que seja sua condição individual ou social. É, pois, requisito de dignidade humana, de emancipação social e econômica, de cidadania. Porém, o conhecimento – um dos bens mais precisos da humanidade – está sendo subutilizado e aqueles que não podem usufruir da educação escolar regular se veem privados de almejar carreiras que exigem formação especializada. Eduardo, sem dúvidas, é um exemplo de pessoa que, tendo a necessidade premente de prover suas necessidades vitais (que não são satisfatoriamente providas pela família), negligenciam os estudos, culminando em ausência, evasão e reprovação escolar. Deve-se mencionar que, mesmo aqueles que estão *inclusos* em uma instituição de ensino, nem sempre têm suas expectativas atendidas, pois o conhecimento é passado sem ser levado em consideração o ambiente em que o indivíduo está inserido, fato que faz com que muitas vezes não exista entendimento entre as esferas: escola e comunidade, professor e aluno etc.

Acerca disso, vale destacar que os aspectos sociopolítico-educacionais não podem ser desconsiderados na formação dos sujeitos. Aspectos sempre deixados de lado pela educação sistemática e corroborados pelos pais que criam seus filhos numa redoma de vidro e longe da realidade do mundo, impossibilitando-os de discernirem valores positivos de valores negativos, pois nada chega a ser grande ou pequeno senão quando comparado. Eduardo não foi criado numa redoma de vidro, mas faltou a sua mãe o estímulo necessário para ele poder seguir nos estudos (lembra-se que ela validou a proposta do garoto de parar os estudos para apenas tentar ganhar a vida com o futebol). Aliás, mesmo a escola comete, nesse sentido, uma deseducação ao dar a impressão de que frequentá-la resolve todos os problemas do indivíduo e ao negar, inclusive, a possibilidade de sucesso, ascensão social, desenvolvimento crítico e, principalmente, possibilidade de trabalho, daqueles que ficam fora desse sistema. Eduardo poderia, sim, ter dado certo no futebol. Até estava bem, mas um acidente, como será elucidado abaixo, zerou suas possibilidades

de ascensão. No entanto, sabe-se que, se ele tivesse estudado, possivelmente poderia acontecer uma recolocação social mais digna.

Assim, para entender um pouco mais sobre o conceito de educação, destaque-se a visão de Paulo Freire, pois sua obra é abrangente e especial quando se refere ao assunto em questão. Observa-se que a construção do autor não possui uma estrutura teórica academicista e, pelo fato de ter vivido e experimentado várias formas de expressão da opressão, formula sua crítica educacional a partir de uma análise dos modos pelos quais as ideologias dominantes estão encravadas nas regras, nos procedimentos das instituições e dos sistemas. Entretanto, pode-se encontrar em suas obras teses epistemológicas que caminham na direção da constatação de que a *razão humana* é capaz de descobrir verdades pela crítica e pelo diálogo. É uma epistemologia dialética que oferece bases para a interpretação do desenvolvimento da consciência humana e sua relação com a realidade.

Acrescenta-se que se torna necessária uma educação pautada na existência. Sem ela, a pessoa não tem consciência de sua cidadania e entra na marginalidade que pode ser econômica, social, política, racial, demográfica, ou todas conjugadas, formando um coquetel que poderá desaguar na marginalidade global, que por sua vez desaguará nas ruas, presídios ou nos cemitérios (ou na “boca de fumo”, como no caso de Eduardo). Como em outros âmbitos, o problema educacional é sistemático e, como não poderia ser diferente, pune principalmente os desfavorecidos: há muitos garotos que vendem balas nas ruas, em uma situação extremamente adversa, e não têm dificuldades em lidar com o dinheiro, mas no ambiente escolar vão mal, inclusive em matemática. Portanto, sem ser levado em consideração o ambiente natural do indivíduo, a possibilidade de constituição de um sujeito mais estruturado é muito difícil. Há diálogo com livros, internet, com a lousa, menos com o indivíduo. Dialogam com tudo, menos com o sujeito.

No entender de Freire¹⁰⁸ (2005), toda ação educativa deverá ser precedida por uma reflexão sobre o homem e uma análise de seu meio de vida. Coerente com essa posição, ele inicia seus escritos por uma reflexão sobre o homem e sua relação com o outro. Desse modo, preocupado em responder à

¹⁰⁸ Paulo Freire.

questão “Quem é o homem?”, o autor aponta elementos interessantes de resposta, entre eles, que esta é uma questão existencial e ao mesmo tempo concreta porque tem relações profundas com o processo de desumanização desencadeado por realidades históricas e resultado da opressão do homem pelo próprio homem. Freire (2005) também argumenta que o homem não se reduz aos limites do tempo e do espaço. Suas raízes não devem ser um problema de desenvolvimento. Ele é sujeito por vocação o que lhe permite ultrapassar os limites do tempo e se lançar num domínio que lhe é exclusivo: construir sua história e sua cultura. Como um ser da práxis, ele emerge da natureza para transformá-la. Pela sua capacidade de discernimento ele é impulsionado a tomar consciência de sua temporalidade e de sua transcendência. Ou seja, a forma como o indivíduo capta e interpreta a sua realidade vai determinar sua relação com o mundo objetivo e sua pluralidade de significações. É na cultura que ele vai encontrar os primeiros elementos para construção de discernimentos; a consciência de sua temporalidade e de sua historicidade. Adiante, mais elementos que Freire aborda sobre educação serão explorados, mas antes, tecem-se outras considerações instigantes sobre a história de vida de Eduardo.

Tudo parecia que caminhava bem na vida do garoto que saiu de um ambiente muito pobre (em todos os aspectos) e alcançou o sucesso. Porém, em determinada etapa de sua vida, depois de uma vitória espetacular de sua equipe, foi para a “noitada”, bebeu muito e, no retorno para seu apartamento, sofreu um acidente que lhe impossibilitou a prática do futebol de alto nível. Teve uma lesão grave no joelho e não houve sucesso nas cirurgias realizadas. Eduardo viu-se, então, aos 25 anos e no auge da carreira, sem perspectivas na sequência do futebol.

Nesse sentido, independentemente do local do globo em que se direciona uma análise, não é necessário o mínimo esforço para detectar que algumas faixas da população são eliminadas do mercado de trabalho e jogadas na periferia dos direitos sociais, principalmente aqueles indivíduos com problemas sociais históricos. Aliás, nota-se que são feitas laboriosas promessas, quase sempre falaciosas, que deixam entrever quantidades ínfimas de empregos acrobaticamente lançadas (como saldos) no mercado geral de trabalho (porcentagem derrisórias em vista dos milhões de indivíduos excluídos

do salarizado e que, nesse ritmo, continuarão assim durante decênios). A bem da verdade, podem-se contar algumas ridículas imposturas (um exemplo mais amplo seria aquelas que mexem nas horas de trabalho ou nas garantias do trabalhador; um exemplo restrito, relacionado ao futebol, diz respeito ao tempo de férias que o jogador pode ter ao final das temporadas ou o intervalo de descanso entre um jogo e outro – isso tudo sem melhoramentos nenhum). Ou aquela de governos, que cantam vitória, admirados, orgulhosos: então o desemprego havia diminuído?¹⁰⁹ Claro que não. Ao contrário, sempre aumenta (às vezes menos rapidamente em determinadas fases).

Conforme Demazièr (2006), até o início do século XIX, a descontinuidade do trabalho não era vivida como desemprego, pois os indivíduos viviam na certeza de serem reintegrados, ficando à disposição das oscilações do mercado. No entanto, atualmente, o desemprego, principalmente para aqueles sem formação ou que teve uma formação precária, como o caso de Eduardo, torna-se a ruptura definitiva do vínculo entre o atleta e o clube uma passagem para uma vida de riscos sociais muito problemáticos, pois, ao serem privados do conjunto de elementos que poderiam constituir um indivíduo mais estruturado, ficam à mercê da ajuda, da caridade de algumas pessoas solidárias que podem lhe possibilitar uma vida mais digna, ou então, sobreviver de maneira ilícita se converte em uma alternativa. Eduardo diz:

Não gosto muito de falar disso, mas quando percebi que não dava mais, foi complicado. Como diz os mais velhos, a ficha não caiu na hora. Nem sei se ela caiu ainda, mas tenho que tocar a minha vida e não posso negar para você que não paro imaginar os momentos que passei no futebol, as glórias que vive, a torcida gritando o meu nome, a bajulação que tinha... Com o término de minha carreira, tudo se acabou, menos o carinho do pessoal aqui da vila; esses não se afastaram de mim. Eu tinha certeza que depois de encerrar a carreira de atleta de futebol ficaria um bom tempo tranquilo, curtindo, e apenas depois começaria a carreira de técnico ou outra coisa

¹⁰⁹ Segundo Demazièr (2006), a Constituição de 1946 reconhece a emergência do desemprego moderno, ao definir o desempregado como indivíduo disponível e à procura de emprego, o que implica a afirmação da responsabilidade estatal de garantia de pleno emprego. De dever, o emprego torna-se um direito; da mesma forma, o desemprego também se torna um direito, que se traduz em um estatuto codificado. Esse reconhecimento do desempregado como “sujeito de direito” implica também em enquadramento social. Aliás, a Constituição brasileira, em seu Capítulo II – Dos Direitos Sociais – diz em seu artigo 6º que são direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. No artigo 7º, é destacado que os direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria de sua condição social, são: a relação de emprego protegida, seguro desemprego, entre outros direitos. Normatizações utópicas, sem dúvidas.

relacionada ao futebol. Pensei que ia ter dinheiro e conseguir alguns bens para administrar e viver de renda. Eu me ferrei. No entanto, não estou empacado. E se bicho pegar, pelo menos eu consegui, não da maneira que imaginei, meu sonho. Cara, tem que tocar a vida.¹¹⁰

Durante o período de um ano e meio, o ex-atleta conseguiu gastar toda a poupança que guardou durante sua trajetória no futebol. Ele estava fora do mercado da bola, mas não percebeu que seu padrão de vida havia mudado. Para manter o padrão de vida, hoje, Eduardo trabalha no tráfico com os amigos que restaram. Indagado sobre o assunto, diz:

Que nada, não tem tempo ruim. Tenho que assumir o que faço em minha vida. Vamos lá. Minha vida é totalmente diferente da que eu queria. Na primeira vez quando me machuquei um pouco mais sério não pensava em parar. Dessa última não teve jeito. Antes meu objetivo era dar um sustento para minha família, até pensei em chegar a seleção, mas não era muito ambicioso. Tem muitos boleiros que são. Não vou dizer que não sou totalmente, pois para viver, para competir, a ambição é necessária, entretanto, aqui na vila sou mais tranquilo. Cara, pelo menos aqui eu consigo tirar um “bicho” bom e de maneira mais fácil; é melhor do que bater cartão na firma ou trabalhar de camelô. Tem emoção igualzinho ao futebol... E sei que minha carreira aqui, como lá, no futebol, que eu gostava e muito, pode ser curta também. O importante é a grana entrar e ser reconhecido pelo que fui.¹¹¹

Enfim, questões referentes ao “mundo” dos desempregados têm exposição na mídia, nas discussões de políticos, nas manifestações sindicais, emergem nas palestras em universidades, nos sermões religiosos e, como todo assunto polêmico, os donos de botecos também escutam muito sobre o fato. Sabe-se que existem ações concretas e muitas ações paliativas, visando à melhora da situação do desempregado. Entretanto, o que realmente se pode afirmar é que, o fato de ser despedido isola os indivíduos por um tempo indefinido, e faz desmoronar as expectativas: além da diminuição de renda, invalida as aspirações sobre o futuro, que anula ou desvaloriza grande parte das possibilidades criadas com a situação profissional anterior. Ficar sem clube, entre outras consequências dolorosas, desmente aquele narcisismo que o próprio clube favorece. Para muitos deles, todo o trabalho e a energia que

¹¹⁰ Mais um exemplo da ilusão que é a ascensão social por meio da carreira de atleta de futebol profissional. Situação que cada vez mais, com o desenvolver da tese, vai ficando bem transparente.

¹¹¹ Uma vez atleta de futebol profissional, sempre atleta de futebol profissional.

gastaram tinham como condição necessária a fé nas esperanças associadas à ideia de “carreira”, processo cumulativo de benefícios materiais (salários, prêmios etc.), e simbólicos (reputação, relações etc.). Esta convicção justificava uma série de compromissos, tanto no trabalho (jogar em times pequenos e grandes, no exterior, na seleção) quanto na vida particular (vida de casal, casamento, filho, diversões, créditos imobiliários). Ficar sem clube questiona o conjunto de coisas no qual os atletas apostavam, desde suas próprias qualidades “individuais” (como a garra, a vontade, e o espírito de equipe), até as aspirações profissionais e particulares. Tornando-se o futuro incerto, o desemprego obriga a fazer um inventário dos recursos disponíveis, e evidencia, em alguns casos, carências até então reprimidas ou mascaradas. *“O olhar dos outros, do marido, da mulher, dos amigos, dos vizinhos, pode se tornar quase insuportável, pois deixa transparecer toda a distância que havia, entre a condição atual e as pretensões há longo tempo confirmadas”* (Bourdieu, 2003, p. 467).

Esse tipo de provação pode ter um significado diferente para cada um. A forma de vivenciar essas dificuldades e, no caso, de dar a volta por cima, depende do capital de cada um. A cada extremo, há aqueles que reúnem todas as propriedades positivas (diplomas valiosos, sexo masculino, juventude e grande influência social) e, no outro extremo, aqueles aos quais falta tudo. Vale notar que a definição de “atletas” e “dirigentes” aplica-se de forma diferente segundo a definição social de cada época, eles estão sujeitos de forma desigual ao desemprego. Os primeiros a ser atingidos são aqueles que pertencem de forma mais frágil ao grupo, e especialmente aqueles que aceleram ao futebol profissional por alguma circunstância favorável, ligada ao “padrinho forte”. Esses indivíduos são vítimas dos próprios limites de sua forma de obter a vaga: e isso decorre de sua formação, como também da falta de preparo, de sua ausência de ferramentas, na competência considerada limitada demais etc. Eles descobrem assim que a consideração que os cercava, os parabéns dos dirigentes e da torcida, e até o título de “carregador de piano” eram sinais de sucesso muito precários.

Essas, entre muitas outras situações/preocupações, dentro do ambiente dos “sem clubes”, se justificam pelas atuais circunstâncias em que se vive (ou que permitem viver). *“Todos sabemos da importância que o trabalho tem na*

sociedade. Nossa inserção no mercado de trabalho quase sempre cela um destino, é um componente forte na configuração de uma identidade” (Ciampa, 2007, p. 232). A propósito dessa questão, sustenta-se que o desemprego, que interfere na consciência do indivíduo, desloca-o de sua posição social real e da que deseja alcançar; distancia-o dos papéis sociais que correspondem a seu *status*; também o leva à degradação moral e à estigmatização ligadas à inferioridade do *status*. A identidade pessoal, conseqüentemente, é desvalorizada. No Brasil, por ser este um país de carências sociais e distribuição de renda desigual, a possibilidade de conseguir inverter o sentido de sua inferioridade social, que já havia interferido na identidade pessoal, não é impossível, mas remota. A trajetória (individual e coletiva), em função de todas as dificuldades, provavelmente fica comprometida pelo excesso de riscos existentes.¹¹²

“É comum presenciarmos multidões de seres lutando, sozinhos ou em família, para não deteriorar-se, nem demais nem muito depressa” (Forrester, 1997, p. 10). Sem contar inúmeros casos de uma corrida (muitas vezes desesperada) por um clube (muitas vezes precário) que tem por finalidade diminuir um pouco a “frequência” do risco existente. Na cabeça de muitos indivíduos, como Eduardo, diante dos riscos e da crise instalada, algumas perguntas pairam: Quem sou eu? A quem recorro? O que fazer? Eles se acusam daquilo que são vítimas. Julgam-se com o olhar daqueles que os julgam, olhar esse que adotam, que os vê como culpados, e que os faz, em seguida, perguntar que incapacidade, que aptidão para o fracasso, que má vontade, que erros puderam levá-los a essa situação. Então, pode surgir outra pergunta: “Será útil viver quando não se é lucrativo ao lucro?”, ela é eco de outra: “É preciso ‘merecer’ viver para ter esse direito?” Surge o temor insidioso, o medo difuso, mas justificado, de ver um grande número, de ver o maior número de seres humanos considerados supérfluos. Não subalternos nem reprovados: supérfluos. E por essa razão, nocivos. E por essa razão...

¹¹² Mais um ponto que não há necessidade de ser exaltado (no segundo capítulo a Teoria da Sociedade de Risco foi bem detalhada).

3.3.2 – Para Felipe na vida é importantíssimo ter um Plano B

Este pesquisador estava realizando uma palestra em uma universidade na capital paulista, cujo assunto era o impacto das práticas religiosas no futebol brasileiro. O público era bem variado, mas os participantes em sua maioria eram estudantes e graduados em Educação Física. No final do evento, um professor recém-graduado em Educação Física me perguntou se era possível uma conversa em particular. Esse foi o primeiro contato com Felipe. A partir de então, depois de debater com o professor algumas questões da área de atuação e ouvir o seu relato de momentos vivenciados quando era um atleta de futebol profissional, perguntei se ele poderia ceder uma entrevista para a realização de uma tese de doutorado e expliquei os objetivos. Felipe concordou de imediato e foi marcado o encontro (o único que houve no sentido de compor o trabalho proposto – existiram outros contatos, mas não com essa finalidade).

Encontrei com Felipe em seu local de trabalho, uma escolinha de futebol na região metropolitana de São Paulo. Interessante destacar que o clube em que o entrevistado desempenha a sua função tem pouca expressão e, diante disso, realizou uma “parceria” com um grande clube e utiliza seu slogan como chamariz.¹¹³ Assim como ocorreu com a entrevista de Eduardo, o

¹¹³ É bom salientar que não são parcerias que existem, mas sim franquias. A título de exemplo, pode-se citar a “*Escolinha Fla, o negócio é a Escola de Futebol do Flamengo, com investimento inicial de R\$ 23 mil (taxa de franquia, uniformes e aluguel do campo); taxa de franquia: R\$ 12 mil; taxa de royalties: 10% sobre o faturamento bruto; taxa de publicidade: 3% sobre o faturamento bruto; faturamento médio mensal: R\$ 6 mil; margem de lucro sugerida: 50%; número de funcionários: 2 a 3; área: 250 metros quadrados; risco: baixo, pelo valor do investimento*” (SEBRAE, 2004). Outro exemplo é Escola de Futebol Meninos da Vila, cuja divulgação no site oficial do clube diz: “*O Santos Futebol Clube é uma das agremiações de maior tradição no cenário mundial. O futebol arte e o peso da camisa são suas características marcantes. Com intuito de transmitir as experiências construídas ao longo de sua história e formar novos atletas, além de explorar a força dessa marca, o Projeto das Escolas Oficiais de Futebol MENINOS DA VILA constitui uma rede de franquias totalmente integrada, que adota conceitos modernos e metodologia própria de ensino. O gerenciamento do projeto é sério, profissional, e valoriza o trabalho de cada integrante de nossa equipe, não abdicando de nosso papel social, que visa formar e educar alunos, contribuindo assim, com a comunidade e com o futebol profissional do País. Nossa metodologia de aulas é moderna, sob aspectos técnicos, didáticos e pedagógicos. Fazemos programas específicos para cada faixa etária e um acompanhamento que garante o perfeito desenvolvimento dos alunos. A imagem do nosso trabalho acaba sendo reconhecida e o retorno, tanto financeiro como da valorização da marca Santos, é assegurado. O Projeto MENINOS DA VILA aplica conceitos do sistema de networking franchising, em que todas as escolas trabalham de maneira harmoniosa e integrada, utilizando-se de know-how adquirido pelo Santos FC, o qual é transferido de maneira eficiente, permitindo uma parceria ideal entre a franqueadora e a rede. **Como ser um franqueado:** O foco do Projeto MENINOS DA VILA está na prestação de serviços à rede de franqueados e na consequente valorização da marca, trazendo benefícios e satisfação aos nossos parceiros. O projeto foi concebido para profissionalizar este mercado, em detrimento da “improvisação” encontrada nas “escolinhas de futebol” existentes em nosso país. A estrutura do*”

desenvolvimento foi tranquilo, pois ambos se sentiram bem à vontade ao falar de suas trajetórias. O ex-jogador de futebol profissional Felipe hoje é um professor de futebol, porém, como foi detectado durante a execução da entrevista, mesmo ele conseguindo uma recolocação social com mais facilidade e com muito menos riscos que Eduardo, sua identidade de atleta de futebol profissional também é valorizada e reconhecida em seu campo de atuação. Observa-se, sobre este ponto, que as crianças que frequentam escolinhas de futebol se sentem muito mais felizes e capazes se estão sob a tutela de um grande ídolo do passado, ou mesmo sendo orientadas por algum ex-atleta que teve poucos momentos de glória. Esse fato faz com que Felipe também se orgulhe da história que teve no esporte e com que sua vida tenha mais sentido (não foi apenas uma vez que ele se sensibilizou ao resgatar em sua memória momentos em que era aclamado pelo público – era um lateral

*Santos FC permite apoio na operação e em todos os aspectos que envolvem a rede MENINOS DA VILA. É formada por três áreas que se complementam e que têm como objetivo a implantação de uma rede de escolas que funcionam em parceria tanto com a franqueadora como com outras escolas da rede através de troca de experiências: **Marketing** – desenvolve a comunicação da rede com o mercado, marketing institucional e consolidação da marca como escola de futebol. **Operacional** – tem por objetivo dar o suporte necessário à rede para adquirir o know-how de operação do negócio, treinamento, supervisão de campo, desenvolvimento de novos produtos e serviços, cursos, equipes para assegurar melhor rentabilidade da franquia. **Administrativo/ Financeiro** – orienta os franqueados nos aspectos de gestão do negócio, orientando sobre aspectos contábeis, fluxo de caixa, recursos humanos, controles, entre outros. O contato com nossos franqueados é de fundamental importância para que possamos orientar e melhorar constantemente sua forma de atuação. Em visitas periódicas, os consultores de campo orientam nossos franqueados em aspectos operacionais, como atendimento, matrículas, produtos, identidade visual, cursos, plano de aulas, áreas administrativa e financeira, ou seja, na padronização operacional. A franqueadora do Projeto MENINOS DA VILA presta serviços à rede para que cada escola se desenvolva e se beneficie da autorização de uso da marca Santos FC. Assim, diversos benefícios permeiam esta relação entre franqueado e franqueadora, como: Central de negociação e de compras; Sistemas de informação; Controles fiscais e contábeis; Apoio legal; Consultoria de campo; Comunicação. Antes mesmo da abertura de sua UNIDADE MENINOS DA VILA, o parceiro do Santos vai receber apoio e suporte em diversos aspectos, tais como: Análise e seleção técnica do ponto; Avaliação do potencial de mercado; Apoio na constituição da empresa franqueada; Manuais operacionais; Fornecedores credenciados; Programa de inauguração; Apoio no recrutamento e seleção dos funcionários. Cada franqueado MENINOS DA VILA é um integrante de nossa equipe. Como num time de futebol, cada um tem sua devida importância e contribui para o resultado final. Sendo assim, temos como filosofia permitir que cada franqueado usufrua de condições especiais junto aos parceiros e patrocinadores do Santos FC. A integração das escolas com o Santos ocorre de forma bastante intensa, através de várias atividades desenvolvidas de forma cooperada, como: Torneios entre a seleção das unidades; Facilidades para os melhores alunos participarem das avaliações técnicas; Visitas dos alunos aos treinos dos profissionais do Santos; Possível visita dos profissionais à escola, em eventos especiais; Cronograma de participação dos alunos de escolas em jogos oficiais como mascotes; Realização de 'clínicas' pelos profissionais da franqueadora para reciclagem dos professores das escolas; Venda de material esportivo oficial, a preços diferenciados; Divulgação das atividades da rede de escolas nos canais de comunicação mantidos pelo Santos FC" (Santos, 2010).*

esquerdo que *“marcava e apoiava muito”*, como sentenciava). Desse modo, mesmo não atuando como jogador, Felipe se considera contente por trabalhar com o futebol, mas estaria muito mais realizado se estivesse ainda jogando em alto nível. Esta é uma marca importante em sua vida e que pode ser bem utilizada se a ocupação de professor de futebol for sendo planejada durante o seu percurso, podendo, assim, diante das oportunidades que surgirem, se transformar em um interessante projeto de vida. Apresentam-se as considerações.

Felipe acorda todos os dias e pega ônibus em direção a uma escolinha de futebol para dar as aulas para crianças na faixa etária de 6 a 8 anos. Ele se identifica muito com o trabalho que começou há seis meses, desde que ficou sem clube. Ele era um atleta de futebol de uma equipe pequena e estava há nove meses sem receber o salário. Estava morando debaixo da arquibancada do estádio do clube, a alimentação estava escassa, não havia condições mínimas de higiene e, até pela situação vivida pelos atletas, o ambiente não era nada saudável (sobravam reclamações e a possibilidade de haver melhorias era muito pequena). Aliás, vale destacar que a equipe estava em último lugar no campeonato e nem havia patrocinador ou qualquer outro tipo de apoio.

Futebol é coisa de família, meus tios jogavam, meu pai jogava e por ser de família não tinha como escapar. Meu pai sempre me apoiou. Minha mãe não era muito a favor, mas ela respeitou minha vontade: com a condição de eu não parar de estudar, pois dizia que vários amigos dela, de sua época, abandonaram os estudos para jogar futebol e nenhum havia se saído bem. Lembro que eu tinha 5 anos quando meu pai me levava na escolinha de futebol (um professor tinha o curso Educação Física, não tinha sido atleta, mas tinha uma cabeça boa: os treinos eram divertidos; tive outro que também era formado, mas esse era mais duro, exigia muito). Fiquei lá até os 10 anos. Depois fui jogar futsal. Era uma época muito boa. Ali, éramos uma família. Ao mesmo tempo, fui jogar futebol de campo em outro lugar. Fiquei ali até 2000. Em 2001, o time todo foi convidado para jogar um Campeonato Infantil. Em 2002, fui campeão Juvenil, aí tive que optar entre o futebol de campo e o de salão. Fiquei com o campo. Em 2003, subi para o profissional. No final daquele ano, fui convocado para seleção sub-20 para um torneio na Europa. Foi uma beleza. Nós nos sagramos campeões, e fui muito bem no campeonato. Quando voltei, tive minha primeira chance em um campeonato regional. A estréia foi maravilhosa. Ganhamos a partida! Fiquei um tempo nesta equipe; depois, fui para outra, mais outras e outras. Hoje estou sem clube, pois a situação estava insuportável onde estava jogando. Sorte a minha que eu cursei Educação Física. Tenho pena daqueles que não estudam.

Sobre o aspecto de Felipe ter sido iniciado no esporte, por intermédio do pai que o inseriu numa escolinha de futebol, pode-se dizer que este não é um fenômeno recente. Scaglia (1996) identificou, há 16 anos, que era – é! – grande a proliferação de escolinhas de várias modalidades, destinadas a acolher um público infantil e adolescente, basicamente compreendendo as idades de 6 até 16 anos (atualmente percebe-se nas escolinhas até crianças de 5, 4... 3 anos). O autor relata que o que antes era privilégio de prefeituras e clubes, naquele tempo estava sendo explorado, até com fins lucrativos, por agências. Ex-atletas consagrados utilizavam de sua fama e prestígio para atrair alunos para suas escolinhas, estabelecendo uma relação comercial por meio do esporte (hoje estas ações são cada vez maiores).

Scaglia (1996) refletiu sobre o que era desenvolvido nessas escolinhas e quais as suas finalidades. Questionava que, diante do fato de as escolas de esportes estarem proliferando e ampliando suas atuações para várias modalidades, quais deveriam ser os objetivos do trabalho nessas agências não formais de ensino. Essa pergunta o levou a pensar em duas respostas, com dois objetivos distintos. Inicialmente, uma com objetivo de caráter pedagógico-educacional sob o esporte e outra com um objetivo de busca de novos talentos e especialização precoce. Porém, foi na primeira resposta que ele centrou sua atenção. Felipe, em seus relatos, depois de uma reflexão tendo como referência o que aprendeu em seu curso de Educação Física, evidenciou que em seu processo de formação ocorreram os dois fenômenos: havia professores preocupados com todos os problemas dos alunos, como havia aqueles que *“cobravam de mais, que faziam até a molecada chorar com seus xingamentos”*. Felipe se identificava mais com os primeiros, mas se submetia aos outros, pois queria ser jogador de qualquer jeito.

Uma questão importante levantada por Scaglia (1996) é que, o trabalho da escolinha de futebol tem por objetivo imediato, lógico, ensinar as crianças a jogar futebol, mas, em longo prazo, fornecer subsídios para que elas se tornem mais autônomas e críticas, ocasionando uma transformação nas suas vidas, ou seja, pelo ensino da modalidade, tem que ressaltar e resgatar os valores educativos que serão incorporados à aprendizagem do futebol e seus fundamentos. Dessa maneira, além de proporcionar todo o aprendizado de uma prática esportiva, a escolinha tem também como missão desmitificar o

trabalho com iniciação desportiva, que muitas vezes é visto única e exclusivamente como especialização precoce e caça de minitalentos.

Isso posto, postula-se que o trabalho de iniciação em qualquer esporte tem de ser, na teoria e prática, um exercício humanamente criador e responsável que, regido por uma pedagogia própria, transmita muito mais que o aprendizado de gestos técnicos esportivos. Valores éticos, sociais e morais devem ser ensinados mediante as várias possibilidades que o conceito de esporte abrange, para que se possa fazer do educando um ser agente e transformador do seu tempo, preocupado com uma cidadania que lhe permita viver bem em qualquer que seja o caminho do esporte escolhido por ele a seguir. Infelizmente, não é isso que se presencia, pois o objetivo da maioria das escolinhas está na formação atletas, de “monstros”... e não de Homens.

Do ponto de vista de Freire¹¹⁴ (2006), essa questão é importante, pois é prática comum, tanto no futebol de várzea ou de rua, como nos clubes ou escolinhas, dar atenção somente àqueles que, por algum motivo, apresentam maiores habilidades. As experiências anteriormente vividas, talvez fatores genéticos, quem sabe ambas as coisas, permitiram fazer com que se apresentassem mais facilidade que outros na prática de futebol. Portanto, dão pouco trabalho; não é preciso ensinar-lhes quase nada. É só deixá-los jogar e se desenvolver. Os adeptos de tal pedagogia gostam de acreditar que é tudo uma questão genética; ou seja, esses privilegiados teriam nascido para jogar futebol. Cria-se um ambiente onde o que decide é a seleção natural.

Freire (2006) pensa que qualquer pessoa pode aprender a jogar futebol. Não despreza a importância dos fatores genéticos, mas esses fatores não podem impedir a aprendizagem de quem quer que seja. Nesse sentido, observa que não se pode manipular geneticamente a formação do conhecimento, mas se pode interferir na aprendizagem. De modo que aqueles que já sabem jogar futebol devem ser orientados para aprender a jogar melhor; aqueles que sabem muito pouco ou nada de futebol devem receber toda a atenção até que aprendam, no mínimo, o suficiente. Propõe também que não basta ensinar: é preciso ensinar bem; e esclarece que todo processo pedagógico exige paciência. Aliás, paciência é uma virtude que poucos

¹¹⁴ João Batista Freire.

técnicos têm quando estão inseridos em uma competição. Para ganhar, fazem de tudo: xingam do goleiro ao atacante; da mãe do juiz à criança irrequieta que está na reserva e ansiosa para participar do jogo. Desconsideram o respeito à fase vivida pelo indivíduo: o importante é ganhar.

Uma certa visão de Freire (2006) vai se delineando quando ele revela que deve fazer parte da pedagogia do esporte conversar sobre os acontecimentos da aula, colocar os alunos em situações desafiadoras, estimulá-lo a criar suas próprias soluções e a falar sobre elas, levando-o a compreender suas ações. Tudo isso contribui para o desenvolvimento da inteligência do aprendiz. Aliás, ao responder sobre o que adiantaria utilizar uma pedagogia enfadonha, triste, repetitiva, autoritária, é enfático ao lembrar que não se pode duvidar que ela também ensine habilidades para o futebol, mas se a pessoa não gosta do que está fazendo, por qual motivo incorporaria essa prática aos seus hábitos de vida? Práticas desagradáveis só são incorporadas ao cotidiano quando se mostram indispensáveis para a vida. É o que acontece quando crianças são levadas a engolir treinamentos exaustivos de futebol por acreditarem que isso as transformará em futuros craques. Por outro lado, se for ensinado com brincadeiras, com diversão, com carinho, com atenção, com liberdade, possivelmente isso ficará para sempre, sem precisar enganar os alunos com promessas de um futuro glorioso. Isso, sem dúvidas, colaboraria com o processo de socialização dos indivíduos, fato que poderia fazer com que sua vida adulta fosse mais estruturada.

Ainda a respeito da história de vida do indivíduo, Freire (2006) destaca que se tem que admitir que a história de experiências de vida será fundamental para a organização motora e intelectual da criança. Uma história rica em experiências formará bases mais sólidas para a inteligência, para a afetividade ou para a sociabilidade da criança. Por outro lado, uma história pobre levaria a um comprometimento dessas estruturas. Por experiências ricas Freire entende o envolvimento em situações que solicitem atitudes diversificadas. Por exemplo, a inteligência, para se desenvolver, precisa de problemas, porém, de problemas possíveis, pouco adiante do nível em que se encontra a criança num dado momento. De sua parte, a afetividade se desenvolve em situações emocionais que, na criança, são nitidamente corporais; as crianças precisam de contato corporal com outras pessoas, precisam ser acariciadas, é preciso

que se converse com elas, precisam brincar. “*A motricidade se desenvolve em situações diversificadas de movimento. Essas situações dependem do meio mais solicitador ou menos solicitador em que a criança vive* (Freire, 2006, p. 21).

Para compreender tais afirmações do autor, é necessário esclarecer que, como tudo na natureza, a base de todo desenvolvimento deve ser formada na diversidade. As especializações que deverão ocorrer após o amadurecimento das estruturas seriam resultado da possibilidade de escolha em meio a um rico acervo de diversidades. Enquanto o indivíduo é imaturo, jovem, a diversidade de experiências é o referencial. É preciso que a sociedade adulta compreenda isso e não pressione os jovens a assumirem comportamentos especializados, como, com frequência, ocorre no esporte, por exemplo. Nesse sentido, a falta de compreensão por parte dos adultos faz com que entre as gerações mais velhas e as mais novas haja um nítido conflito, prejudicial a ambas, mas que interfere especialmente na formação dos jovens. As interações entre as crianças e o mundo são bastante diferentes das interações entre os adultos e o mundo. As crianças recorrem com enorme frequência à fantasia e ao seu poder corporal; os adultos recorrem ao pensamento e à linguagem, principalmente. A dificuldade em compreender o mundo infantil torna os adultos, boa parte das vezes, adversários bastante cruéis das crianças. Assim, diante da argumentação de Freire, nota-se novamente a importância do processo de socialização na história do indivíduo.

Retomando a história de Felipe, diante da crise que estava instalada naquele lugar, ele resolveu se desligar da equipe. Acerca disso, observa-se que ele só teve autonomia para tomar esta atitude, pois durante a curta carreira que teve no futebol (tem apenas 25 anos), e mesmo diante das situações ingratas, das imposições do meio, ingressou e não abandonou o curso de Educação Física. Até quando trocava de equipe, por venda ou empréstimo, procurava logo a universidade mais próxima para dar sequência aos estudos. Em um semestre teve que trancar a matrícula. Entretanto, não desanimou e concluiu a graduação.

Quase larguei tudo uma época. Os estudos e o futebol. É muito difícil jogar e estudar, pois é cansativo demais ter que viajar de um lado para outro,

concentrar, ler os textos que os professores pediam, fazer transferência de faculdade, nossa, era desgastante. Recebi uma proposta para trabalhar como vendedor de uma empresa em 2007 e por pouco não aceitei. Eles ofereciam um salário razoável na época: eu teria meus benefícios e mais algumas vantagens. Só não aceitei porque ainda acreditava que algo poderia acontecer e sei que tinha condições. Além de jogar, eu estudava; uma das coisas poderia dar certo. Ah, tinha um professor que fazia com que eu refletisse bastante sobre o meio (futebol). Sou muito grato a ele. Me fez pensar muito sobre várias coisas. Mesmo sendo a profissão que eu amava, tinha sentido o que ele falava; não era tão legal para ouvir, pois pegava pesado. Na última hora, quando parecia impossível, recebi uma proposta de um clube de São Paulo, fato que possibilitou eu jogar e estudar com mais tranquilidade, mas quando isso aconteceu eu estava terminando o curso. Se não tivesse recebido essa proposta talvez hoje estaria trabalhando como vendedor de plástico, mas ainda bem que as coisas aconteceram de outra maneira. Hoje estou dando aulas. Gosto, me sustento, mas queria mesmo é estar em um grande time.

Aponta-se como importante o aspecto do professor universitário que fazia com que Felipe refletisse sobre sua área de atuação. Entende-se que isso poderia acontecer não apenas no curso de graduação, mas também os professores das escolinhas de futebol (algo que já foi elucidado anteriormente) poderiam inserir seus alunos em uma linha de pensamento crítico. Para ficar mais transparente a questão, recorre-se às considerações que Freire¹¹⁵ (1996) faz sobre educação e que também se afinam com o construto proposto. Para lembrar, o ambiente do futebol não é propício à formação de um indivíduo autônomo. Nesse sentido, o autor destaca que formar é muito mais que treinar o educando no desempenho de destrezas, que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou sua construção, que nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo. Aliás, quem pensa certo, mesmo que às vezes pense errado, é quem pode ensinar a pensar certo. E uma das condições necessárias a pensar certo é não estarmos demasiadamente certo de nossas certezas. Por isso é que o pensar certo, ao lado sempre da pureza e necessariamente distante do puritanismo,

¹¹⁵ Paulo Freire.

rigorosamente ético e gerador de boniteza, parece inconciliável com a desvergonha da arrogância de quem se acha cheia ou cheio de si mesmo.

Freire (2006) sustenta que é importante aproveitar as experiências que os alunos têm com os problemas sociais gerados, principalmente, pelo descuido do poder público, para possibilitar-lhes um processo de reflexão sobre o seu ambiente (por que não discutir sobre a realidade da carreira de atleta de futebol?). O educador observa a importância do entendimento mútuo nas relações e que, do ponto de vista do pensar certo, entendimento não é transferido, mas coparticipado.¹¹⁶ Para tanto, postula que a grande tarefa do sujeito que pensa certo não é transferir, depositar, oferecer, doar ao outro, tomado como paciente de seu pensar, a inteligibilidade das coisas, dos fatos, dos conceitos. A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de inteligir, desafiar o educando com quem se comunica e a quem se comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. *“Não há intelegibilidade que não seja comunicação e que não se funde na dialogicidade. O pensar certo por isso é dialógico e não polêmico”* (Freire, 1996, p 38).

Importante destacar que, para o autor, ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural. Para ele, a assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do *tu*, que me faz assumir a radicalidade de meu *eu*. A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado. Tem que ver diretamente com a assunção de nós por nós mesmos. É isso que o puro treinamento do professor não faz, perdendo-se e perdendo-o na estreita e pragmática visão do processo. *“A aprendizagem da assunção do sujeito é incompatível com o treinamento pragmático ou com o elitismo autoritário dos que se pensam donos da verdade e do saber articulado”* (Freire, 1996, p. 42).

Referendado em Freire, salienta-se que não é possível respeito aos atletas em formação, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm

¹¹⁶ Este é um ponto, entre outros, em que a teoria de Paulo Freire converge com proposições de Habermas.

existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiências feitas” com que chegam à escolinha de futebol. Interessante estabelecer que, para Freire (1996), se o trabalho é com crianças, deve-se estar atento à difícil caminhada da *heteronomia* para a *autonomia*, atento para a responsabilidade da presença do professor que tanto pode ser auxiliadora como pode virar perturbadora da busca inquieta dos educandos; se o trabalho é com jovens e adultos, não menos atento deve-se estar em relação a que o trabalho do educador possa significar como estímulo ou não à ruptura necessária com algo defeituosamente assentado e à espera de superação.

Outra questão trazida pelo autor diz respeito ao papel do educador. Destaca que o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do *movimento* de seu pensamento e que, segura de si, a autoridade não necessita de, a cada instante, fazer discurso sobre sua existência, sobre si mesma. Não precisa perguntar a ninguém, certa de sua legitimidade, se “sabe com quem está falando?”. Segura de si, ela é porque *tem* autoridade, porque a exerce com indiscutível sabedoria. Observa também que, no fundo, o essencial nas relações entre educador e educando, entre autoridade e liberdades, entre pais, mães, filhos e filhas é a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia. E declara que como professor não é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se não supera a dele próprio – não é possível ensinar o que não é sabido. Nesse sentido, quanto mais solidariedade exista entre o educador e educandos no “trato” do espaço pedagógico, tanto mais possibilidades de aprendizagem democrática se abrem na escola.

Completando o quadro, deve-se mencionar que, para Freire, é preciso, fundamentalmente, que o indivíduo assuma eticamente, responsavelmente, sua decisão, fundante de sua autonomia. Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas. Ela, como amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É nesse sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade. Liberdade e autonomia: no momento conceitos débeis no mundo do futebol.

Voltando aos traços importantes da história de Felipe, destaca-se que a vivência que obteve no esporte, aliado ao curso específico, fez com que imediatamente após o desligamento de sua última equipe, conseguisse a vaga para trabalhar na escolinha. Acrescenta-se que Felipe ainda não abandonou o sonho de voltar aos gramados.

Retorno ao futebol profissional apenas se receber uma proposta muito boa. Já sofri muito tendo que morar debaixo de arquibancada, entre outras situações adversas que passei. A maioria passa apertado... é muito sofrimento. Tanto é que tenho contato com os amigos que jogavam comigo quando resolvi “chutar o balde” e eles relatam que estão na mesma situação. Ainda bem que eu estudei. Gostaria de jogar de novo, mas reafirmo que tem que ser uma bela proposta. Trabalhando na escolinha, sou reconhecido pelos garotos e pelos pais; no quinto dia útil meu salário está na conta e, o melhor de tudo, é poder passar minha experiência para a molecada que está começando; não para esses que eu treino agora, pois ainda são muito novos, mas para os de outras categorias, que já pensam, erroneamente, que vão ser profissionais (mostro que o caminho não é fácil). E isso não tem preço que pague: é muito bom ser útil... ser reconhecido. Pensando bem, quem sabe agora eu não chegue ao futebol de alto nível por outro caminho? Técnico ou Preparador Físico?

Enfim, é indiscutível que a ordem estabelecida no futebol (das bases à elite) tem um efeito na maioria das vezes deseducativo, porque educa para a submissão, na medida em que, em vez de reforçar o desafio da emancipação, impede o sujeito de fazer sua própria história. Aliás, em vez de promover o projeto de autonomia, pode inserir o atleta em um processo de alienação que na maioria das vezes se torna irreversível, confirmando nele a idéia perversa de que sua situação desconfortável apenas pode ser resolvida por quem causa o desconforto. É preciso questionar esse modelo vigente que impede o indivíduo de viver de maneira autônoma. E mais: a relação no mercado do futebol não pode ser o fator mais importante na vida dos principais envolvidos. Daí segue que a relação de mercado é perversa, entretanto, é um meio de vida. Sem dúvidas, democracia e direitos humanos deveriam, mas não permeiam o mundo do futebol. Nesse sentido, a busca pelo espaço no futebol profissional a qualquer preço, aliada à desatenção em outros aspectos essenciais para uma vida minimamente digna, faz com que poucos indivíduos consigam, ao menos, sobreviver de forma menos dramática fora da “feira” do futebol. Para os atletas que contam com um processo de socialização mais

estruturado, como no caso de Felipe, continuar “tocando a bola” fora dos campos é mais tranquilo.

Compreende-se que é muito importante saber identificar como se dão as relações no meio futebolístico. Desse modo, o indivíduo poderia utilizar-se do *agir estratégico* (proposto por Habermas) para lidar com os efeitos indesejáveis do meio.¹¹⁷ Essa ação dependeria de uma avaliação correta das possíveis alternativas existentes. Assim, quanto mais conhecimento da realidade, quanto mais sabedoria, tanto maiores seriam as possibilidades de enfrentar os dilemas do dia a dia, pois a compreensão da lógica existente em todas as esferas da vida faz com que o sujeito consiga com maior facilidade contextualizar o momento que ele vive, podendo assim optar pelo melhor (ou menos pior) caminho. Afinal, livrar-se de ficar na dependência das ações dos dirigentes, empresários, entre outros interesseiros, seria uma possibilidade, desde que o indivíduo tenha ferramentas para tanto. Uma boa formação poderia, ao menos de maneira singela, ser um bálsamo para este problema, que é muito sério, pois priva os atletas de viverem processos emancipatórios em busca de sua autonomia.

É certo que no futebol não existe uma política emancipatória. A ideia comum entre a população de que o futebol é a “galinha dos ovos de ouro” nas possibilidades de ascensão social apenas faz com que esse aspecto se evidencie, pois projetar um indivíduo “iludido” emancipado é algo pouco provável. Se quiser chegar aos patamares da emancipação, será preciso rever a política existente no ambiente do futebol. A educação sendo trabalhada de uma maneira adequada pode fazer com que o sujeito caminhe para a sua autonomia.

Outra questão importante diz respeito à bajulação que é feita em cima dos ex-atletas (famosos ou não) no sentido de promover campanhas assistenciais na busca de resolver os seus problemas sociais. Antes que compreendam mal o exposto, esclarece-se que não é para deixar os sujeitos que estão passando por necessidades ao *deus dará*, no entanto, se a situação fosse problematizada publicamente pelos atletas durante a curta trajetória

¹¹⁷ Como salientado, em um primeiro momento é importante utilizar-se do *agir comunicativo*. Zeradas as possibilidades de entendimento, o *agir estratégico* emerge como uma opção de atitude em busca do objetivo principal.

profissional, poderia levar as esferas máximas do esporte e da política a efetivarem algumas medidas que viabilizassem a recolocação social dos atletas, principalmente daqueles que estão do lado mais fraco da corda (a maioria). É claro que a ajuda pode ser justificada (até a cesta básica se justifica). Quem está passando por privações merece ser assistido. O erro é inferir que resolve os problemas sociais que implicam emancipação (pare de dar comida ao peixe que está no aquário e ele morre).

A manutenção que Felipe fez dos estudos, por exemplo, pode ser entendida como um projeto emancipatório, assim como a atenção que ele teve na infância. Bem ou mal ele cresceu em um ambiente mais favorável para se emancipar. Isso posto, fica fácil para argumentar que todo processo emancipatório necessita de apoio externo, como é o caso notório da criança que nasce em situação de total desamparo social e necessita, para tudo, do cuidado dos outros. Para conquistar a autonomia, é necessário, em condições normais, ser “ajudado”. Em termos concretos, todo processo emancipatório, sendo social, realiza-se junto e em confronto com outros. Pode-se fazer um paralelo entre o ambiente do futebol e a educação: por mais que seja percebida a educação como caminho de autonomia, necessita de professor, pai, orientador. No futebol acontece a mesma coisa: sem a contribuição de técnicos, preparados (físicos, psicológicos etc.), dirigentes, o caminho é muito mais difícil.

Completando o quadro, deve-se salientar que da mesma maneira que um pai tem que criar o filho para o mundo, o atleta de futebol tem que ser formado para o mundo, não apenas para responder às questões de seu meio de atuação. Em linhas gerais, evidencia-se que eles precisam de muito auxílio, pois não dá para esperar que eles “filosofem” sobre emancipação. Se os atletas não forem orientados por alguém de consciência crítica, pode-se produzir, como já acontece, o contrário do que se propõe: a configuração de indivíduos em sua maior parcela alienados. Especificamente, emancipar-se é saber dispensar a ajuda, porém, querer a emancipação do outro não é fenômeno que poderá facilmente se tornar natural no futebol. E mais: almejar uma emancipação total dos sujeitos é utópico, pelo fato de vivermos em sociedade e da dependência que de certa maneira se tem do outro. Entretanto, é significativa a busca do meio-termo, capaz de equilibrar a necessidade de

ajuda com a prevalência da emancipação, sempre com a pretensão de se tornar autônomo.

Felipe ainda pensa em se tornar jogador de futebol, mas não tem vergonha de estar fora do mercado. Vale destacar que muitos se sentem envergonhados de não ter seus sonhos concretizados da maneira ideal (nas entrevistas, este elemento foi destaque em vários relatos). O que ajuda Felipe é o fato de exercer outra função social. Até o alcoolismo,¹¹⁸ que é uma alternativa individual e gravemente condenada pela sociedade, aliás, muito comum na vida dos atletas e, principalmente, dos ex-atletas, não permeia a vida de Felipe. Mesmo diante do adestramento, do treinamento, do condicionamento, do fato de poder usar a imaginação ou a inteligência apenas para o que há no ambiente do futebol, Felipe conseguiu ter um plano B, que não é apenas fundamental para aqueles que atuam como atleta de futebol profissional, mas para todos que desempenham outras funções sociais.

Evidencia-se que a significação profunda do trabalho para cada indivíduo só pode ser revelada por um relato pessoal. No entanto, pela excessiva representatividade do futebol no imaginário popular, considera-se possível tecer, diante de depoimentos restritos, uma análise mais ampla. A questão referente ao salário é um exemplo, pois contém numerosas significações: primeiramente concretas (ganhar altos salários, sustentar a família, ganhar direito de imagem, bichos, luvas, patrocínios), mas também mais abstratas na medida em que o salário contém sonhos, fantasias e projetos de realizações possíveis. Assim, sonhar com um salário de jogador de futebol profissional de alto nível (ou melhor, se iludir pensando que vai conseguir o salário que a minoria alcança) traz consigo a perspectiva de todos os problemas serem resolvidos. No caso inverso, não se concretizando o tão sonhado objetivo, o salário pode veicular todas as significações negativas que implicam as limitações materiais que ele impõe.

Felipe, em sua vida pós-futebol (por ter um plano B), pode ter uma existência com menos riscos sociais, porém, como todos os cidadãos do mundo, não está imune a eles. No entanto, os riscos que existem no ambiente

¹¹⁸ Um dos entrevistados relatou que gastou muito dinheiro que conquistou no futebol com drogas lícitas (álcool) e ilícitas (maconha e cocaína). Este é outro problema sério que, por si só, poderia ser objeto de estudo de um trabalho científico.

do futebol profissional são muito maiores que em outras facetas sociais. Eles são inerentes ao trabalho; independente, então, da vontade do jogador (vou ganhar a partida final e a torcida vai gostar – se por acaso perder...). Por outro lado, frequentemente (mas nem sempre) o risco é coletivo: o atacante, num jogo importante, perde um gol que daria a vitória à equipe... do goleiro ao ponta esquerda, todos pagaram o preço pela derrota (por meio das vaias, da violência, da perda da vaga na equipe etc.). O risco está relacionado diretamente à ansiedade, que é um aspecto psicológico importante que interfere na vida dos jogadores. Aliás, é preciso estar pronto para correr todos os riscos e isso não é fácil (quem no mundo consegue dominar todos os riscos? – isso é humanamente impossível!). Os riscos são grandes em um evento que é grande. Menores para quem investe em sua vida como um todo, não se limitando a um ponto específico.

Entende-se que quanto maior for a ignorância, quanto menos conhecimento que se tiver do meio futebolístico, maiores serão as situações de risco e medo dos jogadores. Sem dúvidas, o medo aumenta com a ignorância. Quanto mais a relação homem x futebol profissional está calcada na ignorância, mais o jogador tem medo. Não apenas o medo de “dividir” uma bola ou levar um “carrinho” por trás, mas do mistério que o espera na vida pós-futebol. Nesse sentido, Felipe serve como um exemplo positivo de um atleta de futebol que diante das incertezas do meio pode optar, ao menos, pelo caminho mais firme. Não é um modelo que temos como ideal, mas o mais próximo do possível.

3.4 – Conclusões ao capítulo

Neste capítulo, entre outros quesitos importantes, evidenciou-se que cabe à psicologia social compreender como se dá a internalização da realidade concreta e como ela faz a mediação na determinação dos comportamentos do indivíduo. Como percebido no relato de Eduardo e Felipe, o ponto inicial do processo se dá a partir do nascimento do homem, sem condições físicas que permitam a sua sobrevivência isoladamente, o que exige uma disponibilidade para a sociabilidade para tornar-se membro de uma sociedade. A introdução do

homem na sociedade é realizada pela socialização, inicialmente primária¹¹⁹ e posteriormente secundária.¹²⁰ Desse modo, mediados pela família e pela sociedade, a identidade social futebolística de Eduardo e Felipe foi se delineando.

Também foi dado destaque ao aspecto de que a história de vida de cada membro da sociedade tem importância fundamental no desenvolvimento dos grupos e que podem apontar uma tendência. O ambiente do futebol, ao formar um indivíduo obediente e autodisciplinado, com iniciativa apenas para bater-se pelos ideais da ascensão social e econômica, está preparando um sujeito passivo, acrítico, conservador, sem criatividade, reproduzidor social de fórmulas prontas, pronto a obedecer a qualquer um que lhe oferecer *um clube para jogar*. Durante a construção do capítulo, ficou claro que os processos emancipatórios em busca da autonomia no “mundo da bola” são muito difíceis de ser efetivados. A bem da verdade, igualmente ao fato dos pais que punem as crianças que não assimilam as normas estabelecidas, no futebol, quem se recusa a seguir a “cartilha” pode ser excluído a qualquer momento, independentemente de ser um adulto ou uma criança.¹²¹ Isso não é nem um pouco saudável nem desejável.

¹¹⁹ Ocorre dentro da família e os aspectos internalizados serão aqueles decorrentes da inserção da família numa classe social, através da percepção que seus pais possuem do mundo, e do próprio caráter institucional da família.

¹²⁰ Decorre da própria complexidade existente nas relações de produção, levando o indivíduo a internalizar as funções mais específicas das instituições, as subdivisões do mundo concreto e as representações ideológicas da sociedade, de forma a incorporar uma visão de mundo que mantenha “ajustado” e, conseqüentemente, alienado das determinações concretas que definem suas relações sociais.

¹²¹ No entanto, se aquele que não segue a “cartilha” tem um grande valor comercial, não terá muitos problemas em sua vida no universo do futebol, além de algumas pequenas crises pontuais que ocorrem em qualquer lugar (basta que o indivíduo continue exercendo muito bem a sua função). A título de exemplo, em setembro de 2010, em um jogo válido pelo campeonato brasileiro de futebol, o atleta Neymar, do Santos Futebol Clube (e que vale milhões de reais/dólares/euros), não teve uma conduta muito aceitável em relação aos seus companheiros e ao técnico da equipe, Dorival Júnior. No embate que existiu, quem saiu “ganhando” foi o garoto de 18 anos, considerado “uma jóia rara”. Em síntese, o técnico queria uma punição para Neymar, por seus atos de indisciplina (que é compreensível – por motivos que foram transparecidos na tese), e que ocorreu: o jogador ficou sem jogar uma partida. Mas como o treinador gostaria que a punição fosse estendida, e a diretoria não, foi demitido. Justamente ou não, perdeu o cargo. Júnior, que parece ser uma pessoa séria, foi ingênuo, pelo menos no que se evidencia até o momento (o assunto está em ebulição), pois a possibilidade de humanizar plenamente, de existir mais atitudes éticas no futebol profissional é muito pequena, pois toda competição é agressiva. A bem da verdade, claro que sempre a corda vai se romper do lado daquele que tem menos valor no mercado. Sem se alongar, apenas uma pergunta, dentro das muitas que surgem: se o garoto não fosse um produto de exportação, muito rentável, aliás, a punição se estenderia ou não? A resposta é óbvia. Interessante também destacar que o assunto levantou discussões de forma massiva na mídia sobre a liderança (não apenas no

Enfim, nesse engodo magistral que é constituição do futebol brasileiro, como forma de auxiliar os indivíduos do meio a vislumbrarem uma vida mais autônoma, emerge a educação como um fator fundamental que pode fazer os seus adeptos pensarem este esporte de maneira mais crítica, assim como possibilitaria uma melhor formação destes, ficando mais fortes ao enfrentarem a vida pós-futebol, pois, como percebido no decorrer deste texto, os indivíduos que são inseridos em um processo educacional sério, que leva em consideração todo o contexto histórico do sujeito, facilita o processo de recolocação profissional, social destes. Faltam, realmente, profissionais que orientem seus jogadores da forma que eles têm de ser orientados.

Isso posto, destaca-se que será executado no próximo capítulo uma análise que propõe, a partir de extratos das histórias de vida de Eduardo e Felipe, uma discussão sobre a inserção, manutenção e exclusão dos indivíduos do ambiente do futebol profissional. O que é realmente significativo nesta área, seja de forma positiva ou negativa, transparecerá.

futebol, mas em outros setores profissionais), sobre a postura do funcionário, entre outras coisas: como sempre de forma banal e fora de contexto. Enfim, poucas foram as pessoas que analisaram a situação de maneira séria, entre elas, as que consideraram que poderia ter existido maior diálogo, entendimento, entre as partes envolvidas (dirigentes, técnico e atleta), porém, este fato não é tendente, tendo em vista que os adeptos do futebol, na grande maioria das vezes, não têm competência para tanto (o ambiente não é propício às ações sensatas).

4 – SÍNTESE DOS RESULTADOS

*“Brasil está vazio na tarde de domingo, né?
olha o sambão, aqui é o país do futebol
Brasil está vazio na tarde de domingo, né?
olha o sambão, aqui é o país do futebol
No fundo desse país
ao longo das avenidas
nos campos de terra e grama
Brasil só é futebol
nesses noventa minutos
de emoção e alegria
esqueço a casa e o trabalho
a vida fica lá fora
dinheiro fica lá fora
a cama fica lá fora
família fica lá fora
a vida fica lá fora
e tudo fica lá fora (...)”* (“Aqui é o país do futebol” / Elis Regina / Composição: Milton Nascimento e Fernando Brant).

4.1 – Considerações preliminares

Este capítulo contém um único item, subdividido em quatro tópicos, em que são empreendidas conceituações sobre alguns aspectos evidenciados no capítulo 3. Tendo como pano de fundo as histórias de vida de Eduardo e Felipe, uma configuração aponta as principais tendências que podem ser vislumbradas por um atleta de futebol em busca de seu lugar ao sol.

4.2 – Alternativas de vida pós-futebol

Como destacado ao longo da tese, o ritmo de vida dos atletas de futebol é simplesmente muito acelerado. Diante desse fato, eles não param para refletir e perguntar o porquê de tanta pressão. Poderiam utilizar melhor o tempo em que ficam concentrados para tentar compreender como se dão as relações no ambiente do futebol profissional. Aliás, desde a base até o alto nível, um bom orientador poderia colaborar de maneira efetiva com a vida dos indivíduos que passam grande parte do tempo a correr nos treinos e nos jogos, que enfrentam problemas educacionais, entre outros.

Sabe-se que querer humanizar plenamente o futebol profissional é utópico, no entanto, poderiam existir mais momentos para acalmar os ritmos, para reequilibrar os sistemas físicos, neurológicos, sociais etc., sem ser

aqueles comumente utilizados (de forma enganosa) pelos atletas, acima da média ou não, como os pagodes, as bebidas, as mulheres bonitas e os carrões. Os atletas que apenas se utilizam desses recursos como forma de “viver a vida” acabam encontrando sérios problemas em sua vida pós-futebol, pois ao deixar de lado instrumentos importantes para uma vida mais equilibrada, ao se depararem com os riscos, o caminho muitas vezes é sem volta: poucos conseguem ter ferramentas adequadas para arquitetar o futuro.

Vale destacar que os riscos no “mundo da bola” são flutuantes na vida dos indivíduos, ou seja, mudam de acordo com as circunstâncias de vida e têm diferentes repercussões, dependendo do repertório de cada um. Portanto, não é possível fazer inferências do tipo causa-efeito, com um raciocínio linear, quando se trata dos riscos no futebol. É preciso identificar que processos ou mecanismos influenciaram o que liga risco à consequência em um determinado ponto da história do indivíduo. Portanto, nas histórias que foram evidenciadas no trabalho proposto, a perda do emprego, ou seja, a saída do futebol profissional, colocou os sujeitos em situações de risco, sendo os mais expostos aos riscos os que foram privados de uma educação familiar e escolar mais adequada. Os que não tiveram um processo de socialização mais estruturado se percebem na corda bamba diante dos projetos futuros (Eduardo é um exemplo).

É nesse ponto que os craques e aspirantes a craques não devem esquecer (têm que ser lembrados) que o equilíbrio da sua vida biológica, psíquica e social está intimamente ligado à maneira de lidar com certas valências ou espaços de vida, como a profissão (carreira), a casa (família), os estudos, os investimentos de toda ordem (Felipe é um exemplo). Cada um terá que, efetivamente, encontrar um justo equilíbrio entre essas valências ou espaços de vida sem deixar que nenhum deles avance excessivamente sobre os outros reduzindo-os, anulando-os e, por conseguinte, desequilibrando-se mais ou menos profunda e irremediavelmente.

Efetivamente, a vida não apenas dos jogadores, mas das pessoas em geral, não pode transformar-se ou fundir-se com a sua carreira, com o seu trabalho, com a sua profissão (agitando-se constantemente), nem com a sua casa (fechando-se), nem consigo próprias (ensimesmando-se, idealizando-se), nem com os outros (divagando inteira e descontroladamente no fluxo e refluxo

das relações). O processo dialógico, o processo dialético, são mecanismos que não poderão deixar de funcionar de um modo equilibrado no interior do psiquismo humano e na justeza de sua articulação identitária.

No universo do futebol, é necessário que exista o equilíbrio entre os espaços ou estilos de vida. No entanto, o que se verifica é que os jogadores estão preocupados e absorvidos excessivamente com a profissão, a carreira, o trabalho, fazendo passar o resto para segundo ou terceiro plano ou descurando-o completamente (infelizmente, para muitos não há opção: trabalhe ou trabalhe... apenas para subsistir). Acrescenta-se que o problema é muito grave no futebol, pois além de abrir mão de estudos e cursos profissionalizantes para alcançar o objetivo, os indivíduos na faixa etária dos 30 aos 35 anos de idade (uns com um pouco mais, outros com bem menos), são excluídos do meio. Examinando a situação de seu dia a dia, cada um poderá ver qual ou quais configurações reproduzem nos seus estilos de vida. Nos dias atuais, uma reflexão séria sobre estas realidades é indispensável para fazer o diagnóstico dos seus estados de vida e desenvolver as formas de intervenção mais adequadas para repor o equilíbrio.

Muitos dos problemas que os “sem clubes” têm e das dificuldades que afetam o seu equilíbrio e relacionamento intra e interpessoal ligam-se diretamente com as situações elencadas. É por isso, como se tem insistido, que o sistema de educação em geral e o de formação de atletas em específico não podem ser deixados de lado. Eles têm que transformar-se numa instituição “de verdade” e selecionar com mais propriedade os conteúdos das distintas temáticas dos planos de estudos e de formação.¹²² Para tanto, a qualidade e a atualidade das informações são cruciais. Lembra-se que há um bombardeio constante de informações, não só de níveis muito discutíveis, mas até, com frequência, falsas e contraditórias, com o agravante de iludir não apenas os que almejam a carreira de atleta de futebol profissional, mas também outras crianças, adolescentes adultos e idosos que buscam uma vida mais digna.

¹²² Segundo Passos (2010), há poucos meses, o Barcelona anunciou que o departamento que coordena as equipes inferiores passava a se chamar futebol de formação e não mais futebol de base. “*Parece uma mudança boba, mas não é. Queremos formar homens aqui, não só jogadores. São poucos os que conseguirão, realmente, triunfar no futebol*”, afirmou Guillermo Amor, diretor das divisões de base do clube. Para isso, o clube paga as despesas nos estudos de todos os atletas, de 7 a 21 anos. Até mesmo a presença de empresários no CT do Barcelona é controlada. “*Orientamos as famílias a tratarem diretamente conosco. Pelos menos até os 16 anos, quando se inicia realmente a carreira profissional*”, disse o dirigente.

Esses são alguns dos problemas que são preocupantes e que terão que ser enfrentados com “muita garra e determinação” por todos e, sobretudo, por aqueles que têm responsabilidades na sociedade, em especial no futebol, se querem que ela se transforme para melhor, que seja mais equilibrada, justa e que as pessoas se sintam mais protegidas. É nesse sentido que uma formação do atleta como um todo, como Homem, poderá contribuir para que os indivíduos e, conseqüentemente, o meio futebolístico, sejam mais esclarecidos, autênticos, tolerante na medida do possível, pois não se pode esquecer que a sociedade capitalista é competitiva e excludente, e o futebol não caminha à margem dessa sociedade.

Postula-se que se os atletas forem bem trabalhados, em todos os seus âmbitos (físico, social, emocional etc.), a possibilidade de existir um adulto mais estruturado, bem como a frequência da recolocação profissional, pode ser bem maior. Assim, tendo em vista que o futebol é o sonho de muitos, mas a realidade de poucos, e que a vida pós-futebol na maioria das vezes é muito complicada, recorre-se aos autores Stark e Bainbridge (2008), que criaram uma teoria¹²³ que permite uma interessante analogia com o mundo do futebol.

De forma breve, é interessante estabelecer que a teoria em questão vai se configurando por meio de axiomas, proposições e definições bem elaborados pelos autores. Seria exagero trazer todos os elementos da teoria – o limite da tese não permite isso. Entre os aspectos relevantes, como o fato de afirmarem que as pessoas sempre tendem a querer mais recompensas do que podem ter, e que, buscando recompensas, as pessoas são forçadas a manter relações de trocas; que quando as pessoas vão atrás de recompensas raras,

¹²³ No livro denominado *Uma Teoria da Religião*, Stark e Bainbridge (2008) propõem sete axiomas a partir dos quais tudo o que se segue pode ser logicamente deduzido. Esses axiomas estão fundamentados na teoria de troca, ou teoria da escolha racional, como começou a ser chamada posteriormente, mas a elaboração deste sofisticado tratado teórico não está de modo algum limitado à escolha racional. Há nela fortes elementos de redes sociais (psicologia social estrutural) e teoria do aprendizado. A explicação da formação de *cults*, particularmente, possui evidências da tradição teórica de interação simbólica. Em suma, a teoria é eclética tanto em suas origens quanto em sua capacidade de propiciar insights teóricos. É interessante ressaltar que todos os conceitos introduzidos no complexo esquema dedutivo, ao todo 104, são cuidadosamente definidos e consistentemente empregados. O resultado é um total de 344 proposições. Essas proposições buscam descrever a emergência de deuses nas sociedades, o nascimento, o crescimento, o declínio e o renascimento de crenças, organizações e lideranças religiosas e, também, o fenômeno da secularização. Observa-se, afinal, que o escopo da teoria busca a universalidade tanto em um sentido interseccional quanto no sentido histórico. Para o trabalho proposto ela é recomendada porque Stark e Bainbridge fornecem tanto uma teoria sistemática quanto uma metodologia para construção de teorias. Aliás, é uma teoria que engloba todo movimento humano.

porém valiosas, não costumam desistir no primeiro sinal de dificuldade, pois os seres humanos são persistentes na busca de recompensas fortemente desejadas; que algumas recompensas desejadas são raras, e outras sequer existem (quando dizem que algumas recompensas não existem, estão postulando um fato que não se pode provar); destaca-se que, certamente, a observação humana demonstra que algumas recompensas são muito raras (transformar-se em um atleta de futebol profissional bem-sucedido é um exemplo). Logicamente, algumas recompensas não podem existir porque seus termos são contraditórios (não é porque fulano fez sucesso que sicrano também irá fazer – há muitos fatores que interferem nessa resolução). Assim, na ausência de uma recompensa desejada, as explicações frequentemente serão aceitas, posicionando a obtenção da recompensa no futuro distante ou em outro contexto não verificável (você está sem clube, mas continue tentando; vai dar certo; reze que Deus irá ajudá-lo).

Em complemento ao quadro, evidencia-se que o conceito de compensador é a chave para a teoria que Stark e Bainbridge (2008) apresentam. Nesses termos, quando os seres humanos não conseguem obter recompensas intensamente desejadas com facilidade e rapidez, eles persistem nos seus esforços e podem, com frequência, aceitar explicações que ofereçam apenas compensadores (vale a pena para o indivíduo abrir mão de estudos, cursos profissionalizantes, família, lazer, e mais ferramentas importantes, porque vai se tornar um atleta de futebol profissional e a partir disso todos os seus problemas estarão resolvidos. Beltrano conseguiu, por que você não pode também?). Esses compensadores são substitutos intangíveis para a recompensa desejada, tendo o caráter de dívidas, cujo valor deve ser aceito pela fé. Assim, *“P15 – Os compensadores são tratados pelos seres humanos como se fossem recompensas.”*, *“P16 – Para qualquer recompensa ou conjunto de recompensas, podem-se inventar um ou mais compensadores.”*, *“P17 – Os compensadores variam de acordo com a generalidade, o valor e o tipo de recompensa que substituem.”*, *“Def.19 – Os compensadores que tomam o lugar de recompensas singulares, específicas, são chamados compensadores específicos.”*, e *“Def.20 – Os compensadores que tomam o lugar de um conjunto de diversas recompensas e de recompensas de grande alcance e valor são chamados compensadores gerais.”*

Enfim, de forma sintética, compensadores seriam como substitutos para recompensas desejadas. Ou seja, eles fornecem uma explicação sobre como a recompensa desejada (ou um equivalente) pode ser obtida, mas propõe um método de obtenção da recompensa que é, por sua vez, complexa e demorada. Geralmente a obtenção será no futuro distante ou mesmo em outra realidade, e a verdade da explicação será bastante difícil, se não impossível, de ser verificada com antecedência. Quando um jogador pede uma vaga em alguma equipe e o dirigente ou empresário propõe que ele treine muito e se dedique demais nos jogos, período após o qual ela ganhará um bom salário, um compensador foi determinado no lugar da recompensa desejada. Pode-se distinguir compensadores de recompensas porque uma é a coisa desejada e a outra é a proposta feita para que se ganhe a recompensa. Como seres que buscam recompensas, os humanos irão sempre preferir a recompensa ao compensador, mas frequentemente não se tem opção, já que algumas das coisas que queremos não podem ser obtidas em quantidade suficiente e, outras, às vezes, sequer podem ser obtidas, aqui e agora, por ninguém.

Assim, tornar-se um jogador de futebol profissional bem-sucedido é a recompensa de poucos. Uma vida estruturada em todos os seus âmbitos pode ser uma boa recompensa para aqueles que não fizeram parte do espetáculo por um longo período, ou para aqueles que nem conseguem figurar no palco principal. Ou então, viverão de compensadores: lutando para ser aquilo que eles não são! E que possivelmente não serão (a maioria, é verdade).

4.2.1 – “Se hoje eu sou estrela amanhã já se apagou”

Eduardo pode-se considerar um indivíduo privilegiado por conseguir ascender profissionalmente por meio do futebol e “mais um”, quando se percebe excluído do profissionalismo e com pouquíssimas possibilidades de recolocação profissional, seja por meio dos conhecimentos que obteve no esporte,¹²⁴ seja por outra função que poderia vir a desempenhar no mercado

¹²⁴ Sobre a atuação de ex-atletas no meio esportivo, vale destacar que está em tramitação no Senado o Projeto de Lei 5.186/05, que altera a Lei n.º 9.615/98 (“Lei Pelé”). Conforme Msaqui (2010) o artigo 90-E a ser incluído permitirá que ex-atletas possam atuar como Monitores de Esporte, o que pode ser prejudicial à saúde da população (“Art. 90-E. Todo ex-atleta que tenha exercido a profissão durante, no mínimo, 3 (três) anos consecutivos, ou 5 (cinco) anos alternados, será considerado, para efeito de trabalho, monitor na respectiva modalidade desportiva”). “Essa alteração na lei vai contra toda a luta do Conselho na questão da

geral de trabalho. A bem da verdade, qualquer pessoa pode ser vitimada, independentemente do momento e do motivo, pelo fantasma do desemprego; no entanto, se tratando de uma carreira profissional curta, com as perspectivas de o despojoamento ser executado sem ser levada em consideração a idade do sujeito, entre outros fatores, conseguir um espaço digno na vida cotidiana é muito difícil, principalmente para aqueles que não se utilizaram dos sustentáculos básicos para a obtenção de uma vivência social mais estruturada. Nessa situação se encontrou o entrevistado em sua vida pós-futebol profissional.

Na falta de um referencial familiar, social, que pudesse no mínimo apontar alguns caminhos para a obtenção de uma vida com menos riscos, Eduardo foi sendo contaminado pelos aspectos ilusórios do futebol e procurou, tendo em vista a busca por um lugar ao sol (e também o reconhecimento social), triunfar na vida, fato que seria praticamente impossível, nas condições sociais em que ele se encontrava, de acontecer de outra maneira. Infelizmente, dentro da precariedade de seu ambiente, o futebol foi percebido como uma única alternativa de projeto futuro. Compreende-se a importante função social do futebol no exercício da cidadania, desde que trabalhado na esfera educacional, situação que não permeava o horizonte de Eduardo.

Sem a percepção dos inúmeros obstáculos a serem enfrentados na carreira escolhida, pois não foi planejada, orientada, Eduardo arriscou tudo em busca do seu sonho, porém, como a realidade do futebol, assim como de outros espaços vitais, não foram problematizadas e evidenciadas de forma real, Eduardo foi se constituindo tendo por referencial apenas “um lado da moeda”, o lado da fantasia; o lado da dor, do sofrimento, das tristezas que perpassam a

profissionalização da Educação Física. Com essa alteração a população poderá ser prejudicada, pois o ex-atleta pode passar a experiência dele como atleta, mas deixa de trabalhar muitos princípios básicos que podem ser essenciais ao benefício da população”, explica o representante do CREF11/MS-MT (Conselho Regional de Educação Física 11ª Região), no Confef (Conselho Federal de Educação Física), Marcelo Miranda. Para tentar evitar a aprovação do PL 5.186/05 no Senado, os conselhos e entidades ligados ao esporte de todo o País estão se mobilizando. O CREF11/MS-MT já distribuiu um abaixo-assinado em todas as universidades da Capital e no interior do Estado, como Três Lagoas, Ponta Porã, Dourados e Cassilândia. “A participação do acadêmico na luta contra esse PL é fundamental, já que eles serão os grandes prejudicados, tanto pela concorrência desleal quanto pela desvalorização da profissão”, alerta Marcelo Miranda. Qualquer pessoa, independente da área esportiva, que quiser ajudar na não aprovação do PL 5.186/05, basta acessar o site do Confef (www.confef.org.br) e participar no manifesto.

vida da maioria dos que empreendem uma batalha para chegar ao futebol profissional, foi negligenciado ao entrevistado. O cansaço ocasionado pelas viagens; a rotina das concentrações; o difícil retorno, seja no ônibus ou no avião, depois da obtenção de um resultado negativo; o atraso e a falta de pagamentos, entre outras coisas relacionadas ao dinheiro; atuar em estádios com campos e vestiários em decomposição; o impacto das notícias vinculadas na mídia (muitas vezes mentirosas), como também as perguntas maldosas realizadas por algum jornalista “amargo”; a arrogância dos árbitros (muitos deles frustrados, que querem fazer parte do espetáculo de qualquer jeito) no tratamento ao atleta; enfim, essas situações, assim como as tantas outras trazidas no desenvolvimento da tese, não chegam, ou quando chegam, não é da maneira mais adequada, onde elas têm de chegar: na consciência de um atleta em processo de formação e mesmo dos formados. Nesse sentido, iludidos e alienados, almejar um processo emancipatório é dificultoso. Ser autônomo, é tarefa ainda mais árdua para os atletas.

Desse modo, ao serem descartados do meio futebolístico, como casca de cebola ou papel de bala – situação que pode se dar por meio de alguma lesão irrecuperável (como a que acometeu Eduardo) ou mal tratada; pela falta de competência para a função; pela falta de oportunidades; pelas desavenças com a torcida, os dirigentes, empresários, membros da comissão técnica etc.; pela falta de condições tática, física, técnica e emocional; pela idade que “vai chegando”; entre muitos outros motivos “naturais” ou “forçosos” –, deparam-se com uma nova vida cotidiana: vivem uma realidade que era bem próxima, mas que nunca imaginaram viver, ou voltar a viver. Como Eduardo, que sem ter outros referenciais – a não ser aqueles que entornavam sua vida na comunidade em que estava inserido (que não era das melhores), ou aqueles valores que foram internalizados por meio do futebol (sem um critério mais apurado) –, resolveu utilizar como ferramenta de manutenção social o tráfico de drogas, que não é uma maneira lícita de viver, mas que fazia sentido em sua vida, pois, de alguma maneira, o mantinha vivo, embora não determine por quanto tempo, não diferente do ambiente do futebol.

Para Eduardo, foi difícil chegar, difícil manter-se, fácil se perder. Não foi preparado, não se preparou; não teve oportunidade de estudo, não estudou. Em metamorfose: “Se hoje eu sou estrela amanhã já se apagou”.

4.2.2 – “Se hoje eu te odeio amanhã lhe tenho amor”

Assim como Eduardo, Felipe pode se considerar uma exceção, pois conseguiu o que poucos indivíduos conseguem: a ascensão profissional por meio do futebol. No entanto, após sua exclusão do meio, conseguiu algo que também poucos ex-atletas conseguem: uma recolocação profissional digna. Vale destacar que isso apenas foi possível porque durante a sua trajetória rumo ao futebol profissional não foram abandonados os estudos. Aliás, além de concluir o ensino médio e fundamental, o entrevistado finalizou a graduação em Educação Física.

Felipe, um “desempregado da bola”, conseguiu outro emprego com facilidade: é um exemplo que precisa ser seguido. Para tanto, torna-se necessário que os órgãos públicos e privados se preocupem mais com o processo geral de formação dos atletas, pois como foi percebido durante o desenvolvimento da tese, o ambiente do futebol (das bases a elite) não é dos mais saudáveis, agradáveis ou estáveis, fato que faz com que a possibilidade de os sujeitos, por si só, vislumbrarem alternativas de vida futura seja bem remota. Projetos que visem à formação educacional e profissional (que pode estar relacionado ao esporte) poderiam ser implantados nas instituições esportivas, aumentando, efetivamente, a possibilidade de recolocação profissional dos ex-atletas.

Evidencia-se que Felipe, do mesmo modo que foi internalizando os valores do futebol por conta do ambiente familiar que era propício para isso, conseguiu tomar consciência da importância dos estudos, pois sua mãe considerava este instrumento de extrema significância para a vida do garoto. Afinal, se não fosse o incentivo da mãe, ele poderia se encontrar em uma situação mais fragilizada. Relembrando: os responsáveis pela formação dos atletas querem apenas produzir máquinas, não Homens. Nesse sentido, salienta-se que sem a ajuda de pessoas mais experientes a percepção real, não só do meio futebolístico, mas de todos os nichos da vida, fica muito mais difícil. Os obstáculos não diminuem, mas podem ser encarados com mais naturalidade e, conseqüentemente, emerge a alternativa de escolha do caminho menos complicado. Sem dúvida, a manutenção dos estudos pelos atletas, independentemente da modalidade esportiva praticada, interfere na tomada de decisões mais autônomas, podendo assim ser um instrumento de

libertação das armadilhas dos dirigentes, empresários, entre outros, que não deixam que os sujeitos tenham uma vida própria, vivendo dessa maneira num movimento pendular que alterna esperança e desespero, pois as resoluções futuras ficam à mercê de outros, sempre oportunistas.

Felipe sonhou em fazer parte do espetáculo do futebol. Figurou, caiu, mas planejou a vida pós-futebol. O sonho não morreu de imediato, porém, tem muitas probabilidades de se reestruturar, pois está trabalhando em uma área que faz sentido em sua vida e que está diretamente ligada ao seu “plano a”. Diferente daqueles que não pensam no futuro, que está bem próximo, o estudo pode tirar os indivíduos do estado de vulnerabilidade social e ainda fazer com que eles não sejam presas fáceis das amarras da vida. Considera-se a possibilidade do estudo e da formação profissional para todos os atletas ousada, mas não demasiadamente utópica. Entretanto, admite-se que atingir essa meta exigirá muita cooperação e muitos recursos, que ainda de maneira tímida estão disponíveis.

Desse modo, ao ser encerrada a carreira de atleta de futebol profissional, ficaria a possibilidade dos ex-atletas que cursaram uma graduação, a título de exemplo, em Educação Física ou Esportes, atuarem em escolinhas de esportes, entre outras funções da área, como técnico, preparador físico, supervisor etc. A bem da verdade, o importante é ter uma profissão digna na vida pós-futebol. Isso está faltando na atualidade, pois os “sem clubes” vivem da caridade de algumas pessoas que sabem controlar, e muito bem, suas emoções, criando momentos de alívio (arrumando um “bico” em algum lugar) para depois levá-los ao desespero novamente (você não serve para isso).

Enfim, além do referencial familiar que possibilitou a Felipe a compreensão de um mundo mais ordenado, o processo reflexivo desencadeado por alguns professores em sua vida fez com que o entrevistado se tornasse, de certa maneira, crítico ao ambiente em que estava atuando. Aliás, isso é muito importante não apenas para Felipe, mas também para os seus alunos, que terão a oportunidade de conhecer, de maneira fiel, o mundo da bola.

Interessante salientar que em uma conversa com Felipe (depois de um dois meses da realização da entrevista), ele relatou estar debatendo algumas

palavras com seus alunos, por exemplo: carreira, futebol, estudo e trabalho. Disse que os alunos não estavam entendendo muito bem o que ele queria (queriam mesmo era ver a bola rolar). Porém, alguns pais gostaram da iniciativa e elogiavam a postura do professor de futebol: que não está enganando nem iludindo os garotos (muito menos os submetendo a abusos de toda espécie), mas sim possibilitando uma boa formação às crianças.

Para Felipe, na vida é importantíssimo ter um Plano B. Foi incentivado a estudar, estudou; teve oportunidade de planejar, planejou. Foi difícil, lutou, detestou ter que optar pela saída do futebol profissional, mas pode contribuir com sua história de vida para muitos outros aspirantes à carreira de atleta. Em metamorfose: “Se hoje eu te odeio amanhã lhe tenho amor”.

4.2.3 – Pontos de convergências e pontos de divergências

A iniciação esportiva por meio do futebol é algo inerente à sociedade brasileira. Poucos são aqueles indivíduos que não têm os valores deste esporte permeando a sua vida. No mínimo, mesmo a pessoa não sendo uma adepta, reconhece a importância social do “maior espetáculo da Terra”. Eduardo e Felipe foram socializados tendo como referência o futebol: da socialização primária em diante esta modalidade esportiva foi internalizada em suas vidas para nunca mais se apagar. As relações sociais ao longo da vida dos dois indivíduos sempre foram configuradas a partir deste referencial. Possivelmente, esta situação tem poucas chances de mudar. Neste ponto as histórias de vida de Eduardo e Felipe convergem.

No entanto, divergem quando se dimensiona o aspecto educacional, pois os dois indivíduos não foram tratados com a mesma seriedade. Ambos buscaram a carreira de atleta de futebol profissional como estratégia de ascensão social, mas Felipe, nesta busca, não deixou de estudar. Desde cedo, contou com a ajuda de familiares e professores que conseguiram orientar e guiar seus esforços de sistematização e reelaboração do saber. Eduardo, infelizmente, não seguiu este caminho, por motivos diversos, entre eles a falta de estrutura familiar, de amparo social e de profissionais da área esportiva que o reconhecessem como um indivíduo digno de respeito. Nesse sentido, torna-se imprescindível investir todos os esforços nas possibilidades da formação

(geral e esportiva), visando obter o máximo possível de desenvolvimento para todos os envolvidos, contribuindo para o sucesso individual (domínio do saber e personalização) e o sucesso social (capacidade de se integrar na sociedade e agir sobre ela).

Na questão referente aos obstáculos enfrentados rumo ao profissionalismo, novamente as histórias de vida de Eduardo e Felipe convergem. Ambos passaram por problemas primários e comuns do ambiente futebolístico, situação que já foi bem trabalhada na tese. Para tanto, o que se propõe é uma ação pedagógica efetiva que apreenda a experiência social dos jogadores, extraindo o que há de positivo, não para mantê-los no estado em que se encontram, mas para aumentar seus conhecimentos e alargar suas práticas. Há convergência também quando se evidencia a exclusão do profissionalismo, pois os dois, em um primeiro momento, perceberam-se deslocados. Neste ponto, emerge a representatividade que um bom orientador poderia ter no departamento de futebol (amador ou profissional), pois poderia auxiliar os atletas em seu desenvolvimento, dando assistência aos problemas de toda ordem, como os de relacionamentos, condições socioculturais, psicológicas, plano de carreira etc.

Enfim, as histórias de vida de Eduardo e Felipe divergem quando o foco é direcionado ao impacto do desemprego e seus desmembramentos na trajetória dos dois ex-atletas. Sem recursos necessários para uma vida pós-futebol mais estruturada, Eduardo, pode-se dizer, não teve escolha no caminho a ser seguido. Felipe, com maior respaldo social, conseguiu se estabelecer de maneira menos problemática e mais promissora. Assim, não há dúvidas de que o meio em que o indivíduo está inserido deve ser um lugar que propicie determinadas condições que facilitem o desenvolvimento, sem prejuízo dos contatos com outros ambientes. Fora isso, a alternativa de estruturação dos sujeitos se torna praticamente nula. É uma situação séria que merece muita atenção.

Em complemento ao quadro, salienta-se que não é significativo que os atletas vivam apenas do futebol. Outros horizontes precisam ser visualizados. Os profissionais do futebol (os membros da comissão técnica) não podem se colocar apenas a serviço da “empresa” como um instrumento adicional de exploração dos jogadores, ao invés de transformar a estrutura para que venha

satisfazer as necessidades do ser humano. Nesse sentido, os profissionais que se encaixam nesse perfil prestam um desserviço, corroborando na alienação do atleta, transformando-o em dócil e pacato objeto de exploração. É verdade que, assim como o jogador, os membros da comissão técnica são empregados, mas em uma escala de valor diferente a dos atletas, que também são empregados. Por isso mesmo, o profissional consciente deveria estar no ambiente do futebol refletindo e fazendo com que se reflita conscientemente para tentar mudar a ordem estabelecida. Aliás, eles sofrem, em um grau bem menor, do mesmo mal que acomete os jogadores: nas situações adversas, serão excluídos (com a diferença que para esses a possibilidade de recolocação social é mais perceptível).

A propósito, seria justo e bom para todos, se o ambiente do futebol se tornasse mais transparente, possibilitando assim uma visualização sem maquiagem de sua lógica. Do mesmo modo, também seria justo e bom que diminuísse a distância que há entre as bases e a elite do futebol, fato que poderia levar os interessados a lutar por objetivos mais homogêneos, como a luta por salários dignos, respeito aos direitos etc. Conhecendo a real situação do meio, a possibilidade de funcionamento harmônico emerge como uma realidade viável, menos utópica. Este pode ser um caminho.

4.2.4 – Perspectivas de um horizonte possível

Neste tópico, retomam-se, de forma breve, elementos abordados no primeiro capítulo, mais especificamente sobre o empreendimento da *Democracia Corintiana*, em que alguns de seus fragmentos emergem como uma alternativa de transformação do ambiente do futebol, não apenas profissional, mas de uma maneira geral. Para tanto, realiza-se uma síntese com os fatores primordiais percebidos como qualitativos e que podem ser constatados como fundamentais como propostas de formação de consciências críticas dos envolvidos com o esporte das multidões.

Destaca-se, de início, que, segundo Sócrates e Gozzi (2002), o poder no futebol está em seu grupo de atletas. Podem tentar interferir, mexer, limitar, castrar, mas o poder está ali. O jogador de futebol não tem consciência do seu poder e, como não tem informação, não sabe o que existe além dele. Para

Sócrates, as pessoas têm capacidades de discutir algum assunto quando estudam, mas mesmo assim não tem acesso às decisões de poder. O jogador de futebol, principalmente o bem-sucedido, tem o poder político e econômico na mão, entretanto, não sabe usá-lo, pois não tem conhecimento. A bem da verdade, ele se isola por conta da falta de informação. E isso o sistema quer conservar, pois quanto mais ignorantes forem essas pessoas, mais fácil de elas serem controladas. A ignorância é um instrumento de opressão. O futebol, aliás, poderia ser um mecanismo para acelerar o processo de transformação da sociedade, pois todos se dizem entendidos de futebol; de política, nada.

Interessante salientar que na época da *Democracia Corinthiana* tudo era votado. Para Sócrates, essa foi a ação mais concreta do processo, pois a partir do momento em que passaram a votar tudo o que era coletivo, se iniciou um processo político, de formação política, de informação política. Casagrande, ex-atleta e membro importante do processo (e que hoje atua como comentarista esportivo), destaca que a “falta de hábito” fez com que o projeto não fosse para frente no Corinthians nem em outros clubes após a saída das pessoas que lutavam pelo movimento. Para ele, a falta de liberdade é cômoda aos jogadores, pois preferem não se envolver nas questões importantes, deixando tudo na mão de dirigentes, que acabam centralizando todas as decisões. “*Eles vão treinar no horário determinado sem tentar mudá-lo, pegam as passagens nas mãos, os hotéis já todos reservados, e entram em campo para jogar seu futebol. Eles não lutam por melhorias porque gostam da forma como as coisas funcionam, analisa (Casagrande)*” (Sócrates e Gozzi, 2002, p. 76).

É indiscutível que o atleta de futebol, como constatado por Sócrates, tem o vício de viver numa estrutura paternalista na qual ele não tem responsabilidade nenhuma. Na *Democracia Corinthiana* o processo estava sendo revertido (sem a mínima necessidade, na cabeça de muita gente). Segundo relato de Sócrates, teve gente que demorou quatro ou cinco meses para colocar o primeiro voto, pois a politização do processo incomodava, além do mais, as pessoas não tinham preparo. Num primeiro momento isso é assustador. Você é colocado numa situação sobre a qual você não conhece nada, você não tem argumento para responder e vive tudo aquilo. É um agente do processo sem saber exatamente quais as consequências dele. É muito complicado. Para Sócrates,

Muita gente, cada um em seu tempo, teve muita dificuldade. Havia medo e insegurança. É natural. Mas tenho certeza de que hoje todos aqueles que viveram a *Democracia Corintiana*, pelo menos aquelas pessoas que têm noção de quem são, que têm um mínimo de autocrítica, podem afirmar que cresceram muito. Foi um crescimento profissional e humano. Porém, mais humano que profissional, na minha opinião. (...) Com o passar do tempo, nós decidimos que a produtividade seria levada em consideração. Os jogadores receberiam uma porcentagem daquilo que produzissem em capital para clube em arrecadação. Dessa maneira, de tudo aquilo que entrasse no caixa do Corinthians referente a bilheteria e transmissões na TV, uma parte era repartida pelos jogadores. Era uma forma de compartilhar os riscos e assumir a responsabilidade de sempre jogar bem para atrair mais público e audiência para nossas apresentações (Sócrates e Gozzi, 2002, pp. 82-99).

Isso posto, destaca-se que os atletas de futebol profissionais podem exercer seus direitos de cidadão e, dessa maneira, lutar por melhores condições para todos envolvidos, desde os atletas em formação até os que estão em fase final de carreira. Com a constituição de uma consciência mais crítica, poderão, de certa forma, deixar de ser reconhecidos como alienados e, a partir daí, ocupar seu espaço com mais respeito, como verdadeiros artistas da bola e arquitetos de seu destino. Afinal, estabelecida uma relação de trabalho mais justa e sincera, o restante pode ficar bem mais fácil de ser conseguido.

4.3 – Conclusões ao capítulo

A proposta do capítulo foi problematizar o ambiente do futebol de uma maneira geral, sempre procurando, a partir da crítica, apontar alguns procedimentos que podem contribuir para um futebol mais urbano, apropriado, merecedor da atenção que lhe é disponibilizada. É percebido que a tarefa não é das mais fáceis, tendo em vista o estado de putrefação das instituições brasileiras e, principalmente, as conectadas ao futebol. No entanto, com a participação efetiva dos interessados, assim como uma boa dose de vontade política, a situação pode vir a ter alguma melhora. É o que esperam as pessoas que têm o futebol como o eixo em suas vidas. E também aquelas que não estão imunes às irradiações do “esporte das multidões”.

No próximo capítulo será feita uma articulação com os principais extratos do conteúdo desenvolvido até o momento.

5 – AFINAL, O QUE SE PODE PONDERAR?

*“Para estufar esse filó
Como eu sonhei
Só
Se eu fosse o Rei
Para tirar efeito igual
Ao jogador
Qual
Compositor
Para aplicar uma firula exata
Que pintor
Para emplacar em que pinacoteca,
nega
Pintura mais fundamental
Que um chute a gol
Com precisão De flecha e folha seca
(...)”
(O Futebol / Chico Buarque).*

5.1 – Considerações preliminares

Como foi possível observar, ao final de cada capítulo da tese consta um subitem denominado *Conclusões ao Capítulo*. Seu objetivo consistiu em dar base para a construção das ponderações que seguem, assim como trazer respostas a algumas indagações feitas no decorrer do trabalho. Para facilitar a compreensão, apresentam-se os destaques subdivididos em capítulos, apontando as principais deduções neles detectadas à luz do construto teórico.

5.2 – Capítulo 1

O desenvolvimento do primeiro capítulo possibilita a compreensão do ambiente do futebol como não democrático. Detecta que as instituições gestoras do futebol (de âmbito mundial e local) são na maioria das vezes corruptas; que os clubes não têm preparo para lidar com os atletas de uma maneira adequada; e que a mídia não exerce um papel idôneo nesta esfera social. Foi percebido também que a modalidade esportiva futebol, principalmente quando praticada no âmbito profissional, é complexa e que para analisá-la são necessários diversos olhares, assim como também foi detectado que a configuração de uma Psicologia Social Crítica do Futebol seria de extrema significância para todos os seus adeptos.

Importante salientar que muitas das pessoas envolvidas com o futebol desprezam a leitura crítica do esporte e tecem sobre ele apenas comentários

fantasiosos. Há necessidade urgente que essa complexidade seja explorada socialmente no sentido de inserir os indivíduos dentro do verdadeiro “mundo do futebol”, que não é esse que é visibilizado, seja no senso comum, ou até mesmo no espaço acadêmico. A realidade precisa ser mostrada como ela é, fato que poderia levar não apenas os praticantes a ter um espaço de atuação (amador ou profissional) mais digno, mas também os torcedores, jornalistas – e por que não a dona de casa – reconheceriam os mecanismos que tracionam a “maior paixão nacional”.

Considera-se que o jogador de futebol não é apenas uma moeda de troca, como geralmente ele é percebido, situação que faz com que ele almeje muito timidamente um processo emancipatório em busca de sua autonomia. Para tanto, seria interessante que a postura dos profissionais engajados no futebol fosse se transformando e que, conseqüentemente, além da consciência do atleta em formação, profissional e “sem clube” ser constituída de forma mais estruturada, outras facetas sociais não estariam imune a essas ações. Desse modo, todos poderiam ter a noção exata que o jogador de futebol é como qualquer pessoa, que é afetado pelos mais variados tipos de problemas e que ele não é uma máquina, como todos querem que ele seja.

5.3 – Capítulo 2

O desenvolvimento do segundo capítulo evidenciou que a carreira de atleta de futebol profissional não é das mais seguras; que ela é ilusoriamente percebida como uma estratégia de ascensão social no “país do futebol”; que pais, familiares, amigos próximos, professores, entre outros, são fundamentais para a constituição da identidade futebolística do indivíduo, mas que na grande maioria das vezes passam os valores do esporte em uma perspectiva ingênua; que crianças, adolescentes e adultos têm seus mínimos direitos negligenciados no ambiente do futebol; que no intuito de alcançar os objetivos os indivíduos são capazes de fazer qualquer coisa, desde a submissão às condições precárias dos alojamentos, até as assinaturas de contrato com clubes que historicamente atrasam salários; que não são apenas os dirigentes e empresários que “brincam” com as identidades dos jogadores de futebol, mas que há até empresas que se aproveitam deste “filão”, que é o mercado do

“sonho de ascender socialmente através do espetáculo futebol”; e que as leis não estão em sintonia com a ordem estabelecida no futebol. As histórias de vida trazidas ao texto elucidam os aspectos elencados.

Importante salientar que, assim como na sociedade em geral, é errado assumir no futebol que aquilo que funciona para um indivíduo como um determinado quadro de referência, independente da sua função, seja adequado para outro. Cada um tem sua história de vida, que é pessoal, intransferível e precisa ser respeitada; assim, as análises fora de contexto, algo comum no cotidiano, são incabíveis. Desse modo, os treinamentos, bem como a forma de abordar os sujeitos, têm de ser realizados levando em consideração a cultura de origem e as orientações dos envolvidos. Nesse sentido, todo processo de socialização, de formação dos indivíduos poderia ser levado mais a sério.

O fato citado, entre outros motivos inerentes ao meio, pode levar os garotos a abandonar os estudos para seguir apenas a carreira de jogador de futebol. Alguns até continuam estudando, mas sem interesse e com esforço reduzido. Aliás, muitas crianças, adolescentes e adultos perdem outras referências sociais e acabam vivendo apenas para o esporte, situação que pode levar, principalmente aos que permanecem mais tempo no meio, a um término de carreira complicado, pois a transição de uma vida esportiva para uma vida pós-futebol, não se dá de forma fácil, pois não há, como destacado na tese, ajustamentos emocionais, sociais e um “plano b” para enfrentar a “aposentadoria”. Para uma melhora, poderiam existir apoio e suporte, que seriam dados desde a iniciação do atleta, lá atrás, nas escolinhas de esportes. Tudo isso pode contribuir para que ex-atletas consigam lidar com o período de transição de maneira mais satisfatória.

5.4 – Capítulo 3

O desenvolvimento do terceiro capítulo fez transparecer (ainda mais) a importância de a tese proposta ser problematizada tendo como pano de fundo a Psicologia Social. Para tanto, foram evidenciados aspectos de uma Psicologia Social que permite o diálogo com a sociedade brasileira, com o futebol e com os indivíduos, algo que poucas abordagens permitem. Não foram deixados de lado, entretanto, aproximações com teorias e conceitos que

permitem levar em conta as qualidades da realidade e da existência dentro do complexo espaço em que estamos inseridos. Nesse sentido, emerge a utilização para a arquitetura da tese de uma linha de pesquisa da Psicologia Social (não apenas dela, é claro), a saber, o estudo de Identidade, tendo como método de análise a história de vida.

Para tanto, além de serem levados em conta os aspectos estritamente objetivos, foram muito bem explorados no trabalho os aspectos subjetivos. Este fato faz com que a conduta escolhida para a construção da tese seja diferenciada, pois muitos dos estudos relacionados ao futebol não admitem subjetividades em seus espectros de análises das realidades. Importante salientar que a leitura empreendida é significativa, pois é realizada por um profissional da Educação Física, mas em uma área de conhecimento interdisciplinar (situação pouco percebida na área dos esportes). Assim, todo o contexto em que os indivíduos estavam inseridos foi levado em consideração no exame realizado.

Aos fatores que dizem respeito em especial às histórias de vida de Eduardo e Felipe, pondera-se que uma proposta educativa (familiar e escolar) é vislumbrada como uma ação versátil que poderia possibilitar aos indivíduos uma vida com menos riscos, pois são ferramentas fundamentais que os ajudariam a compreender a lógica existente em seu *locus social*. Dessa maneira, com ações efetivas sendo direcionadas aos sujeitos, o processo de socialização aconteceria em um nível mais crítico, fato que colaboraria de forma positiva, entre outras coisas, com as tomadas de decisões que sempre perpassam a vida de todos.

Enfim, é necessário que existam algumas ações que questionem o “adestramento” que é feito com as pessoas iniciadas pela modalidade esportiva futebol, para que elas, ao menos, reflitam sobre as suas vidas e percebam as opções de caminhos, sem ser aquelas impostas pelos “caçadores de níqueis”. Não é uma tarefa fácil, no entanto, é possível.

5.5 – Capítulo 4

O quarto capítulo foi desenvolvido com o objetivo de evidenciar as alternativas possíveis aos sujeitos na vida pós-futebol. A partir de fragmentos

pertinentes da tese e de elementos importantes das histórias de vida de Eduardo e Felipe, traçou-se uma linha com os aspectos significativos que poderiam possibilitar uma recolocação social digna, ou não, para os atletas “sem clubes”. De forma sintética, se a situação relatada por Brum (2010, p. 20) na citação abaixo for resolvida, isso já seria um bálsamo para muitos envolvidos com o futebol.¹²⁵ Porém, se a melhora não acontecer...

“Clube de futebol ignora educação de jogador”: quase 70% das agremiações de São Paulo não fiscalizam vida escolar dos atletas menores de 18 anos, como prevê lei estadual aprovada em 2009. A maioria dos clubes paulistas de futebol descumpre legislação que atribui às entidades esportivas a responsabilidade de manter seus jogadores matriculados na escola e zelar pelo bom desempenho. Pelo menos 29 das 40 agremiações ou associações analisadas – 73% do total – estão em situação irregular: têm jogadores fora da escola ou com frequência baixo do esperado. A situação atinge 239 dos 485 atletas com menos de 18 anos. Entre os quatro grandes clubes do Estado, Corinthians, Palmeiras e Santos têm jogadores nessas condições. A reportagem tentou contato ontem com as assessorias, mas não houve resposta. A pena para quem descumprir a lei estadual 13.748, aprovada em 8 de outubro de 2009, é de R\$ 4.105 e, em caso de reincidência, impossibilidade de participar dos campeonatos. A fiscalização da lei é dever da Federação Paulista de Futebol (FPF). A lista dos clubes em condição irregular foi pedida à Secretaria Estadual de Educação pelo deputado Raul Marcelo (PSOL), autor da lei que define responsabilidades, com o objetivo de verificar seu cumprimento. “Está havendo um claro desrespeito à legislação”, afirma o deputado. “Os clubes que nem informação enviaram são considerados irregulares e deveriam ter sido multados”, diz Marcelo, lembrando que existem 131 agremiações filiadas à FPF que não remeteram nenhum dado sobre seus jogadores. O deputado encaminhou uma representação ao Ministério Público do Estado, pedindo providências sobre as irregularidades. Até agora, nenhum clube paulista foi penalizado, segundo a Federação Paulista de Futebol. “Caso seja comprovado o não cumprimento da lei, a FPF tomará as medidas cabíveis”, respondeu a entidade, por meio de nota. Listagem. A lei determina que a FPF encaminhe a relação de todos os jogadores com menos de 18 anos vinculados às agremiações federadas. A relação de 485 participantes da Copa de Juniores, com menos de 18 anos, é bastante inferior àquela disponível no site da Federação. Os menores cadastrados nos quatro maiores clubes do Estado, do futebol amador e profissional, da série A1, somam 556 atletas. Além disso, participaram do campeonato 40 agremiações paulistas e 21 delas ficaram de fora da lista. De acordo com a Federação, a listagem não está incompleta. “Ocorre que a entidade só envia a lista de jogadores que são registrados por clubes”, defende-se a Federação. Segundo estimativa informal do Sindicato dos Atletas Profissionais de São Paulo, apenas um em cada mil garotos consegue a realização plena na carreira futebolística. Os demais têm de buscar outros caminhos. Foi o que aconteceu com Carmelo Lopes Locateli, que concluiu o ensino médio aos 26 anos – quase dez anos depois da idade regular. Volante do Corinthians, onde começou a jogar aos 12, usou a camisa número 5 do clube que aprendeu a amar antes mesmo de sonhar em se tornar uma de suas celebridades. Jogou profissionalmente e terminou a carreira no Operário Futebol Clube, de Campo Grande (MS), comendo arroz

¹²⁵ O assunto foi explorado de forma singela no decorrer da escrita.

com pipoca por falta de dinheiro e infraestrutura, e recebendo o salário a cada três meses. Como ocorre a um número inestimável de atletas brasileiros, Locateli trocou a sala de aula pela bola. Ao pendurar as chuteiras, era um homem que nunca havia trabalhado em outra área, nem se qualificado ou sequer concluído o ensino médio. Hipocrisia. “O que existe é uma hipocrisia por parte dos clubes em querer passar uma imagem positiva, de que investem na educação, mas é só para constar”, afirma Mário Sérgio Pontes de Paiva, técnico do Ceará até a semana passada. “Não há cobrança dos clubes. Se o jogador é bom, abrem-se precedentes. O que importa é a parte técnica.” Mário Sérgio é um dos poucos atletas a revirar a caixa preta do futebol brasileiro. Reconhecido como um dos melhores atacantes de nossa história, também está entre os mais polêmicos. Sem temor, segue afirmando: “Os clubes hoje criam monstros modelo exportação.”

5.6 – Conclusões ao capítulo

Neste capítulo foram realizadas algumas considerações finais, pontuais e significativas, e que servem como um referencial para a conclusão geral, que vem a seguir.

CONCLUSÃO

“(...) O jogador de futebol deve administrar a sua carreira. Necessitam de empresários porque são ignorantes, a maior parte não sabe escrever o nome. É o símbolo do nosso sistema educacional. Nós temos que mexer no sistema educacional brasileiro para criarmos uma nova nação. (...) A mídia tem que se educar também. Ela tem que saber qual o lugar dela. Não só a esportiva, a mídia em geral tem que reconhecer o seu próprio papel. O que você tem de educativo na televisão, por exemplo? Não tem nada. Que compromisso ela tem com a nação? Nenhum (...)” (Sócrates, 2010 – entrevista à revista Caros amigos)

“Só fica escravo aquele que tem medo de morrer”

Diante do conteúdo apresentado do decorrer da tese, pode-se chegar a algumas conclusões, sem a necessidade de resumir pontos importantes abordados durante a pesquisa (o que foi feito no capítulo 5). Aliás, chegar a deduções fechadas diante de um assunto tão instigante quanto polêmico não seria algo muito sábio, dada a generalidade da constituição do ambiente, independentemente de o foco estar nos aspectos objetivos ou subjetivos presentes no futebol. Assim, há consciência de não ter esgotado o objeto de estudo que atraiu a atenção; talvez, porém, esse esforço tenha permitido verificar e compreender alguns aspectos significativos da carreira de atleta de futebol profissional, principalmente que ela é uma estratégia ilusória de ascensão social. O campo, sem dúvida, é dos mais ricos, podendo produzir inúmeras análises de grande interesse acadêmico.

No entanto, é possível afirmar que o déficit educacional que perpassa não apenas o esporte, em especial o futebol, mas toda a sociedade brasileira, colabora com o fato de as pessoas se perceberem desprotegidas, sem amparo diante da lógica capitalista, do sistema que é imposto a todos e se tornou dominante há tanto tempo que se tende a tomá-lo como “normal” ou “natural”, mesmo em suas mazelas. Num tal contexto, o espaço para os chamados “valores humanos” (tomados, de modo geral, como valores que elevam a condição pessoal do indivíduo além de sua capacidade produtiva ou de consumo) é estabelecido a partir de certas condicionantes (se ele pode, eu também posso, ou “gente que faz”, ou ainda: querer é poder!, são exemplos).

Salienta-se que essas situações de vida pontuais são importantes, entretanto não significa que o final feliz será alcançado pela maioria. A bem da verdade, o sucesso, o reconhecimento, os processos emancipatórios que contribuem com o desenvolvimento do indivíduo, assim como a tão falada autonomia, só serão logrados mediante um esforço extraordinário.

Para tanto, emerge um projeto educacional, como salientado, familiar e social, estruturado, adequado, como uma ferramenta importante no processo de socialização dos sujeitos. Frisa-se que a tese projeta ser o esporte, o futebol, principalmente o inserido no âmbito educacional, um instrumento capaz de possibilitar a emancipação e a autonomia dos sujeitos, pois estes cidadãos/desportistas/aprendizes seriam capazes de se reconhecerem mutuamente e se autoafirmar como identidades próprias, à medida que interagem intersubjetivamente. O esporte e suas dinâmicas inerentes (interações, jogos, regras etc.) podem ser destacados como meio propício para figurar os processos de individualização e socialização concebidos de forma articulada e simultânea, pois ambos, estruturados pela linguagem, são capazes de individualizar e socializar o sujeito ao mesmo tempo.

Em síntese, o esporte é compreendido neste trabalho como instância da sociedade que possibilita a integração social na base de uma efetiva racionalidade comunicativa voltada para o entendimento e o consenso. Vale ressaltar que consenso não significa que os atores envolvidos na interação social aceitem de forma acrítica e passiva o discurso dos colocutores, abandonando suas próprias posições como totalmente errôneas ou inválidas. Desse modo, torna-se importante a compreensão do saber ganhar e o do saber perder como propostas educativas cotidianas, além da necessidade de não dramatizar excessivamente o jogo de futebol (é comum a configuração de cenas comoventes no ambiente do futebol: do torcedor que chora com a derrota do seu time, ao zagueiro assassinado por conta do gol contra que marcou). É fundamental problematizar essas questões.

Concorda-se com Reis (2006) quando ela destaca que para alcançar objetivos da educação social, seria necessário desmitificar o jogador de futebol como um “super-homem”, com uma educação voltada para a realidade, mostrando as dificuldades que há para que um menino chegue a ser um jogador profissional (percalços que foram muito bem trabalhados no decorrer

do construto). Esse aspecto é muito sério e merece ser tratado com extrema delicadeza, pois ao assistir uma grande partida de futebol, um belo espetáculo, a pessoa ao sair do estádio, ao desligar a TV, o rádio, ou ainda se desconectar da internet, processando ainda o jogo que a sensibilizou profundamente, diz: “saí transformada”; então, percebe-se imediatamente o impacto que existe do evento em sua identidade. Devido à sua própria transformação, que pode ser superficial ou profunda, é possível que essa pessoa não veja mais as coisas como antes, que modifique sua conduta na vida, na sua atividade.

É fato que cada indivíduo reagirá de uma maneira ao se encontrar com o futebol e isso dependerá da forma como esporte lhe foi apresentado. Daí a importância de a realidade ser mostrada como ela é. Vale ressaltar que o espetáculo esportivo provoca, a seu modo, um resultado que, por seu êxito particular diante de determinada pessoa e (ou) conjunto de pessoas que compartilham o mesmo apreço por uma dada coisa, retoma e enriquece o gosto, desloca sua trajetória, modifica (de maneira limitada ou não) a cultura de uma sociedade, e oferece oportunidade de comparações mais amplas com outras comunidades de pessoas que compartilham dos mesmos gostos. Assim, diante do significado que o esporte vai tomando na vida do sujeito, nos momentos de alegria, tudo é paz e amor, porém, quando acontece algum infortúnio, diante das tristezas que são comuns, é constatado o problema pessoal e, conseqüentemente, social, que isso desencadeia em sua trajetória.

Sabe-se que é sintomática a ausência de políticas públicas que possibilitem um ambiente do futebol mais digno. Para tanto, a teoria dos autores que foram elencadas no decorrer da tese facilitariam este processo, pois contribuem no sentido de ajudar que casos como o de Eduardo sejam a minoria e que a situação de Felipe seja presenciada de maneira mais constante no cotidiano. Lembrando que no ambiente do futebol profissional a competição é agressiva, em que prevalece um “darwinismo social”, resta a esfera educacional como um dos setores sociais que pode vir a ser uma forma de resolver, no mínimo, alguns dos problemas existentes no futebol (em todos os seus âmbitos: do esporte de formação à elite). E mais: nos dias atuais, em que os riscos são enormes e incontroláveis, é imprescindível estudar, se formar profissionalmente, assim como ter um *Plano B*. Enquanto isso não acontece, é importantíssimo que os envolvidos diretamente com a causa lutem pelos seus

direitos. Como dizia Zumbi dos Palmares, *“só fica escravo aquele que tem medo de morrer”*. Então, Atletas, vão à luta, pois vocês são os maiores interessados no assunto. Aos demais defensores da causa, o que resta é a solidariedade, situação que é defendida por um dos teóricos que foi utilizado como referencial na tese, a saber, Jürgen Habermas.

No entanto, antes de fundamentar o que é e o que se pretende com as ações solidárias, de forma breve, recorda-se que é muito difícil falar em democracia no futebol. A título de exemplo, pode-se dizer que os veículos de comunicação contribuem com o processo de alienação do povo – exatamente quando a população é privada da verdade, ao ser “esclarecida” apenas sobre os fatos que não interessam a ela. Isso não é democracia. Democracia é a união de dois aspectos: o justo e o bom. É a liberdade para a coexistência de toda forma de vida, com a igualdade de condições. E a coexistência não é necessariamente aprender a viver igual, mas aprender a viver lado a lado com o diferente. Mas afinal, o que realmente seria o justo e o bom?

Se é interpretada a justiça como aquilo que é igualmente adequado para todos, o “bem” contido na moral constitui uma ponte entre a justiça e a solidariedade. Pois também a justiça, entendida universalmente, exige que uma pessoa responda pela outra – e que, aliás, cada um também responda pelo diferente, que formou a sua identidade em circunstâncias de vida totalmente diferentes e entende-se a si mesmo à luz de tradições que não são as próprias. O bem, na justiça, lembra que a consciência moral depende de determinada autocompreensão por parte das pessoas, que se sabem pertencentes à comunidade detentora da moral. A essa comunidade pertencem todos os que foram socializados numa forma de vida comunicativa qualquer. Indivíduos socializados, pelo fato de somente poderem estabilizar sua identidade em condições de reconhecimento mútuo, são especialmente vulneráveis em sua identidade e, por isso, dependentes de uma proteção específica. Eles têm de poder apelar para uma instância além da própria comunidade. Em toda comunidade concreta está esboçada a comunidade moral, por assim dizer como seu “melhor eu”. Como integrantes desse grupo, esperam uns dos outros igualdade de tratamento, que parte do princípio de que cada pessoa considere uma das outras como “um dos nossos”. A partir dessa perspectiva, justiça significa simultaneamente solidariedade.

Interessante salientar que solidariedade não é assistencialismo. O assistencialismo, ao praticar a atenção às populações desfavorecidas, oferece a própria atenção como uma “ajuda”, vale dizer: insinua, em uma relação pública, os parâmetros de retribuição de favor que caracterizam as relações na esfera privada. É pelo valor da “gratidão” que os assistidos se vinculam ao titular das ações de caráter assistencialista. O que se perde aqui é a noção elementar de que tais populações possuem o direito ao amparo e que, portanto, toda iniciativa pública, voltada ao tema da assistência, caracteriza dever do Estado. O que se vislumbra, pelo assistencialismo, é a possibilidade de os assistidos “retribuírem” eleitoralmente a atenção recebida; por isso, os assistidos devem ser submissos e dependentes, não devem se organizar de forma autônoma e, muito menos, expressar demandas políticas como se sujeitos fossem. O assistencialismo é, por isso mesmo, uma prática de dominação. Se vitorioso, ele produz seres dóceis e manipuláveis.

Solidariedade não é caridade (muito menos filantropia). Entende-se o termo solidariedade como um sentido moral que vincula o indivíduo à vida, aos interesses de um grupo social, de uma nação ou da humanidade. Além de um preceito moral, solidariedade é uma palavra de ordem, significando que o ônus de cada um deve ser redistribuído entre os membros da comunidade solidária. Trazendo à memória o velho ditado popular: “um por todos e todos por um”. Ou seja, ser solidário significa colocar-se conscientemente no lugar do outro, identificar-se com o destino do outro. Nesse sentido, solidariedade é a relação de responsabilidade entre pessoas unidas por interesses comuns, de maneira que cada elemento do grupo sinta a “obrigação” moral de apoiar os outros. Contudo, não é suficiente que a solidariedade se apresente, unicamente, como consciência moral. É preciso que a solidariedade seja percebida em reais possibilidades de comportamento, na medida em que ela é um produto cultural, social, fruto do processo civilizatório. Solidariedade significa, assim, a responsabilização coletiva pela garantia de uma vida digna e, para tanto, precisa ser operacionalizada por toda população.

Enfim, em uma perspectiva solidária, o verdadeiro cidadão respeita os interesses dos outros à luz de princípios justos e não apenas por interesse próprio. E para sermos cidadãos iguais e livres temos que efetuar ações que questionem a ordem vigente (no que tange especificamente à preocupação da

tese, temos que questionar a ordem estabelecida no futebol); temos que participar do processo rumo a uma sociedade mais justa, o que significa mais democrática.

10 – Bibliografia (ABNT)

Artigos em jornais:

BATISTA, D.A. Quando o futebol perde a classe. *O Estado de São Paulo*. 14 de abril de 2009. E 4.

BATISTA, E. 'Comida vai primeiro para os meninos': Doméstica Andréa Araújo faz parte dos 18% dos moradores do Maranhão que passam fome. *O Estado de São Paulo*. 18 de maio de 2006, A 7.

BRUM, I. Clube de futebol ignora educação de jogador. *O Estado de São Paulo*. 14 de setembro de 2010. A 20.

DEIRO, B. Várzea contra profissionalização. *O Estado de São Paulo*. 24 de maio de 2009. E 4.

EMPRESAS americanas já substituem brasileiros. *O Estado de São Paulo*. 22 de fevereiro de 2009. B 8.

FARID, J. Desemprego sobe a 8,2% nas grandes cidades. *O Estado de São Paulo*. 21 de fevereiro de 2009, B 1.

GARRIDO, A.P. Os EUA aprenderam a gostar de futebol. *O Estado de São Paulo*. 27 de junho de 2010, E 7.

GIORGETTI, U. Mais uma história brasileira. *O Estado de São Paulo*. 07 de maio de 2006. E 2.

_____. Novos hábitos e a salvação. *O Estado de São Paulo*. 18 de julho de 2010. E 4.

_____. Quando o futebol é obscuro. *O Estado de São Paulo*. 26 de abril de 2009. E 2.

HECICO, F. Elias, da depressão às vitórias no Parque. *O Estado de São Paulo*. 29 de abril de 2009, E 6.

MANSO, B. P. Crime Financia o Futebol Amador. *O Estado de São Paulo*. 13 de maio de 2007, C 4.

MANSO, B. P. & ZANCHETTA, D. Investimento público na várzea reforma 300 campos em três anos. *O Estado de São Paulo*. 11 de outubro de 2009. C 1.

MERCADO DE TRABALHO: mundo precisa de 430 milhões de vagas. *O Estado de São Paulo*. 06 de junho de 2006, B 11.

NETO, E.G. Tropa de Elite: Futebol une a aparência de igualdade da festa popular ao teatro político dos organizadores, constituindo-se em símbolo da

"sociedade do espetáculo". *Folha de São Paulo*. 04 de novembro de 2007. Folha Mais, p. 4.

NETTO, A. Crise amplia restrições aos estrangeiros na união Européia. *O Estado de São Paulo*. 22 de fevereiro de 2008. B 8.

OLIVEIRA, A.C.M. Democratização no Futebol. *O Estado de São Paulo*. 17 de julho de 2010, A 2.

PEREIRA, R. IBGE diz que 14 milhões de brasileiros passam fome. *O Estado de São Paulo*. 18 de maio de 2006, A 6.

RACY, S. Faço política de outro jeito. *O Estado de São Paulo*. 22 de julho de 2009, D 2.

RAMON, J. & REHDER, M. Desemprego se estabiliza; renda cai. *O Estado de São Paulo*. 25 de maio de 2006, B 10.

VIALLI, A. "Só temos empregos para japoneses". *O Estado de São Paulo*. 21 de fevereiro de 2009. B 8.

ZUKERAN, V. Psicóloga explica a mancada dos astros. *O Estado de São Paulo*. 12 de abril de 2009. E 5.

Artigos de periódicos:

CAMPOS, R.R. Futebol: *Racismo, identidade nacional e uso político*, Campinas: Humanitas, 2000, pp. 31-50.

HISTÓRIA do futebol 1: *As origens do planeta bola*. *Revista Placar*. São Paulo: Abril, v1, n1, 1998, 18 p.

_____ 2: *Copa do Mundo: o sonho vira realidade*. *Revista Placar*. São Paulo: Abril, v1, n2, 1998, 18 p.

_____ 3: *A paixão dos brasileiros pelo futebol*. *Revista Placar*. São Paulo: Abril, v1, n3, 1998, 18 p.

_____ 4: *A era de ouro do futebol brasileiro*. *Revista Placar*. São Paulo: Abril, v1, n4, 1998, 18 p.

RUBIO, K. Origens e evolução da Psicologia do Esporte no Brasil. Barcelona: Universidade de Barcelona. In *Biblio 3W*, vol. 7, nº 373, 10 de maio de 2002. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-373.htm>> Acesso em 20 de junho de 2009.

SCAGLIA, A. C. *Escolinha de Futebol: uma questão pedagógica*. Rio Claro / SP: UNESP. In *Motriz*, vol. 2, nº 1, junho 1996. Disponível em:

<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/02n1/V2n1_REL07.pdf> Acesso em 30 de junho de 2009.

Artigos em revistas:

MANSO, P. Os donos da bola. Revista Carta Capital. São Paulo: Ed. Confiança, ano xv, nº 602. 30 de junho de 2010.

NASCIMENTO, G. Vida de Gado. Revista Carta Capital. São Paulo: Ed. Confiança, ano xv, nº 521, pp. 10 – 14. 12 de novembro de 2008.

PINZANI, A. Habermas leitor de Kohlberg. In Formação do indivíduo e socialização. Revista Mente e Cérebro – Filosofia. São Paulo: Ed. Duetto, nº 8, 2008.

MENGARDO, B. Sócrates. Revista Caros amigos. São Paulo: Ed. Casa Amarela, ano XIV, nº 159, junho de 2010.

SANCIONADA lei de ensino para jogadores de base. In Brasil: ponto de encontro do Esporte Mundial. CONFEF. Ano IX, nº 34, dezembro de 2009.

SILVA, F. G. Emancipação, esfera pública e direito. In Formação do indivíduo e socialização. Revista Mente e Cérebro – Filosofia. São Paulo: Ed. Duetto, nº 8, 2008.

TAVARES, F. A ginga perfeita dos donos da bola. O Estado de São Paulo. 27 de junho de 2010. J 4.

WERLE, D. L. Indivíduo e Sociedade: Habermas e a Psicologia Social de Mead. In Formação do indivíduo e socialização. Revista Mente e Cérebro – Filosofia. São Paulo: Ed. Duetto, nº 8, 2008.

Artigos em sites:

ANTUNES, R. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. In Educ. Soc. Campinas, vol. 25, n. 87, pp. 335-351, maio/ago. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21460.pdf>>. Acesso em 18 de abril de 2009.

ATLETAS de Cristo. Disponível em: <<http://www.atletasdecristo.org>>. Acesso em 20 de agosto de 2010.

A VIDA é um desafio (Racionais Mc`s & Afro X). Letra disponível em: <<http://avidaeumdesafio.racionaismcs.letrasdemusicas.com.br>>. Acesso em 22 de março de 2009.

BUARQUE, C. O Futebol. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/chico-buarque/681103/>>. Acesso em 08 de setembro de 2009.

COLETÂNEA de artigos analisa as novas formas de desemprego. In Revista do Centro de Estudos da Metrópole. Nº 7, out/nov/dez de 2005. Disponível em: <http://www.centrodametropole.org.br/diversidade/numero7/noticia_coletaneas.html> Acesso em 28 agosto de 2006.

COPA KAISER. Disponível em: <<http://www.simmm.com.br/copa2009a/default.asp>>. Acesso em 14 de março de 2009.

CREF luta contra PL que permite ex-atleta atuar como profissional. Disponível em: <<http://www.msaqui.com.br/noticias/brasil/5493-cref-luta-contra-pl-que-permite-ex-atleta-atuar-como-profissional>>. Acesso em 12 de setembro de 2010.

DESEMPREGADOS da bola em busca de dignidade. Disponível em: <<http://www.lancenet.com.br/futebol/noticias/09-06-24/568451.stm?futebol-desempregados-da-bola-em-busca-da-dignidade>>. Acesso em 20 de agosto de 2010.

DESEMPREGO atinge jogadores de futebol: Disponível em: <<http://www.goal.com/br/news/619/especiais/2009/06/23/1342529/desemprego-atinge-jogadores-de-futebol>>. Acesso em 10 de outubro de 2009.

DIAS, T. Copa 2014: BNDES admite ajudar estado a construir estádios para o mundial. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Futebol/0,,MUL1276220-9825,00.html>> Acesso em 01 de outubro de 2009.

Emprego e trabalho. Disponível em: <<http://www.ime.usp.br/~is/ddt/mac333/projetos/fim-dos-empregos/empregoEtrabalho.htm>> Acesso em 19 de fevereiro de 2009.

Eu sou jogador de futebol. Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=3249457>>. Acesso em 16 de março de 2009.

IMBIRIBA, L. *Jogadores do desemprego*. In A Nova Democracia. Ano III, nº 21, dezembro de 2004. Disponível em: <http://www.anovademocracia.com.br/index.php/index.php?option=com_content&task=view&id=755&Itemid=105> Acesso 20 de julho de 2009.

MAAR, W. L. *A dialética da centralidade do trabalho*. Ciência e Cultura. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n4/a14v58n4.pdf>>. Acesso em 23 de março de 2008.

MARKERT, M. *Trabalho e Consciência: mudanças na sociedade do trabalho e a reconstrução da teoria de classe*. Tempo Social. São Paulo: USP. 14(2), outubro de 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v14n2/v14n2a02.pdf>>. Acesso em 23 de março de 2008.

MEAD, G. *The Relation of Play to Education* (Address delivered at the Chicago Commons. May 1, 1896.) Disponível em:
<http://www.brocku.ca/MeadProject/Mead/pubs/Mead_1896.html>. Acesso em 30 de junho de 2010.

NOVAS metodologias de pesquisa sobre exclusão social auxiliam a gestão pública. Com Ciência: revista eletrônica de jornalismo científico, 10 de outubro de 2004. Disponível em:
<<http://www.comciencia.br/200405/reportagens/10.shtml>> Acesso em 03 de janeiro de 2005.

O DESEMPREGO está em alta no nosso futebol. Disponível em:
<<http://g1.globo.com/jornaldaglobo/0,,MUL1239741-16021,00-O+DESEMPREGO+ESTA+EM+ALTA+NO+NOSSO+FUTEBOL.html>>. Acesso em 30 de julho de 2009.

OLEHH! Disponível em: <<http://www.olehh.com.br/Default.aspx>>. Acesso em 15 de março de 2009.

_____, venha ser jogador... Disponível em:
<<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=38730387>>. Acesso em 16 de março de 2009.

O PENSADOR, G. Brazuca. Letra disponível em:
<<http://letras.terra.com.br/gabrielpensador/65578/>> Acesso em 17 de março de 2009.

PASSOS, P. Diretor do Barça conta ao IG os segredos da melhor categoria de base do mundo. Disponível em:
<<http://esporte.ig.com.br/futebol/2010/09/09/diretor+do+barca+conta+ao+ig+os+segredos+da+melhor+categoria+de+base+do+mundo+9585585.html>>. Acesso em 09 de setembro de 2010.

PREPARADOR Físico ajuda desempregados em SP. Disponível em:
<<http://multimedia.terra.com.br/imprime/0,,OI92163-EI847,00.html>> Acesso em 01 de maio de 2007.

QUERO ser jogador de futebol. Disponível em:
<<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=1230833>>. Acesso em 16 de março de 2009.

_____,!! Disponível em:
<<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=1211931>>. Acesso em 16 de março de 2009.

REGINA, E. *Aqui é o país do futebol*. Disponível em:
<<http://letras.terra.com.br/elis-regina/424120/>>. Acesso em 08 de setembro de 2009.

RESPONSABILIDADE Social. Disponível em:
<<http://www.appffp.com.br/index.php?id=7&module=visual-destaque>> Acesso em 08 de maio de 2007.

RIBEIRO, J. Lula homenageia heróis de 58 e quer dar aposentadoria a campeões do futebol. Disponível em:
<<http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL615444-5601,00.html>>. Acesso em 21 de março de 2009.

SANTOS. Disponível em:
<<http://www.santosfc.com.br/clube/Marketing/franquias.asp>> Acesso em 04 de setembro de 2010.

SEBRAE. Disponível em: <http://www.sebrae-sc.com.br/novos_destques/opportunidade/default.asp?materia=7307> Acesso em 04 de setembro de 2010.

SONHO: ser jogador de futebol. Disponível em:
<<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=7610356>>. Acesso em 16 de março de 2009.

VOU ser jogador(a) de futebol. Disponível em:
<<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=529683>>. Acesso em 16 de março de 2009.

VOU ser jogador de futebol. Disponível em:
<<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=1367043>>. Acesso em 16 de março de 2009.

Artigos não publicados

CARONE, I. *Análise Epistemológica da Tese de Doutorado de Antonio da Costa Ciampa – “A Estória do Severino e a História da Severina”*, s/d.
(transcrição de palestra não revisada pela autora)

CIAMPA, A.C. *Linha de Pesquisa: Identidade Social Como Metamorfose Humana – anotações sobre “fundamentos filosóficos” da Linha de Pesquisa, para sistematizar a abordagem teórica adotada*. São Paulo, 02 de março de 2005.

Compact Disc:

EMÍLIA, R. *Baiana de Guanabara*. Manaus: Lua Discos, 2004.

Filmes:

BONIZZU, R. & Amigos. *Boleiros de Fé*. Disponível em:
<<http://vimeo.com/6909878>>. Acesso em 02 de outubro de 2010.

GIORGETTI, U. *Boleiros: era uma vez o futebol*. Brasil: Grupo Paris Filmes, 1998.

_____. *Boleiros 2: vencedores e vencidos*. Brasil: Mais Filmes, 2006.

SALLES, W. & THOMAS, D. *Linha de passe*. São Paulo: Vídeo Filmes, 2008.

PICKL, A. *Show de Bola*. Alemanha: Orange Pictures, 2008.

Livros:

ADORNO, T. W. *Educação e Emancipação*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

ADORNO, T. HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

AGOSTINO, G. *Vencer ou Morrer: futebol, geopolítica e identidade social*. 1ª ed. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002.

ALABARCES, P. *Peligro de gol: Estudios sobre deporte y sociedad en América Latina*. Argentina: CLACSO, 2000.

ANTUNES, R. *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 1ª ed., 1999, 9ª reimpressão. São Paulo: Boitempo, 2007.

AQUINO, R.S. *Futebol, uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

AUED, B. W. (Org.). *Educação para o (des)emprego (ou quando estar liberto da necessidade de um emprego é tormento)*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

BAINBRIDGE, W.S. & STARK, R. *Uma teoria da religião*. São Paulo: Paulinas, 2008.

BECK, U. *La sociedad del riesgo: hacia una nueva modernidad*. 1ª ed. Barcelona: Paidós, 1998.

BELLO, A. A. *Introdução à Fenomenologia*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2006.

BELLOS, A. *Futebol: o Brasil em campo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2003.

BERGER, P. L. & LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. 23ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

- BETTI, M. *Educação Física e Sociedade*. São Paulo: movimento, 1991.
- BIONDI, A. *O Brasil privatizado: Um balanço do desmonte do Estado*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- _____. *O Brasil privatizado II: O assalto das privatizações continua*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- BOURDIEU, P. (Coord.). *A Miséria do Mundo*. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- BRACHT, V. (1997). *Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução*. Vitória: CEFD/UFES.
- BRANDÃO, M.L. *Psicofisiologia: As bases fisiológicas do comportamento*. 2ª ed. São Paulo: Atheneu, 2002.
- BRANDÃO, M.R.F., MACHADO, A.F., MEDINA, J.P.S. & SCAGLIA, A. *Futebol, Psicologia e a produção de conhecimento*. São Paulo: Atheneu, 2008. (Coleção Psicologia do Esporte e do Exercício, v. 3)
- BROHM, J.M. *Corps et politique*. Paris: J.P. Dileage, 1975.
- _____. *Sociología política del deporte*. Ciudad del México: Fondo de Cultura Económica, 1982.
- BURITI, M.A. (Org.) *Psicologia do Esporte*. 1ª ed. Campinas: Alínea, 1997.
- CALDEIRA, J. *Ronaldo, glória e drama no futebol globalizado*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Lance! São Paulo: Ed. 34, 2002.
- CASTRO, R. *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. 9ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 1995.
- CEPIS. *Introdução ao pensamento Marxista (guia de estudo)*. São Paulo: Peres, 1994.
- CHAHAD, J. P. Z. & MENEZES-FILHO, N. A. (org.). *Mercado de trabalho no Brasil: salário, emprego e desemprego numa era de grandes mudanças*. São Paulo: LTr, 2002.
- CHOMSKY, N. *A Minoria Próspera e a Multidão Inquieta*. 2ª ed. Brasília: UNB, 1999.
- CIAMPA, A. C. *A Estória do Severino e A História de Severina: um ensaio de psicologia social*. 1ª ed., 1987, 9ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- COBRA, N. *A semente da vitória*. 49ª ed. São Paulo: SENAC, 2003.

CODO, W. & LANE, S. T. M. (Orgs.) *Psicologia Social: o homem em movimento*. 1ª ed. 1984, 13ª ed. 1994, 6ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL – 1988. Barueri, SP: Manole, 2004.

COSTA, A. S. *À Volta do Estádio: O desporto, o homem e a sociedade*. 1ª ed. Porto: Campo das Letras, 1997.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEJOURS, C. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. 5ª ed., 11ª reimpressão. São Paulo: Cortez, 1992.

DEMO, P. *Metodologia do conhecimento científico*. São Paulo: Atlas, 2000.

DOUGAN, A. *Futebol e Guerra: resistência, triunfo e tragédia do Dínamo na Kiev ocupada pelos nazistas*. 1ª ed. São Paulo: Jorge Zahar Editores, 2004.

EARSTERLY, W. *O espetáculo do crescimento: aventuras e desventuras dos economistas na incessante busca pela prosperidade nos trópicos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

ENGELS, F. & MARX, K. *A ideologia alemã: teses sobre Feuerbach*. São Paulo: Centauro, 2005.

FLEURY, S. *Competência emocional: o caminho da vitória para equipes de futebol*. 1ª ed. São Paulo: Gente, 1998.

FOER, F. *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FORRESTER, V. *O horror econômico*. São Paulo: UNESP, 1997.

_____. *Uma estranha ditadura*. São Paulo: UNESP, 2001.

FREIRE, J. B. *Educação de corpo inteiro: Teoria e prática da Educação Física*. São Paulo: Scipione, 1989.

_____. *De corpo e alma. O discurso da motricidade humana*. São Paulo: Summus, 1991.

_____. *Pedagogia do futebol*. 2ª ed, 1ª ed., 2003. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 43ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREITAG, B. *Dialogando com Jürgen Habermas*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2005.

FREITAS, M. E. *Viva a tese! Um guia de sobrevivência*. 1ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

FRISSELI, A. & MANTOVANI, M. *Futebol: Teoria e prática*. 1ª ed. São Paulo: Phorte, 1999.

GAIARSA, J. A. *Educação familiar e escolar para o segundo milênio*. São Paulo: Àgora, 2008.

GIDDENS, A. *Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós*. 3ª ed. Rio de Janeiro: RECORD, 2003.

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. 13ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

GOZZI, R. & SÓCRATES. *Democracia Corintiana: a utopia em jogo*. 1ª ed., 2002, 2ª reimpressão. São Paulo: Boitempo, 2004.

GOMES, Á. *Paz só com justiça social*. 2ª ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2002.

GRAÇA, C. & HESPANHA, P. *Risco social e incerteza: pode o estado recuar mais?* Porto: Afrontamento, 2002.

GUIMARÃES, N. A. *Caminhos Cruzados: estratégias de empresas e trajetórias de trabalhadores*. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2004.

GUIMARÃES, N. A. & HIRATA, H. (Orgs.). *Desemprego: trajetórias, identidades e Mobilizações*. 1ª ed. São Paulo: SENAC, 2006.

HABERMAS, J. *A crise de legitimação no capitalismo tardio*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

_____. *A inclusão do outro: estudos de teoria política*. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2007.

_____. *A lógica das Ciências Sociais*. Petrópolis, Rio de Janeiro: vozes, 2009.

_____. *A Nova Intransparência: A crise do Estado de Bem-Estar Social e o esgotamento das energias utópicas*. In, Novos Estudos CEBRAP. no. 18, Setembro de 1987. p. 103-114.

_____. *Consciência Moral e agir Comunicativo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

_____. *Diagnósticos do tempo: seis ensaios*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2005.

_____. *O discurso filosófico da modernidade*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *O futuro da natureza humana*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Para a Reconstrução do Materialismo Histórico*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. *Pensamento Pós-Metafísico*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

HAYES, N. & STRATTON, P. *Dicionário de Psicologia*. 1ª ed., 1994, 5ª reimpressão. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

HIRATA, H. & Maruani M. (Orgs.). *As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho*. São Paulo: SENAC, 2003.

HOCKENBURY, D. H & HOCKENBURY, S. E. *Descobrendo a Psicologia*. 1ª ed. Barueri, São Paulo, 2003.

HONNETH, A. *Unsichtbarkeit. Stationen einer Theorie der Intersubjektivität*. Fráncfort d. M. Suhrkamp, 2003.

HUBERMAN, L. *História da riqueza do Homem*. 21ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1986.

HUGO, V. *Os miseráveis*. São Paulo: Hemus, 1985.

KAUCHAKJE, S. (Coord.) *Emancipação*. Ponta Grossa, Paraná: UEPG, 2001.

KOLYNIK, C.F. *Educação Física: uma introdução*. 2ª ed. São Paulo: EDUC, 1996.

LASCH, C. *A Cultura do Narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LEDRUT, R. *Sociologie du chômage*. Paris: PUF, 1996.

LEVER, J. *A loucura do futebol*. Rio de Janeiro: Record, 1983.

LOPES, S.R.P. *Vida Humana e esfera Pública: contribuições de Hannah Arendt e Jürgen Habermas para a questão da anencefalia fetal no Brasil*. Belo Horizonte, MG. Editora: Argvmentvm, 2008

LUCAS, F. *Expressões da Identidade brasileira*. São Paulo: Educ, 2002.

LUCENA R. & PRONI M. *Esporte, história e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2002.

LYRA FILHO, J. *Introdução à psicologia do esporte*, 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1984.

MAGALHÃES, Á. *Jogo Perigoso: 50 Crônicas de Futebol*, 1ª ed. Porto: Campo das Letras, 2001.

MACHADO, A.A. *Psicologia do Esporte: da Educação Física Escolar ao Alto Nível*. Rio de Janeiro: Guanabara, 2006.

_____. *Psicologia do esporte: temas emergentes I*. 1ª ed. Jundiaí: Ápice, 1997.

MARQUES, J.C. *O futebol em Nelson Rodrigues*. 1ª ed. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2000.

MAZZONI, T. *História do futebol no Brasil: 1894 a 1950*. São Paulo: Leia, 1950.

MARX, K. *O capital: crítica de economia política*. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988 (Os economistas).

_____. *O Capital: extratos por Paul Lafarge*. São Paulo. Conrad Editora do Brasil, 2004.

_____. *Manuscritos econômicos filosóficos*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

MEAD, G. H. *Mind, Self and Society: from de stand point of a social behaviorist*. 1ª ed. Chicago: Chicago University, 1934.

MURRAY, B. *Uma história de futebol*. 1ª ed. São Paulo: Hedra, 2000.

NETO, F.P.M. *Marketing de patrocínio*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.

NETO, J. M. S. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. 1ª ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

OSTERMAN, R.C. *Felipão: A alma do penta*. 2ª ed. Porto Alegre: ZH publicações, 2002.

PAUGAM, S. *Desqualificação social: ensaio sobre a nova pobreza*. São Paulo: Educ/Cortez, 2003.

PIMENTA, C.A.M. *Torcidas organizadas de futebol: Violência e auto-afirmação – aspectos da construção das novas relações sociais*. 1ª ed. Taubaté: Vogal, 1997.

- POMPEU, R. *Memórias de uma bola de futebol*. 1ª ed., São Paulo: Escrituras, 2002.
- REIS, H.H.B. *Futebol e violência*. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.
- RESENDE, Ê. *Chega de ser o “país do futuro”*. 1ªed. São Paulo: Mescla, 2001.
- RIBEIRO, A. D. *Atletas de Cristo*. 4ª ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1995.
- _____. *O caminho da vitória: Novo testamento na linguagem de hoje*. 1ª ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil.
- RIBEIRO, D. *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- RICOEUR, P. *Soi-même comme un autre*. Paris: Éditions du Seuil, 1990.
- RIDENTI, M.S. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: Unesp. 1993.
- ROBERTSON, R. *Globalização: teoria social e cultura global*. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- RODRIGUES, A.F. *Como elaborar citações e notas de rodapé*. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 2004.
- _____. *Como elaborar referência bibliográfica*. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 2004.
- ROSA, M.M. *Um ramo de arruda na chuteira do futebol brasileiro: e os bastidores dos campeonatos do mundo de 1958 e 1962*. 1ª ed. São Paulo: EDICON, 1994.
- ROSENFELD, A. *Negro, Macumba e Futebol*. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- SALERNO, M. S. (Org.). *Relação de Serviço: produção e avaliação*. São Paulo: SENAC, 2001.
- SANTOS, B. S. *Pela mão de Alice: o social e político na pós-modernidade*. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- SASS, O. *Crítica da Razão Solitária: A Psicologia Social Segundo George Herbert Mead*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.
- SCOCUGLIA, A.C. *Educação popular: do sistema Paulo Freire aos IPMs da ditadura*. São Paulo: Cortez, 2001.
- SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 22ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- SIEBENEICHLER, F. B. *Jürgen Habermas: Razão Comunicativa e Emancipação*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

SILVA, M. *Educação e Sociedade de Risco*. 1ª ed. Lisboa: Gradiva, 1993.

SILVA, M. C. *Reeducação Presidiária: a porta de saída do sistema carcerário*. 1ª ed. Canoas, Rio Grande do Sul: Ulbra, 2003.

SINGER, P. *Globalização e Desemprego: diagnóstico e Alternativas*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 1998.

_____. *Introdução à economia solidária*. 1ª ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SOARES, C. *Educação Física: raízes européias e Brasil*. 3ª ed., 1ª ed. 1994. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

SOARES, R. A. *Política Econômica e Concentração de Renda*. 3ª ed. São Paulo: Clíper, 2002.

SODRÉ, M. *Claros e Escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SUNG, J. M. *Sujeito e sociedades complexas: para pensar os horizontes utópicos*. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SZAJMAN, A. *Técnicos, deuses e diabos da terra do futebol*. São Paulo: SESC, 2002.

TAJFEL, H. *Grupos humanos e categorias sociais 1*. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1982.

_____. *Grupos humanos e categorias sociais 2*. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1983.

TUBINO, M.J.G. *As dimensões sociais do esporte*. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 1992.

WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, 1ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2003.

ZIEGLER, J. *La Victoria de los Vencidos*, trad. De Manuel Serrat Crespo. Barcelona: Ediciones B.S.A, 1988.

_____. *A fome do mundo explicada a meu filho*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

Dissertações e Teses:

ANJOS, J. L. *O tradicional e o moderno: faces de cultura popular no futebol brasileiro*. São Paulo: PUC, 2003, 236 p.

CORREA, R.C.B. *O direito do trabalho e o jogador de futebol profissional no Brasil*. São Paulo: PUC, 2002, 151 p.

GAMA, W. *Aspectos sócio-culturais dos futebolistas: o caso do Estado de São Paulo*. São Paulo: USP, 1996, 150 p.

_____. *Características sociais do jogador de futebol profissional na 1ª divisão do Estado de São Paulo*. São Paulo: USP, 1990, 70 p.

LEME, C. Atividade física motiva? Análise do ponto de vista de adolescentes, Jundiaí: ESEF, 1999, 36 p. (monografia de graduação)

_____. *É Gol! Deus é 10: A Religiosidade no Futebol Profissional Paulista e a Sociedade de Risco*. São Paulo: PUC, 2005, 394 p. (dissertação de mestrado)

LIMA, A.F. *Sufrimento de indeterminação e reconhecimento perverso – Um estudo da construção da personagem doente mental a partir do sintagma identidade-metamorfose-emancipação*. São Paulo: PUC, 2009, 291 p.

MACEDO, L. M. R. *Desemprego e suas relações com a identidade – depoimentos*. São Paulo: PUC, 1992, 167 p.

MACHADO, D. B. *O atleta profissional de futebol no Brasil – Evolução histórica e legislativa – Jornada de trabalho: lacunas*. São Paulo: PUC, 2002, 87 p.

MARQUES, J.A.A. *A Identidade do Adolescente do Projeto Esporte Talento: Ilusão ou Emancipação?* São Paulo: PUC, 2002, 97 p.

SOUZA, C. A. *“A construção da personagem trabalhador”: um estudo sobre a identidade de jovens marginalizados socialmente*. São Paulo: PUC, 1994, 217 p.

SOUZA, R. F. *George Herbert Mead: Contribuições para a Psicologia Social*. São Paulo: PUC, 2006, 125 p.